



— THAY SANTIAGO —

OPRÍNCIPE

AMOR, HONRA E DEVER



O PRÍNCIPE

Thay Santiago



Copyright

Coordenação Editorial Lucia Viana

Diagramação Diego Pontes

Revisão Janaína Vieira

Capa Hugo Breves

CAPÍTULO 1

Paris, a Cidade-luz, refletia todo o seu esplendor em plena noite de 1993. Em um dos inúmeros bares onde as apostas eram altas, três homens estavam sentados, olhando um para o outro. Um deles não jogava, apenas acompanhava o seu amigo, que, por sinal, só perdia naquela noite. O jogo era roleta e um dos homens que jogavam era o rei da Inglaterra, Sir Willians II. Ele havia saído para se distrair quando encontrou um velho conhecido em um bar, um homem que havia roubado a mulher que amava. Começou a jogar e o inesperado aconteceu: ele começou a ganhar uma partida atrás da outra.

— Não vai desistir? — o rei perguntou sorrindo, sem acreditar na própria sorte.

— É claro que não — o outro homem falou, nervoso. Ele aparentava ter 40 e poucos anos, era alto, com cabelos castanhos e olhos vivos. Seu sorriso era franco, mas em sua face existia apenas desespero.

— Por que não desiste de uma vez? Já apostou tudo o que podia — disse, referindo-se a todo dinheiro que encontrava-se na mesa.

—Não. Eu ainda tenho um bom dinheiro guardado e minha casa.

— Isso é loucura. É apenas um jogo.

— Não para mim — enfatizou. Ele era conhecido como imbatível na roleta, mas, por algum motivo, sua sorte havia se esvaído e naquele momento ele só perdia, uma partida atrás da outra. Já começava a desesperar-se.

— Eu vou embora — Willians falou, levantando-se.

— Espere! — o homem gritou. Ele não poderia deixar o seu antigo amigo vencê-lo. — Vamos continuar. Dobro a aposta.

— Já tenho dinheiro suficiente. Isso não irá me atrair. Se me der

licença...

— Minha filha — falou sem pensar —, aposto a minha doce filha.

— Está louco? — o rei perguntou, virando-se para encará-lo.

— Não. — Desesperado, mas não louco, pensou. Não posso deixar a minha fama ir embora, como a minha esposa. Ela só me largou porque o dinheiro havia diminuído. Não posso deixar a única coisa que me resta ir embora. — Aqui está — disse, colocando uma foto de Charlotte em cima de mesa. — Eu aposto a minha filha.

— Homem, tem ideia do que está dizendo?

— Tenho.

— Está bem — o rei disse, sentando-se novamente. — Se eu ganhar essa partida, ela será minha e faremos um acordo — disse após pensar um pouco.

— Certo — falou confiante.

O jogo recomeçou, as apostas foram feitas. Todos que haviam escutado a aposta aproximaram-se da mesa, achando o velho louco por apostar a própria filha. Mas, para o azar dela, o rei havia ganhado novamente. O homem o encarou com desespero no olhar e não demorou a sentir lágrimas em seus olhos.

— A... minha... filha é... sua — disse com dificuldade.

— Não tenho interesse pessoal em sua filha — o rei disse, encarando-o. —Entretanto, a desejo como nora.

— Como?

— Caro amigo — tornou, irônico —, há muitos anos roubastes a mulher que eu amava. — Sorriu. — Desta vez, roubarei a sua filha. Ela se casará com meu filho primogênito, Andrew. Quando ela estiver com 16 anos voltaremos a nos encontrar, mas, enquanto isso, você terá que cuidar da educação dela, da melhor forma possível. Amanhã irei até a sua casa para que assine um documento que permitirá isso tudo. Se não fizer isso, tomarei a sua casa e todo o seu dinheiro. Tenho testemunhas do que houve aqui. Amanhã nos falamos, Harry. — O rei saiu, deixando todos no recinto atônitos.

— Quem em sã consciência faria um acordo desses? — Harry escutou alguém falar atrás de si. Olhou para a foto de sua pequena Charlotte e sentiu

vontade de chorar. Com medo de perder a fama, havia perdido a filha para um homem louco, que desejava apenas vingar-se.

Harry saiu do bar desolado, andava pelos cantos como um moribundo. Era assim que se sentia por dentro, morto. Vagou por Paris durante horas. Ao entrar em sua casa encontrou a babá cuidando de Charlotte. Ela tinha apenas três anos, mas era adorável e muito meiga com todos. Vivia sorrindo pela casa e, ao ver seu pai chegar, andou em sua direção e levantou os braços querendo colo. O que Harry fez? Carregou-a em seus braços e chorou, mas logo teve uma idéia.

— Se eu fugir, ele nunca poderá fazer nada com você — disse, olhando para sua filha. Colocou-a no cercado e correu para o quarto, arrumando uma pequena bagagem, sua e de sua filha. Quando voltou para pegá-la, sentiu o sangue sumir de suas faces. Dois homens estavam em sua sala e um deles carregava a criança nos braços.

— Quem são vocês?

— Espero que não esteja tentando fugir — o homem disse sorrindo, colocando-a de volta no cercado. — Viemos pela dívida. — Entregou um envelope a ele e sorriu. — Assine-o, por favor, após ler.

— Mas... — Segurou o envelope com as mãos trêmulas, abriu e, ao pegar o papel, sentiu o seu coração palpitar. — Isso é...

— Um contrato de corpo, afirmando que ela se manterá pura e se casará com o sucessor do trono aos 16 anos.

— Isso... É loucura.

— O senhor escolheu essa forma. Se não assinar, ficará sem nada. O rei Willians é bem benevolente com as pessoas, mas não com dívidas.

— Mas...

— Sem “mas”. Assine, por favor, e leia todo o contrato depois. Estará estipulado tudo o que deve fazer com a sua filha e as consequências, se tentar fugir. — Olhou para a criança e sorriu. — Quando é o aniversário dela?

— Em 15 de dezembro — falou sem pensar.

— Ótimo. — Sorriu ao ver o homem à sua frente assinar o papel e entregar-lhe com lágrimas nos olhos. Não se preocupe com nada. Se tiver qualquer problema, basta nos ligar. — Entregou-lhe um cartão pessoal e

sorriu. — Daqui a treze anos nos veremos novamente. Saiu com o outro homem deixando Harry arrasado para trás. Ele ajoelhou-se ao lado da filha e chorou por não poder protegê-la.

O rei Willians sorriu ao ver o seu chefe de segurança voltar ao carro. Tudo estava indo como planejado. Assentiu quando o motorista perguntou se poderiam ir e foi embora com uma sensação de paz. Finalmente, iria vingar-se do homem que havia roubado a mulher que tanto amava.

CAPÍTULO 2

Treze anos depois

Charlotte cresceu de forma saudável. Ela era uma menina doce, insegura, mas persistente. Estava com 15 anos, seus olhos refletiam sua ingenuidade e insegurança devido à proteção exagerada do pai. Ele nunca a deixava sair com as amigas e ela sempre se sentia vigiada quando saía de casa. Um dia tentou fugir no meio da noite e não demorou para seu pai descobrir onde estava e ir atrás dela. Nunca mais ela tentou algo parecido. Por algum motivo, sentia que ele escondia algo dela, mas não sabia o que exatamente.

As finanças de seu pai não iam bem e Charlotte não entendia como ele conseguia pagar uma das melhores escolas do país para ela. Já o havia questionado, mas sem sucesso. Ele apenas desconversava e a deixava sozinha. Arrumou-se para ir ao colégio. Ela mal conseguia acreditar que estava próxima de se formar, apenas mais um ano e tudo ficaria bem. Sorriu ao pensar nisso, ela ainda não sabia o que cursaria na universidade, mas tinha certeza de que iria para uma. Ajeitou a mochila nas costas e saiu de casa. Já estava acostumada a não ver o pai durante o dia, por algum motivo ele andava estranho com ela. Quanto mais próximo o seu aniversário, mais estranho ele ficava. Deu de ombros ao entrar no ônibus para ir ao colégio. Sentou-se no lugar de sempre, no fundo. Colocou os fones de ouvido e começou a cantarolar uma canção, fechou os olhos e relaxou, esperando chegar ao colégio.

Algo estava estranho, Charlotte pensou ao abrir os olhos. Ela havia cochilado e, por algum motivo, um garoto estava sentado ao seu lado e ela encontrava-se com a cabeça em seu ombro. Afastou-se vermelha e sorriu.

— Desculpe — murmurou encarando-o.

— Não se preocupe, foi um prazer — o garoto disse, sorrindo. — Nunca lhe vi nesta escola.

— Ah, não costumo sair muito da sala — falou, sincera —, mas é a primeira vez que lhe vejo no ônibus.

— É, o carro quebrou hoje pela manhã e era isso ou um táxi com um estranho motorista. Preferi isso. — Ele sorriu encantadoramente.

— Entendi — sorriu discretamente. *Na verdade, não faço ideia do que ele está falando*, sorriu internamente, *nunca tive um motorista na vida e raramente pego táxi*, pensou ao olhar para ele, *mas por que um garoto como ele está falando comigo?* — Me desculpe... — começou incerta — mas... por que está falando comigo?

— Porque sentei ao seu lado e é normal puxar conversa, não é? — respondeu ele, olhando-a abismado.

— É que...

— Não costumam falar com você?

— Não — sorriu.

— Ora, eles não sabem o que estão perdendo. — Sorriu para ela e começou a conversar.

Charlotte não entendia o motivo e, em seu íntimo, não queria descobrir nada. Queria apenas aproveitar a chance e conversar com alguém diferente. Seu pai vivia repreendendo-a e dizia para não ter amigos homens. Por isso, nunca tivera um e agora a oportunidade estava à sua frente. *Quem sabe ele se torne algo mais*, pensou animada. O caminho até o renomado colégio ocorreu da forma mais alegre possível. Pela primeira vez ela havia desligado o seu iPod e se concentrado em uma conversa.

Charlotte despediu-se de Albert, o garoto que sentou ao seu lado no ônibus, e sorriu ao entrar na sala de aula. Todas as garotas a desprezavam por ela não andar com roupas de marca ou esnobar os demais. Caminhou, timidamente, até uma das carteiras da frente e sentou-se ao lado de sua única

amiga, Marina, uma doce menina que a havia acolhido desde o momento em que entrara naquele colégio. Sorriam uma para outra ao verem o professor entrar, um homem de aparência jovem e beleza exultante.

— Parabéns, Charlotte — Marina disse, abraçando a amiga após a saída do professor —, muitas felicidades e aproveite mais a adolescência agora. — Sorriu, felicitando-a pelo seu aniversário.

— Obrigada. Vamos lanchar? — desconversou, envergonhada.

— Claro, mas eu pago. Hoje é seu aniversário.

— Certo — Charlotte assentiu, andando ao lado de sua amiga até a cantina. Estava tão feliz pelo seu aniversário e por Albert que deixou transparecer algo, pois a primeira coisa que Marina falou ao sentar-se na cantina foi o motivo de sua felicidade.

— Então, me diga o que houve — Marina falou sentada em frente à Charlotte na cantina do colégio.

— Hã?

— Você está muito feliz, conte-me tudo.

— Bem... Não foi nada de mais, apenas um garoto que puxou conversa comigo.

— O quê?! — disse alto, atraindo a atenção de algumas pessoas. Um garoto? Isso é ótimo. Me conte tudo. — Sorriu.

— Não houve nada, apenas uma conversa e... — Ao olhar para o lado, o viu andando até ela. — Não diga nada, mas ele está vindo para cá.

Marina sorriu e, ao olhar para o lado, reconheceu o menino. Ele era Albert Lorenzo, o filho de uma famosa família italiana, dona de inúmeros bancos de investimentos. Ele estava com 17 anos, mas já tinha milhões em sua conta bancária e a tendência era aumentar e muito sua fortuna.

— Charlotte, não é? — Albert perguntou olhando para as meninas.

— Sim... — falou, tímida.

— Posso me sentar aqui com vocês? As mesas estão cheias — disse sorrindo, sentando-se ao lado dela.

Charlotte assentiu e começou a sentir as mãos geladas. Ela estava

nervosa. *Nunca estive tão próxima de um garoto bonito como ele*, pensou. O lanche transcorreu agradável, Albert perguntou sobre sua vida e, em troca, prometeu que iriam se ver com mais frequência dali em diante.

Charlotte chegou em casa animada, mas fez o possível para não demonstrar. Não queria que seu pai a proibisse de vê-lo. Foi para o quarto, tomou um banho, colocou uma roupa simples e, ao descer, encontrou o pai segurando um bolo de aniversário com uma vela.

— Parabéns, minha linda — ele disse com lágrimas nos olhos. — Eu realmente queria que esse momento nunca chegasse, mas... parabéns.

Charlotte sorriu, pegou o bolo das mãos de seu pai, colocou-o sobre a mesa e o abraçou. Sentia o conforto de seu abraço e a respiração dele acima de sua cabeça. Aquele era o melhor presente que poderia ganhar, um abraço amoroso e carinhoso do pai, ela pensou. Começou a tentar se lembrar dos momentos carinhosos entre eles, mas não conseguiu pensar em muitos. Estava ainda em seus braços quando a campainha tocou. Ela afastou-se sorrindo e foi atender a porta sob os protestos do pai. Ao abrir, viu o homem mais bonito que já tinha visto, alto, com lindos olhos azuis e um ar de superioridade. Encarou-o com curiosidade e estranhou os três homens de preto atrás dele.

— O que deseja? — ela perguntou timidamente.

— Charlotte Tissou? — perguntou ao encará-la, medindo-a de cima a baixo.

— S... Sim.

— Sou Carl Philippe Willians III, seu noivo.

— Como? – indagou atônita ao homem à sua frente.

CAPÍTULO 3

Carl sentou-se no sofá e encarou Harry, que estava sentado ao lado de Charlotte. Ele ainda não conseguia acreditar no que estava fazendo. Olhou

novamente para a menina sentada à sua frente e suspirou. *Como posso casar com uma pirralha dessas?*, pensou.

— O que este homem falou é... alguma brincadeira? — Charlotte perguntou ao pai, temendo olhar para o homem e ver alguma verdade em seu olhar.

— Filha... Bem...

— Sim — Carl disse, interrompendo-o. — Não tenho tempo a perder. Imaginei que já houvesse contado a verdade a ela, anos atrás. Mas bem, sou o segundo filho do rei Willians II e estou aqui para reivindicar a minha noiva.

— Não me lembro de ter aceitado nenhum pedido de noivado — disse corajosamente.

— Sim, está correta, mas é a minha noiva e agradeça ao seu pai por isso — disse ele encarando-o.

— O acordo não foi ela se casar com o filho primogênito, sucessor ao trono? — Harry indagou, confuso.

— Sim, está correto, mas meu irmão faleceu e eu irei assumir o seu lugar e as suas responsabilidades, incluindo Charlotte — disse sério ao ignorar seus próprios sentimentos e ao se recordar de Andrew.

O irmão que todos adoravam tinha falecido em um acidente de carro e ele precisou se tornar o príncipe herdeiro, mesmo que para isso tivesse que permanecer escondido da mídia por algum tempo. Poucos se recordavam de sua existência antes da morte de seu irmão. Ser o segundo príncipe da família Willians não lhe trouxera benefícios, apenas solidão. Desde jovem havia aprendido a se manter distante dos holofotes e a não pronunciar sua ascendência real para todos, e por esse motivo se via contente por não ser perseguido por fotógrafos ou revistas sensacionalistas.

— Não, isso não fazia parte do acordo. Ele será anulado — falou, animado.

— Pelo que me lembro, em parte alguma havia o nome do meu irmão, apenas falava sobre ser o sucessor ao trono. — Retirou um papel de seu paletó e entregou-a a Harry. — Se quiser lembrar-se. Fique à vontade, sei que com o passar dos anos as pessoas tendem a ficar esquecidas.

Charlotte pegou o papel da mão de seu pai e leu, sem acreditar. Aquilo

que estava em suas mãos era um contrato de corpo, no qual o seu pai lhe dava para o rei Willians II com a garantia que ela permaneceria virgem, intocada até os 16 anos, quando se casaria com o sucessor do trono. Olhou incrédula para o pai e deixou lágrimas caírem sobre o seu rosto.

— Por quê? Por que fez isso? — perguntou, chorando.

— Foi... Sinto muito, filha. Não podia fazer nada. O rei... Ele é o rei — ele mentiu, encarando-a.

— Por que não diz a verdade? — Carl falou olhando para o relógio em seu pulso. Encarou Charlotte e desistiu de falar a verdade. — Como foi falado, estou aqui no 16º aniversário dela. Preciso de toda a sua documentação e de uma carta em que permita que ela se case.

— Como? Para que isso tudo? — Charlotte perguntou com medo da resposta.

— Para nos casarmos. Para o que mais seria? — falou sem paciência. — Voltarei amanhã para buscar tudo. Devo organizar tudo até o final de semana e na segunda iremos nos casar. — Levantou-se e se encaminhou para a porta.

— Já está tudo decidido? Não posso opinar? — Charlotte falou alto. — Como posso casar com alguém que não conheço?

— Não aconselho a ir à internet — disse virando-se. — Não encontrará nada... útil, pode-se dizer assim, sobre mim. Não há muito o que saber sobre mim, apenas meu nome e que irá se casar comigo. — Deu as costas para ela, segurou na maçaneta e escutou a sua voz, fazendo-o virar-se mais uma vez.

— Você nem me conhece, como pode se casar com alguém assim? Não devo fazer o seu tipo. E ainda sou menor de idade. Por que não esquece isso?

— Uma dívida é sempre uma dívida — disse sério. — E, apenas para que saiba, sei tudo sobre você.

— Como?

— Detetives, seguranças... Todos atrás de você durante treze anos. Meu pai não queria que algo saísse do controle. — Sorriu enigmático. Quaisquer perguntas que tenha, guarde para o dia do nosso casamento. — Dizendo isso abriu a porta e foi embora, sem olhar para trás.

Charlotte olhou para o pai e, sem conseguir dizer nada, foi para o seu

quarto. Trancou a porta, sentiu a fria porta atrás de si e chorou como nunca havia feito antes.

Carl saiu da casa de Charlotte sem expressão. A situação era bem pior do que ele havia imaginado. *Ela ainda se parece com uma criança de todas as formas possíveis*, pensou ao ir para o carro, *meu pai devia odiar o meu irmão para fazer algo assim*. Suspirou. *Será que ele continuaria com uma loucura dessas se estivesse aqui?*, perguntou-se ao entrar no carro e recostar a cabeça. Optou por não fechar os olhos, não queria lembrar-se das lágrimas dela. Odiava lágrimas.

Concentrou-se no jornal, pegou e começou a ler tentando esquecer o que havia acabado de acontecer. Já estava indo para a parte de esportes quando chegou ao hotel onde estava hospedado. Saiu do carro e seguiu para a suíte. Ao passar pelo saguão, sentiu os olhares de algumas mulheres sobre si e não teve como não sorrir. Meses antes ele teria ido atrás de cada uma delas, teria dormido com todas e nem se lembraria do nome delas na manhã seguinte. Porém, por conta da morte de seu irmão, teria que fazer tudo às escondidas e escolher a mulher certa. Ao virar-se para entrar no elevador, viu uma loira encarando-o. *Ela é ideal*, pensou ao olhar para seu corpo.

— Traga aquela mulher ao meu quarto – disse ao seu secretário.

Entrou no elevador e sorriu ao vê-lo indo falar com a mulher. Apertou o botão da cobertura e esperou pacientemente. Não demorou em sair do elevador e seguir para o seu quarto, um dos três do andar. Entrou, sentou-se na poltrona em frente à porta e esperou. Não demorou dez minutos para a porta ser aberta pelo seu secretário e a loira entrar, sorridente. Com um aceno, Carl dispensou Hugh, o secretário, e caminhou até a mulher parada à sua frente.

— Você é linda, sabia? – disse, enlaçando-a pela cintura.

— Digo o mesmo — falou ela, sedutora. — Mas... Você é alguém famoso para estar na cobertura? — mentiu sorridente, pois desde o início o havia reconhecido como sendo o príncipe herdeiro.

— Pode-se dizer que sim, mas ninguém que você deva saber. — Encarou-a e a beijou. A mulher correspondeu com igual fervor. Ele não demorou em tirar as roupas enquanto beijava todo seu corpo indo em direção ao quarto. Logo estavam unidos um no outro, através de um ato carnal, puramente físico. Ao chegar ao ápice, Carl a encarou e sorriu.

— Você foi ótima — disse, levantando-se da cama.

— Você também. Que tal um jantar? — perguntou, sedutora na cama, ainda nua.

— Não obrigado — falou sério. Pegando o telefone no quarto, ligou para a recepção. — Preciso que troque os lençóis da minha cama. Uma pessoa inapropriada deitou-se sobre ele. Sim, isso mesmo, suíte número três. — Desligou e olhou para a mulher, que o fitava com fúria no olhar. — Tenho que ir. — Levantou-se da cama, se arrumou e saiu do quarto. Encontrou Hugh do lado de fora e sorriu ao aproximar-se dele. — Livre-se dela — disse entediado.

Hugh assentiu e suspirou pesadamente antes de entrar no quarto. Ele odiava aquela parte de seu trabalho. Havia percebido nos últimos meses o quanto os irmãos eram diferentes e temeu pelo futuro da Inglaterra ao tê-lo como rei. Para ele, Carl era apenas um menino grande. *Ele ainda precisa amadurecer muito*, concluiu ao olhar para a loira deitada na cama.

CAPÍTULO 4

Charlotte não havia saído do quarto o dia todo. A única coisa que fizera fora chorar. Ela ainda não acreditava no que estava acontecendo. Queria acreditar que tudo não passava de um pesadelo e, que quando acordasse, tudo ficaria bem, mas percebeu que tudo era verdade quando olhou pela janela do quarto e viu um homem de paletó preto ao redor de sua casa. Suspirou pesadamente e foi para a cama.

— Dormir. Esse sempre será um bom remédio — disse ao deitar-se.

A última coisa de que se lembrou antes de adormecer foi de um par de olhos azuis frios pairando sobre ela. Acordou horas depois com alguém batendo em sua porta. Levantou-se e, ao abrir a porta do quarto, deparou-se com três mulheres que nunca havia visto.

— O que querem? — perguntou, temerosa.

— Senhorita Charlotte, não é? — A mulher mais velha perguntou sorrindo.

— Sim.

— É melhor entrarmos meninas, temos muito trabalho pela frente — a mesma mulher disse entrando no quarto, carregando algumas sacolas. Olhou para Charlotte e sorriu. — É um prazer conhecê-la. Espero que goste dos nossos vestidos e escolha o que mais lhe agrade.

— Vestidos? Do que está falando?

— O vestido de casamento. — Olhou-a estranhamente. — Seu casamento será na segunda. Tenho que deixar tudo pronto. — Sorriu ao fazer sinal para as outras mulheres e logo vários vestidos foram colocados à sua frente. — Escolha o que mais gostar.

Charlotte olhou para a mulher sem saber o que fazer. Tentou sorrir, mas no final resolveu sair do quarto. Ao passar pela porta escutou seu nome ser chamado, mas ignorou. Foi atrás de seu pai, tinha muito o que entender. O encontrou sentado na cozinha, bebendo uísque. Aproximou-se dele, sentando-se ao seu lado.

— Pai? — o chamou. — Pode me explicar o que está havendo?

— Minha filha, me perdoe.

— Não se preocupe, apenas me conte o que aconteceu.

— Não irá gostar do que vai ouvir — ponderou, antes de prosseguir. — A culpa de tudo isso é da sua mãe — falou, exaltado. Ela ficou comigo em vez de ficar com o rei e essa é a razão dele estar fazendo tudo isso.

— Explique pelo começo, por favor — Charlotte pediu, respirando fundo para ter paciência.

— Sua mãe foi cortejada pelo rei Willians II, na época um príncipe, mas o rejeitou e ficou comigo. — Sorriu ao lembrar-se. — Nós nos amávamos, mas o rei é vingativo, nunca esqueceu isso. *E, quando menos*

esperei, ele atacou — pensou com tristeza. — Após o sumiço de sua mãe, eu comecei a jogar, jogava todos os dias e ganhava, mas ele apareceu uma noite no bar onde eu estava. Começamos a jogar e ele ganhava todas as partidas. Eu não tinha mais nada, apenas a minha fama de ser o melhor, não queria perder isso. Acabei jogando muitas vezes, ele aparentou estar entediado e, quando eu quis continuar, ele foi embora. Tentei fazê-lo mudar de ideia oferecendo dinheiro, mas ele recusou. Acabei fazendo uma loucura. — Olhou-a com tristeza. — Retirei a sua foto da carteira e coloquei sobre a mesa. Apostei a minha própria filha.

— Me apostou em um jogo para não perder uma fama ridícula? — perguntou, revoltada e magoada.

— Não era uma fama ridícula. Ela sustentava a minha autoestima, a qual a sua mãe destroçou quando foi embora — falou alto.

— Eu... realmente pensei que tivesse sido por algum motivo digno, mas não. — Olhou com desprezo. — Apostou sua própria filha, em um jogo, em um bar, apenas por fama e ainda se acha no direito de colocar a culpa em alguém? — Encarou-o com lágrimas nos olhos. — Não vou dizer que te odeio, porque estaria mentindo, mas posso afirmar que o meu amor pelo senhor diminuiu muito.

Dizendo isso saiu da cozinha e voltou para o quarto. Ela já sabia o que faria. Sorriu para as mulheres, pediu desculpas e escolheu um dos vestidos mais bonitos. Vestiu-o e deixou que elas o consertassem. Logo não demorou a estar sozinha. Ela só tinha que esperar anoitecer para pôr o seu plano em prática.

Carl estava dormindo quando escutou um barulho irritante. Abriu os olhos lentamente e percebeu ser o seu celular.

— Diga — falou sério.

— Perdoe-nos, mas temos um problema — o chefe da segurança dele falou, inseguro.

— O que aconteceu?

— A sua noiva... Ela fugiu de casa.

— Como?! Como uma garota consegue fugir de pessoas bem treinadas? — perguntou sem ânimo. — Encontre-a.

— Sim senhor.

— E quando encontrá-la, traga-a para cá — disse antes de desligar.

Levantou-se da cama e foi para a varanda. Sentiu o ar fresco da noite e começou a se perguntar o que estava fazendo de sua vida. Ele não havia sido criado para ser rei, ele nunca tivera responsabilidades em sua vida antes. Suspirou ao se lembrar de seu irmão e desejou pela enésima vez ter morrido no lugar dele. — Pelo menos você estaria vivo, ninguém sentiria a minha falta — murmurou ao olhar para o céu.

Charlotte ajeitou a alça da mochila em suas costas enquanto caminhava pela rua cheia. Ela havia fugido de casa e não estava arrependida. No meio da rua, porém, deu-se conta de algo: ela não tinha para onde ir. Sentou-se em um banco e respirou fundo, ela precisava pensar em algo, o mais rápido possível. Contou mentalmente o dinheiro que tinha.

— Isso nem dá para uma semana — falou sozinha, olhando para o chão.

— Até que enfim a encontrei, senhorita — um homem falou parando à sua frente.

Charlotte olhou primeiramente seus sapatos e, à medida que olhava para ele, seu coração palpitava. Ele era o mesmo homem que estava do lado de fora de sua casa, esperando o seu suposto noivo. Já ia correr quando ele a agarrou e sorriu.

— Não vai me fazer correr pelas ruas novamente. Vamos. Vou te levar para um lugar quente e aconchegante — disse, puxando-a até um carro. Colocou-a para dentro e, sem poder fazer nada, Charlotte deixou-se ser conduzida.

Demorou alguns minutos para o carro parar. O homem que a havia encontrado saiu do carro, deu a volta e abriu a porta para ela. Tentou segurar

o riso quando o viu seu olhar assustado ao se ver em frente a um hotel. — Não tenha medo — disse, tentando não sorrir. — Vim apenas lhe trazer para o seu noivo.

— Como pode fazer isso? Eu nem o conheço — falou exaltada, sendo puxada para dentro do hotel. Ele a colocou no elevador, apertou o botão e esperou que as pesadas portas se abrissem. Deixe-me ir está bem? Você não iria desejar que a sua filha estivesse em uma situação dessas, iria?

— Não tenho filhos — falou polidamente.

— Irmã?

— Também não. — Ele a puxou pelo corredor assim que a porta do elevador se abriu. Movimentou a cabeça para um dos seguranças no andar e bateu na porta de uma das suítes.

— Por favor, me solte — ela falou, debatendo-se.

— Imaginei que alguém da sua idade fosse mais responsável — Carl falou em frente à porta, encarando-a. — Está liberado — referiu-se ao chefe de segurança. Segurou o braço de Charlotte e a puxou para dentro, fechando a porta em seguida. — Posso saber por que fugiu de casa? Tem ideia do que meus seguranças fizeram para te encontrar? Qual é o seu problema, afinal?

— É você! — gritou, chorando. — Desde que apareceu, a minha vida ruiu. — Pela primeira vez sentiu-se envergonhada. Ele usava apenas uma calça de moletom. Ela tentou ignorar seu tórax bem definido e seus braços musculosos.

— Hum, então está na fase de culpar alguém? Muito bem, me culpe, então — falou sentando-se no sofá. — Mas saiba que este homem culpado que vos fala será o vosso marido na segunda.

— Nunca! — ela gritou. — Não vou me casar com você.

— Você leu o contrato? Aposto que não, mas devo adverti-la que se não fizer isso, todos os seus bens, ou seja, os da sua família, serão transferidos para a minha. Não ficarei mais rico do que já sou, mas vocês ficarão pobres com toda a certeza.

— Está me ameaçando e chantageando?

— Talvez. — Encarou-a. Mas apenas você tem a escolha de fazer o que bem entender. O que vai ser? Pobreza ou casamento?

— Eu te odeio — murmurou ao encará-lo. Virou de costas enquanto limpava as lágrimas com o dorso da mão. — Você já sabe a resposta — falou, indo em direção a porta.

— Na verdade, eu não sei. — Sorriu. — Quero escutar de seus lábios infantis.

— É algum sadomasoquista? — perguntou ao virar-se. Respirou fundo e disse o mais alto que pôde: — Eu me casarei com você.

— Ótima escolha. Não esperava menos de alguém que estuda em uma das melhores escolas do país. — Foi até a porta, disse algo ao seu segurança e a olhou. — Por via das dúvidas, dormirá aqui esta noite. — Olhou para o rosto espantado dela e suspirou, sem paciência. — Não vou tocar em uma criança, fique tranquila. Isso seria ridículo. — Dizendo isso virou-se de costas e foi para o seu quarto, fechando a porta.

— Se fosse para dormir no sofá, eu preferia ter voltado para casa — falou ao olhar ao redor. Colocou a mochila no chão, abriu-a, retirou um casaco, colocou-o sobre as pernas e deitou-se no sofá, apoiando a cabeça em uma das almofadas. Estava tão cansada que logo pegou no sono.

CAPÍTULO 5

Carl abriu os olhos lentamente e suspirou ao se levantar da cama. Há alguns meses aquele seria o horário em que estaria voltando para casa e não acordando para um dia de trabalho. Foi ao banheiro, lavou o rosto, escovou os dentes e saiu. Ao chegar na sala ficou parado vendo Charlotte deitada, no sofá, com apenas um casaco por cima de seu corpo.

— Ela dormiu aqui a noite toda? — falou sozinho ao caminhar até onde ela estava.

Olhou para o relógio na parede e estranhou. *Realmente, é apenas uma criança*, pensou ao olhar para o seu rosto. — Ela não estuda? O que faz aqui ainda? — Sacudiu-a e, em poucos minutos, ela abriu os olhos, exibindo no rosto uma expressão confusa. Demorou alguns segundos para ela perceber onde estava.

— Por que dormiu aqui fora? — Carl perguntou sério tentando ignorar o remorso que começava a sentir.

— Você não me disse onde dormir e, além do mais, não iria para a mesma cama que você — falou, sentando-se no sofá com dificuldade. Suas costas doíam. — Que horas são? — perguntou ao olhar ao redor e na mesma hora em que viu o relógio seus olhos arregalaram-se. — Estou atrasada — murmurou, levantando-se apressada. Guardou o casaco e, quando estava saindo, sentiu Carl segurando-a.

— Aonde pensa que vai?

— Para o colégio. Não posso perder a aula de hoje. Solte-me, por favor.

— Não pode ir assim, sem mais nem menos.

— Como? — Seu olhar manteve-se fixo no rosto inexpressivo do homem, que a encava com determinação.

— Apenas espere um segundo, precisamos conversar — falou após suspirar. — Não sei quando comecei a ser babá de uma criança. — Pegou o celular em cima da mesa, discou para um número e minutos depois desligou, encarando-a. — Espere aqui durante dois minutos. Não saia — ordenou ao voltar para o quarto.

— Qual o problema com esse homem? — Charlotte se perguntou ao vê-lo voltar ao quarto. Ela contou o tempo que ele demorou para voltar à sala e percebeu, desgostosa, que se atrasaria. Já estava indo em direção à porta, quando ele apareceu, totalmente vestido.

— Ia fugir por acaso?

— Na... Não — gaguejou, incomodada com a sua presença. *Como ele consegue ficar tão bonito com uma calça jeans e uma camisa branca?*, pensou ao admirá-lo.

— Não estava com pressa? — Carl disse, dirigindo-se à porta.

Charlotte saiu do transe e o seguiu pelo corredor do hotel até o elevador. Três seguranças os acompanharam, silenciosamente. Ao passar pelo saguão, Charlotte jurou escutar alguns comentários sobre ela, mas preferiu não dar ouvidos. Ela não queria chegar deprimida e atrasada ao colégio. Ela o viu entrar no carro e esperou por algum sinal. Ficou parada, encarando-o.

— Entre logo — ele falou, ríspido.

Charlotte entrou, sentou-se ao seu lado e tentou não olhar para ele durante todo o caminho.

— Para onde está me levando? — perguntou sem encará-lo.

— Para o seu colégio. Para onde mais a levaria? — Pegou uma sacola que estava ao seu lado e entregou a ela.

— O que é? — Ela pegou e, ao abrir, se surpreendeu. — Por quê? — perguntou ao olhar para o uniforme de sua escola.

— Não fique surpresa ou imagine coisas desnecessárias — ele disse, olhando-a. — Imagino como esteja se sentindo. Eu tive meses para me preparar para este casamento, enquanto você soube de tudo apenas ontem. No começo é difícil, mas... com o tempo você se acostuma.

— Você... se acostumou?

— Um pouco. Eu quero esclarecer algumas coisas antes de nos casarmos — falou, encarando-a, seriamente. — Não espere muito desse casamento — disse, sério. — Vou me casar com você apenas por causa de meu pai e da dívida. Não espere nada de mim. Não se apaixone e nem espere que eu vá me apaixonar por você. Adolescente tem mania de se apaixonar por qualquer pessoa que lhe sorria. — Riu, irônico. — Só em pensar que teria que me casar com uma criança sinto um calafrio. Não sei como meu pai foi pensar em algo assim para o meu irmão. Isso é tão doentio!

— Então... Se não posso esperar nada, como posso me casar com você?

— Pense nisso como... Um passatempo, uma brincadeira de casinha, acho que entenderá melhor dessa forma. Tentarei fazer o possível para que o divórcio saia assim que você tiver 21 anos. Só precisará esperar um pouco.

— Por que 21?

— Assim, ninguém poderá fazer nada contra você ou o dinheiro que o seu pai deixou em seu nome. Até lá, vamos suportar isso.

— Suportar? — Olhou-o, incrédula. — Então, significa um peso para você?

— Basicamente. — Ele olhou pela janela e viu o colégio. — Chegamos. Vá para a aula, depois passarei em sua casa para pegar os documentos. O nosso casamento será na igreja com pessoas influentes, conhecidos e, então, pode convidar seus amigos. — Sorriu, irônico. Tenho

certeza de que eles vão adorar vê-la se casando com um príncipe mais velho. Ficarão muito populares.

Charlotte abriu a porta do carro e saiu sem dizer uma única palavra. Pegou sua mochila e foi embora. Deixou o uniforme dentro do carro. Não olhou para trás, com medo de que ele visse seus olhos cheios de água. Ela sentia-se usada e inútil. Assim que passou pelos portões do colégio foi para a sala. Ao passar pelo corredor esbarrou em alguém, fazendo sua mochila cair. Ela se desculpou e, quando foi se abaixar, uma mão segurou seu braço e a puxou.

— Você está bem? — Albert perguntou, olhando-a com preocupação.

— Estou — disse, tentando não olhar em seus olhos. — Estou... atrasada para a aula.

— Isso não importa — ele disse sério, levando-a dali. Pegou a mochila dela e levou até o depósito dos materiais de educação física. Colocou-a sentada em um colchonete, sentou-se ao seu lado e enxugou-lhe as lágrimas com as mãos. — Por que está chorando? — perguntou suavemente.

— Bobagem.

— Provavelmente não quer me dizer, mas... Eu realmente, gostei de você, sabe? — ele confessou sorrindo ao ver o olhar dela. — Eu já tinha lhe visto algumas vezes. Toda vez que eu saía de carro, passava ao lado do ônibus da escola e eu sempre lhe vi com o olhar perdido e os fones de ouvido. Toda vez sentia vontade de falar contigo no colégio, mas, ficava com receio. Aquele dia foi o primeiro em que fiz algo espontâneo. Saí de casa e entrei no ônibus. Quando te vi, não imagina a minha felicidade. — Colocou o braço ao redor dos ombros dela. — Não sei o que está acontecendo, mas pode contar comigo. Pode... Posso... Não, melhor: eu gostaria de ser o seu namorado. Assim, você sempre ficará ao meu lado e eu poderei protegê-la.

— Se você tivesse se aproximado há uma semana — ela disse com lágrimas caindo livremente por seu rosto — talvez, nada acontecesse, mas agora... Sinto muito. Não posso.

— Ficarei ao seu lado. — Abraçou-a. — Não importa o que aconteça.

Charlotte deixou-se ser abraçada e não falou nada, apenas ficou com ele, chorando em seus braços, até não restar mais nenhuma lágrima. Ela só

gostaria que o tempo voltasse atrás e eles tivessem se falado antes. *Se fosse daquela forma, tudo teria ficado bem, não teria?*, pensou.

Carl viu Charlotte sair do carro com raiva. Suspirou ao ver a sacola no carro e não fez nada, apenas mandou o motorista seguir. Ele não estava com paciência para lidar com crianças, já bastava a noite anterior, pensou ao ver o colégio ficar distante de seus olhos.

— Apenas cinco anos. Tenho que aturá-la por cinco longos anos e depois... Tudo voltará ao normal — sussurrou.

CAPÍTULO 6

Charlotte não viu Carl durante dias. Havia sido entregue em sua casa uma boa quantidade de convites do casamento. Leu sem acreditar ainda no que estava acontecendo. Para ela, nada daquilo fazia sentido. A única vontade que tinha era dormir e não acordar mais. Suspirou ao olhar para o vestido de noiva. Estava tão imersa em seus pensamentos que não percebeu a chegada de algumas mulheres ao quarto do hotel em que estava hospedada. O dia de seu casamento havia chegado. Pela manhã, um homem havia ido buscá-la. Chamava-se Hugh e dizia ser o secretário de seu noivo. Seu pai a acompanhou e, enquanto ela estava no quarto, arrumando-se, ele ficou na sala, sozinho. Apesar do que ele havia feito, ela não o odiava, apenas não conseguia mais ter respeito por ele.

Charlotte ficou impassível ao sentir a mulher arrumando seus cabelos. Para ela, a sua vida estava terminando e, assim que entrasse pela igreja, deixaria de existir e seria apenas uma marionete nas mãos de Carl. Seus cabelos foram arrumados, penteados para trás emoldurando o seu rosto e estavam repletos de spray. A maquiadora a deixou o mais natural possível, afirmando que, em sua idade, ela poderia usar a própria beleza.

Uma pena eu não poder fazer as minhas próprias escolhas, pensou ao

escutar o que a maquiadora havia falado.

Logo depois de ser maquiada, o vestido foi colocado à sua frente. Ela olhava para ele, mas não sentia nada. Levantou-se de onde estava sentada, pegou o vestido e foi trocar-se no banheiro. Retirou o roupão e o vestiu, lentamente. O vestido caiu lentamente por seu corpo, ela não se lembrava de como ele era, mas aliviou-se ao vê-lo ficar bem. Possuía uma única alça e em seu busto algumas pedras chamavam a atenção. Saiu do banheiro sem expressão e tentou não se animar ao ver os olhares de admiração das mulheres à sua frente.

— Está linda — disse a maquiadora, olhando-a.

— Nem parece ter 16 anos. O príncipe vai adorar — uma outra mulher disse, feliz.

Charlotte apenas assentiu enquanto tentava esquecer-se de Carl, mas as suas palavras ainda estavam presentes em sua mente. Todos os dias as repetia para não se esquecer de seu caráter.

Carl olhou para a igreja e suspirou. Ele não havia imaginado o quanto seu casamento seria noticiado. Na igreja, na parte da noiva, ele percebeu haver muitos repórteres e algumas pessoas de sua parte. Estranhou não ver nenhum estudante. Olhou para o lado e viu seu amigo a lhe sorrir. Ele era o padrinho e ainda não estava acreditando que ele iria se casar com uma menor de idade. Já estava ficando impaciente quando os primeiros acordes de uma música, escolhida pela organizadora do casamento, tocou. Todos na igreja se calaram, levantando-se para olhar a noiva. Charlotte entrou logo após duas crianças adentrarem a igreja, jogando no chão pétalas de rosas brancas. Ela vinha segurando o braço de seu pai, impassível. E havia prometido a si mesma não chorar.

— Me perdoe, filha — Harry disse baixo, apenas para ela escutar. — Sei que não me perdoará, mas eu sinto muito.

— É um pouco tarde para isso, mas não se culpe tanto. — Ela suspirou. — Pelo menos, ainda tem a sua fama e agora será o pai de uma princesa. Isso é bom, não é? — disse, amargurada.

Olhou para o altar e sentiu o coração bater mais forte pelo homem que a esperava. Carl vestia uma roupa tradicional de príncipe e olhava para ela com o semblante sério. Os segundos que duraram para Charlotte chegar até Carl foram os mais longos de sua vida. Ela viu sua curta vida passar diante de seus olhos, apertou o buquê entre as mãos e, ao ser entregue a ele, sentiu-se fraca e sem saída.

Carl segurou em sua mão e sorriu para Harry. Quem via a cena não imaginaria o que aquelas três pessoas estavam passando. Ele segurou sua mão e a levou ao altar. A ajudou a se ajoelhar e logo o padre começou a falar. Carl tentou não se impressionar com a beleza de Charlotte, porém mesmo ela sendo nova já se podia perceber o quão bela seria mais à frente. Imaginou como ela seria dali a alguns anos, mas seus pensamentos foram interrompidos pela voz do padre.

— Noivos caríssimos, viestes à Igreja para que o vosso propósito de contrair matrimônio seja firmado com o sagrado selo de Deus, perante o ministro da Igreja e na presença da comunidade cristã. Deus irá fortalecer-vos para poderem desfrutar e assumir os deveres de uma vida mútua e repleta de felicidade. Uma vez que é vosso propósito contrair o santo matrimônio, unam as mãos direitas e manifestem o vosso casamento na presença de Deus e de sua Igreja. Carl Philippe Willians III e Charlotte Tissou, viestes aqui para celebrar a vossa união. É de vossa livre e espontânea vontade que pretendeis fazê-lo?

Charlotte fechou os olhos e disse com a voz trêmula, ao mesmo tempo em que Carl assentiu.

— Sim — falaram ao mesmo tempo, sem olhar um para o outro.

— Levantem-se — disse, sério. — Agora, as alianças — falou ao padrinho do noivo. Ele entregou uma caixa preta a Carl, afastando-se em seguida. — Repitam depois de mim — o padre disse, encarando-os. — Eu, Carl Philippe Willians III, aceito Charlotte Tissou como minha legítima esposa.

— Eu, Carl Philippe Willians III, aceito Charlotte Tissou como minha legítima esposa — disse, encarando-a — e prometo amá-la e respeitá-la, na alegria e na doença, na riqueza e na pobreza — falou, repetindo as palavras do padre —, até que a morte nos separe. — Pegou o anel e deslizou-o pelo

dedo dela. — Aceite este anel como símbolo do meu amor — falou a última palavra sem vontade.

— Eu, Charlotte Tissou, aceito Carl Philippe Willians III como meu legítimo esposo — falou, olhando para ele — e prometo amá-lo e respeitá-lo, na alegria e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe. — Pegou o anel da caixa na mão dele e deslizou-o em seu dedo anelar da mão esquerda. — Aceite este anel como a prova do meu amor.

— Existe alguém neste recinto que seja contra o casamento destas duas pessoas? — o padre perguntou e, após alguns segundos de silêncio, sorriu. — Eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Charlotte empalideceu ao escutar as últimas palavras do padre. Ela nunca havia beijado ninguém e não queria que o seu primeiro beijo fosse com alguém que a desprezava. Viu Carl aproximar-se dela, fechar os olhos, segurar em sua cintura e a beijar de forma singela, apenas tocando-lhe os lábios. Ele se afastou dela, segurou em sua mão e caminharam para a saída. Flashes começaram a ser disparados, deixando Charlotte inquieta. Ela não queria que seus colegas soubessem que havia se casado e muito menos com um príncipe. Afinal, as circunstâncias não eram admiráveis e sim humilhantes. Ao saírem da igreja, pétalas de rosas brancas foram jogados em cima deles. Ambos mantinham-se impassíveis ao caminhar para o carro, parado em frente à igreja. Antes de entrarem, Carl virou-se para ela.

— Não vai jogar o buquê? — ele perguntou, sério.

— Não. Não quero que ninguém tenha o mesmo azar que eu — falou, antes de entrar no carro antes dele.

Carl a olhou e, sem dizer nada, entrou no carro. O silêncio predominou até chegarem ao local da recepção.

CAPÍTULO 7

— Sorria um pouco — Carl disse quando o carro estacionou em frente ao hotel.

Saíram juntos, e contra a sua vontade, Charlotte sorriu para os

repórteres. Entraram no hotel e foram direto para o salão de festas. Assim que chegaram, um homem veio cumprimentá-los. — Este é Vicent, um grande amigo meu — Carl falou para Charlotte ao ver o homem parado em frente a eles, sorrindo.

— Prazer — Vicent disse sorrindo.

— O prazer é meu — disse Charlotte. Ela observou o homem à sua frente, achando-o atraente.

Ele tinha a mesma altura de Carl, mas seu sorriso era gentil e espontâneo e o seu olhar conseguia ser um bálsamo de tão tranquilo. Os dois começaram a conversar sobre negócios e coisas que ela não entendia, já estava começando a entediá-la. Quando ia se afastar, sentiu alguém segurar sua mão. Olhou para Carl sem entender o significado daquilo. Esperou Vicent sair e indagou:

— Por que está segurando a minha mão?

— Porque estamos casados — ele disse simplesmente, sem prestar atenção nela. Minutos depois fez uma careta ao olhar para ela. — Teremos que dançar.

— Não sou boa nisso.

— Apenas me siga. E deixe-se ser guiada — disse ao caminhar até a pista de dança.

Todos voltaram a atenção para os recém-casados. Carl colocou a mão na cintura dela e a puxou para si. Charlotte mal alcançava seu queixo. Ela colocou os braços em volta do pescoço dele. Quem visse a cena imaginaria que os dois se amavam. Ao pensar nisso, Carl sentiu vontade de rir, mas segurou-se.

Carl começou a rodopiá-la pelo salão enquanto ela repousava a cabeça em seu tórax. Aparentavam ser um casal apaixonado.

— Quem escolheu essa música? — Charlotte perguntou.

— A organizadora do casamento. Ela poderia ter escolhido algo menos meloso — disse sério.

Charlotte apenas assentiu e aproveitou o momento, quase romântico. Querendo ou não, aquele era o seu casamento. *Então, posso aproveitá-lo, nem que seja um pouco, não é mesmo?*, ela se perguntou ao sentir os braços

dele ao redor de sua cintura. Continuaram daquela forma até a música acabar. Ele então se afastou e no mesmo momento Charlotte sentiu-se solitária. Ele a segurou pela cintura ao caminhar pelo salão ao encontro de um homem, que estava rodeado de seguranças. Ele aparentava ter a idade de Harry. Seus cabelos brancos e olhar vivo demonstraram que, um dia, ele havia sido belo. Carl aproximou-se dele e o abraçou. Naquele momento, Charlotte percebeu estar de frente para o rei. O rei Williams sorriu para Charlotte logo após Carl afastar-se. Aproximou-se dela, e depositou dois beijos em suas bochechas.

— Tão linda quanto sua mãe — ele falou, sorrindo.

— Obrigada.

— Desculpe-me por não ter aparecido antes. Estive preso em algumas reuniões inadiáveis, mas fico feliz por ter chegado na hora da dança. Vocês são lindos juntos. — Charlotte apenas assentiu, enquanto sentia-se ofendida. O homem que havia causado tanta dor aparentava não se importar com a sua infelicidade. Desejou afastar-se dele e sorriu ao escutá-lo se despedir. — Perdoe-me, mas tenho que ir. Tenho uma reunião importante. — Sorriu para Carl. — Cuide bem dela. E você, querida, qualquer problema pode me ligar. — Dizendo isso saiu da mesma forma que entrara: silenciosamente.

Charlotte o observou afastar-se ainda sem entender o motivo dele querer se vingar. *O amor não é algo que se compra ou se escolhe*, pensou. A festa transcorreu, agradável. Carl mostrou-se amável em frente às pessoas, mas sua esposa sabia que logo depois ele iria voltar a ser frio com ela. Horas depois, ele sorriu ao dizer que estavam saindo da festa e pediu a todos para aproveitarem. Segurou Charlotte pela cintura e a guiou para fora do salão.

— Para onde vamos? — ela perguntou do lado de fora do salão.

— Para a nossa lua de mel — ele respondeu sério, levando-a para o elevador.

— Como assim? Estamos indo para o seu quarto? Isso não está indo rápido demais? — falou nervosa encarando-o, enquanto ele mantinha-se calado e impassível.

Ela se calou ao perceber que ele não falaria nada. Ficou apreensiva ao ver as portas do elevador se abrirem. Ele a puxou, segurando sua mão pelo corredor, retirou o cartão e entrou no quarto. Assim que entraram, largou-lhe a mão e olhou, sem expressão, para ela.

— Pensei que aquilo nunca iria acabar — confessou. — Por que está tão tensa? — Sorriu com vontade. — Está achando que vamos ter algo? Não crie expectativas e nem imagine demais.

— Mas...

— Nós nos casamos, mas apenas isso. O casamento, provavelmente, não será consumado. Então, fique tranquila. E, antes que eu me esqueça, iremos embora daqui a uma semana.

— Embora?

— Sim, iremos para a Inglaterra.

— Não posso.

— E posso saber o motivo? — ele indagou, indiferente.

— Ainda falta um ano para eu terminar o colégio — ela disse, séria. — Por favor, espere isso. Eu fico aqui na casa do meu pai, prometo não fazer nada de errado.

— Então, está querendo que eu volte sozinho para a Inglaterra enquanto a minha esposa fica sozinha aqui fazendo o que bem entender?

— Quase isso.

Carl sorriu e aproximou-se dela. A cada passo que ele dava em sua direção, ela recuava até sentir a parede atrás de si.

— Não vou deixá-la sozinha. Não quero passar por corno. — Encarou-a. — Não pense em livrar-se de mim tão facilmente. A partir de hoje, és minha. — Afastou-se e caminhou até o quarto, mas virou-se e a encarou. — Aquela porta — falou, apontando para uma porta em frente a de seu quarto — é a do seu quarto, pelo menos até amanhã. — Dizendo isso, entrou em seu próprio quarto e fechou a porta.

Charlotte sentiu as faces queimarem. Ela havia imaginado que ele a beijaria e ansiava por isso. *Sou mesmo uma tonta*, pensou ao caminhar para a porta que ele havia indicado. Ao entrar, viu seu uniforme, sua mochila e mais alguns pertences pessoais no quarto. Fechou a porta, sentou-se na cama e chorou. As lágrimas estavam presas desde o momento em que havia entrado na igreja. Ela nunca tinha imaginado que o seu casamento aconteceria de forma tão superficial e fria. Deitou-se na cama, abraçou o travesseiro e com ele abafou os soluços. A noite seria longa para ela.

CAPÍTULO 8

Um barulho insistente fez com que Charlotte abrisse os olhos. Relutou, mas ao se sentar na cama percebeu ser seu celular, que se encontrava em cima da penteadeira. Tirou o cobertor de cima do corpo e levantou-se, desligando-o. Olhou para baixo e assustou-se ao ver-se apenas de lingerie. Imaginou quem poderia ter-lhe despido, mas, ao olhar para o relógio. Percebeu que se atrasaria se não se arrumasse.

— Penso nisso depois — falou, ao caminhar para o banheiro da suíte.

Tomou um longo banho, vestiu o uniforme e em poucos minutos já saía do quarto. A primeira pessoa que viu ao sair foi à única que queria esquecer: o príncipe Carl. Ele estava sentado no sofá, lendo um jornal tranquilamente. Como se percebesse que ela estava ali, ele a olhou.

— Já acordou? Vai se atrasar — falou, amigável.

— Eu sei. Estou indo — disse, caminhando para a porta.

— Você não comeu nada.

— Não tenho tempo. — E, dizendo isso, saiu pela porta.

Carl voltou sua atenção para o jornal, mas logo desistiu. Infelizmente, ele ainda se lembrava dela dormindo com lágrimas no rosto. Ligou para o seu secretário e fez um pedido, desligando em seguida. Tentou se concentrar na leitura, mas em vão.

— O que estou pensando? Ela é só uma criança — disse, irritado consigo mesmo.

Carl levantou-se da cama e olhou para o relógio. Eram uma da manhã e

ele ainda não havia conseguido dormir. *Tudo culpa dos choros dela*, pensou. Levantou-se e caminhou até o quarto dela. Ao chegar, a viu deitada, adormecida com o vestido de noiva e o rosto banhado de lágrimas.

Será que estou sendo tão cruel? Ela é apenas uma criança que foi trazida para essa loucura pelo seu próprio pai, disse a si mesmo ao acariciar o rosto dela. *Me pergunto como ela seria sorrindo*. Olhou para o vestido e suspirou ao tocar no zíper. *Se eu não tirar, amanhã acordará bem pior, acredite*, sussurrou ao começar a despi-la. Abriu o zíper e, na hora de puxar o vestido, percebeu que, se não tivesse cuidado, ela acordaria. Cuidadosamente, o puxou, virando-a quando necessário e, longos, minutos depois, ele a cobriu, tentando ignorar seu corpo quase nu. Deixou o vestido em cima da poltrona e saiu em silêncio do quarto.

— Ainda não entendo porque fui vê-la — falou ao voltar para seu quarto.

Assim que saiu do hotel Charlotte viu o homem que havia encontrado na rua parado em frente a um carro. Ia passar direto por ele, mas sentiu o olhar dele sobre si. Aproximou-se timidamente e, na mesma hora, ele abriu a porta do carro para ela.

— Para mim?

Ele assentiu e logo depois ela entrou sem jeito. Acomodou-se no carro e segundos depois o homem que estava sentado no banco do passageiro sorriu ao lhe entregar uma sacola. Ela abriu e olhou para ele, como se pedisse explicações.

— Apenas coma — Hugh falou, sorrindo. — É importante tomar café da manhã.

— Obrigada — ela agradeceu, feliz, ao retirar o sanduíche e mordê-lo.

Hugh não disse nada, apenas sorriu ao vê-la comendo pelo retrovisor. Ele nunca imaginaria que Carl pudesse ser gentil do jeito que começava a demonstrar. *Talvez, ele acabe amadurecendo por ela*, pensou.

A entrada do colégio estava repleta de fotógrafos e, ao ver a cena, Charlotte ficou tentada a ir embora, mas respirou fundo antes de sair do carro. Ao vê-la, os repórteres começaram a tirar fotos e a fazer perguntas, mas, antes que eles se aproximassem demais, os seguranças do colégio apareceram e colocaram-na para dentro, em segurança. Ela sabia que o pior estava por vir e não se enganou ao ver os olhares dos alunos direcionarem-se para ela. Tentou se manter ativa, mas não conseguiu.

— O que será que ela fez para se casar com o príncipe? Aposto que o seduziu e o forçou a se casar com ela — uma garota comentou com a outra sorrindo, maliciosamente. — Quem iria se casar com alguém como ela? Tão ridícula!

Ao escutá-la, Charlotte sentiu vontade chorar, mas segurou as lágrimas. A ao ver Marina caminhar em sua direção, esperou qualquer reação menos a que ela teve. Marina parou em sua frente e deu um tapa em seu rosto, atraindo a atenção de todos e deixando Charlotte atônita.

— P... por quê? — ela perguntou com a mão sobre o rosto, onde havia apanhado.

— Como pode perguntar isso? Você nem ao menos me contou que conhecia o príncipe. Eu imaginando que você era uma menina pura e inocente e agora descubro isso. Você se casou. — Sorriu irônica. — Parabéns.

— Deixe-me explicar, por favor — ela pediu com lágrimas nos olhos.

— O que eles estão dizendo é verdade?

— Não sei do que está falando — falou, chorosa.

— Que dormiu com ele para que se casassem. Isso é verdade?

— Não.

— Não acredito em você — ela disse depois alguns segundos, após se arrepender do que havia feito. — Já me enganou uma vez, mas duas vezes não irá acontecer. — Dizendo isso saiu andando tranquilamente.

Charlotte permaneceu parada com a mão sobre o rosto sentindo as lágrimas caírem, sem conseguir se controlar. Escutou os comentários

maldosos, as risadas maliciosas, mas a única coisa que lhe importava é que havia perdido a sua única amiga. Ficou parada durante alguns minutos, que lhe pareceram uma eternidade, até tomar coragem e sair andando, mas não foi para a sala. Seguiu para o lugar onde havia chorado nos braços de Albert. Entrou e encolheu-se em um canto, e chorou.

— Charlotte — Albert a chamou entrando no depósito e não demorou em encontrá-la sentada no chão. — O que foi? — perguntou, ajoelhando-se ao seu lado.

— Você ainda não soube? — indagou, sem encará-lo.

— O quê?

— Sobre meu... — Calou-se, sem conseguir terminar.

— Eu já sei sobre o seu casamento, mas não chore — falou, abraçando-a. — Não fique assim.

— Não vai fazer como os outros? Me acusar, me... bater?

— É claro que não! — falou, indignado. — E quem ousou lhe bater? Me fale.

— Não vale a pena — ela murmurou. — Como soube que eu estava aqui? — ela perguntou ao encará-lo.

— Eu te vi chorando no pátio e a segui. Vamos para a aula, desta vez sentará ao meu lado — falou sorrindo.

— Não vai ser fácil — disse, olhando-o com lágrimas ainda em seus olhos, referindo-se à situação em que estava.

— Charlotte, eu disse que iria protegê-la.

— Mas... Sou...

— Casada? Eu sei. Mas nunca quebrei minhas promessas. — Dizendo isso, levantou-a e sorriu. Tirando o iPod do bolso, colocou uma música e sorriu. — Aproveite essa música enquanto caminhamos pelo colégio. — Colocou os fones de ouvido nela e aumentou o volume. *Desse jeito não irá escutar o que falam de você*, pensou. Ele limpou as lágrimas do rosto dela com um lenço em seu bolso e sorriu ao levá-la para fora. Segurou sua mão por todo o caminho, sem se importar com o que falavam. A única coisa que lhe importava era Charlotte.

CAPÍTULO 9

Carl estava decidido a retornar para a Inglaterra, mas resolveu adiar a viagem por alguns meses. Chamou o secretário Hugh em seu quarto e lhe deu ordens precisas.

— Encontre uma casa para mim. Ficarei aqui por alguns meses.

— Sim, mas... Alguma preferência por localidade, tamanho?

— Não. Apenas uma casa com segurança em uma rua tranquila. Nada extravagante.

— Sim senhor —assentiu, retirando-se em seguida.

— O que estou fazendo com a minha vida? — perguntou-se ele ao ver sua foto no jornal acompanhado por Charlotte. Os dois estavam no altar, olhando um para o outro. Suspirou ao se lembrar. — Só um tolo não perceberia que ela estava triste e eu entediado — disse, colocando o jornal de lado.

Levantou-se do sofá e caminhou até a varanda. Observou as pessoas divertindo-se na piscina do hotel e as invejou. A vida toda ele fora criado para ser o que quisesse, enquanto seu irmão era criado para ser o sucessor do trono. Da noite para o dia, porém, ele tivera que aprender coisas que seu irmão havia levado anos para conhecer. Sua vida estava tornando-se vazia e tediosa, percebeu frustrado. Recordou-se das horas, dos meses que havia passado dentro do palácio após a morte do irmão, sem poder sair. O olhar de desprezo de seu pai sempre que errava algo, os olhares de decepção de todos que descobriam que ele seria o sucessor. Suspirou assim que a imagem do irmão surgiu em sua mente. Andrew sempre fora considerado a pessoal ideal para o cargo que ele ocupava. Um cargo que não era para ser dele. —

— Até essa garota seria mais feliz se fosse o meu irmão a se casar com ela.

Charlotte saiu do colégio acompanhada por Albert. A manhã inteira ele ficou ao seu lado, apoiando-a e a estimulando-a para que não desistisse. E apenas por ele ela havia conseguido. Sorriu quando ele a encarou e segurou sua mão.

— Tem certeza de que está bem? — Albert perguntou, sorrindo.

— Tenho sim. — Olhou para o lado e viu o chefe de segurança olhando-a sem expressão. Ela sorriu sem jeito e soltou a mão de Albert. — Nós nos veremos amanhã, está bem? — Acenou, indo embora ao vê-lo assentir.

Ela iria retornar à realidade, a qual a havia perseguido durante a manhã inteira. Entrou no carro em silêncio e viu Albert olhando-a, até perdê-lo de vista. Voltou a atenção para o caminho que estava seguindo e estranhou.

— Para onde estamos indo? — perguntou ao olhar para a janela.

— É uma... surpresa — Hugh falou sorrindo.

— Odeio surpresas — murmurou falsamente antes de colocar os fones nos ouvidos e fechar os olhos.

Desde o seu aniversário vira-se odiando qualquer coisa que pudesse lhe surpreender, como Carl fizera ao contar que seria seu noivo. Seu rosto ainda ardia pela dor e pela humilhação, mas não deixaria ninguém saber sobre isso. Apesar de tudo, ela ainda tinha orgulho. Ficou tão imersa na música que só percebeu haver chegado minutos depois, quando o carro parou em frente a uma casa com a entrada repleta de hera no muro.

Viu o carro se identificar antes de entrar e surpreendeu-se ao ver o tamanho da casa. Era linda. Tinha dois andares e em todos os quartos do andar de cima havia varandas. Na parte lateral havia uma piscina, enquanto na frente flores enfeitavam todo o jardim. Saiu do carro perplexa. Olhou para Hugh sem entender o que fazia ali, mas tudo começou a se encaixar quando o viu. Carl caminhava em sua direção, sério. Apenas ao parar à sua frente esboçou um breve sorriso.

— Esta é a sua nova casa — disse simplesmente.

— Minha casa? Como assim?

— Vou ficar aqui por mais algum tempo — disse sério. — Apenas aproveite e estude. Provavelmente, nas suas férias iremos para a Inglaterra. Meus súditos devem conhecê-la formalmente. Então, temos um acordo?

— Acordo? Claro — assentiu sorrindo. — Obrigada.

— Tudo bem. — Virou-se de costas, mas voltou a atenção para ela. Segurou seu cabelo, que escondia uma vermelhidão em seu rosto e a encarou. — O que aconteceu?

— Hã?

— Seu rosto. Está vermelho.

— Não foi nada — disse puxando o cabelo das mãos dele, virando o rosto. — Não foi nada... Vamos esquecer isso.

— Agora você não é mais uma adolescente comum. É minha esposa, é uma princesa e deve ser tratada como tal. Não deve se submeter a ofensas ou degradações sem justificativas ou motivos. — Ao vê-la assentir, perguntou novamente. Alguém lhe bateu?

—Não. — Ao falar isso tentou sorrir. — Ninguém se atreveria a bater na esposa de um príncipe, não é mesmo? E onde fica o meu quarto? — Perguntou, caminhando em direção à entrada da casa.

— Descubra o que aconteceu — Carl ordenou a Hugh ao vê-la afastar-se. Mesmo que sua vida ainda se mantivesse afastada dos holofotes não pretendia manter-se quieto ao ver sua esposa sofrer em silêncio por algo que, provavelmente, o envolvera. — Me diga quem fez e o motivo. — Dizendo isso a seguiu até a entrada da casa. Ao entrar, viu-a parada, observando a sala, toda mobiliada.

— O que achou? — Aproximou-se, parando logo atrás dela.

— É linda — ela falou sem se virar. — Obrigada por ter escutado o meu pedido.

— Não foi por você que fiquei — ele disse e na mesma hora ela se virou, encarando-o. — Tenho alguns assuntos pendentes e achei que esta seria uma ótima hora para isso. Não pense besteiras.

— Não se preocupe — ela falou, ríspida. — Nunca vou pensar nada de bom de você. Com relação a isso, fique tranquilo. Onde é o meu quarto?

— Pode escolher — ele falou indiferente, encarando-a. — *Essa é a*

melhor forma de mantê-la afastada de mim. Não é como se eu trouxesse sorte para as pessoas.

Charlotte sustentou seu olhar durante alguns segundos, desviando-se e em seguida passou por ele e indo na direção das escadas. Era o único modo que tinha encontrado de fugir dele: refugiando-se em seu quarto. Caminhou pelo corredor, enquanto abria todas as portas dos quartos, procurando o ideal para ela. Quando já estava desistindo, abriu a porta de um quarto que ficava ao lado do quarto principal, e sorriu. Era perfeito. Uma cama com dossel encontrava-se no centro do aposento, de frente para a varanda, que dava para a piscina. Um enorme guarda-roupa chamava a atenção do lado extremo do quarto, enquanto no canto havia um sofá e uma mesinha. As cortinas eram delicadas e de tons claros. Ela havia se apaixonado pelo quarto. Sentou-se na cama e sorriu.

— Talvez não seja tão ruim assim ficar casada com ele — falou ao deitar-se.

Carl segurou um sorriso ao vê-la entrar no quarto que haviam arrumado para ela. *Ela é tão previsível*, pensou ao caminhar para o seu. O quarto dele ficava ao lado do dela. Ao passar pela porta, viu Charlotte, deitada despreocupadamente, olhou-a e logo depois entrou em seu próprio quarto.

Hugh bateu na porta de Carl antes de adentrar o escritório silencioso e engoliu em seco ao imaginar a reação que ele teria quando lhe contasse o que havia acontecido com Charlotte no colégio. Ao escutá-lo, abriu a porta vagarosamente e o encontrou em frente ao computador.

— Diga — ele falou sem tirar os olhos da tela.

— Vim informar o que descobri sobre Charlotte. Aparentemente, uma das amigas bateu nela.

— Como? — Ele desviou o olhar do computador e encarou Hugh friamente. — E qual foi o motivo?

— O seu casamento.

— Casamento?

—Sim. A menina não aceitou bem o fato.

— Resumindo, uma briga sem importância. Charlotte não fez nada e apenas apanhou. — Suspirou ao voltar a atenção para a tela à sua frente. — Mantenha-me informado sobre esses assuntos... insignificantes... e cuide para que nada saia na mídia. E, por favor, a vigie. Não quero que se meta em confusão, pelo menos não com tão pouco tempo de casamento. Pode ir — dispensou-o.

Hugh saiu em silêncio e, ao passar pelo quarto de Charlotte, sentiu pena dela. Em tão pouco tempo ela já havia sofrido tanto... *Espero que daqui para a frente a vida dela melhore*, pensou ao ir embora.

— É mesmo uma idiota — Carl falou após Hugh sair. — Como ela deixa alguém bater em sua cara sem um motivo que preste? É uma idiota, sem dúvida — falou antes de voltar a atenção para o balancete de uma de suas empresas.

Charlotte abriu os olhos e, ao olhar para a janela, percebeu já ter anoitecido. Levantou-se da cama, espreguiçou-se e sorriu. Caminhou até o banheiro e ficou pasma ao ver uma banheira de mármore branco.

— Uau! — exclamou ao caminhar até ela.

Tirou a roupa rapidamente, encheu a banheira e ficou imersa em um banho de espumas até a água esfriar. Após longos minutos, enrolou-se no roupão e caminhou até a varanda. Sentiu o vento frio da noite na pele. Fechou os olhos e sentiu como se fosse uma carícia sensual. Sorriu ao imaginar Carl ao seu lado.

— Devo estar ficando louca. Como posso pensar em um homem tão grosso como ele? Albert, sim, é um bom partido — falou ao olhar para a lua cheia no céu.

Aos poucos, sentiu o estomago fazer um barulho estranho e sorriu ao fechar a janela e caminhar na direção da cozinha. Olhou para o roupão, mas deu de ombros. *Quem estaria acordado às onze da noite?*, perguntou-se ao descer as escadas, habituada aos costumes do pai. Caminhou incerta até encontrar a cozinha. Acendeu a luz e ficou surpresa com o tamanho dela.

— Por que tão grande? Duvido que usem metade dos utensílios — reclamou ao procurar por comida nos armários.

— O que faz acordada? — Carl perguntou parado na porta da cozinha, olhando-a surpreso.

— Como? — Ela virou-se rapidamente, assustada. — O que faz aqui?

— Eu perguntei primeiro.

— Acordei com fome, mas e você?

— Estava trabalhando e me dei conta de que não havia comido nada — disse ele indiferente, caminhando em direção ao armário próximo ao fogão. — Quer jantar?

— Claro — assentiu, encarando-o com curiosidade. Sentou-se à mesa e ficou observando-o enquanto ele cozinhava com maestria. *Além de bonito e rico, cozinha bem. Como ele conseguiu se manter solteiro por tanto tempo e depois ser obrigado a se casar comigo?*, pensou. *Ele deve ter muito azar mesmo.*

— Está pronto — ele falou minutos depois, colocando dois pratos em cima da mesa. Serviu-a e logo depois colocou a comida em seu próprio prato. Sentou-se diante dela e começou a comer.

— Está muito bom — ela disse ao provar o macarrão com camarão. — Não imaginei que soubesse cozinhar.

— Apenas sei fazer algumas coisas para não passar fome — ele disse sem encará-la.

— Desculpe-me — ela falou sem jeito, colocando o garfo de lado. — Deve ser ruim ser obrigado a se casar com alguém como eu, não é? Não deveria ter feito um casamento tão grande. Poderíamos ter escondido isso das pessoas, teria sido melhor.

— Escondido?

— Sim, assim você continuaria a sua vida e eu a minha. — Suspirou. — Mas, não há como voltar atrás.

— Deve estar muito arrependida ou com muito medo — ele falou sem olhar para ela. — Por mais fraca que seja, não demonstre isso aos outros. Faça com que eles tenham medo de falar ou fazer algo a você. Quanto mais submissa for, mais eles vão pisar em você.

— Por que está falando isso?

— Por nada. — Ele se levantou-se sem terminar de comer e olhou para ela. —Vá para a cama, amanhã tem aula. — Logo depois de falar isso saiu, sem olhar para trás, deixando uma garota incerta para trás.

— Que merda estou fazendo? — Carl se perguntou ao sair da cozinha. Ele ainda não havia entendido o motivo de ter-lhe dado aquele conselho. — Eu não quero me envolver com a vida dela, mas estou fazendo totalmente o inverso. Por quê? — perguntou-se ao andar para seu quarto.

CAPÍTULO 10

A semana passou rapidamente e na sexta-feira Charlotte chegou em casa feliz. Ela teria o final de semana inteiro para relaxar e esquecer a pressão que estava vivendo no colégio. Todos já sabiam que ela estava casada. Alguns a ignoravam, enquanto outros falavam mal dela, mas o que a magoava em demasia era a perda de sua amiga. Carl saía nos últimos dias à noite sem dizer para onde ia e Charlotte via aquilo como a realidade. Para ele, ela era apenas um problema e nada mais que isso. Um problema que ele fazia questão de ignorar.

No sábado pela manhã, Charlotte encostou o ouvido na porta do quarto dele e, sem escutar nada lá dentro, tomou coragem e abriu a porta, encontrando tudo arrumado. Ele não havia passado a noite em casa. *Mais uma vez*, acrescentou em pensamento. Suspirou antes de ir para a sala.

Seu único consolo era fingir que estava em sua antiga casa vendo filmes, mas a cada cena de casamento lembrava-se do seu. Colocou um filme de terror para assistir e aos poucos foi se esquecendo de Carl. Estava tão distraída com o filme que, quando escutou seu celular tocar, tomou um susto. Pegou-o rindo consigo mesma. Leu a mensagem de Albert e sorriu. Ele estava convidando-a para sair. Ele era o único que sabia da verdade e aparentava ter aceitado tudo muito bem. Charlotte respondeu rapidamente, confirmou o local e em poucos minutos desligou a televisão e correu para o

seu quarto. Vestiu um vestido leve de algodão, pegou o casaco, a bolsa e saiu. Mentiu para o chefe da segurança, afirmando que iria sair com uma amiga. Ele a levou até o shopping, Charlotte inventou uma desculpa qualquer e seguiu para o local marcado com Albert. Acenou ao vê-lo e sorriu.

Albert sorriu ao vê-la. Ele a havia convidado para ir ao cinema e passear um pouco. Ele estava disposto a ficar ao seu lado até ela completar 21 anos e estar livre para ele.

— Fico feliz que tenha vindo — Albert falou sorrindo.

— Eu também, mas o que iremos assistir?

— Estava pensando em um filme de suspense, que tal?

— Acho ótimo — ela disse animada, segurando em seu braço. Caminharam juntos, como dois namorados até a bilheteria. Ele pagou tudo e logo estavam se dirigindo para a sessão, que começaria em poucos minutos. Entraram na sala do cinema, sentando-se no fundo.

— Já volto — Albert disse levantando-se, voltando minutos depois com pipoca e refrigerante para eles.

— Obrigada — Charlotte agradeceu emocionada antes das luzes abaixarem lentamente até a sala ser iluminada unicamente pelo filme.

Carl sorriu para a mulher ao seu lado, uma loira exuberante, antes de ajeitar o boné e os óculos escuros temendo ser reconhecido. Eles haviam se conhecido na empresa que ele havia visitado e desde aquele momento não saiu mais do seu lado. Estava dormindo com ela na casa dela e em hotéis. A última coisa que queria era retornar para casa e encontrá-la, à sua esposa. Uma criança. Estavam andando tranquilamente pelo shopping quando ela olhou para um colar de diamantes. Carl sorriu ao puxá-la para dentro da loja. Saíram de lá minutos depois com o colar em mãos e um sorriso nos lábios dela. Ele tinha consciência de que ela iria querer retribuir o presente e ele tinha muitas ideias sobre como ela poderia fazer e todas envolviam uma cama, morangos e chantilly. Ela segurou sua mão enquanto passeavam como dois namorados.

— Oh, Carl, tudo é tão lindo — a mulher disse olhando para vitrines de joias.

— São mesmo — ele assentiu olhando-a —, mas não posso continuar a lhe comprar joias.

— Por que não?

— Porque gosto de receber algo em troca. Se você afirmar que irá me retribuir, prometo comprar todas que quiser. — Ele sorriu, malicioso.

— Apenas isso? — Ela o enlaçou pelo pescoço. — Pode ter certeza de que irei satisfazer todos os seus desejos.

— Bem melhor — ele murmurou antes de beijá-la, percebendo os seguranças a uma distância considerável e discreta deles.

Charlotte sorriu ao sair do cinema com Albert. O filme acabou sendo uma comédia no final. Durante todo o tempo ele passou com o braço ao redor de seu ombro, lhe dando uma sensação de proteção.

— O que fazemos agora? — Charlotte perguntou, animada.

— Que tal um sorvete?

Charlotte assentiu e, ao caminhar, o sentiu segurar sua mão. Seu coração começou a acelerar e sentiu-se nervosa. Era a primeira vez que alguém a levava para um encontro e segurava, de forma tão singela, a sua mão. Caminharam acanhados até a sorveteria. Fizeram os pedidos e foram sentar-se em uma das mesas da praça de alimentação. Albert sentou ao lado de Charlotte. Ela estava tão entretida com o sorvete que não percebeu a aproximação dele.

Ela virou-se e, ao perceber o que Albert estava prestes a fazer, ficou sem reação. Ela o viu fechar os olhos, colocar a mão atrás de sua cabeça e preparar-se para beijá-la.

Este será o meu primeiro beijo, o meu verdadeiro, pensou ao fechar os olhos à espera do beijo. Os lábios dele já estavam encostando-se aos seus quando uma voz os interrompeu.

— O que está acontecendo aqui? — Carl gritou sem importar-se com as pessoas que passavam ao redor. Ele estava andando pela praça de alimentação quando viu uma pessoa muito parecida com sua esposa. Sorriu ao imaginar a hipótese, mas, ao prestar atenção, percebeu não estar enganado. Deixou a mulher de lado e, quando estava próximo do casal, os viu quase se beijarem. — Levante daí — ele falou sério, olhando para Charlotte ao retirar o boné e o óculos e jogando-os em cima de uma das mesas.

— O que... faz aqui? — Charlotte indagou, temerosa. Olhou para Albert e para Carl, sem saber o que fazer.

— Eu já mandei se levantar — ele disse secamente. Ignorou o garoto sentado ao lado dela, e segurando seu braço, a puxou, fazendo com que ela se levantasse e o seguisse.

— O que está fazendo? — Albert falou ao se colocar em frente a ele. — Acha que tem alguma moral para tirá-la daqui assim?

— E quem é você? Um pirralho de 16 anos. — Sorriu sem vontade. — Saia da minha frente, não quero machucar uma criança.

— Um pirralho de 16 anos? Posso ser, mas por dentro sou mais homem que você. — falou, sério. Segurou o braço de Charlotte, o qual Carl também segurava, e o encarou. — Solte-a. Ela vem comigo.

— Com você? Ela é minha esposa, seu fedelho — disse com raiva. — Solte-a agora, se não quiser apanhar.

— Tente.

Charlotte olhava para os dois homens sem acreditar no que estava acontecendo. Ela ainda não conseguia acreditar que Carl havia aparecido logo na hora em que daria seu primeiro beijo, o verdadeiro, e não uma encenação na frente das pessoas.

— Me solte — Charlotte falou baixo para Carl, mas ele sequer a escutou.

— Solte-a — Albert disse novamente.

— Já falei para sair da minha frente — falou fechando o punho esquerdo e em seguida esmurrou o rosto de Albert, fazendo-o cair para trás. Charlotte gritou ao vê-lo caído, tentou se libertar de Carl, mas ele a segurou com mais força e a puxou na direção oposta levando-a embora.

— Me solte! — disse alto, debatendo-se. — Ele está ferido. Tenho que vê-lo.

— Fique calada — falou alto, encarando-a. — Não acredito nisso — murmurou ao levá-la até o carro. O silêncio predominou por todo o caminho. Ao estacionar o carro em frente à sua casa, Charlotte desceu primeiro e andou, apressada, para o seu quarto. Ela pretendia ligar para Albert, mas antes que chegasse até as escadas Carl a segurou no braço, fazendo-a virar-se.

— O que? Já chegamos. Agora me deixe.

— O que pensa que estava fazendo lá? — ele indagou sério, encarando-a com os olhos exibindo uma fúria incontrolável.

— Estava com um amigo. Largue-me.

— Amigo? Vocês iam se beijar — gritou, apertando seu braço. — O que pensa que está fazendo? Você é minha.

— Não sou sua — disse, encarando-o. — Eu também tenho o direito a ter o meu primeiro beijo. Quero beijar alguém que se importe comigo, quero esquecer a sensação dos seus lábios, frios, sobre os meus.

— Esquecer? Vamos ver se irá se esquecer disso tão facilmente.

Dizendo isso, a puxou para si, segurou-a pela cintura e a beijou. Os olhos de Charlotte mantinham-se abertos, enquanto Carl a apertava mais contra si. A língua dele roçou seus lábios, pedindo passagem, o que ela fez relutante. Aos poucos, seus olhos se fecharam enquanto aproveitava a sensação dos lábios quentes de seu marido sobre os seus.

CAPÍTULO 11

Carl aprofundou o beijo, surpreso. *Para a primeira vez, ela está indo muito bem*, pensou ao incentivá-la a continuar beijando-o. Quando afastou-se para recuperar o fôlego, sorriu. O rosto de Charlotte encontrava-se em chamas. Seus olhos transpareciam a confusão que ela sentia.

— Quero ver se irá se esquecer disso agora — Carl disse, encarando-a

com um sorriso no rosto.

— Como?

— O beijo. Duvido muito que vá querer beijar aquela criança depois de me beijar. — Sorriu. — Não a culpo. Sei que sou melhor.

— Me beijou apenas para... — Ela olhou para ele sem acreditar. — Seu... Seu... Idiota... — Charlotte disse baixo ao bater em seu rosto, marcando-o. — Como se atreveu a me beijar? Não se atreva a fazer isso novamente — disse dando-lhe as costas, subindo as escadas. Seu coração batia fortemente e a respiração ainda não havia voltado ao normal ao entrar no quarto. Encostou-se na porta, colocou a mão sobre o peito e suspirou. Ela não conseguia acreditar que estava daquele jeito apenas por causa de um beijo. — Isso é normal ou estou assim porque ele me beijou? — perguntou-se ao olhar para a janela do quarto.

Carl ainda mantinha um sorriso no rosto ao ver Charlotte sumir de sua vista. Ele ficou tentado a ir atrás dela, mas optou por deixar isso como lição para ela e para si mesmo.

Melhor me manter afastado dela. Uma criança como ela jamais entenderia o meu mundo.

Sábado à noite é quando os casais saem juntos ou as pessoas saem com seus amigos. É o único dia da semana em que não há regras. Para não dizer que não há, existe apenas uma: diversão. A única regra é se divertir. Entretanto, Charlotte encontrava-se dentro do quarto. Desde o beijo de Carl, ela não o havia visto. Em seu íntimo, ela esperava que ele fosse até ela para pedir desculpas, ou simplesmente para vê-la, mas nada disso aconteceu. Ao escutar um barulho do lado de fora do quarto, levantou-se rapidamente da cama e, ao abrir a porta, parou ao ver Carl arrumado, pronto para sair.

— Aonde vai? — Charlotte perguntou, insegura.

— Vou sair, é bom não me esperar acordada — ele respondeu sorrindo e caminhando tranquilamente.

— Vai sair para onde? — ela perguntou, seguindo-o.

— Não é da sua conta.

— Claro que é.

— E por que seria? — perguntou curioso, virando-se para encará-la. — Não me diga que foi apenas por causa do beijo? Supere isso. Foi apenas um beijo e nada mais.

— Se você tem o direito de ir atrás de mim no shopping, também tenho o direito de ir atrás de você.

— Concordo, mas não fui atrás de você. Estava acompanhado por... uma amiga e lhe vi, apenas isso. Não poderia passar por homem traído, então preferi tirá-la de lá.

—Tudo não passou de uma encenação?

— Sim — falou, indiferente. — Mais alguma coisa ou posso sair?

— Faça como quiser — tornou ela, murmurando, virando-se de costas, indo em direção ao quarto. *Então, só me beijou como parte disso? Para afirmar que sou sua esposa? Se foi isso, conseguiu, parabéns*, ela pensou ao entrar em seu quarto, em silêncio.

Carl não olhou para trás ao escutar a porta se fechando. Ele sabia que era Charlotte. Respirou fundo e voltou a caminhar em direção às escadas. Ele estava disposto a se divertir naquela noite e nada mais lhe importava. Dispensou a equipe de seguranças e saiu sozinho pela noite dirigindo seu Audi. Passou próximo a uma boate e sorriu ao estacionar o carro. Desceu e não demorou a entrar. Desceu as poucas escadas e olhou ao redor. Viu belas mulheres, todas sozinhas.

— Parece que hoje é o meu dia de sorte — falou ao ir em direção a uma delas.

Charlotte revirou-se na cama a noite toda. Não conseguiu dormir esperando que Carl voltasse para casa, algo que não aconteceu. Ela mal dormiu a noite toda e no meio da noite desistiu. Pegou o seu iPod, colocou os fones de ouvido, foi para a varanda e esperou o sol nascer. A vida não estava como ela imaginava. Tudo estava tornando-se caótico e sem sentido.

— Não entendo por que estou pensando tanto nele. Ele nem liga para mim e apenas me usa. — Suspirou. — Eu deveria parar de me martirizar assim e começar a viver a minha vida, mas por que não consigo parar de imaginar o que ele está fazendo? — falou sozinha ao olhar para as estrelas sumindo lentamente no céu. — Será que Albert está acordado? — Sorriu ao imaginar isso. Pegou o celular e digitou uma mensagem.

Quando acordar, quer ir andar um pouco? Seu machucado ainda está doendo?

Em poucos minutos seu celular tocou, alertando-a sobre uma nova mensagem. Sorriu ao ler.

Quer ir ver o sol nascer comigo?

Albert.

Aceito.

Charlotte.

Ele logo enviou outra mensagem.

Arrume-se, estou passando aí para te buscar.

Albert.

Charlotte suspirou ao retirar os fones de ouvido. Arrumou-se rapidamente, vestiu um short jeans e uma blusa comprida, colocou seus tênis, pegou a bolsa e saiu do quarto. Andou silenciosamente pelo corredor. Mesmo sabendo que Carl ainda não havia voltado, ela sentia como se a qualquer momento alguém fosse aparecer. Ao abrir a porta da casa, poderia jurar que seu coração estava prestes a saltar pela boca. Caminhou pelo jardim olhando para os lados, pois desde o momento em que pisou na varanda não viu nenhum segurança. Estranhou, mas agradeceu mentalmente ao abrir o portão em direção à rua. Assim que saiu, viu Albert parado do lado de fora, dentro de um carro. Acenou para ele e caminhou em sua direção.

— Obrigada pelo convite — disse, parando diante dele.

— Eu que fico feliz por ter me mandado a mensagem. — Sorriu, fazendo uma careta de dor em seguida. Quando ria, seu rosto doía, consequência do soco de Carl.

— Ainda dói? — Charlotte perguntou colocando a mão no rosto dele. — Não tomou remédio?

— Isso foi um soco e não uma gripe. — Ele colocou a mão sobre a dela. — Estou bem. Vamos? — perguntou, abrindo a porta do carro para ela.

Charlotte assentiu com um sorriso no rosto. Ela gostava da forma como ele a tratava, mas por algum motivo procurava por Carl nele. Entrou no carro e logo depois Albert sentou-se ao seu lado. Mandou o motorista seguir, sem nada mencionar, deixando a jovem curiosa para saber qual seria o destino deles. A sensação de surpresa e animação faziam bem a ela. Por alguns momentos ela seria capaz de esquecer as palavras duras de Carl.

Carl segurou o volante do carro com força ao ver Charlotte sorrir, acariciar o rosto de Albert e entrar em seu carro. Ele havia ido à boate, saiu acompanhado por uma mulher, da qual não se lembrava o nome, mas em algum momento a deixou sozinha no hotel e, ao voltar para casa, viu sua esposa saindo. Por um momento desejou que ela tivesse saído por vê-lo chegar, mas percebeu que o motivo de sua felicidade era outro. Havia ficado tentado a sair do carro e tirá-la dele novamente, entretanto não queria fazer isso. Não quando ela tinha a chance de ser feliz, ao menos longe dele.

— Será melhor assim — falou ao vê-los afastar-se. — Mas por que não acho que isso esteja certo? Eu me diverti, ela também tem esse direito.

A cada pensamento que ele tinha sobre o assunto, mais raiva sentia. Xingou a si mesmo quando deu ré e começou a seguir o carro em que eles estavam. Estranhou o caminho que estavam tomando e surpreendeu-se, minutos depois, ao ver aonde ele a havia levado. Eles estavam na ponte que cruzava o rio Sena.

Charlotte saiu do carro maravilhada. Ela nunca havia ido àquela ponte com o sol prestes a nascer. Sorriu ao ver Albert parado ao seu lado. Desejou que ele a abraçasse, mas sorriu diante de seu pensamento. Fixou a atenção no

sol surgindo aos poucos no horizonte.

— Charlotte — Albert falou, olhando-a —, sei pelo que você tem passado. Quando me contou, eu não havia acreditado muito. Não passava pela minha cabeça que um pai poderia vender sua filha tão facilmente, mas, ao conhecê-la, a cada dia tive a certeza de fazer a coisa certa. — Segurou-lhe as mãos e forçou-a a encará-lo. — Sei que está casada, mas... Sei também que não gosta dele, pelo menos quero acreditar nisso. Quero acreditar que há uma chance para nós dois. Por isso, quero lhe fazer uma proposta. — Sorriu ao ver seu olhar surpreso. — Como sabe, minha família é rica e eu tenho que estudar fora, o mais tardar no ano que vem. Você... Quer ir comigo?

— Como assim?

— Não se preocupe. Iremos como amigos. Quero saber se gostaria de me acompanhar. Não precisaria se preocupar com nada. Eu bancaria tudo e meu pai faria tudo para manter o seu marido longe de você. Minha família tem muito poder devido ao dinheiro.

— Nada vem de graça Albert. Aprendi isso tarde demais — ela disse com o olhar perdido.

— Eu entendo o seu pensamento, mas... não é de graça. Eu teria a sua companhia e isso me bastaria.

— Está querendo que eu saia do país com você e moremos juntos?

— Sim, mas pode ser como irmãos. Só quero que esteja ao meu lado. — Acariciou seu rosto, suavemente. — Sei que não está feliz. Preciso apenas olhar em seus olhos para saber disso.

— E qual seria o destino?

— Se aceitar, podemos ir para qualquer lugar que queira.

— Mas... sou menor de idade e .. casada — ela disse com tristeza na voz.

— Já procurei saber sobre isso. Se você é casada, o seu marido é responsável por você, sendo menor de idade, mas você poderia convencê-lo, eu ou minha família. Não me importo de fazer qualquer coisa por você.

— Por que é tão gentil? Se fosse mais bruto ou cruel, seria mais fácil. Tudo seria mais fácil — murmurou.

— Sou assim porque gosto de você. Pense sobre isso. Você terá um

ano para decidir. No dia em que nos formarmos no colégio, terá que me dar uma resposta.

— Certo — ela assentiu, encarando-o com o semblante leve. — Obrigada por tudo. — Ela o abraçou, surpreendendo-o. O sol nasceu enquanto continuavam abraçados, como se estivesse abençoando a ambos.

Carl olhou para o que via à sua frente, ainda no carro, e fechou os olhos. Ele não conseguiu continuar a assistir aquela cena. Para ele, aquilo havia sido demais. Estava explícito que Charlotte sentia algo por Albert, pensou.

— Eu não gosto dela. Acho que ela é infantil, mas porque não consigo ver isso sem sentir nada? — falou para si mesmo ao olhar para a sombra do casal no chão.

Ligou o carro e foi embora. Não olhou para o retrovisor uma só vez e agradeceu por ter se controlado. Ele não iria fazer outra cena por causa dela. *O único culpado por tudo é meu pai, que me forçou a casar com uma criança*, pensou enfurecido. Dirigiu sem destino por horas. Ele não queria voltar para casa. Sorriu ao ver o rumo de seus pensamentos. *Um lar com Charlotte. Devo estar ficando velho, nunca fui sentimental e não é agora que vou começar*, decidiu-se.

CAPÍTULO 12

A sociedade de Paris encontrava-se exultante e curiosa sobre o casamento do príncipe Carl Philippe Willians III, todos queriam conhecer o príncipe e sua esposa. Por isso, enviavam-lhes inúmeros convites. Entretanto, nenhum dos convites era aceito. Carl olhou frustrado para a pilha de convites à sua frente. Fazia semanas que enviavam novos convites, um atrás do outro. Ao segurar um convite dourado, com um símbolo familiar, abriu-o e sorriu.

— Nesse, farei questão de ir — disse, colocando-o de lado.

Voltou a atenção para as correspondências, mas seu pensamento estava na pessoa que havia enviado o convite. Minutos depois levantou-se da

cadeira e olhou pela janela de seu escritório. Viu Charlotte sentada na cadeira embaixo do guarda-sol, na piscina, lendo um livro.

— Mesmo ela não estando pronta, terá que ir — disse, encaminhando-se para a porta.

Desde o dia em que havia a seguido a segurança fora redobrada e em todo lugar que ela ia havia um segurança seguindo-a, fosse ao seu lado ou à paisana. Nunca mais tentou conversar com ela, pelo menos nada que não fosse necessário. Ele percebeu que daquele jeito talvez, aguentasse os cinco anos tranquilamente, sem perder a paz e a sanidade.

Ao avistar a piscina fez uma careta ao olhar para ela. Ela vestia um pequeno short e uma blusa curta, branca. *Como consegue ficar tão indiferente vestindo-se dessa forma quando eu não consigo desviar o olhar?*, pensou ao caminhar até ela. Parou ao seu lado e a fitou, esperando que ela percebesse a sua presença.

Charlotte não conseguia entender o que estava lendo. Seu corpo estava na piscina, mas sua mente vagava para o momento em que Carl a havia beijado e na proposta que Albert lhe havia feito. Estava tão imersa em seus devaneios que não percebeu a presença de Carl. Apenas quando virou o rosto viu um par de sapatos ao seu lado. Levantou a cabeça lentamente e, por um momento, imaginou ter parado de respirar. Carl estava ao seu lado, encarando-a com aqueles olhos tão penetrantes.

— Aconteceu algo? — Charlotte perguntou com voz trêmula.

— Você precisa prestar mais atenção ao que acontece ao seu redor — disse sério. — Estou aqui, parado, ao seu lado há alguns minutos e você sequer notou a minha presença.

— Desculpe — ela murmurou.

— Não vim aqui para isso — falou como se estivesse lembrando-se de algo ao escutar sua desculpa, sabendo o quão era desnecessária. — Vim dizer para iremos a uma festa hoje à noite.

— Festa?

— Sim. É formal. Mais tarde virão lhe arrumar. Comporte-se e não cometa erros infantis. É muito importante que pareçamos um casal apaixonado. Estamos entendidos? — falou, virando-se de costas.

— Por quê? Por que é importante que eu minta estar apaixonada?

— Não é da sua conta, apenas faça isso. — Dizendo isso, ele foi embora sem dar maiores explicações.

Charlotte ficou parada, vendo-o se afastar enquanto imaginava o motivo. *Será que é por causa de alguma mulher?*, pensou ao voltar a atenção para o livro.

Charlotte olhou-se no espelho mais uma vez antes de sair do quarto. Ela não se parecia consigo mesma. O vestido vermelho colava em seu corpo, deixando-o sensual, o decote do peito realçava seus seios, enquanto o decote das costas a deixava insegura. Seus cabelos encontravam-se presos em um tipo de coque moderno. Um par de brincos de diamantes repousavam em suas orelhas.

— Quem é você? — ela perguntou ao olhar para o próprio reflexo no espelho. — Por que a cada segundo que te olho não tenho orgulho e sim vergonha? — Suspirou, colocou um falso sorriso no rosto e saiu do quarto.

Ela já sabia que Carl a esperava na sala de estar. Desceu as escadas cuidadosamente e ao chegar à sala o viu. Ele estava de costas para ela, mas, como se adivinhasse que ela estava olhando-o, ele se virou.

Carl não disse nada e sua expressão não se alterou, apenas caminhou até ela e estendeu o braço, escondendo a surpresa ao vê-la. Charlotte ficou tentada a ignorá-lo, mas por fim cedeu. Caminharam juntos até o lado de fora da casa, onde uma limusine com uma bandeira no capô os esperava. Ela entrou primeiro, sentando-se próxima à janela e logo depois Carl entrou segurando uma pasta nas mãos. Sentou ao lado dela e entregou-lhe a pasta.

— Leia — ele disse, olhando para o outro lado.

— O que é? — ela perguntou abrindo a pasta. Leu os papéis que estavam dentro dela e o encarou, procurando uma explicação. — O que significa tudo isso?

— Você quer que todos saibam da aposta e do verdadeiro motivo do nosso casamento? Aposto que não. Então, apenas grave o que está escrito e diga isso, se alguém perguntar.

— E por que todo esse esforço? É apenas uma festa. — Ela olhou para o semblante dele e percebeu algo. — O que há, afinal? Não é o seu pai. Ele está na Inglaterra. Seria... alguma amante?

— Apenas limite-se ao seu papel de esposa apaixonada e não de esposa ciumenta.

— Terá que me contar a verdade, senão...

— Senão o quê? — ele a interrompeu, encarando-a. — Vai dizer a verdade? Diga. Quem irá enfrentar olhares de pena e compaixão será você. Faça como quiser, mas aconselho a fazer como estou falando.

— Sempre é assim comigo — ela falou baixo, desviando o olhar. — Você sempre é frio, distante e indiferente.

— Quer que eu seja amoroso ou talvez romântico e te leve para pontes quando o sol estiver nascendo? — Encarou-a, avaliando suas reações.

— C... Como... Por que disse isso? — perguntou nervosa, encarando-o. *Será que ele viu?*

— Existe algo especial em pontes e sol? Acho muito clichê e patético. Não falei por nada especial, mas por que o nervosismo? Fez algo errado, por acaso?

— Errado? — Ela riu irônica, recuperando o autocontrole. — Quem faz algo errado aqui é você.

— E o que eu faço de errado? Fiquei curioso — disse, ao encará-la fixamente.

— Não se finja de idiota.

— Quero escutar de você. — Antes que Charlotte pudesse falar alguma coisa o carro parou e o motorista avisou que haviam chegado. — Esqueça esse assunto. Sorria e imagine que me ama — disse ele antes da porta ser aberta pelo motorista.

Assim que Charlotte colocou o pé para fora da limusine viu os repórteres aglomerando-se para tirar uma foto sua. Ao sair do carro olhou para Carl, que sorriu, oferecendo-lhe a mão. Ela segurou a mão dele,

apertando-a, demonstrando todo o medo e nervosismo que sentia.

— Acalme-se — ele sussurrou em seu ouvido em tom autoritário. — Desse jeito ninguém vai acreditar na história.

— A história que inventou é ridícula — ela disse em voz baixa.

— Não fui eu. Foi a equipe de publicidade do palácio. Eles costumam ter uma imaginação muito fértil — respondeu, sorrindo para os repórteres.

Ele parou no meio do caminho e segurou Charlotte pela cintura. Depositou um beijo em sua bochecha, acenou e a levou para dentro do salão, onde acontecia a festa.

O salão estava repleto. Todos bem-vestidos e incrivelmente charmosos. Charlotte sentiu-se deslocada ao ver todos olharem para ela, enquanto sorriam e comentavam uns com os outros. Por onde passavam, todos os cumprimentavam. Afinal, o príncipe da Inglaterra estava ao seu lado e, querendo ou não, ela era agora uma princesa.

— Tenho que falar com algumas pessoas. Quer vir ou ficar por aqui? — ele perguntou sério, fitando-a.

— Pode ir — ela disse depois de pensar.

Carl a soltou e caminhou até um grupo de homens. Ela ficou parada, olhando ao redor. Tudo era estranho e frio em sua opinião. Suspirou antes de começar a andar pelo salão. Reparou na decoração, nas pessoas, em suas risadas falsas, em seus atos controlados.

— Tudo parece um grande teatro — murmurou.

— E é. — Uma voz masculina disse, deixando-a surpresa. — É Charlotte, a esposa do príncipe Carl da Inglaterra, não é?

— Sim — ela respondeu insegura, olhando para o homem ao seu lado. Ele era alto, tinha belos olhos azuis e um sorriso encantador. — Você é?

— -Pode me chamar de Klaus — ele disse, sorrindo. — É a sua primeira vez em uma festa assim?

— -Na verdade, sim. É tão fácil perceber?

— Não. — Ele sorriu, olhando-a. — Presumi, por vê-la sozinha em um canto. Pelo seu jeito comunicativo, acredito eu, que se estivesse vindo para essas festas antes já estaria rodeada de pessoas, falando sobre coisas fúteis e

fofocando sobre a vida alheia — falou sorrindo.

— Mas eu poderia não querer conversar com elas sobre isso — tornou ELA. — Desculpe-me, acho que me expressei mal — falou ao ver-lhe o olhar intrigado.

— Não se preocupe. Eu entendi. Quer beber alguma coisa?

— Não obrigada, estou bem — falou olhando ao redor. Todos estavam com uma taça de champanhe ou vinho nas mãos. — Essas festas são sempre assim?

— Assim como?

— Chatas e monótonas.

— Sempre — ele respondeu antes de gargalhar —, mas algumas vezes tem algum escândalo. Ultimamente, nem isso está acontecendo. Olhou ao redor e apontou um grupo no canto da sala. — Está vendo aquelas pessoas? — Ao vê-la assentir, continuou: — Todo mundo tem um grupo, pode-se dizer assim. Aqueles ali no canto são os novos-ricos da nova era. Ganham dinheiro com internet, programas e tudo que seja relacionado à terceira ou quarta revolução industrial. Aquele outro — falou, apontando para um grupo de mulheres — é o das que se casaram com homens ricos. Na verdade, são, em sua maioria, burras e chatas, e assim sucessivamente.

— Então... Eu estou nesse grupo? — indagou, encarando-o.

— Não. Você está em um grupo totalmente seletivo. O grupo da raridade, o qual tem apenas dois membros: eu e você — falou sorrindo.

Charlotte sorriu, mas, ao olhar para a frente, o sorriso sumiu de seu rosto. Carl caminhava em sua direção e não parecia contente com o que estava vendo.

CAPÍTULO 13

Carl sorriu para os homens ao seu lado. A conversa era sobre negócios, puramente. De vez em quando ele olhava para trás, à procura de Charlotte. Ele sabia que ela ainda não estava preparada para aquele tipo de reunião. As

peessoas que se encontravam ali não eram nada amigáveis e pareciam estar apenas esperando uma brecha para colocá-la para baixo. Um dos homens começou a puxar assunto diretamente com ele, impedindo-o de vigiá-la constantemente. Minutos depois, ao virar-se, viu a última pessoa que esperava ao lado de Charlotte. Sem, sequer pedir licença, saiu caminhando em direção ao casal, o qual conversava e sorria alegremente em um canto da festa. No momento em que seu olhar cruzou com o de Charlotte, ele percebeu que ela tinha ficado apavorada. Parou em frente a eles.

— Sinto interromper a conversa, mas ela virá comigo — Carl falou sério, segurando o braço de Charlotte enquanto encarava Klaus.

— Ora, não vai cumprimentar um velho amigo? — Klaus falou sorrindo. — Como vai, Carl?

— Bem, até lhe ver.

— Sempre irônico. Nunca vai mudar? Charlotte pode não gostar e te largar, sabia? — Sorriu. — As meninas gostam de pessoas engraçadas, não é mesmo Charlotte? — ele perguntou, olhando-a.

Charlotte manteve-se em silêncio. Ela havia percebido um clima estranho entre eles e por isso optou por não tomar partido de ninguém e apenas observar.

— Klaus, não se aproxime dela — Carl falou antes de puxá-la para longe do homem que sorria misteriosamente. Ele a soltou apenas do outro lado do salão, ao ver que algumas pessoas olhavam para eles com curiosidade. Suspirou, segurou na mão de Charlotte e caminhou até uma sala. Abriu a porta, colocou-a para dentro, entrou, fechando a porta em seguida. Ao acender a luz, percebeu que estavam em um banheiro. — O que conversava com ele?

— Por que me tirou da festa daquele jeito? — ela perguntou ao encará-lo. — Sabe o que as pessoas devem estar falando agora?

— Não me importo — falou sério. — Responda à minha pergunta.

— Qual é o seu problema? Foi uma simples conversa. Apenas falamos sobre as pessoas da festa.

— E por que ele? Por que conversar logo com ele?

— Ele foi o único que veio falar comigo enquanto você estava entretido

com seus conhecidos.

— Eu te chamei — falou, autoritário.

— Sim, claro que chamou. — Ela sorriu, irônica. — Não sei por que estamos conversando sobre isso. Não tenho interesse nele, se o problema é esse.

— Acha mesmo que eu estou preocupado por causa disso? Ele nunca olharia para você. Você não faz o tipo dele.

— Então, qual o problema? — ela perguntou, magoada. Encarou-o e pensou tristemente: *será que ele não me acha atraente?* — Eu não lhe desperto interesse, é isso que quer dizer?

— Não é de sua conta, mas não volte a falar com ele. Entendeu?

— Senão, o que vai fazer? Não pode ficar atrás de mim vinte e quatro horas por dia.

— Não posso e nem mesmo tentarei. Só estou lhe avisando, depois não venha atrás de mim quando algo acontecer. — Virou as costas para ela e, antes que abrisse a porta, a advertiu: — Quando voltarmos, você será romântica e apaixonada. Não quero ver esse semblante fechado e muito menos cara feia. Entendeu?

— Isso é ridículo — ela murmurou.

— Não me importa que seja ridículo, mas faça o que estou dizendo. — Ao dizer isso, ele abriu a porta, saiu do banheiro e esperou por Charlotte do lado de fora. Ela apareceu minutos depois, séria. Ele segurou em sua cintura e sussurrou ao seu ouvido: — Lembre-se que está apaixonada. Não fique parecendo que estou lhe matando.

— Mas é exatamente isso que está fazendo — ela sussurrou.

— Quer que todos saibam que você está comigo por uma dívida de jogo? Eu acho isso humilhante, mas se quiser.... O problema será seu.

Charlotte não disse mais nada, apenas virou o rosto enquanto ele a conduzia pelo salão. Todos olhavam para eles, mas os dois apenas sorriam.

Klaus observa o casal com curiosidade. Rumores estavam circulando sobre a circunstância de seu casamento, mas nada ainda havia sido confirmado. E se ele conhecia bem Carl, sabia que não havia se casado por vontade própria. Então, ou ele a havia engravidado ou fora obrigado. Sorriu.

— Será divertido descobrir isso. — Olhou Charlotte de cima a baixo.
— E como ela não é feia, será tudo mais interessante.

Carl não se afastou um segundo sequer de Charlotte, enquanto ela se sentia incomodada. A festa prosseguiu de forma tranquila até um dos amigos de Carl aproximar-se com um sorriso no rosto.

— Carl. — Um homem com sorriso carismático e olhar feliz falou, abraçando-o. — Quanto tempo, não é mesmo?

— Acho que uns três anos — Carl respondeu após se afastarem. — E como vai tudo na Islândia?

— Esplêndido, meu amigo. Deveria fazer alguns investimentos por lá. Tenho certeza de que não vai se arrepender. — Sorriu. Ao olhar para a mulher ao lado de Carl, estendeu-lhe a mão. — Prazer, Mike Courtney. — Segurou a mão dela e beijou-lhe o dorso, olhando-a nos olhos. — É um prazer imenso conhecê-la.

— I... Igualmente — falou sem jeito. — Sou Charlotte Tissou.

— Willians — Carl falou revirando os olhos.

— Como? — Mike indagou, encarando-o.

— O nome dela é Charlotte Tissou Willians. Ela é minha esposa. — Segurou o riso ao ver o olhar desolado de seu amigo. — Estou surpreso por não ter escutado as notícias.

— Cheguei ontem da Suíça. Isso foi realmente uma surpresa. — Sorriu ao olhar para Charlotte. — Você deve ser uma mulher bem calma, não é? Para aguentá-lo, tem que ser.

— Verdade — Charlotte concordou, sorrindo. — Vocês são amigos há quanto tempo?

— Vejamos — Mike falou, pensativo —, desde que tínhamos 15 anos. Aturo esse homem há muito tempo. Mas, e vocês? Por que se casaram tão rápido? Deveria ter me chamado para ser o padrinho. Nem quero imaginar quem chamou para ser padrinho! — Sorriu largamente ao ver a expressão de desagrado de Carl.

— Bem... — *Essa é a hora de mentir descaradamente*, Charlotte pensou ao encarar o homem à sua frente. — Não conseguimos aguentar. — Passou o seu braço pelo braço de Carl, segurando-o. — Nós nos conhecemos

quanto eu tinha 15 anos e foi amor à primeira vista. Assim que completei 16 anos ele falou com meu pai e nos casamos.

— Você tem 16 anos? — Mike perguntou, pasmo.

— Sim — ela assentiu com um pequeno sorriso na face, enquanto suas bochechas avermelhavam-se.

— Uau, você está muito bem! Quero dizer, aparenta ter 20 e poucos pela postura, mas bem nova pela aparência. Agora entendo porque ele se casou tão rápido. Tenho certeza de que estava com medo de perdê-la. Sem dúvida.

Charlotte limitou-se a sorrir levemente. Ela havia gostado da companhia de Mike, que aparentava ser animado e sincero. Olhou para o homem ao seu lado e percebeu que ele estava mais fechado que de costume. Ela estava tão entretida em seus pensamentos que não percebeu a música mudar e os casais dirigirem-se para a pista de dança. Aos poucos, sua atenção foi levada até os casais, que dançavam romanticamente. Ela sentiu inveja deles. Desviou o olhar quando percebeu que Carl a encarava com curiosidade. Ele não disse nada, apenas segurou sua mão e a levou até a pista de dança. Segurou em sua cintura, puxando-a para si, enquanto ela passava os braços timidamente pelo seu pescoço.

— Relaxe — ele sussurrou.

— P... Por que me trouxe para dançar?

— Se eu não fizesse isso, seria estranho, não é mesmo? — Ele a fez rodopiar. — Gostou de Mike?

— Ele me parece ser uma ótima pessoa — disse, sorrindo.

— Imagino — murmurou inquieto, tentando entender como Charlotte conseguia atrair tantos olhares e atenções masculinas.

Charlotte aconchegou a cabeça em seus ombros e aspirou seu perfume. Ele era único, pelo menos para ela. Ao olhar para cima, viu seus lábios e, aos poucos, a sensação e a imagem do beijo que haviam trocado formou-se em sua mente. *Será que não significou nada para ele?*, pensou ao fechar os olhos. *Seria bom poder sentir aquela sensação, pelo menos mais uma vez.*

Ao final da música, ele soltou sua cintura. Charlotte sentiu falta de seus braços ao redor de seu corpo, mas fingiu estar aliviada. Encaminharam-se

para onde Mike estava falando com algumas pessoas. Enquanto Carl conversava tranquilamente, Charlotte o observava. Ela percebeu que ele tinha covinhas quando sorria, que seu olhar era atento ao conversar com as pessoas e que franzia a testa quando discordava de algo. Aos poucos, desligou-se do mundo à sua volta. Para ela, existia apenas uma pessoa ao seu lado: Carl. E naquela noite ela percebeu algo: estava se apaixonando por ele.

CAPÍTULO 14

Apaixonada?, pensou sorrindo. *Não. Devo estar ficando carente e louca.* Olhou para o homem ao seu lado e não evitou uma expressão sombria formar-se em seu rosto. *Admito que ele é bonito, mas apenas isso. Tem um péssimo gênio, é mal-humorado, nunca repara em mim e vive tentando me intimidar. Sem falar que roubou o meu primeiro beijo apenas para demonstrar superioridade. Definitivamente, não tem como sentir algo por ele. Não sei como fui pensar em algo assim.* Ao escutar a conversar que Carl tinha com seus colegas, ela pensava. Ela ficou ao lado dele durante toda a festa, mas percebeu os olhares que Klaus lançava em sua direção e a vontade que tinha era ir até ele e descobrir o motivo dele ficar olhando-a, mas deu de ombros.

No final da festa, ao saírem, Carl segurou em sua cintura e a levou em direção à saída, enquanto cumprimentava a todos. Olhou uma última vez para Klaus e nesse momento apertou Charlotte contra si.

— Não estava nada mal — Carl sussurrou ao seu ouvido na saída.

— O... Obrigada — ela falou, sem jeito. — Mas... quem é Klaus?

— Ninguém que lhe interesse — disse ríspido, soltando-a e caminhando sozinho em direção ao carro.

— Como você consegue mudar da água para o vinho em questão de segundos? Devo ser muito azarada por me casar com alguém como você — murmurou ao segui-lo. Ao entrar no carro, não conseguiu evitar olhar para ele. Voltou a atenção para todos os traços de seu rosto. Suspirou ao perceber que os olhos dele mantinham-se fechados. *Ele é bonito até dormindo*, sussurrou.

— É incomodo e estranho suspirar quando estiver observando alguém dormindo, sabia? — Carl falou, ainda com os olhos fechados.

— C... Como?

— Se quer falar algo, é melhor dizer logo — ele disse abrindo os olhos e encarando-a. — Se for para perguntar sobre Klaus, a resposta é a mesma.

— Está bem — falou séria. — Não perguntarei mais nada. — Após dizer isso, voltou a atenção para a janela, tentando ignorar o homem sentado ao seu lado.

— Amanhã iremos almoçar juntos — ele falou após alguns segundos em silêncio. — Chegue cedo do colégio.

— Como? — Virou-se e o encarou. — Por quê?

— Tudo precisa ter um motivo?

— N... Não, mas...

— Apenas certifique-se de chegar no horário — disse mantendo a voz controlada o máximo que conseguiu.

— Tudo bem. — Ela virou o rosto, sorrindo discretamente. Por algum motivo ela se sentiu animada por ele tê-la convidado para almoçar. *Devo ser uma boba mesmo por ficar feliz por isso*, pensou.

A expressão no rosto de Carl mantinha-se impassível. O silêncio no carro foi inevitável. Ficaram sem olhar um para o outro ou proferir uma palavra durante todo o trajeto. Após longos minutos de silêncio, o motorista avisou que haviam chegado. Carl esperou o motorista abrir a porta, mas, quando estava prestes a sair, olhou para Charlotte e sorriu.

— Você estava muito bonita esta noite. Parabéns. — Ao dizer isso, saiu do carro sem olhar para trás.

— E... Ele.... me elogiou? — ela se perguntou perplexa, com as faces rosadas e um sorriso no rosto.

Charlotte levantou-se da cama atrasada, pois quando havia conseguido dormir era tarde e passara a noite toda relembrando o semblante de Carl ao lhe elogiar. Saiu de casa sem comer nada e a primeira pessoa que viu ao entrar na sala de aula foi Albert. Sorriu para ele e sentou-se ao seu lado. Ela sentia que o clima entre eles não estava o mesmo, mas decidiu pensar seriamente sobre a proposta que ele havia feito. Ela ainda não estava certa sobre seus sentimentos com relação a Carl, mas de uma coisa ela tinha certeza: ele não sentia nada por ela. E com esse pensamento em mente ela começou a prestar atenção na aula. Ao acabar a primeira aula, ela olhou para Marina e suspirou. Mesmo não querendo admitir, sentia falta dela. Gostava de conversar com ela. Olhou-a mais uma vez antes de levantar-se e ir em sua direção.

— Podemos conversar? — Charlotte perguntou insegura, olhando para Marina.

— Não tenho nada para falar contigo — Marina falou levantando-se da cadeira e afastando-se de Charlotte, mas ao ver que ela a seguiu respirou fundo e a encarou. — O que você quer, afinal?

— Entender por que teve aquela reação. — Ao ver seu olhar frio, suspirou. — Quero saber por que me bateu.

— Está se fazendo de inocente agora? — disse ao desviar o olhar.

— N... Não. Apenas não sei do que está falando.

— Lembra-se do garoto por quem foi apaixonada há dois anos? — Ao vê-la assentir prosseguiu sem sorrir. — Eu o amava. E ele também me amava, mas, para não lhe ferir, desisti dele. Desisti por você. Imaginei que fosse tão ingênua e pura que isso poderia lhe machucar gravemente e adivinhe o que aconteceu: você se casou com um homem da noite para o dia. Não posso dizer que me arrependi, mas imaginei que você fosse mais do que é agora. Nunca imaginei que fosse se vender assim. Não me arrependi pelo que fiz, mas estou decepcionada com você. E pensar que desisti de um amor por alguém que se vendeu a um homem apenas por ser um príncipe. Ganhou o que em troca? Dinheiro? Joias? E ainda mentiu para mim todo esse tempo.

— Marina.. Deixe-me explicar, por favor — ela pediu com voz chorosa.

— Não precisa. Apenas não quero voltar a ser sua amiga. Vamos

esquecer que um dia fomos amigas, está bem?

Ao dizer isso, virou-se de costas e caminhou em direção à porta, mas Charlotte segurou seu braço, fazendo-a virar-se.

— Eu fui vendida para ele — confessou com lágrimas nos olhos.

— Como? — Olhou-a, incrédula.

— Me casei com ele por uma aposta. Meu pai me perdeu em um jogo para o pai do meu marido.

— O que está falando não faz sentido. É ridículo.

— Eu sei que não, mas... é a verdade. Entendo se não quiser mais falar comigo, mas queria te falar a verdade. Meu pai me perdeu em um jogo de roleta para o rei Willians. Ele apenas me casou com seu filho porque foi apaixonado pela minha mãe e ela o rejeitou. — E encarou-a sem jeito, abaixou a cabeça. — Desculpe-me por tomar o seu tempo. — Sentiu uma lágrima cair pelo rosto. — Se não quiser falar comigo, eu vou entender. — Sorriu tristemente, virou-se e foi embora, deixando Mariana parada, perplexa, vendo-a afastar-se lentamente.

Charlotte andou pelo corredor de cabeça baixa, aos poucos as pessoas pararam de falar. Tudo começava a voltar ao normal. Ela sabia que todos pensavam como Mariana, mas não dava importância a eles. Para ela, ser odiada por todos era algo a ser ignorado e à medida que o tempo ia passando as pessoas não davam mais importância. Charlotte parou em frente a uma máquina de refrigerantes, pegou uma moeda e, ao colocá-la na máquina, escutou uma voz familiar.

— E o meu? — Albert perguntou sorrindo logo atrás dela.

— Albert — Charlotte disse, virando-se com um sorriso no rosto. Abraçou-o, pegando-o de surpresa. — Obrigada por estar aqui.

— Aconteceu algo? — ele perguntou preocupado, abraçando-a.

— Apenas me abrace — ela pediu ao fechar os olhos e apoiar a cabeça em seus ombros.

Albert não disse nada, apenas a apertou contra si e aproveitou o momento. Ele havia imaginado os dois se abraçando daquela forma há muito tempo, mas, ao perceber que ela estava triste, recriminou a si mesmo. Apoiou-a como um amigo faria, tentando deixar os seus sentimentos de lado,

mas percebeu que isso estava se tornando cada dia mais difícil.

Klaus olhou para o relógio e sorriu. *Apenas mais alguns minutos e irei vê-la*, pensou ao caminhar em frente ao colégio de Charlotte. Ao ver que os alunos estavam saindo, ele colocou os fones de ouvido e, ao vê-la, sorriu, caminhando em sua direção. Fingiu esbarrar nela e, ao pedir desculpas, tirou os óculos escuros, fingindo surpresa.

— Que mundo pequeno! — exclamou, olhando-a. — Como está? Charlotte, não é?

— Isso. Klaus, certo? — ela perguntou curiosa, tentando esconder seus olhos avermelhados e sua expressão de tristeza.

— Sim. Não sabia que estudava aqui — ele disse, olhando para o colégio. — Parece ser muito bom.

— E é. — Sorriu sem jeito. — Me desculpe, mas tenho que ir.

— Oh, não se preocupe, mas... Não gostaria de tomar um pouco de suco ou café? Não sei bem o que os adolescentes gostam de beber. — Sorriu largamente. — E é difícil encontrar as pessoas ao acaso por aqui.

— Hum, isso é verdade — falou após pensar um pouco. Olhou para o relógio e deu de ombros. Aceito, mas pode ser aqui perto?

— Claro. Será ótimo.

Klaus sorriu intimamente. Tudo estava sendo mais fácil do que ele havia imaginado. Acompanhou-a até uma lanchonete próxima. Sentaram-se em uma mesa discreta, fizeram os pedidos e se olharam sem falar nada até os sucos chegarem.

— Não imaginei que não teríamos assunto — Klaus falou sorrindo. — Mas esteve chorando?

— Chorando?

— Seus olhos estão vermelhos.

— Não é nada. Não precisa se preocupar, foi apenas uma irritação.

— Me desculpe, não deveria ter me intrometido em seus assuntos.

— Não tem problema, mas... o que fazia por aqui?

— Ah, estava caminhando. Gosto de caminhar sem destino.

— -Entendo — falou bebendo o suco.

— Não há nada que queira me perguntar? — Ao ver o olhar dela de indagação, continuou: — Como conheço Carl há mais tempo, imaginei que tivesse alguma curiosidade sobre ele. Sei que ele costuma ser fechado com as pessoas.

— Hum... — Após encará-lo durante alguns segundos, deu de ombros. *Não pode acontecer nada de ruim se eu fizer uma pergunta, não é mesmo?*, pensou. — Como conheceu Carl? — perguntou, tentando sorrir.

— Ele não te contou? — Ao vê-la negar, continuou: — Passamos um tempo estudando juntos em Harvard. Foi interessante. Ele foi um ótimo aluno, sabia disso? Ele entrou para a universidade mais cedo que os demais alunos. Talvez por isso vivia na farra, mas sempre tirava notas boas. — Sorriu. — Lembro até hoje de sua antiga noiva, Victoria. Uma beldade.

— Ex-noiva?

— Não sabia que ele tinha sido noivo? — Klaus sorriu ao ver a reação dela. — Faz um bom tempo, deve ter sido por isso que ele não falou nada.

— Hum... — Ela bebeu um gole do suco e o encarou. — Por que eles se separaram?

— Não sei bem os detalhes, mas acho que o romance esfriou.

— Entendo. — Ela olhou para o relógio e levantou-se assustada da mesa. — Sinto muito, mas tenho que ir. Até a próxima vez — disse, antes de sair da lanchonete.

— Não se preocupe. Não vamos demorar a nos encontrarmos — falou após terminar o suco sozinho na lanchonete.

Charlotte entrou apressada em casa. Foi direto para o quarto, tomou um banho rápido e trocou-se. Dirigiu-se até a sala de jantar e viu Carl sentado à mesa, almoçando.

— Poderia ter me esperado — ela falou ao se sentar ao lado dele. — Afinal, você que me convidou.

— Eu estava com fome e você atrasada — ele disse sem encará-la, tentando manter sua frieza habitual. Em seu íntimo, questionava-se sobre o motivo do atraso. Sobre ontem à noite... Você foi muito bem.

— Obrigada. — Agradeceu sem jeito. — Mas por que... Você não queria que eu ficasse próxima de Klaus?

— Há assuntos que não são da sua conta — disse ríspido. — E eu já disse que não iria responder qualquer pergunta que o envolvesse.

— Me desculpe, só estava curiosa.

— Espero que não haja uma próxima vez para essas perguntas.

— Não haverá — disse baixo. — Queria falar algo comigo?

— Sim. — Ele a encarou. — Se Klaus tentar aproximar-se de você, me avise.

— Mas por que ele tentaria?

— Apenas faça o que estou falando — disse, sério.

— Está bem — ela assentiu sem vontade. Encarou-o e ficou em dúvida se deveria falar sobre o encontro que tivera com ele. *É melhor não*, pensou ao vê-lo voltar a comer. — Vai fazer algo hoje à tarde?

— Qual o motivo da pergunta?

— Apenas curiosidade.

— Sim — disse, após encará-la durante alguns segundos. — Tenho que ir até a W. Sonic.

— W. Sonic?

— Sim. A minha empresa.

— Você tem uma empresa? — indagou, pasma. — Eu pensei que você vivia com o dinheiro da sua família, ainda mais após virar o príncipe

herdeiro. Pelo jeito, não é o vagabundo que pensei. — Ao perceber o que tinha falado ela colocou a mão sobre a boca e recriminou-se por não pensar antes de falar.

Carl a encarou sem expressão. Colocou os talheres em cima da mesa, levantou-se e respirou fundo. Ele já havia escutado comentários semelhantes àquele desde o enterro de seu irmão. *Eu sei que não sou tão bom quanto Andrew foi*, pensou antes de responder.

— Imagino que a sua percepção sobre mim não é das melhores, mas achar que sou um alguém que ficaria feliz pela morte de seu irmão para ficar com o dinheiro é muito ridículo, não acha?

— Bem... Eu não quis dizer isso, mas falei apenas porque não lhe vejo fazendo nada. Então, pensei que...

— Você pensa demais e, se não faço nada, não é da sua conta.

— Me desculpe — ela falou baixo. — Não foi minha intenção dizer algo assim.

— Imagino — tornou ele, irônico.

Olhou-a e sem dizer nada saiu da sala de jantar em silêncio. Charlotte colocou o talher sobre a mesa e suspirou. Ela sentiu-se mal pelo que havia falado, mas ficou pior ao perceber que ele estava tentando manter uma conversa com ela, enquanto ela havia estragado tudo.

— Talvez, esse casamento esteja fadado ao fracasso — falou ao olhar para o prato. Levantou-se da mesa e foi para seu quarto. Havia perdido o apetite. Ao deitar na cama, viu seu celular indicando uma nova mensagem. Abriu-a e sorriu ao ler.

Fazendo o que? Estou aqui tentando terminar aquele trabalho chato. Quer me ajudar? Se fizer isso, poderá ganhar sorvete em troca. Topa?

Albert.

Não perderia isso por nada.

Charlotte.

Pode passar aqui em casa? Já te mando o endereço.

Albert.

Charlotte leu o endereço e sorriu. Vestiu-se rapidamente, pegou a mochila e saiu animada de casa. Conseguiu convencer os seguranças a levá-la próximo ao local e irem embora. Ao avistar a casa de Albert, ficou pasma. Era linda e enorme. A casa dele, devido ao tamanho, parecia uma mansão. Ela apertou a campainha e esperou ansiosa. Não demorou para que o próprio Albert abrisse o portão para ela.

— Que bom que veio — disse ao abraçá-la. — Veio me ajudar ou apenas arrumou isso como desculpa para me ver? — perguntou, sorrindo.

—Bobo — sorriu. — Vim lhe ajudar. E também não queria ficar sozinha naquela casa. É solitário demais.

— Entendo. Sempre que quiser pode vir aqui e nunca vai se sentir só. — Ele segurou-a pela mão e puxou-a para dentro. — Quero que conheça o meu cachorro — disse, animado.

Charlotte sorriu enquanto deixava-se ser guiada por Albert. Ela nunca o havia visto daquela forma tão simples e infantil, mas gostou do que estava vendo. Ele estava demonstrando ser extremamente simples e ingênuo.

CAPÍTULO 15

Carl entrou na empresa W. Sonic sério. O almoço com Charlotte não havia sido o que ele esperava. Entrou no elevador acompanhado de seu secretário e do gerente de sua mais nova filial. Ao chegar à sua sala e encontrar diversos documentos em cima da mesa para analisar, ele percebeu que ainda tinha muito trabalho a fazer, mas a única coisa que lhe perturbava a mente eram as palavras de Charlotte. Desde pequeno, ele sentia inveja de seu irmão, mas, com o passar do tempo, começou a viver sua vida do jeito que queria e aos poucos foi construindo uma empresa de informática sem que sua família soubesse. Começou a fazer sucesso e, com o tempo, a atenção da família voltou-se apenas para Andrew. Sentindo-se solitário e esquecido, ele

começou a sair à noite, a divertir-se sem precedentes. Namorou inúmeras mulheres, solteiras e casadas. Com isso, ele esperava apenas atenção, algo que jamais teve. Seus pais haviam pensando nele apenas na morte de seu irmão. Lembrou-se do momento em que seu pai havia lhe informado sobre sua nova posição e não deixou de sorrir. Como sempre, ele havia sido frio com ele.

O rei Willians caminhou pela empresa silenciosa e, ao parar em frente à porta da sala de seu filho mais novo, abriu-a sem esperar ser anunciado pela secretária. Encontrou Carl sentado, entretido no computador.

— Precisamos conversar — Willians disse sério, fazendo com que Carl voltasse a atenção para o homem que havia acabado de entrar.

— O que foi?

— Seu irmão foi morto esta manhã — disse sério.

— Como? — ele perguntou, assustado. — O que aconteceu? Quem fez isso com ele?

— Não precisa se prender a detalhes, mas vim lhe informar que, a partir de hoje, o mais novo príncipe herdeiro é você. Esteja no palácio na próxima semana. Temos que lhe ensinar algumas coisas e lhe deixar a par da situação. Precisaremos informar à mídia sobre a morte dele e informar que o príncipe herdeiro será anunciado após um tempo de luto.

— Como pode falar coisas assim? Meu irmão está morto e já escolheu um substituto para ele? Espero que esteja mentindo ou fazendo isso para ninguém perceber a sua dor.

— Estou sendo racional. — Encarou-o. — Não falte. Temos algumas coisas a resolver. Vá o mais cedo possível. — Dizendo isso, virou-se de costas e foi embora sem dizer mais nada.

Carl balançou a cabeça para espantar os pensamentos ruins. Ligou o computador, tentando se concentrar no trabalho, mas aos poucos a imagem de Charlotte veio-lhe à mente.

— Por que ela é tão infantil? — falou sozinho ao lembrar-se do almoço. — Eu queria apenas conversar um pouco com ela. — Emburrou-se e, frustrado voltou, ao trabalho.

Albert segurou a bandeja e com um sorriso no rosto caminhou até o jardim, onde Charlotte esperava por ele. Ela estava distraída e não percebeu sua chegada. Ele colocou a bandeja em cima da mesa e sentou-se ao seu lado.

— Em que estava pensando? — perguntou, curioso.

— Nada importante — ela disse sorrindo, olhando para as duas taças de sorvete à sua frente. — Cumpriu a sua promessa, isso é ótimo — falou bem-humorada.

— Nunca fujo das minhas obrigação e promessas — Albert disse, entregando-lhe o sorvete. — Soube que falou com Marina hoje no colégio.

— Sim, as fofocas são bem eficientes, não é?

— Na verdade, sim. Vocês se entenderam?

— Não. Acabei contando a verdade, mas ela não acreditou em mim — disse, triste.

— Não fique assim. Ânimo. Tenho certeza de que ela vai acreditar, mais cedo ou mais tarde.

— Só espero que não seja tarde demais — murmurou.

— Nunca te vi tão pessimista.

— Nem eu, para ser sincera.

— O que aconteceu? — ele perguntou segurando sua mão. — Pode contar comigo. Sabe disso, não sabe?

— Sei, sim — ela assentiu, encarando-o. — Apenas... me sinto só. É estranho estar casada e não conhecer a pessoa com quem se trocou votos na igreja. Acho que fui louca por ter aceitado esse casamento. Talvez eu devesse

ter me escondido quando fugi.

— Está arrependida?

— Um pouco.

— Sabe que a minha proposta está de pé, não é?

— Sei sim e estou pensando nisso seriamente — disse, séria. — Obrigada, Albert. Não sei o que faria sem você.

— Nem eu sei o que faria se não tivesse lhe conhecido — sorriu.

— Mas, você mora aqui sozinho? — ela perguntou olhando em volta. — Desde a hora em que cheguei não encontrei ninguém.

— Bem, não é que eu more sozinho, mas... a minha família gosta de me dar privacidade.

— Privacidade?

— Pode-se dizer que sim — ele disse sem sorrir —, mas vamos mudar de assunto. O que fará no sábado?

— Nada, eu acho.

— Então, tem um compromisso marcado comigo.

— E o que faremos? — ela indagou, animada.

— Que tal passearmos de barco?

— Muito romântico — ela sussurrou com um sorriso no rosto. — Aceito.

Albert ainda segurava-lhe a mão e com a outra acariciou seu rosto. Para ele, Charlotte era única e estava disposto a tudo para conquistar seu coração.

Carl chegou em casa cansado. Seus ombros doíam de ficar sentado por tanto tempo. Alguns meses parado no palácio não haviam feito bem a ele. Sorriu com o pensamento e, ao subir as escadas, estranhou o silêncio. Parou em frente ao quarto de Charlotte, bateu e, como não ouviu nenhuma resposta,

abriu a porta e ficou surpreso ao encontrar o quarto vazio. Desceu as escadas, abriu a porta de casa e, ao ver o chefe dos seguranças no jardim, foi ao seu encontro.

— Onde está Charlotte? — indagou, sério.

— Ela saiu — ele disse, tranquilamente.

— Sozinha?

— Sim. Ela havia avisado que iria se encontrar com o senhor — disse, já confuso. — Aconteceu algo?

— Ainda não, mas vai acontecer hoje — falou, encarando-o. — Não a deixe sair sozinha mais, está me escutando? Não me importa se ela vai se encontrar comigo ou com o presidente dos Estados Unidos. Ela só sairá acompanhada. Entendeu? — disse, rude.

— Sim senhor.

— Ótimo — murmurou, voltando à entrada de casa. — Muito bem, Charlotte. Tentei ser bonzinho, mas você não me deixa escolha.

Charlotte abriu o portão de casa, apreensiva. Ela não havia imaginado que demoraria tanto na casa de Albert, mas eles estavam tão felizes, se divertindo, que se esquecera da hora. Entrou com cuidado e respirou aliviada ao abrir a porta do quarto. Tudo estava na mais perfeita escuridão, apenas a claridade da lua entrava pela janela. Assim que ela ia acender a luz, sentiu a respiração de alguém em seu pescoço. Ficou paralisada sem conseguir falar nada. Em poucos segundos, a pessoa segurou seu ombro, fazendo-a virar-se de frente encostou-a na parede, aproximando os seus corpos.

— Onde estava? — Carl falou com uma voz assustadoramente autoritária.

— Carl, o que faz aqui? — ela perguntou com a respiração ofegante. Sentiu suas faces avermelharem-se. Estava a poucos centímetros dos lábios

dele.

— O que acha? Estava lhe esperando — falou apertando seu pulso enquanto aproximava mais o rosto do dela. Charlotte já estava sentindo sobre si a respiração quente dele. Fechou os olhos e esperou pelo inevitável.

CAPÍTULO 16

Carl não conseguia dormir e esperou Charlotte chegar em seu quarto. Sentou-se na poltrona e a esperou no escuro. Já estava perdendo a paciência e o bom senso e, ao olhar para o relógio, sentiu a paciência esgotar-se. Já era quase meia noite. Levantou-se da poltrona, foi até a janela e viu chegando. Ela mantinha um sorriso na face e isso o deixou mais nervoso ainda. Esperou que ela entrasse no quarto e, assim que a viu, foi ao seu encontro. Parou atrás dela e, em um movimento rápido, a virou de frente para ele, colocando-a contra a parede e colando seus corpos. Perguntou onde ela estava e, logo após a sua relutância em responder, aproximou seus rostos. Sentiu a respiração dela e a viu fechar os olhos.

— O quê? Espera que eu a beije? — perguntou sorrindo.

— O quê? — Charlotte abriu os olhos e percebeu seu sorriso irônico. — Nunca. Nunca desejei que você me beijasse e não é agora que vou querer isso.

— Sério? Então, acho melhor fechar seus olhos agora, Lotte — ele disse, aproximando seus lábios dos dela. Encostou-os, acariciou-a com os lábios e sorriu intimamente ao vê-la fechar os olhos e ansiar por mais. — Onde estava? — sussurrou sensualmente enquanto encostava os lábios nos dela.

— Eu... Eu estava com Albert — respondeu ela enquanto buscava os lábios dele, ansiosa.

— Fazendo? — perguntou dando um selinho nela e logo depois voltando ao mesmo jeito de antes, apenas fingindo que iria beijá-la, deixando-a ansiar por seus lábios.

— Estudando. Ajudei ele com um trabalho — falou com os olhos

fechados, fazendo biquinho para que ele a beijasse.

— Sério? — Ele a soltou e se afastou com um sorriso nos lábios ao ver seu semblante confuso. — Nunca mais minta. Não sei o que foi fazer com Albert e nem quero saber, mas da próxima vez que mentir irá temer as conseqüências de seus atos, entendeu?

— O quê? Mas... você não estava prestes a... — ela começou a falar sem conseguir terminar. Ela olhava para ele demonstrando toda a confusão que sentia.

— Te beijar? Não sonhe. Não foi você mesma quem disse que nunca iria querer me beijar? Mas não foi isso que pareceu. — Sorriu. — Fiz isso apenas para que me contasse a verdade, mas não sei se funcionou. Duvido muito que tenha ficado estudando com ele até tarde. Espero que a sua tarde tenha sido muito... prazerosa — falou friamente. — Pois foi a última. Nunca mais irá sair sem segurança e muito menos vai à sua casa. — Caminhou até a porta, abriu-a e rumou em direção ao seu quarto, parando ao escutá-la gritar.

— Seu idiota! — Charlotte gritou do lado de fora do quarto com toda a coragem que sentia. Viu-o virar-se lentamente e encará-la sem expressão. — É isso mesmo. Você é um grande idiota.

— E posso saber por quê? — indagou, frio.

— Como você insinua que eu tive algo com Albert de forma tão descarada? Acha mesmo que sou igual a você?

— E não é?

— É claro que não! Ao contrário de você, tenho princípios e sentimentos pelas pessoas.

— Então, eu não tenho sentimentos ou princípios? — ele perguntou caminhando em sua direção.

— Não — disse firme, encarando-o. — Você brinca comigo como se eu não tivesse sentimentos. Como ousa fazer isso? Como ousa dizer que sou igual a você e ainda insinuar me beijar? — gritou, enfurecida.

— O problema todo é esse? — ele disse com um pequeno sorriso nos lábios. Parou na frente dela e rapidamente passou os braços ao redor de sua cintura. — Lembre-se que foi você mesma que quis isso — disse antes de tomar seus lábios.

Charlotte permaneceu surpresa ao sentir os lábios de Carl sobre os seus. Ela sabia que deveria afastá-lo, mas não conseguiu. Fechou os olhos e rendeu-se ao desejo. Sentiu o hálito dele e percebeu ter gosto de menta. Colocou um braço em sua cintura e outro sobre sua nuca, fazendo com que ele aprofundasse o beijo. As línguas dançavam em sincronia, no mais perfeito ritmo, como se tivessem sido moldadas para se encaixarem.

Carl surpreendeu-se ao sentir a mão de Charlotte sobre sua nuca, mas apenas a apertou contra o corpo com mais força. Sentiu todos os seus movimentos e sua vontade era levá-la para o quarto e terminar o que estavam começando. Aos poucos, a respiração ficou ofegante fazendo com que se separassem. Ele não a soltou e nem ela. Ficaram se encarando sem dizer nada. Apenas duas respirações ofegantes eram ouvidas no corredor. Charlotte não sabia o que fazer. Ela ainda queria continuar beijando-o, mas temia sua reação e, em seu íntimo, recriminava a si mesma pelo que estava pensando e fazendo. Carl estava se segurando para não carregá-la no colo e levá-la para sua cama. Fantasizou que ela estava deitada com os cabelos jogados sobre o travesseiro.

— Isso está indo longe demais — falou baixo ao perceber aonde seus pensamentos o estavam levando. Largou a cintura dela e afastou-se. Ao olhar para seus olhos pôde perceber um ar de decepção. — Quando começar algo assim tenha em mente que a pessoa pode não querer parar — falou com a voz rouca. Virou de costas e foi para seu quarto.

— Começar algo assim? — ela falou sozinha no corredor. Olhou para a porta do quarto dele e logo deu-se conta do que ele havia falado. Sentiu o rosto em chamas. Bateu na cabeça enquanto lamentava-se. — Louca. Louca. Louca. O que estou fazendo?

Entrou no quarto, trancou a porta e caiu na cama. Ficou deitada, abraçando seu travesseiro, sem dormir. Ela não conseguiu entender o porquê da vontade de beijá-lo. Pensou nisso a noite toda até que o cansaço a venceu e ela dormiu com Carl em sua mente.

Carl fechou a porta de seu quarto com força. Olhou assustado para sua imagem no espelho e foi direto para o banheiro. Ligou o chuveiro e tomou um banho frio.

— No que estou pensando? Ela é uma menina. Uma criança. Não posso ter esse tipo de pensamento com ela. Não posso fazer isso, ainda mais por ser isso que meu pai deseja — recriminou-se ao sentir as gotas geladas da água caírem em suas costas. Deitado na cama ficou tentado a ir atrás dela e fazer o que seu desejo pedia, mas fechou os olhos com força.

— Um carneirinho. Dois carneirinhos. Três carneirinhos. Quatro carneirinhos.

A noite para ele foi regada a carneiros pulando a cerca enquanto tentava acalmar o ânimo para não ir atrás dela.

CAPÍTULO 17

A semana passou tranquilamente. Charlotte não encontrou mais Klaus na porta do colégio, enquanto Carl mantinha a atenção no trabalho. Fazia alguns dias que ele chegava apenas de madrugada. Sua intenção era se cansar ao ponto de pegar no sono em qualquer lugar que estivesse, pois assim não teria pensamentos impróprios com relação a Charlotte. Na sexta à noite chegou depois da meia-noite e, ao entrar em casa, encontrou Charlotte sentada no sofá assistindo televisão com uma bacia de pipocas no colo. Sorriu levemente, e foi em direção às escadas, mas parou no segundo degrau, virou-se e foi até onde ela estava.

— O que está vendo? — perguntou, sentando-se ao seu lado.

— Oh, Carl... — murmurou surpresa ao vê-lo. — Chegou cedo hoje — ironizou ao olhar para o relógio. Ele costumava chegar as duas ou três da manhã.

— É sexta à noite. Ninguém queria trabalhar até tarde. — Ignorando o comentário dela, colocou sua maleta no chão, afrouxou a gravata e olhou para a televisão. — Um filme de terror?

— É. Não é ruim — falou encarando-o. — Por quê?

— Como?

— Por que está puxando conversa comigo?

— Moramos na mesma casa, somos casados e eu acabei de chegar do trabalho. Não vejo mal algum em puxar conversa com minha esposa, não concorda? — Sorriu. — Está com medo de algo? — acrescentou com malícia olhando para seus lábios.

— Medo? Não tenho o que temer — ela respondeu vacilante —, mas é estranho querer conversar do nada.

Carl apenas assentiu enquanto fingia assistir ao filme com ela. Aos poucos, observou seus gestos. Percebeu que quando ela tomava algum susto fechava as mãos, como se estivesse prestes a bater em alguém. Não lhe passou despercebido que ela não gostava de ver sangue, pois toda vez que apareciam cenas assim ela cerrava os olhos. *Não sei por que escolhe um filme desses para ver*, ele pensou ao olhar para a televisão e ver o momento em que o assassino matava sua vítima da forma mais dilacerante possível, com uma serra elétrica.

— Esse filme não é nada mal — Carl comentou ao colocar o braço por trás da cabeça de Charlotte, em cima do sofá.

— Nunca vi tanto sangue. Mais parece um filme de massacre.

— Se não gosta, por que está assistindo?

— Sem opção melhor.

Carl limitou-se a sorrir e, sem perceber os seus olhos começaram a fechar, lentamente. Em poucos minutos pegou no sono. Sua cabeça pendeu para o lado, caindo no ombro de Charlotte. Ela ficou surpresa ao sentir a cabeça dele em seus ombros e ao olhar para ele, sorriu. Olhou com atenção para seu rosto.

— Sua boca é tão bem-feita — disse ao contorna-la com o dedo. — Deve ser por isso que beija tão bem. — Acariciou seus cabelos, contornou todo seu rosto sempre prestando atenção para que ele não acordasse. Logo o filme acabou e os créditos começaram a subir. Então, Charlotte olhou para o homem cansado ao seu lado. O observou dormir e, com pena de acordá-lo, colocou a cabeça sobre a dele, fechou os olhos e adormeceu.

Um barulho incomodou Carl e, ao abrir os olhos, percebeu ter adormecido no sofá da sala, mas sua surpresa foi maior ao olhar ao redor e ver Charlotte dormindo ao seu lado. Com cuidado segurou a cabeça dela, enquanto a afastava de seu ombro. Colocou-a encostada no sofá, desligou a televisão e olhou para seu corpo no encolhido no sofá.

— Será que daqui a alguns anos ela deixará de ser tão infantil? Eu espero que não, já que isso a torna doce — murmurou com um sorriso na face. Segurou em suas pernas e em seu pescoço, erguendo-a em seus braços. Ela não demorou a envolvê-lo pelo pescoço. — Espero que esteja dormindo, senão... Dessa vez, posso não me controlar — sussurrou ao subir as escadas com ela.

Fez o caminho para chegar ao quarto dela com lentidão, a última coisa que ele pretendia era acordá-la. Ao avistar a porta do quarto, agradeceu mentalmente ao vê-la aberta e entrou, colocando-a, adormecida, no meio da cama. Viu-a se aconchegar no colchão e pegar um travesseiro, abraçando-o. Ele a cobriu com a colcha que estava dobrada na poltrona e a observou por alguns instantes.

— Parece um anjo assim, mas quando a beijo parece um demônio que acabou de ser libertado — murmurou ao dar-lhe as costas e se dirigir a porta, mas estacou ao ver uma foto na cômoda. Ela e Harry estavam sorrindo, se abraçando, em um parque em pleno inverno. Sorriu ao ver a foto, olhou mais uma vez para a menina adormecida na cama, e saiu do quarto dela, fechando a porta. *Talvez, eu devesse levá-la para ver o pai.*

Charlotte abriu os olhos com um sorriso no rosto. Ela havia sonhado que estava nos braços de Carl, enquanto ele a carregava até seu quarto, mas aos poucos as lembranças da noite anterior começaram a surgir em sua mente e, ao olhar para sua roupa, deu-se conta de que não havia sido um sonho. *Ele me carregou nos braços*, percebeu alarmada.

— Meu Deus — murmurou ao se sentar —, por que meu coração está batendo tão forte ao pensar nisso? — perguntou-se, colocando a mão direita sobre o coração.

Carl acordou cedo para um sábado, às oito da manhã encontrava-se de pé. Tomou um banho relaxante e, ao parar em frente ao armário, ficou em dúvida sobre o que usar. Já estava tão acostumado a vestir terno que apenas por imaginar vestindo-se de forma diferente sentia-se estranho. Ao virar o rosto, viu o sol brilhar pela janela de seu quarto. Deu de ombros no momento em que pegou uma calça jeans e uma camisa polo. Passou em frente ao quarto de Charlotte, viu a porta aberta e suspirou ao imaginá-la deitada no sofá. Chegou à sala de jantar sem expressão e, ao vê-la sentada tomando café, sorriu levemente. Sentou-se à sua frente e esperou a empregada servi-lo.

— Termine o seu café logo — Carl falou ao tomar a sua xícara de café.

— Por quê? — ela indagou, confusa, ao encará-lo. Mas, ao olhar para seus braços, lembrou-se dele carregando-a e sentiu as faces ficarem avermelhadas.

— Vamos sair hoje — disse, ao encará-la.

— Sair? Com você?

— Sim. Tenho um tempo livre e o tempo está ótimo. Não seria bom ficar presa em casa.

— Então... Está me chamando para sair, para eu não ficar em casa, sozinha?

— Apenas fique pronta — disse sério. Levantou-se da mesa e a olhou.
— Estarei lhe esperando no jardim. Não demore.

Charlotte ficou segurando o copo de suco, enquanto um sorriso brotava em seu rosto. Viu-o se afastar, mas, ao tomar o suco e comer um pão rapidamente, acabou lembrando-se de Albert.

— O que eu faço? — perguntou-se. — Devo ir com quem marquei primeiro — decidiu-se minutos depois.

Levantou-se apressada e foi ao seu quarto, pegou a bolsa e saiu. Encontrou Carl encostado no carro, olhando as flores do jardim. Aproximou-se dele, parando em sua frente. Ele olhou para ela e, sem dizer nada, abriu a porta do carro.

— Obrigada — ela sussurrou ao entrar. *Não teria como dizer não a ele*, pensou ao vê-lo entrar no carro e dar a partida. Discretamente, tirou o celular

da bolsa, discou uma mensagem rápida para Albert e sorriu para Carl. — Para onde vamos?

— Estava pensando em algo mais... infantil — ele disse com um sorriso no rosto.

— Está me chamando de criança? — ela replicou, ofendida.

— Estou.

— Idiota — murmurou ao vê-lo dirigir com destreza. Há quanto tempo dirige?

— Desde os 16, por quê? Está querendo aprender? — ele perguntou, sem tirar os olhos da estrada e do retrovisor, de onde percebeu que seus seguranças os seguiam.

— Não é isso, apenas achei que tem muita segurança no volante.

— Anos de prática e de rachas de carro.

— Racha? Você corria?

— Era um piloto bom. — Sorriu. — Na época do ensino médio fui o melhor. — Ao dizer isso acelerou um pouco o carro com um sorriso no rosto. Sentiu-se livre por alguns segundos. — Adoro essa sensação de velocidade.

Charlotte tentou assimilar a nova informação. A cada momento Carl demonstrava ser uma pessoa diferente da que ela imaginava. Já estava prestes a falar algo quando viu o destino deles: um parque de diversão.

Em uma mansão solitária, um garoto abriu os olhos, sorrindo. Ele havia sonhado durante toda a noite com seu encontro com a amiga. Ele estava certo de que a chance para se declarar seria aquele dia. Albert olhou pela quinta vez para o relógio e foi tomar banho, tão ansioso estava.

— Isso é um encontro, não é mesmo? — perguntou-se, animado, enquanto escolhia a roupa com cuidado. Já estava se vestindo quando escutou o celular. Viu o alerta de mensagem e abriu com um mau pressentimento.

Albert, sinto muito, mas não poderei sair com você hoje. Deixamos para uma próxima vez, está bem? Não fique bravo. Prometo lhe recompensar na segunda.

Beijos, Charlotte.

Aconteceu algo?

Albert

Carl me chamou para sair. Não tinha como dizer não. Sinto muito.
Charlotte.

Albert sentiu uma dor em no coração ao ler a mensagem. Colocou o celular em cima da cama, retirou a roupa vagorosamente e voltou a se deitar. Desde pequeno tinha como fuga de seus problemas adormecer e dessa vez não seria diferente.

Carl franziu o cenho no momento em que Charlotte segurava sua mão. Um frio subiu por sua espinha. Eles estavam indo em direção ao pior brinquedo já feito. O *evolution*, um brinquedo que virava de cabeça para baixo, dando uma volta de 360°.

— Por que não vamos a outro? — ele perguntou, já prestes a entrar no brinquedo. — Esse parece ser chato. Vamos aos carrinhos.

— Vamos nesse. — Ela olhou para ele e sorriu. — Não seja tão medroso — falou, puxando-o pela mão. Eles se acomodaram em seus assentos, colocaram a trava de segurança e, no momento em que o brinquedo começou a se mover, Carl fechou os olhos com força e segurou-se para não gritar. Charlotte olhava para ele, divertida. Ela nunca havia imaginado que ele poderia ter medo de um brinquedo daqueles.

Um homem saiu do brinquedo acompanhado por uma mulher. Ele

estava cambaleante e pálido.

— Nunca mais entro em uma coisa dessas — Carl sussurrou ao se sentar em um banco.

— Não seja dramático. Não foi tão ruim — Charlotte disse sorrindo, sentada ao seu lado. — Quer que eu lhe traga algo?

— O meu orgulho de volta — disse, sério.

— Dramático — ela disse sorrindo. — Já volto.

Charlotte caminhou indiferente entre as pessoas ao seu redor e parou apenas quando avistou o que procurava.

— Me dê um, por favor — ela pediu sorridente ao vendedor e, com a compra em mãos, voltou até onde Carl estava, mas parou ao vê-lo acompanhado. — *Quem é ela?*, perguntou-se ao ver a mulher sentado ao lado dele, sorrindo. Ela respirou fundo e caminhou até onde ele estava, decidida. Parou em frente a eles e ficou envergonhada ao vê-la falando no celular. *O que está acontecendo comigo?*, pensou ao olhar para a mulher ao lado dele.

— Já voltou? — Carl perguntou, olhando-a.

— Já. É para você — disse, estendendo o algodão doce.

— Algodão doce? — ele franziu a testa. — Não sou uma criança.

— Se não quiser, tudo bem. — Ela deu de ombros e sorriu ao vê-lo pegar de sua mão.

— Vou comer, mas porque não quero parecer ser ingrato — disse ao comer o primeiro pedaço.

Charlotte sorriu ao vê-lo comer. O dia passou de forma tranquila e divertida. Ela levou-o para todos os brinquedos que ele odiava enquanto ela se divertia ao ver o semblante de horror dele. Saíram do parque de diversões tarde da noite, apenas quando Carl reclamou do cansaço. Ao entrarem no carro, na volta, Charlotte fechou os olhos e começou a se perguntar o que estava acontecendo com ela.

Por que fiquei incomodada ao pensar que ele estava com aquela mulher?, pensou com os olhos fechados. *Nós não temos nada. Isso é ridículo. Ele só me vê como uma criança.* Suspirou profundamente, abriu os olhos e observou seu rosto. *Eu sei como ele me vê, mas como eu o vejo?* perguntou-se em pensamento.

CAPÍTULO 18

O céu encontrava-se sem nuvens e sem previsão de chuvas. Klaus sorriu ao olhar por cima de seus óculos escuros e ver a mulher por quem procurava. Ela não havia mudado nada, suas curvas continuavam as mesmas e seu cabelo chamando a atenção, como de costume. Ficou observando-a de longe, enquanto divertia-se em vê-la falar sobre os quadros na galeria em que trabalhava. Aos poucos, o passado começou a povoar sua mente.

Klaus andava pelo corredor da universidade de Harvard tranquilamente. Ele não tinha presa alguma para entrar na sala de aula e escutar um homem de meia idade falar durante horas sobre direitos humanos. Ajeitou a mochila no ombro e começou a percorrer com o olhar, maliciosamente, os corpos das estudantes. Para ele, qualquer mulher era fácil, afinal ele era rico e popular. Continuou a procurar pela sua próxima vítima quando a viu: uma mulher ruiva lia embaixo de uma árvore, com fones nos ouvidos. Ela se mostrava afastada do mundo, existindo apenas para o livro e a música.

— É ela — Klaus falou ao caminhar em sua direção, mas, quando estava próximo, parou ao ver um homem sentar ao lado dela e beijar-lhe os lábios. Sorriram um para o outro, enquanto conversavam. Isso pode se tornar interessante, falou consigo mesmo ao dar as costas e caminhar em direção à sala de aula. Ele estava precisando de distração e de informações.

— Devo ir até lá? — perguntou-se sorrindo. Atravessou a pista e, ao entrar na galeria, aproximou-se dela. — Boa tarde, poderia me explicar sobre esse quadro? — perguntou, referindo-se a uma obra cubista.

— Oh, com todo prazer — Victoria falou sorrindo, mas, ao se virar, deparou-se com uma pessoa, a qual não pretendia ver tão cedo. — O que faz aqui?

— Isso é modo de cumprimentar um velho amigo? — Klaus perguntou sorrindo e retirando os óculos escuros, exibindo seus olhos claros. — Há quanto tempo!

— Não o suficiente para lhe esquecer. Saia daqui — ela disse, séria.

— Vim apenas comprar um quadro. Não deveria tratar o seu cliente tão mal.

— Não trataria se ele não fosse um verme. O que quer? — Encarou-o. — Você nunca faz nada sem querer algo em troca. Diga logo.

— Já disse que não quero nada. — Sorriu olhando para um dos quadros. — Quero aquele quadro. Onde posso pagar?

— No caixa — ela respondeu, séria. — Você não veio apenas para isso.

— Claro que vim. — Ele virou as costas, mas voltou-se em seguida. — Lembrei de algo. Sabe Carl, seu antigo noivo? Está casado. — Sorriu. — E, o melhor: a esposa é uma criança de 16 anos, mas devo admitir que é muito bonita. Até mais, Vick — disse, saindo com um sorriso no rosto.

— Casado com uma garota de 16 anos? — Victoria repetiu as palavras de Klaus sem acreditar nelas.

Observou-o ir até o andar de cima da galeria para pagar a obra e não conseguia evitar a admiração. *Ele continua lindo*, pensou.

— Agora ela vai fazer todo o trabalho sujo — Klaus sussurrou ao ir para o segundo andar da galeria. Tudo estava se tornando mais fácil do que ele havia imaginado.

Charlotte olhou sem jeito para Albert. Desde a mensagem que havia enviado a ele, no sábado, nunca mais tinham se falado. Ela se aproximou sem jeito e sentou-se na carteira ao seu lado. Colocou o caderno sobre a mesa e suspirou profundamente.

— Me desculpe — ela falou sem olhar para ele. — Sei que errei e...

Prometo não desmarcar mais nada com você.

— Não precisa dizer nada — Albert falou levantando-se de sua carteira, ajoelhando-se ao seu lado. — Sei que ele é seu marido, e eu sou.... apenas... seu amigo — disse, triste. — Sei até onde posso ir.

— O que quer dizer? — ela perguntou, encarando-o.

— Não precisa se preocupar. — Acariciou-lhe o rosto. — Continue assim, sempre ingênua e doce.

Charlotte fitou seu rosto sem dizer nada. Sentiu o coração começar a acelerar e, antes que pudesse dizer algo, ele se levantou e sentou-se em seu lugar. Ela ficou olhando todos os seus movimentos até perceber que o professor havia entrado na sala, mas sua mente concentrou-se apenas no garoto sentado ao seu lado. A aula, para Charlotte, não demorou em passar e nem foi rápida, visto que sua mente não se encontrava naquele recinto. A sua imaginação vagava pelos cantos mais obscuros de seu coração, tentando decifrar seus sentimentos.

O som do sinal do intervalo preencheu todos os pensamentos de Charlotte. Ela acordou de seu transe e, ao olhar para a mesa onde Albert estava sentado, a encontrou vazia. Olhou ao redor, mas não o viu. Suspirou pesadamente ao pegar o seu iPod, ligou-o, colocou os fones e foi para a cantina. Nas últimas semanas, quando Albert não estava ao seu lado, era daquele jeito que ficava: sozinha.

Ela caminhou pelo corredor do colégio com a cabeça erguida, mas sua vontade era ir embora e refugiar-se em seu quarto. Parou em frente à lanchonete, fez o pedido e sentou-se distante dos outros alunos. Alguns ainda a olhavam com desprezo, enquanto outros a ignoravam. Tentou se concentrar na música, enquanto comia o lanche e estava tão imersa em seus pensamentos que não percebeu uma garota sentar-se ao seu lado.

— Oi — Marina falou, sem jeito.

— Marina?

— Me desculpe — falou, encarando-a. — Sei que fui irracional e ridícula. Me desculpe.

— Por que agora?

— Dizem que nunca é tarde para admitirmos os nossos erros, não é

mesmo? Sinto muito. De verdade. Sei que nunca poderemos voltar a ser como éramos antes, mas eu... queria tentar.

— Tem certeza de que não vai desconfiar de mim, de novo?

— Tenho. Já errei uma vez, não vou errar novamente — disse segura ao olhar para Charlotte, arrependida do que fizera. Ela ainda se recordara das palavras de Albert semanas antes. Ele afirmara que Charlotte não a havia enganado e que deveria ser perdoada por não ter falado nada. Agora, estava arrependida por ter exagerado em sua reação.

Marina abraçou Charlotte, sem importar-se com nada. Ela queria apenas poder voltar no tempo e dar apoio à sua amiga em vez de bater em seu rosto e virar-lhe as costas.

— Me perdoe — sussurrou em seu ouvido em meio a lágrimas.

Charlotte retribuiu o abraço, enquanto segurava as lágrimas. Pela primeira vez estava feliz por Albert não estar por perto, pois com ele ali ela duvidava que Marina tivesse coragem de dizer o que havia dito.

Albert sorriu ao ver Charlotte e Marina abraçadas. Já há algum tempo ele havia percebido os olhares de arrependimento de Marina. *Ela só precisava de um tempo*, pensou ao dar as costas e ir para sala. *Mas do que eu preciso? Me declaro ou a esqueço?*

Charlotte entrou no carro, feliz. Para ela, pouco importavam as outras pessoas, mas só em pensar que Marina havia voltado a ser o que era antes a deixava feliz. Sorriu para o motorista e sentiu vontade de compartilhar aquela felicidade com uma pessoa.

— Carl está no trabalho a essa hora? — ela perguntou, sorridente.

— Sim, senhora.

— Pode me levar até lá? — Ao ver o motorista assentir, sorriu e prestou atenção ao caminho que estavam percorrendo. Tudo parecia belo e simples para ela e só havia uma pessoa em sua mente com quem desejava

partilhar aquela sensação.

Victoria parou em frente à empresa de Carl, entrou ativa e dirigiu-se à recepção e não demorou para estar sentada em uma sala com três pequenas mesas, poltronas e uma bela vista. Em poucos minutos Carl entrou na sala e olhou, friamente, para a mulher de costas para ele. Ela se voltou e sorriu ao vê-lo. Carl sentou-se e esperou que ela fizesse o mesmo.

Victoria sorriu para o homem sentado à sua frente. *Ele não mudou nada com o tempo*, pensou ao olhar para Carl. Após escutar as novidades por Klaus, Victoria resolvera ir atrás dele para saber se era verdade e, o mais importante: se ele havia a esquecido.

— Quanto tempo — Victoria disse, sorrindo.

— O que quer? — ele perguntou friamente ao olhar ao redor. Estavam sentados na sala de espera da empresa, onde ficavam algumas mesas e máquinas de café. Ela havia ido procurar por ele e, ao vê-la, Carl se sentiu como anos antes, ferido e angustiado, mas estava certo de não demonstrar nenhum de seus sentimentos a ela, mesmo que fosse raiva ou desprezo por ter sido enganado pela mulher que um dia acreditara ter amado. — Duvido que você veio falar do passado comigo.

— Um pouco. Soube que se casou.

— Sim.

— E você a ama?

— Veio me perguntar isso? Então, acho que perdeu seu tempo. — Ele se levantou, mas ela segurou seu braço.

— Apenas espere. Pode me dar cinco minutos?

— Cinco minutos é muito tempo — ele disse friamente, puxando o braço. — Vou lhe dar cinco minutos.

— Cinco minutos não é nada para os cinco anos que passamos juntos.

— Não faço idéia do que queira, mas vou escutar. — Ele se sentou a contragosto e a encarou.

— Você me esqueceu?

— Do que está falando?

— Sei que terminamos da pior forma possível, mas eu não parei de pensar em você todos esses anos. Você também pensou em mim?

— Pensei. — Ele sorriu sem vontade. — Pensei em todas as formas possíveis de me vingar de você. Pensei em acabar com Klaus e com você, mas percebi que o melhor que poderia fazer era continuar com a minha vida. E foi o que fiz.

— Está dizendo que não sente mais nada por mim?

— Isso mesmo.

— Aqueles anos não significaram nada para você?

— Não significaram nada para você. — Dizendo isso ele se levantou e a olhou com indiferença. — Quem me traiu com Klaus foi você. Não me venha agora querer falar de amor. — Deu as costas para ela e caminhou até a porta. Entretanto, Victoria se levantou apressada e correu até ele. Pegando-o de surpresa, o abraçou, sentindo o calor de suas costas. — Eu... ainda te amo — disse, agarrada a ele. — Deixe-me apoiar em você, mais uma vez.

Carl ficou parado escutando o que ela dizia em silêncio. Aos poucos, as lembranças do passado começaram a surgir em sua mente com mais força.

Carl guardou a pequena caixa preta no bolso. Ele estava decidido a pedir Victoria em casamento. Caminhou sorrindo até sua casa, na qual moravam juntos havia seis meses. Sorriu ao lembrar-se do semblante de surpresa ao convidá-la para morar com ele. Ele abriu a porta com cuidado, queria fazer uma surpresa. Para ela, ele estava estudando com amigos e só voltaria à noite. Mas, ao entrar em casa, escutou um barulho vindo do quarto. Caminhou lentamente. Ao abrir a porta, estacou ao ver a cena.

Victoria estava por cima de Klaus, ambos nus, tendo relações na mesma cama onde outrora ele havia dito que a amava.

Carl não disse nada, apenas fechou a porta e foi embora sem olhar para trás.

Ele segurou as mãos de Victoria e as apertou durante um momento, mas, ao olhar para a frente, viu um par de olhos castanhos encarando-o sem reação. Charlotte estava à sua frente apertando a alça da mochila com força. Seu uniforme escolar contrastava com sua palidez, olhando-o como se esperasse por uma explicação. Ele afastou as mãos de Victoria, soltando-se, e caminhou até Charlotte. Parou diante dela, a enlaçou pela cintura e, sem dizer nada, beijou-a, sentindo o gosto salgado de suas lágrimas.

CAPÍTULO 19

Charlotte saiu animada do carro. Aquela seria a primeira vez que iria ao trabalho de Carl. Assim que chegou à recepção viu o olhar curioso com que a recepcionista a olhava. Ela ignorou.

— Onde está Carl? — Charlotte perguntou, encarando-a.

— Senhorita... O Sr. Willians encontra-se ocupado — falou, séria.

— Até para a sua esposa?

— Esposa?

— Sim.

— Não diga bobagens — murmurou, mas logo lembrou-se dos boatos e, sem acreditar, a encarou. — A senhorita é a Sra. Charlotte Willians?

— Sou, sim. Onde ele está?

— O Sr. Willians se encontra na sala de espera. É só ir até o terceiro andar, sair do elevador e seguir direto. Posso pedir a alguém para acompanhá-la, se assim desejar — disse solícita ao olhar com curiosidade para a jovem.

— Obrigada, mas não é necessário.

Charlotte sorriu ao ir em direção ao elevador. Percebeu algumas

pessoas a olharem, mas não disse nada e nem se importou. Ajeitou seu uniforme, entrou no elevador e esperou ansiosa que ele abrisse. Ela percebeu, ao chegar ao terceiro andar, o quão grande era a empresa. Caminhou despreocupada até a sala de espera e assim que abriu a porta ficou sem palavras ao ver a cena.

Uma mulher estava abraçando Carl, e ela era linda. Seu coração começou a se apertar e, sem perceber, sentiu seus olhos se encherem d'água. O casal à sua frente começou a ficar embaçado. *Por que estou assim? Eu não sou nada para ele e nem ele é para mim. Mas por que meu coração está doendo tanto ao ver essa cena?*, pensou ao olhar para os dois. Quando estava prestes a ir embora, viu Carl segurando a mão da mulher, afastando-a de seu corpo e caminhar em sua direção. Ela não estava preparada para o que estava prestes a acontecer. Ele segurou sua cintura e a beijou. O beijo não era como das outras vezes. Era vazio.

Os olhos de Carl mantiveram-se abertos durante os segundos em que colava seus lábios nos dela. Afastou seu rosto, olhou em seus olhos e viu um misto de surpresa, raiva e lágrimas. Ignorou ao se voltar para Victoria, ainda segurando a cintura de Charlotte. Olhou friamente para a ruiva, segurou a mão de Charlotte e a puxou em direção à saída. Ele percebeu que algumas pessoas estavam olhando a cena com curiosidade, mas não se importava. A única coisa que queria era sair de perto de Victoria e tentar apagar a tristeza dos olhos de sua esposa. Passou por todas as pessoas na empresa e, por um longo momento, esqueceu-se que estava segurando a mão de Charlotte.

— Espere — Charlotte disse ofegante tentando seguir seus passos. —
Vá mais devagar.

Carl parou e, ao olhar para ela, soltou sua mão. Voltou a atenção para si mesmo e não gostou do que viu. Seu coração ainda palpitava pelo abraço de sua ex-noiva. *Ou, talvez, tenha sido pelo beijo.*

— O que está fazendo aqui? — ele perguntou, olhando friamente para Charlotte, a qual mantinha os cabelos soltos no rosto tentando esconder a vergonha por ter mostrado a ela um lado seu que não desejava que ninguém enxergasse.

— Isso não importa. Por que me beijou? — ela disse sem jeito, olhando para baixo. — Quem era aquela mulher?

— Essas são perguntas para as quais não irei lhe dar uma resposta. Se você não tivesse aparecido, nada daquilo teria acontecido. O que veio fazer aqui? Quando lhe dei permissão para vir aqui? — perguntou, aumentando o tom de voz de forma grosseira.

— Nada. Desculpe-me, não voltará a acontecer — ela disse baixo. Ergueu um pouco a cabeça e o encarou sem expressão. — Não se preocupe comigo, não vou lhe perturbar mais e nem aparecer aqui. Estou indo para casa e não deveria depositar a sua raiva ou frustração em mim. Se deseja voltar para aquela ruiva, apenas vá. — Passou em frente a ele e, quando estava chegando ao elevador, limpou as lágrimas com o dorso da mão.

Carl viu Charlotte se afastar e apenas depois percebeu que ela estava chorando. Viu seus olhos vermelhos quando a porta do elevador se fechou. Quis ir atrás dela, mas não sabia o que dizer.

— É melhor assim — murmurou ao ir para sua sala, mas parou e olhou mais uma vez para o elevador. — O quê? Esperava que ela voltasse? Não seja idiota. Ela não gosta de você. Não é como se alguém, um dia, viesse a gostar dessa forma.

Charlotte passou pela recepção de cabeça baixa, não queria que ninguém a visse chorando. Saiu do prédio e, ao perceber que os seguranças não estavam lhe esperando na entrada, suspirou aliviada. Caminhou sem rumo até entrar no primeiro ônibus que viu. Encostou a cabeça na janela e desejou nunca ter ido àquela empresa.

— Por que estou assim? Ele não é nada para mim — murmurou, deixando as lágrimas caírem pelo rosto. — Se meu coração parasse de doer um pouco, seria mais fácil.

Não prestou atenção ao caminho que o ônibus fez e só percebeu que estava perdida ao se ver no último ponto. Desceu sem rumo, olhou para todas as pessoas que passavam por ali e chorou. Chorou por estar sozinha, por estar perdida e por seu coração estar doendo. Sem conseguir, deixou toda a mágoa e dor saírem através de choro do seu corpo. Sentou-se no meio fio. Não se importou com ninguém. Queria apenas chorar. Viu seu celular tocar inúmeras vezes, mas sequer o retirou da mochila. Quando já estava prestes a tirar a bateria dele, viu o nome de Albert no visor.

Albert parou o carro em frente à Charlotte. Viu-a sentada no meio fio chorando e suspirou. Ele havia ligado para ela e surpreendeu-se ao escutar sua voz de choro. Em poucos minutos pegou o carro, deu as instruções ao motorista e foi até onde ela estava. Ele não se importava como ela o via, apenas queria cuidar dela e protegê-la. Saiu do carro, sentou-se ao seu lado, passou a mão pelo seu ombro e a puxou para si.

— Chore o quanto quiser. Estou aqui. — Albert disse, enquanto olhava para o céu. *Um dia iremos olhar para a noite estrelada juntos e vamos nos abraçar, e nos beijar*, pensou. Mas, em seu íntimo, sabia que era um desejo difícil de se realizar.

— Obrigada, Al — Charlotte falou, ainda apoiada em seu ombro. — Obrigada por cuidar de mim como um irmão faria.

— Sempre estarei aqui, não importa o que aconteça — disse, apertando-a contra si como se ela fosse fugir a qualquer momento. — O que te faz chorar?

— A dor. Dói tanto... — falou, chorosa.

— O quê?

— Meu coração — ela murmurou.

— O que houve?

— Nada, apenas... — ela começou, sem conseguir terminar. As lembranças ainda a atingiam.

— É o Carl? — Ao vê-la assentir, suspirou. — Sabe que a minha proposta está de pé, se quiser ir antes basta me falar. Mas o que ele fez?

— Nada. O problema foi esse. Não sei por que, mas esperei que ele ficasse feliz ao me ver na empresa dele. Imaginei que... que ele fosse sorrir ao me ver. Mas ele...

— Ele te ignorou?

— Não. Me beijou, mas foi apenas para uma mulher ver. O beijo foi frio, era como se ele quisesse provar algo a ela, algo que ele não sentia. Apenas me usou. — Sorriu tristemente. — E logo depois... Se ele houvesse

me ignorado desde o começo desse casamento, se não tivesse me levado para o parque ou me carregado até a cama, tudo seria mais fácil. Agora, não consigo parar de pensar nele. Se ele não gostava nem um pouco de mim, por que foi gentil? Por que não consigo parar de pensar nele, nem por um segundo?

— Não sei — Albert disse, tentando não chorar com ela. Ouvir da mulher que amava a confissão de amor direcionada a outra pessoa o estava deixando triste. — Talvez... Talvez você o ame — disse a última palavra com pesar.

Charlotte preferiu não falar nada. Abraçou Albert e assim ficaram durante alguns minutos. Para ela, não foram as duras palavras de Carl que a magoaram, mas o jeito frio dele. Para ela, Carl, estava apenas usando-a em seu próprio benefício e descartando-a quando não precisasse mais dela.

— Ele não queria que eu fosse ao seu trabalho. Será que ele tem vergonha de mim?

— Se ele tiver, é um idiota.

— Mas.. Então, ele não quer os outros saibam que sou sua esposa? — perguntou, insegura. — Se for isso, é porque tem vergonha.

— Talvez, mas ele poderia não estar em um bom dia. *O que estou fazendo? Defendendo um homem que é casado com a garota que eu gosto? Isso é ridículo e meu comportamento é bem pior*, pensou resignado.

— Albert.. O que faria se eu dissesse que iria embora com você?

—Seria o homem mais feliz do mundo.

— Eu me decidi, vou embora com você — falou decidida segundos depois.

— O quê? Você decidiu isso agora?

— Talvez.

— Eu vou aceitar se você continuar com a mesma opinião no final do ano, mas agora é ridículo. Você está assim porque está magoada.

Charlotte passou o braço pelo seu pescoço e o beijou no rosto.

— Obrigada por existir — sussurrou em seu ouvido.

Carl chegou em casa mais cedo do que pretendia. Assim que Charlotte foi embora, ele foi avisado sobre o seu sumiço. Ele havia passado a tarde toda ligando para ela, sem sucesso, pois dava desligado e seus seguranças estavam atrás dela, mas nenhuma notícia havia sido relatada a ele. Ela estava desaparecida havia horas. Ele entrou no quarto dela, abriu algumas gavetas à procura de pistas, mas desistiu ao perceber o quão ridículo estava agindo.

— Ela não tem 24 horas sumida e poderei rastrear o telefone assim que ela o ligar. — Suspirou ao ir até a varanda do quarto. Olhou para o céu, mas um barulho o fez olhar em direção ao portão e o que viu o deixou sem fala, com o coração apertado. Charlotte estava saindo de um carro acompanhada por Albert, o garoto em quem ele havia batido no shopping. Ao olhar a cena sentiu vontade de descer e bater nele novamente, mas pensou direito.

Ele saiu do quarto dela em silêncio, abriu a porta do seu quarto e, ao entrar, atirou contra a parede a primeira coisa que viu: um vaso.

— O que está acontecendo comigo? — ele se perguntou ao olhar os cacos de vidro espalhados no chão. — Eu não posso estar com ciúmes dela. Isso é... inadmissível. Ela só tem 16 anos, é uma menina ainda e se eu estiver... Só significa que estou caindo na armadilha daquele rei egoísta. Não posso me apaixonar por ela — decretou para si mesmo.

CAPÍTULO 20

Charlotte entrou triste em casa. Assim que passou pela porta lembrou-se de Carl e não conseguiu evitar um aperto no coração. Ela desejava que ele estivesse esperando por ela em seu quarto, mas suspirou ao entrar e perceber que estava sozinha.

— O que eu esperava? Que ele ficasse esperando por mim até agora? — suspirou ao colocar a mochila em cima da cama. Ficou tentada a ir até o

quarto dele, mas resolveu tomar um banho. Demorou mais que de costume e, ao sair, teve uma surpresa: Carl estava sentado em sua cama, olhando para a janela.

— O que faz aqui? — perguntou surpresa, encarando-o.

— Por que você chegou com aquele garoto? — ele indagou sem olhar para ela.

— Não interessa. Assim como não me interessa o motivo pelo qual me beijou.

— Então, ficou brava com o beijo? — Ele a olhou impassível.

— Foi — ela mentiu. — Fiquei brava por ter me beijado. Você não tinha esse direito.

— Imaginei que estivesse assim por causa da Victoria.

— Victoria?

— A mulher com quem eu estava.

— Não me importei com ela — disse, mentindo novamente. — Agora, pode sair do quarto? Quero dormir.

— Dormir? Está tão cansada assim? — ele se levantou e caminhou até ela, parando em sua frente, arrependendo-se do papel que estava fazendo. — Aquele garoto lhe cansou tanto assim? — perguntou, frio.

— Isso não é da sua conta. Agora, saia do meu quarto! — falou alto.

— Como quiser — Carl disse impassível, caminhando para a porta, mas a voz dela o fez parar.

— Você tem vergonha de mim?

— O quê? — Ele se voltou e a olhou, incrédulo. — Você acha que eu tenho vergonha de você?

— Não de mim, mas de ter se casado comigo. Você sente vergonha?

— Se eu sentisse, o que faria a respeito?

— Eu... — Ela abaixou a cabeça e suspirou. — Eu lhe deixaria livre.

— Eu sou livre. — Deu as costas para ela, mas antes de sair falou, seguro: — Não sinto vergonha de ter me casado com você.

— Então, por que me disse aquilo? — Ao olhar para a porta percebeu

que ele tinha ido embora. Sentou-se na cama resignada e suspirou. — Então, por que foi tão frio comigo?

Carl acordou sentindo-se culpado. Ele sabia que o motivo de sua raiva era Victoria, mas havia descontado em Charlotte.

Talvez eu tenha feito isso por vê-la com aquele fedelho. Suspirou pesadamente ao sair do quarto e caminhar até a sala de jantar. Sentou-se à mesa em silêncio enquanto observava as ações de sua esposa, a qual mantinha-se impassível.

— Sobre ontem... — Carl começou a falar, inquieto.

— O que tem? — ela disse friamente, sem encará-lo.

— Não fui correto com você.

— Isso é algum pedido de desculpas? — perguntou, encarando-o.

— É... Deveria ser — murmurou ao tomar sua xícara de café. — Tem algo que eu possa fazer por você para compensá-la?

— Agora que me tornei uma cliente insatisfeita é que você precisa de algo para eu não colocar a empresa no Procon?

— Já vi que não vou conseguir conversar contigo hoje — falou levantando-se. — Se pensar em algo, basta me telefonar. — Saiu da sala a passos rápidos deixando uma mulher para trás, confusa.

— O quê? Me tratou daquela forma ontem e hoje está arrependido? — falou sozinha ao vê-lo sair. — Acha que é fácil perdoar?

No colégio, as pessoas estavam inquietas, pois a época de provas estava prestes a começar. Charlotte entrou em sua sala com um sorriso no rosto, o que contrastava com as olheiras em seu rosto. Olhou para Marina e acenou, sentou-se ao seu lado e guardou o lugar atrás dela para Albert.

— Você não dormiu? — Marina perguntou, encarando-a com curiosidade.

— Não muito.

— O que houve?

— Nada demais — respondeu com meio sorriso.

— Eu entendo que ainda não confie em mim, mas estarei aqui quando quiser conversar, está bem?

— Como podemos saber se estamos gostando de alguém? — perguntou, após encará-la durante alguns segundos.

— Hum... — Olhou-a durante alguns segundos e logo depois sorriu. — Primeiro de tudo é a necessidade de estar ao lado da pessoa o tempo todo. Sem querer, você acaba priorizando o indivíduo e para tudo em sua vida. O celular fica ligado o dia inteiro, esperando uma ligação, a cabeça não dá tempo para o resto e foca em só uma coisa. Se sente presa a alguém por algum motivo? E para terminar, se você tem dúvidas, é porque sente algo por ele. Se não sentisse, dificilmente estaria me perguntando isso. Quem é? Seu marido? — perguntou sorrindo. — Ou seria Albert?

— Albert? Não. — Sacudiu as mãos em negativo. — Ele é como um irmão para mim.

— Então, é Carl...

— N... Não.

— Se não fosse, você não teria ficado assim.

— Mas.. Se eu sinto o meu coração palpitar sem motivo aparente quando o vejo com outra mulher ou quando somente o vejo. Ou, então, quando o beijo. Isso também quer dizer que estou...

— Sim, você está apaixonada por ele — falou sorrindo. — Parabéns.

— Não deveria me parabenizar e sim me dar os pêsames.

— Por quê?

— Acho que errei ao ceder a esse casamento.

— O que houve?

Charlotte suspirou antes de contar o que havia acontecido. Não omitiu nenhum detalhe e, logo após terminar a narrativa, esperou a opinião de Marina, a qual se encontrava pensativa.

— Talvez ele tenha lhe beijado assim porque queria mostrar a ela que estava com você. Mas também pode ter sido para magoá-la, pois ele a ama. — Sorriu sem graça. — Não... Não deve ser isso.

— Você deve estar certa.

— Esqueça isso. Por que não saímos hoje à noite?

— Hoje?

— Sim, vou a uma boate. Quer ir comigo? Vai ser bom para descontrair.

— Boate? Somos menores de idade e...

— O dono é um amigo. Vamos? Agora seu pai não pode falar nada. Além do mais, você pode pegar essa oportunidade para esquecer os problemas e se divertir.

— Esquecer os problemas? — repetiu, constrangida.

— É claro. Vai ser divertido. Vamos?

— Não sei...

— Então, você tem apenas 16 anos, já passou por muita coisa. Venha comigo. Vamos aproveitar um pouco a nossa adolescência. — Piscou para ela sorrindo. — Um lugar cheio de pessoas é o palco da descontração. E tenho certeza de que seu marido iria odiar a ideia, sem contar que seria ótimo provocá-lo.

— Isso é meio duvidoso, na verdade.

— Concordo, mas é melhor do que ficar em casa presa, chorando pelos cantos e imaginando coisas. Vamos nos divertir e, de quebra, você pode chateá-lo. Afinal, foi isso que ele fez, não foi?

— Basicamente.

— Então, apenas aceite e eu faço o resto. — Sorriu encantadoramente. — Eu vou lhe ajudar, vai ser uma forma de me desculpar pelo meu comportamento de antes.

— Já disse que está tudo bem, não precisa fazer nada.

— Não importa. Eu vou lhe ajudar de qualquer forma.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer. Afinal, amigos servem para isso, para ajudar uns aos outros.

— Verdade — sorriu, envergonha. — Eu vou com você.

Marina sorriu ao ver o professor entrar na sala e voltou sua atenção para ele. Minutos depois, Albert entrou com um semblante de desânimo, sentando-se atrás de Charlotte. No meio da aula, Charlotte pegou o celular com cuidado e digitou uma mensagem rapidamente.

Já sei como pode me compensar. Hoje à noite vou sair e quero sair sozinha, sem seguranças.

Charlotte.

Carl sentiu o celular virar e, sem graça o abriu no meio da reunião. Ao ler a mensagem de Charlotte, engoliu em seco.

— Sair? Com quem? — gritou, atraindo a atenção das pessoas. Desculpou-se sem graça enquanto digitava uma resposta. — Quem ela está achando que é?

Sair? Para onde pensas que vai sem segurança?

Carl

— Penso? — Charlotte sussurrou ao ler a mensagem. — Por que ele é tão controlador?

Não penso. Eu vou. Afinal, você disse que iria me compensar, essa é uma ótima oportunidade.

Charlotte.

— Isso está ficando pior a cada mensagem — Carl murmurou ao lê-la.

Eu disse que iria lhe recompensar e não me fazer de cego. Para onde está pensando em ir? Porque posso pensar em seu caso.

Carl.

Eu não penso. Eu vou para a boate. Vou estudar agora. Bom trabalho.

Charlotte.

Você acha o quê? Não vai. Eu não vou deixar.

Carl.

Charlotte sorriu discretamente ao ler a mensagem de Carl. Guardou o celular na bolsa e começou a prestar atenção na aula.

— Não vou? — Sorriu. — Essa noite... Será hoje que vou tirar você do meu pensamento. Nem que seja apenas por alguns minutos, mas eu vou — pensou, decidida.

CAPÍTULO 21

Carl revirou os olhos ao entrar na boate Light. Ele estava vestido com as mesmas roupas com as quais havia ido ao escritório, apenas a gravata tinha sido retirada juntamente com o paletó. Sua camisa branca encontrava-se com os dois primeiros botões abertos, dando-lhe um ar másculo. Assim que chegou em casa, foi informado de que Charlotte ainda não tinha retornado. Ao acessar o GPS de seu celular descobriu onde ela estava: em uma boate.

Não havia sido difícil ir até ela, mas, ao entrar, percebeu que seria difícil encontrá-la. Muitas pessoas estavam aglomeradas na boate. Começou a caminhar entre elas enquanto olhava ao redor. Ele já estava irritado e cansado quando a viu. Olhou sem acreditar para a mulher que dançava com dois homens.

Assim que saiu do colégio, Charlotte colocou um boné, trocou de mochila e saiu com Marina. Ela havia saído sem ser reconhecida e foi direto para a casa da amiga. Albert não havia falado com ela direito, o que era estranho, mas ela decidiu resolver isso no dia seguinte. Esperaram ansiosas a

noite chegar para saírem. Às oito da noite já estavam prontas e animadas. Charlotte ficou parada na sala da casa de Marina vendo o seu reflexo no espelho sem acreditar no que via. Ela estava linda e aparentava ser mais velha. Sorriu ao ajeitar o cabelo, que estava solto sobre o pescoço. Pegou o copo que Marina havia lhe oferecido minutos antes e tomou de um só gole. Ao sentir o gosto amargo da bebida, fez uma careta.

— Isso é mesmo forte — disse, ao olhar para o copo vazio. Ela havia bebido conhaque.

Charlotte já estava ficando ansiosa quando viu Marina descer as escadas. Ela vestia uma saia jeans, uma blusa de corpete na cor preta e saltos altos.

— Estamos maravilhosas — Marina disse ao se aproximar.

— Verdade. Só espero que Carl não reclame muito depois.

— Esqueça-o. Essa será a noite das meninas — piscou para ela, segurou em sua mão e a puxou para fora, onde o irmão de Marina esperava ao lado do carro.

— Estão lindas — ele disse sorrindo ao entrar juntamente com elas no carro e dar a partida. Charlotte sentia as faces queimarem. A bebida já estava fazendo efeito, deixando-a mais solta e menos nervosa. Não demorou para o irmão de Marina estacionar o sedan preto em frente a uma boate. Saíram sorrindo e nem sequer entraram na longa fila. Bastou Marina falar com o segurança e logo se dirigiram à entrada.

Ao entrar na boate, Charlotte ficou deslumbrada com o que via. Tudo era escuro e excitante.

— Isso é ótimo. Estranho, mas ótimo. — Charlotte gritou para Marina escutá-la.

— Você ainda não viu nada — afirmou, segurando sua mão e puxando-a para o centro da boate.

Marina começou a dançar no ritmo da música enquanto sorria para Charlotte, incentivando-a. Charlotte olhou para as pessoas ao seu redor, começou a imitá-las e não demorou em encontrar seu próprio jeito. Logo estavam as duas rindo e dançando.

— Vou pegar uma bebida, você quer? — Marina disse próxima ao

ouvido de Charlotte. Ao vê-la assentir, sorriu.

Deixou-a no meio da pista sozinha e não demorou a estar de volta com dois copos, cada um com um líquido de uma cor. Entregou o azul a Charlotte e gargalhou ao vê-la tossindo no primeiro gole. É um coquetel com vodca. Vai com calma! — gritou ao beber o seu próprio.

— Isso é... Bom... — Charlotte sussurrou ao beber mais um gole, que lhe trouxe lágrimas aos olhos. Sorriu para Marina ao voltarem a dançaram juntas.

As duas dançavam sem preocupar-se com nada. Estavam tão imersas e lânguidas pela bebida que não perceberam a aproximação de três homens. Dois deles sorriram um para o outro ao verem Charlotte. Caminharam em sua direção, parando um à sua frente e outro atrás dela.

— E aí linda, está sozinha?— O homem, que aparentava ter 20 e poucos anos, com cabelos castanhos e olhos da mesma cor, sussurrou em seu ouvido enquanto segurava em sua cintura dançando no mesmo ritmo que ela.

— Estou com minha amiga — disse alto afastando-se dele. Ao andar para trás, porém, foi de encontro ao outro homem. Ele aparentava ter em torno de 18 ou 19 anos, tinha feições simples e semblante de bêbado. Ela olhou para ele sem jeito e, ao tentar ir embora, o mais velho segurou seu braço.

— Só queremos dançar. Vem — disse, encostando o corpo no dela.

Charlotte estava prestes a afastá-lo, mas, ao ver Marina beijando um homem despreocupadamente, deu de ombros. *É apenas uma dança*, pensou ao se deixar envolver por ele. Ela bebeu o resto da bebida que estava em seu copo em um só gole, passou os braços ao redor do pescoço do desconhecido e sorriu ao sentir as mãos dele em sua cintura. As luzes piscavam deixando-a mais animada. Aos poucos, começou a senti-lo muito próximo de si, mas não ligou. Ao contrário, começou a incentivá-lo. O homem sorriu ao ver seu estado de languidez, chamou o amigo, o qual estava atrás dela, e não demoraram para dançar juntos, os três. O mais novo segurou-a pela cintura, por trás dela, enquanto o mais novo fazia o mesmo, só que de frente para ela. Colocou-lhe os braços na cintura dele enquanto dançavam ao ritmo eletrônico da música. Em um impulso, Charlotte começou a se abaixar, levando os dois homens consigo em uma dança extremamente, sensual. Subiram lentamente,

tendo o homem mais novo o rosto próximo ao pescoço dela, e o mais velho com o rosto próximo ao dela, quase beijando-a. Toda vez que ele ia beijá-la, ela virava o rosto e sorria.

— Adoro meninas difíceis — ele sussurrou ao seu ouvido fazendo-a sorrir.

Carl olhava a cena sem acreditar. A Charlotte que estava dançando em sua frente não era a mesma que morava com ele, percebeu, pasmo. Ela vestia apenas uma calça jeans preta, colada em seu corpo, e uma blusa, igualmente preta, curta, mostrando sua barriga, sem contar o decote nas costas.

— Quem é essa? — ele se perguntou, alarmado ao vê-la. Começou a reparar no contorno de seu corpo, no modo como olhava para o homem à sua frente e engoliu em seco. — Ela está... fazendo sexo praticamente! — falou, parado no centro da boate enquanto a olhava sem acreditar ainda no que via. — Ela queria vir para isso — falou sem tirar os olhos dela nem por um segundo, ainda incrédulo. — Mas devo admitir que está linda. — Por impulso, Carl começou a caminhar em sua direção, parando logo atrás do homem com quem ela dançava. Ele ainda estava em dúvida se a mulher sensual à sua frente seria a mesma menina que morava com ele.

Em um único movimento o homem mais novo que dançava com Charlotte a virou-a, deixando-a de frente para ele. Ela sorriu enquanto colocava a mão em sua cabeça, mexendo sensualmente no cabelo, descendo e subindo, mas aos poucos seu olhar se concentrou em um homem parado poucos metros à sua frente, olhando-a sem expressão. Ela sorriu, afastou-se dos homens que reclamaram, mas seus olhos estavam fixos no homem à sua frente.

Carl reprimiu um insulto ao andar em direção a Charlotte. Parou diante dela, olhou-a de cima a baixo e murmurou algo. Ignorou os dois homens atrás dela, colocou sua mão sobre o braço dela e o apertou.

— Me larga! — Charlotte falou ao senti-lo puxando-a. — O que está fazendo aqui?

Carl ignorou seu protesto e já estava puxando-a em direção à saída quando um dos homens que estavam com Charlotte parou à sua frente. Carl tentou desviar, mas o homem não saía do lugar.

— O que quer? — Carl gritou, sem expressão em seu semblante.

— Largue a moça — disse sério, fechando os punhos. — Senão...

— Senão o quê? — provocou, com um meio sorriso no rosto. — Não deveria se meter com as mulheres dos outros, sabia? — disse, rogando aos céus para que ninguém o tivesse reconhecido. Olhou discretamente para o lado, ficando aliviado ao ver um de seus seguranças.

— E você não deveria acabar com a diversão dos outros. Largue a moça — disse ao ver o amigo dele segurando o outro braço de Charlotte.

Charlotte olhou para Carl e ficou surpresa ao ver sua reação. *Ele está calmo demais*, pensou ao olhar para ele. Ela sentiu o homem segurar seu braço com mais força, tentando fazer com que Carl a soltasse, mas, ao ver o que seu marido estava prestes a fazer, gritou.

Ao ver que Charlotte estava sendo segurada pelo homem Carl não pensou duas vezes. Largou-a e, no segundo seguinte, desferiu um soco no rosto do homem, fazendo-o cambalear para trás.

— Quer também? — perguntou para o homem que o havia parado. Ao ver seu semblante, voltou a segurar o braço de Charlotte, puxando-a.

Charlotte o acompanhou tentando assimilar o que havia acontecido, mas logo surgiu em sua mente a imagem de sua amiga, Marina, fazendo-a lembrar-se do motivo de estar ali. Puxou o braço com força, soltando-se de Carl. Ficou estática no meio da boate e o observou parar e voltar-se para ela.

— Hoje farei tudo o que me vier à mente. Sem arrependimentos — falou baixo, colocando um sorriso no rosto. Começou a balançar o corpo no ritmo da música e, ao ver Carl ainda parado, sem reação, fez sinal com o dedo indicador, chamando-o.

Carl começou a se mover sem perceber e logo estava diante de Charlotte. Ao ver seu rosto, achou-o vermelho demais, algo que havia passado despercebido, mas ele não quis se prender a esse detalhe.

— -O que ela está tentando fazer? — ele se perguntou ao vê-la dançar e não demorou a perceber que ela estava fazendo aquilo para ele. Ele sabia que deveria ir embora, levá-la à força, mas a curiosidade falava mais alto. Ele queria conhecer a nova mulher à sua frente. Seu corpo moveu-se e, sem que ele se desse conta, colocou as mãos sobre a cintura dela e a puxou para si. Aos poucos, não restou nenhum centímetro entre seus corpos. Carl colou seu

rosto sobre o dela e não demorou em entender a mudança. Ela cheirava a Vodca. E logo a realidade invadiu sua mente.

— O que acha que está fazendo? Sumiu e ninguém sabia onde estava. Quem pensa que é? E por que estava dançando daquele jeito com aqueles homens? Ficou louca? — falou, furioso ao lembrar-se do motivo de estar ali, enquanto segurava-lhe a cintura de forma possessiva.

— Foi? — ela sorriu, lânguida. — Você não deveria ter me encontrado então, não é? — disse, ignorando o resto de suas perguntas.

— Você por acaso está bêbada?

— Não — disse sorrindo, olhando para os lábios dele. Apenas me sinto mais solta. Você não?

—Não — disse alto, encarando-A.

— Sabe o que estou com vontade de fazer? — perguntou, próxima ao seu ouvido. — Estou louca para dançar e fazer tudo o que sempre quis.

— Quanto você bebeu? — ele perguntou em seu ouvido e surpreendeu-se ao escutar a gargalhada dela.

— Por que estamos conversando? Vamos dançar — disse, com as mãos em seu pescoço. Movimentou o corpo, colando-o mais sobre o dele, entrelaçou suas pernas com as dele e sorriu ao vê-lo suspirar profundamente.

Charlotte tirou os braços do corpo dele e o afastou um pouco. Piscou com um sorriso no rosto. Passou a mão sobre o tórax dele e logo a colocou sobre a abertura de sua camisa, aproximou-se e deu um beijo no pescoço dele. Olhou em seus olhos, colocou a mão dele em sua cintura enquanto a outra pendurava ao lado de seu corpo inerte.

— Que se dane! — Carl disse ao respirar fundo. — Sou forte, mas não sou de aço e muito menos santo. — Puxou Charlotte para si, segurou em seu pescoço e a beijou.

As línguas dançavam em sincronia e perfeição. Não havia carinho nas carícias trocadas, apenas desejo. As mãos de Carl desciam pelo corpo de Charlotte de forma desesperada, ele ansiava por ela.

Não demorou para ele acabar com a curiosidade ao colocar a mão nas costas dela. Sentiu uma enorme vontade de levá-la embora da boate ao perceber que ela não usava nenhum sutiã. As mãos de Charlotte percorriam

com curiosidade o corpo dele, mas ao mesmo tempo com ingenuidade. Carl percorria o corpo dela com curiosidade e fogo. Apertou as nádegas dela e gemeu baixo. A única coisa em que pensava era em sair da boate e levá-la para casa.

— Vamos embora — disse após separar seus lábios.

— Embora? Agora que ficou bom... — Ela sorriu, maliciosa.

— Tenha certeza de que vai ficar melhor — prometeu ao beijá-la novamente.

Charlotte se rendeu ao beijo dele e esqueceu onde estava. Começou a desabotoar a camisa dele. Mordeu o lábio inferior ao ver os músculos de seu tórax.

— É melhor irmos para casa. Não quero ser preso por transar em público — disse, sem se preocupar se ela havia escutado, segurando sua mão e levando-a para a saída.

— Mas, e Marina? — ela indagou na porta da boate.

— Aposto que ela está bem — disse, segurando-a pela cintura sem importa-se com os olhares que as mulheres lançavam em sua direção. Ele só conseguia pensar em levar sua esposa para a cama e consumir o casamento.

CAPÍTULO 22

Carl já não estava aguentando, olhou para Charlotte sentada ao seu lado e praguejou baixo ao beijá-la. Ele não estava acreditando em si mesmo, nunca havia sentido tanto desejo e ansiedade para estar com alguém antes. O motorista olhou pelo retrovisor reprimindo um sorriso ao ver a cena. Tentou disfarçar, mas ao ver onde a mão de Carl estava indo, acelerou o carro. Ele preferiria pagar uma multa com seu próprio salário a ver o casal tendo relações no banco traseiro do carro. Ainda mais sendo ele, o príncipe herdeiro. Os dois se beijavam com ardor e, ao sentir o carro aumentar a velocidade, Carl se afastou de Charlotte e sorriu para o motorista. Em poucos minutos estavam em frente de casa.

Charlotte segurou Carl pelo colarinho assim que ele abriu a porta.

Beijou-o e não demorou para estarem se beijando com ansiedade, ao mesmo tempo em que esbarravam nos moveis. Ela o empurrou, fazendo-o cair deitado no sofá. Sorriu ao ir para cima dele, segurou-lhe a blusa e a puxou, arrebitando os poucos botões fechados.

— Uau! — Carl exclamou ao vê-la. — Se eu soubesse que você era assim bebendo... Em nosso casamento teria oferecido uísque no lugar de água — disse antes de puxá-la para si.

Ela segurou os cabelos de Carl enquanto o beijava. Roçou seu corpo no dele de forma desesperada, fazendo-o arfar de desejo por ela. As mãos dele percorreram suas costas, logo puxando sua blusa e retirando-a. Sentiu os seios dela, nus, sobre seu tórax. Segurou-a pela cintura e beijou seu pescoço.

— É melhor terminarmos isso no quarto — sussurrou em seu ouvido. Afastou-a de seu corpo, levantou-se e olhou para o corpo dela. — Agora você não se parece nem um pouco com uma criança — falou ao oferecer a mão para ela.

Charlotte sorriu, levantou-se e pulou em seus braços, fazendo com que ele a segurasse pelas coxas, pois cada uma se encontrava em um lado do corpo dele. — Você está me saindo melhor que a encomenda — murmurou ao beijar-lhe a boca antes de caminhar em direção às escadas.

Passaram pelo corredor de forma desesperada. Ele a colocava contra a parede a todo instante. Ao chegar ao quarto, ele sorriu ao colocá-la deitada na cama. *Hoje você será minha*, pensou ao ver seu rosto ruborizado e sua respiração ofegante.

Deitou-se por cima dela, desceu em direção ao seu pescoço e, quando estava prestes a se direcionar aos seus seios, percebeu que a respiração dela tinha diminuído, ficando em um ritmo constante.

— Eu não acredito nisso — murmurou ao olhar para seu rosto, vendo-a com os olhos cerrados e a boca entreaberta. — Ela dormiu.

A primeira coisa que Charlotte sentiu ao abrir os olhos foi dor de cabeça e enjoo.

— Nunca mais vou beber — prometeu a si mesma ao olhar ao redor. — Onde estou? — perguntou-se ao não reconhecer o quarto em que estava. Levou a mão à cabeça, coçando-a, tendo lembrar-se de algo. Ajeitou o cobertor sobre o corpo, virou-se e no mesmo instante reprimiu um grito. Carl estava deitado ao seu lado.

Apenas respire, ordenou a si mesma mentalmente ao olhar para ele em seguida. Respirou fundo antes de levantar o cobertor de seu corpo e no segundo seguinte arrependeu-se.

— O que eu fiz? — murmurou ao se ver apenas de calcinha. Segurou o lençol com força enquanto tentava se lembrar. — Por que não consigo me lembrar de nada? Será que foi tão ruim?

— Acordou? — Carl perguntou, olhando-a ainda com os olhos semicerrados. — Dormiu bem? A propósito, quanto bebeu ontem à noite? — perguntou calmo, ainda admirando-a. Ele não queria admitir, mas a achou encantadora.

— Como?

— Pela sua cara, não deve se lembrar de nada — suspirou e a encarou. — Vai ser melhor assim. — Levantou-se da cama exibindo seu físico e caminhou até o banheiro. Ele não se importava por estar apenas de cueca Box, pois queria saber como ela iria reagir no dia seguinte.

— Melhor? — ela repetiu, pasma. — Ei, o que aconteceu ontem? — perguntou ao se levantar da cama, pegou a primeira coisa que viu à sua frente e vestiu para ir atrás dele. Ao entrar no banheiro, viu seu sorriso zombeteiro dele. — O que foi?

— Não deveria usar essa camisa. Você foi muito selvagem ontem à noite. Não há mais botões — disse, olhando descaradamente para os seios nus dela.

Charlotte olhou lentamente para seu corpo e, ao ver que ele tinha razão, virou de costas enquanto tentava fechar a camisa com a mão. — Merda... — murmurou.

— Eu vi isso tudo ontem. Não precisa ficar envergonhada. Mas não há muita coisa para ver, para ser honesto — disse sorrindo ao tirar sua única peça de roupa e entrar no box ligando o chuveiro, divertindo-se com as

reações dela.

— O que quer dizer com isso? Está dizendo que não tenho seios? — ela indagou furiosa, virando-se, mas seus olhos captaram uma imagem a qual não esqueceria tão cedo. Cobriu os olhos em seguida com a mão. — Qual o seu problema? Porque fica nu assim na frente das pessoas?

— Você é minha esposa, afinal — disse sorrindo ao deixar a água cair sobre o seu corpo. — Não se lembra de nada?

— Não.

— Uma pena.

— O que houve?

— Posso afirmar que ontem foi à noite mais... interessante que já tive com você — ele disse com malícia. — Não quer entrar aqui e tomar banho comigo? Tenho certeza de que vai ser mais divertido que ontem.

Charlotte retirou a mão dos olhos e, perplexa, encarou o homem à sua frente. Ela esperava tudo dele, menos aquilo. Ela não se importou com a camisa aberta e muito menos com a nudez dele. Andou até o box e abriu a porta transparente deixando-o surpreso.

— Vai aceitar a oferta? — perguntou surpreso, encarando-a sem reação.

— Seu... Seu... Idiota! — gritou, com lágrimas nos olhos. — Como teve coragem de se aproveitar de mim? Eu estava bêbada. Que tipo de homem faria isso a uma garota virgem? Qual o seu problema, afinal?

— Charlotte.. — disse, tentando acalmá-la.

—Não. Isso foi... Crueldade. — Ela olhou para o chão e suspirou. — Eu nem ao menos me lembro de nada — murmurou.

— Charlotte... Não houve nada — ele disse segundos depois encarando-a, à espera de sua reação. Segurando o riso.

— Como?

— Não tivemos nada.

— Mas por que eu... estava sem roupas?

— Porque eu tirei.

— O quê?!

— Não pense coisas pervertidas — ele falou sério —, apenas fiz o que era certo. Não se preocupe. Não tivemos nada. Agora, vai entrar para tomar banho comigo ou prefere ficar vendo de camarote? — perguntou ao pegar o sabão e começar a ensaboar o tórax.

— N... Na.. Não — ela disse, trêmula, tentando desviar o olhar do corpo dele. — Estou indo. — Virou-se de costas e saiu o mais rápido que conseguiu do quarto dele.

— Se ela se lembrar, o que será que vai fazer? — falou sozinho, olhando para a porta. — Será que ela vai querer continuar de onde parou ou vai fingir que não aconteceu nada? Eu deveria ter sido mais rápido ontem. — Sorriu com seus pensamentos. — Estou ficando patético. Mas, no fundo, o final lamentável foi a conclusão perfeita para a noite descontrolada.

Charlotte saiu do quarto de Carl com a respiração ofegante e o rosto em brasas. Ela não conseguia acreditar no que havia visto e muito menos no que ele havia proposto.

— Além de tudo, é um pervertido — murmurou ao entrar em seu quarto e fechar a porta atrás de si.

Na segunda-feira, Charlotte levantou-se mais cedo com o intuito de não esbarrar com Carl. Ela o estava evitando havia dias. Aos poucos, as lembranças dela voltaram lentamente e, ao se dar conta do que havia feito, sentiu-se mal consigo mesma.

— Eu não deveria ter demonstrado tanto a ele — lamentou ao entrar no colégio.

Passou pelos grandes portões dispersa. Para ela, a única coisa que existia era o seu arrependimento. Andou pelos corredores alheia ao que acontecia ao redor e, assim que colocou os pés dentro da sala, viu Marina acenando em sua direção. Charlotte olhou em volta e estranhou Albert não ter chegado. Prometeu a si mesma ligar para ele. Aproximou-se de Marina enquanto tentava sorrir, sem sucesso.

— Como está?

— Ótima, mas quero saber de você — disse alegre, puxando-a para se sentar ao lado dela. — Me conte o que houve.

— Contar o quê?

— Eu vi vocês dois. Aquilo foi... Uau! Como ele descobriu que você estava lá?

— Não faço ideia e acabei esquecendo de perguntar. — Suspirou profundamente e a encarou. — Se o viu, por que não foi me ajudar?

— Te ajudar? Tenho certeza de que a última coisa em que vocês pensavam era em mim. A propósito, da próxima vez que for sair de fininho, me avise. Eu poderia ter ficado preocupada contigo.

— Sinto muito. Eu não estava em sã consciência.

— Você estava apenas mais solta, mas me conte o que houve depois. Eu vi o jeito em que estavam e com toda a certeza posso afirmar que vocês transaram, certo? — perguntou, animada.

— Errado.

— O quê?

— Não fizemos nada. Na verdade, eu fui tão... atirada. Estou com vergonha até agora — confessou.

— Não pode ter sido tão ruim. — Sorriu. — O que houve?

— Bem... Eu o ataquei. Rasguei sua blusa, pulei em cima dele, tentei seduzi-lo na boate e ainda dancei com dois homens ao mesmo tempo, e ele viu. Sem contar que acordei nua, na cama dele. Aquele idiota teve a coragem de dizer que eu não tinha seios.

Marina a encarou durante alguns segundos sem expressão, mas logo caiu na gargalhada.

— Eu não deveria nem ter começado a falar — Charlotte resmungou ao ver a amiga rir de sua situação.

— Sinto muito, mas é hilário. Vocês dois são loucos. Quero dizer... A situação é engraçada, vamos ser sinceras.

— Não acho. Mas... você acha que eu... não tenho seios? — indagou com uma expressão de dar pena.

— Oh... Para ser sincera, acho que ele estava brincando com você.

Mas, me diga... Como acordou sem roupas na cama dele sem terem nada?

— Eu... peguei no sono — disse em um sussurro virando o rosto para não ver a expressão de zombaria.

— Você... pegou no sono quando estavam juntos?

— Na cama, para ser mais precisa.

— Nunca imaginei que fosse tão estúpida.

— Ei!

— Estou sendo sincera.

— Até demais — resmungou.

— Mas o que achou?

— De quê?

— Dele. Quero dizer, você pareceu sentir algo por ele. Estou certa?

— Talvez. — Sorriu sem jeito ao olhar para o relógio em seu pulso. — Será que Albert não vem hoje?

— Acho que não.

— Pena.

— O que vocês dois têm?

— Somos amigos — disse simplesmente ao olhar para o relógio mais uma vez.

— E Carl? Ele falou com você depois disso? Como foi?

— Eu tenho fugido dele. Não consigo sequer pensar na possibilidade de olhar em seus olhos e ver alguma reprovação. Eu queria muito poder vê-lo sorrir para mim, apenas uma vez. — Olhou sonhadora para o nada como se imaginasse a cena.

— Carl sabe? — perguntou segundos depois, encarando-a, séria. — Sobre seus sentimentos por ele?

— Eu não sinto nada assim tão forte por ele.

— Não?

— Não. — Sorriu. — Se eu sentir algo assim, será por alguém como Albert. Ele é carinhoso, amigo, gentil, está sempre ao meu lado quando preciso, é amoroso... É tudo que eu poderia sonhar em alguém.

— Concordo. Tudo o que você poderia sonhar — enfatizou —, mas estamos na realidade e a sua é Carl. — Colocou a mão sobre seu ombro e suspirou. — Sinto que não está sendo muito sincera consigo mesma, mas não vou dizer nada. Apenas desejo que seja feliz, de verdade.

Charlotte não falou nada, apenas resignou-se a esboçar um pequeno sorriso. *Será que estou sentindo algo por ele? Mas ele é tão grosso! Como posso estar gostando de alguém assim? Virei masoquista?* — perguntou-se suspirando ao ver o professor entrar na sala de aula.

CAPÍTULO 23

Carl colocou a pasta em cima da mesa sentindo-se frustrado. Ele havia percebido que Charlotte o estava evitando. Já estava se arrependendo do que quase tinha feito quando bateram na porta de sua sala. Ao ver o homem parado, sorrindo para ele, tranquilizou-se um pouco. *Pelo menos, conseguirei esquecer isso um pouco*, pensou ao ver Mike.

— Está perdido? — Carl perguntou, indo em sua direção, abraçando-o. — O que o traz aqui? — perguntou ao afastar-se dele.

— Vim ver meu amigo, não posso?

— Claro que pode, é apenas estranho. Da última vez que veio aqui foi para pedir ajuda. — Sorriu ao lembrar-se. — estava fugindo de um casamento, não foi?

— Nem me lembre. — Suspirou ao sentar na cadeira mais próxima. — E como vai a sua linda esposa?

— Ela é casada. Lembre-se disse — advertiu-o ao se sentar no sofá ao lado da cadeira onde Mike estava. Abriu dois botões do paletó e respirou aliviado ao perceber que poderia ser ele mesmo. — Está fugindo de quem agora?

— Me toma como um eterno Dom Juan?

— Sim.

— Respondeu rápido demais. Deveria ter pensado por mais alguns segundos.

— Não enrole.

— De verdade, vim apenas para conversar. A minha casa anda muito vazia e chata, sabia? — Sorriu. — Como está indo a vida de casado? Serei tio em breve?

— Poderá ser tio se ela me trair ou por obra do Divino Espírito Santo — disse, sério.

— Não sabia que era estéril.

— Não sou.

— Então... — parou para pensar durante alguns segundos e o encarou, incrédulo. — Vocês não... Nunca tiveram nada?

— Isso.

— O quê?

— Não precisa ser escandaloso. Não queria esse casamento, me casei apenas por causa do meu pai.

— Hum... Estranho. Eu tinha certeza de que estavam apaixonados um pelo outro.

— As aparências enganam, meu amigo.

— Concordo. — Sorriu sem jeito. — Mas não fique assim. Oh, sabe quem voltou? Victoria. Eu a vi um dia desses, ela está trabalhado como curadora em uma galeria famosa. Os anos que passou fora lhe fizeram muito bem. Está mais bonita.

Eu sei. Eu a vi.

— Vocês são rápidos. E vão ter algo, algum flashback?

— Está louco? Sou casado. Um escândalo desses acabaria com a minha imagem, a da minha empresa e a da minha família. Além do mais, ela é passado.

— Eu nunca soube o que aconteceu para se separarem, eram tão unidos e amorosos.

— E nem saberá, pelo menos por mim. — Sorriu. — Quer sair para beber hoje?

— Será ótimo.

Carl afrouxou a gravata enquanto as lembranças do passado povoavam sua mente. Aos poucos, sua mente começou a ser preenchida pelos momentos

que havia passado com Victoria. *Onde será que errei com Victoria?*, pensou ao olhar para o nada.

Albert encontrava-se de costas para o homem parecido com ele, entretanto mais velho. Ele não havia ido à escola durante dias por causa do homem que requisitara sua presença nos dias em que estivesse no país.

— Eu não vou, não ainda — Albert disse após respirar fundo.

— E posso saber o motivo? — o homem indagou, surpreso. Aquela seria a primeira vez que Albert o desobedeceria.

— Eu fiz uma promessa e vou cumpri-la — disse, virando-se — e peço que entenda, pai.

— Eu estou tentando entender, mas é difícil. Sabe que está na hora de ir para o exterior.

— Eu sei disso.

— Então, apenas vá.

— No final do ano — sorriu — após o Natal, estarei embarcando. Não precisa preocupar-se.

— Sabe o que vai acontecer se não fizer isso, não é?

— Sei.

— Mas vou repetir para que não esqueça: se o avião decolar e você não tiver embarcado, irei deixá-lo sem dinheiro, sem casa e será obrigado a morar com a sua tia.

— Já decorei isso e esqueceu da parte em que diz que não serei mais seu filho.

O pai de Albert apenas esboçou um pequeno sorriso, virou-se e, quando estava próximo a porta, voltou e encarou-o.

— Ouvi dizer que vai levar uma menina com você. Isso é verdade?

— Talvez. Ainda não é certo, mas é provável que ela fique.

— Não quero que tenha romances com qualquer uma.

— Não se preocupe — tornou friamente —, dos meus relacionamentos cuido eu. Estou sendo o filho perfeito, então não me exija mais nada.

O pai de Albert resmungou algo ao sair do escritório a passos largos. Albert voltou a atenção para os jardins de sua casa e suspirou profundamente.

— Eu realmente gostaria que viesse comigo, Charlotte.

Mike sorriu ao encher o copo de Carl mais uma vez com uísque. Eles já estavam no bar havia mais de uma hora, sentados em uma mesa, escutando jazz instrumental. Carl não havia falado nada, apenas bebia e assentia quando Mike lhe perguntava algo.

— Algo deve ter lhe aborrecido. Nunca lhe vi beber em silêncio — Mike gracejou ao vê-lo beber mais um gole.

— Não paro de pensar nela — confessou ao olhar para o copo vazio em cima da mesa.

— Em Charlotte?

— Em Victoria.

— Ainda sente algo por ela?

— Sentir? — Riu sem vontade ao escutá-lo. Encheu o copo com mais uma dose do uísque e bebeu. — A única coisa que consigo sentir é desprezo e raiva. Não consigo entender o motivo que a fez aparecer novamente.

— Por quê?

— Nada que seja da sua conta. Mas me responda: por que não consigo tirá-la da minha mente?

— Talvez ainda goste dela ou apenas esteja com raiva. Não sei, meu amigo. Não sei.

— Nem eu.

— Não acha melhor ir para casa? — Mike sugeriu ao olhar as horas. —

Sua esposa deve estar preocupada.

— Minha esposa? — Sorriu sem vontade. — Ela provavelmente deve estar com aquele garoto. Por algum motivo, ela sorri mais na frente dele do que comigo. Com toda certeza, ela vai me largar quando atingir a maioridade, mas eu serei mais rápido do que ela. Não gosto de ser deixado de lado. Já fui muitas vezes — falou antes de fechar os olhos e sua cabeça cair em cima da mesa.

— Essa conversa está muito depressiva — murmurou ao olhar para Carl. — Acho que devo levá-lo para casa — decidiu-se ao ver a cabeça de Carl cair sobre a mesa. — Só espero que tudo dê certo para você, meu amigo. — Levantou-se da mesa, parou ao seu lado, o puxou, colocou o braço de Carl sobre seu ombro e o levou em direção à saída.

Mike respirou aliviado ao colocar o corpo inerte de Carl na parte traseira do carro. Deu a volta, sentou-se na direção e logo deu a partida. Seu destino era a casa de Carl.

Charlotte olhou para o celular mais uma vez e suspirou ao constatar que já havia passado de meia-noite e Carl ainda não havia chegado em casa. Olhou para o programa que passava na televisão sem interesse, o único motivo pelo qual estava acordada era ele. Assim que chegou em casa após o colégio esperou-o para almoçar, jantar e, ao perceber que estava atrasado, ligou para o celular, frustrando-se em seguida ao escutar a mensagem informando que estava desligado. Levantou-se do sofá, ajeitou a calça de moletom que usava e foi em direção à janela. Suspirou ao não ver nenhum sinal dele.

— Quando ele vai chegar? — Sua voz refletia toda a preocupação que sentia. Voltou para o sofá, sentando-se em posição de lótus, apoiou a cabeça sobre a mão, deixando os cabelos caírem sobre o rosto. Fechou os olhos por um segundo e não demorou a escutar a campainha. — Eu estava imaginando?

— indagou-se ao erguer a cabeça, mas no segundo seguinte voltou a escutar o mesmo barulho. — Idiota. Deve ter esquecido a chave. — Esboçou um singelo sorriso ao ir em direção à porta, mas ao abri-la surpreendeu-se ao vê-lo apoiado em Mike. — O que houve?

— Ele bebeu um pouco demais. — Tentou sorrir, mas fez uma careta. — Pode não parecer, mas ele é pesado. Posso entrar?

— Ah, claro. — Deu-lhe passagem e o observou colocar Carl deitado no sofá. — Ele.. Vai ficar bem?

— Claro. Vai acordar com uma puta ressaca, mas nada demais. — Sorriu. — Foi ótimo revê-la, mesmo nessas condições nada normais. — Olhou-a de cima a baixo. — A propósito, gostei da roupa. — Piscou para ela e sorriu malicioso ao se dirigir à porta.

Charlotte observou Mike ir embora e logo a sua atenção voltou-se para o homem deitado no sofá, que exibia um estado lastimável. Aproximou-se dele lentamente, ajoelhou-se ao seu lado e acariciou seu rosto.

— Por que bebeu tanto? — Passou a mão sobre o rosto dele, contornando-o.

— Vic.. toria — Carl murmurou ainda de olhos fechados ao sentir a mão quente de Charlotte em seu rosto.

Ao escutar o nome da outra mulher ser pronunciado por ele, Charlotte lutou contra a tristeza que sentia em seu peito. *Muito bem, não adianta ficar assim. Ânimo*, pensou ao erguer-se. Sacudiu Carl até ele abrir os olhos contra a vontade.

— O que é? — perguntou com voz languida ao vê-la. — Cadê o Mike?

— Ele se livrou do problema. — Segurou em seu braço, incentivando-o a levantar. — Se apoie em mim. Temos que subir as escadas.

Carl fez o que ela mandou contra a vontade. Passou o braço sobre o ombro dela e caminhou no mesmo passo até subir todas as escadas e irem em direção ao quarto dele. Charlotte, ao senti-lo tão perto de si, reconheceu as batidas frenéticas de seu coração acelerarem-se. *Por que tenho que ficar sempre assim?* Ela sentiu o esforço que ele fazia e não conseguiu evitar um suspiro de frustração.

CAPÍTULO 24

Ao vê-lo deitado na cama, Charlotte suspirou profundamente ao lembrar-se do nome que ele havia pronunciado. *Será que ele a ama?*, pensou ao se sentar no lado oposto ao dele. Com as mãos trêmulas, retirou o paletó dele com dificuldade, abriu alguns botões de sua camisa social, retirando-lhe a gravata. Fitou-o durante alguns segundos, acariciou seu rosto e, pouco a pouco, abaixou a cabeça aproximando-a do rosto de Carl. Sentiu sua respiração ritmada, seu hálito de bebida e impulsivamente, fechou os olhos. *Apenas desta vez*, pensou ao colar os lábios nos dele. O beijo singelo durou apenas alguns segundos, mas para ela foi uma eternidade. Afastou-se sem jeito, colocando as mãos sobre o tórax dele e observou suas feições.

— Quando dorme, ele fica tão dócil — sorriu. Levantou-se da cama, retirou os sapatos dele, o cobriu e saiu do quarto apagando a luz, mas antes olhou para a cama, no escuro do quarto, e o viu deitado. — Eu queria que tivesse falado o meu nome... — suspirou antes de fechar a porta e sair, desta vez sem olhar para trás.

Andou pelo corredor sem coragem de adormecer e sonhar com ele e Victoria juntos. Abriu a porta do seu quarto, entrou e, sem acender a luz, foi até a varanda. Ficou observando a noite estrelada em silêncio. Ela queria pensar. Pensar em um modo de enterrar os sentimentos dela por ele.

— Mas... E se eu não precisar enterrar, mas sim despertar isso nele? — sorriu diante de sua ideia. — Isso pode dar certo. O que estou pensando? — indagou-se minutos depois. — Se ele gosta dela, nada no mundo o fará mudar de ideia.

Desviou a atenção do céu estrelado e olhou para dentro do quarto. Viu seu celular em cima do criado mudo. Suspirou ao caminhar até ele e pegou-o, sentando-se na cama. *Nem uma mensagem. O que deve ter acontecido?* Digitou uma mensagem rapidamente e, ao receber a mensagem de confirmação de entrega, esperou ansiosa pela resposta, a qual veio minutos depois.

Estou bem Charlotte, obrigado por se preocupar. Estarei no colégio

amanhã.

Albert.

— Que frieza — murmurou ao digitar outra mensagem.

Aconteceu algo? Estou lhe achando um pouco frio.

Charlotte.

Nada demais. Meu pai que veio fazer uma visita surpresa. Não se preocupe, amanhã estarei o mesmo Albert de sempre. rsrs

Albert.

Pai? Imaginei que morassem juntos.

Charlotte

Amanhã conversamos. Tenho que dormir. Boa noite.

Albert.

Charlotte olhou para a mensagem dele ainda sem acreditar no modo com que ele a estava tratando. *Algo deve ter acontecido*, pensou suspirando. Jogou o celular em cima da cama e, impaciente, saiu do quarto. *Se eu ainda pudesse falar com meu pai, talvez soubesse o que fazer, mas prometi a mim mesma não falar mais com ele.* Olhou para a porta do quarto de Carl, virou-se de costas, mas logo se voltou.

— O que estou fazendo? — perguntou-se ao caminhar em sua direção. Abriu a porta e o encontrou da mesma forma que antes. Encostou-se à porta e andou, silenciosamente, pelo quarto. Parou ao lado dele, ajoelhou-se e o observou atentamente. — Será que você se chatearia se dormisse contigo? — Ficou olhando suas reações à espera de algum sinal. Sorriu ao vê-lo virar-se dando espaço para ela. — Aceitarei como um convite.

Deitou-se ao lado dele, ficando de lado, voltando o rosto para suas costas. *Mesmo cheirando a álcool, ainda consigo achá-lo atraente,*

irresistível e incrível. E não consigo ficar longe dele. Por que isso teve que acontecer comigo? Mas pelo menos ele é meigo e quieto quando está bêbado. Sorriu ao fechar os olhos lentamente.

A noite passou tranquila e lentamente. Carl sentiu alguém ao seu lado, envolveu a pessoa pela cintura, aproximando seus corpos, enquanto Charlotte encostava a cabeça próxima ao seu rosto. Ficaram de frente um para o outro, os lábios a poucos centímetros um do outro. E dessa forma adormeceram, sentindo a respiração ritmada um do outro. Aos poucos a noite começou a dar lugar ao sol e o quarto, antes escuro, encontrava-se iluminado pela luz do sol.

Um barulho tocava insistentemente fazendo Carl praguejar ao abrir os olhos, vagarosamente. Porém, ao ver a mulher deitada ao seu lado, de frente para ele, tomou um susto, fazendo-o ir para trás, levando o lençol que os cobria consigo. Seu olhar se voltou para o corpo dela e engoliu em seco. Percebeu o contorno de suas coxas marcadas em sua calça de moletom, observou com atenção a alça da blusa cair sobre o ombro e o contorno dos seios dela. Ficou um tempo olhando para o corpo dela sem conseguir dizer nada, mas aos poucos a razão voltou a surgir em sua mente.

— Mas, afinal, o que ela está fazendo aqui? — indagou-se ao olhar em volta. — Eu estou em meu quarto, mas... Por que esta menina dormiu aqui? — murmurou ao sair da cama e encaminhar-se ao banheiro. Porém, antes de entrar e fechar a porta, olhou para ela mais uma vez, tendo um sorriso brotado no rosto ao vê-la dormindo. — Até que ela parece... Bonita assim. Quando voltar resolvo isso. — Virou-se de costas para ela e fechou a porta do banheiro silenciosamente.

— Silêncio — Charlotte murmurou ao escutar um barulho. Sem abrir os olhos tateou a cama e, ao perceber estar sozinha, abriu os olhos confusa. Sentou-se na cama enquanto observava tudo ao seu redor e não demorou para escutar o barulho do chuveiro. — Entendi — murmurou, mas logo se lembrou a embriaguez dele. — Ele deve achar que sou louca ou alguma tarada por dormir com ele quando estava bêbado. Droga! — Levantou-se da cama apressada, saindo do quarto o mais rápido que conseguiu.

Carl saiu usando do banho seu roupão preto e, ao olhar para a cama e não encontrar Charlotte, arqueou uma sobrancelha. Olhou em volta e sorriu ao perceber que ela havia fugido dele.

— Nem sequer tem coragem para responder pelos seus atos. — Sorriu ao ir em direção ao closet para pegar uma peça de roupa.

— Que dia... — Charlotte murmurou ao colocar sua mochila em cima de sua carteira antes de sentar-se. — Aquele homem mau. Tinha que jogar sal na minha ferida.

Charlotte estava terminando de abotoar a blusa listrada do colégio quando a porta de seu quarto se abriu. Por reflexo, ela virou-se e se deparou com um par de olhos azuis zombeteiros encarando-a de forma maliciosa. Ela olhou para onde o olhar dele se dirigia e sentiu as maçãs do rosto avermelharem-se. Virou de costas para ele e abotoou a camisa o mais rápido que conseguiu.

— O que faz aqui? — indagou segundos depois, ainda de costas para ele.

— Vim saber o motivo de ter dormido comigo — falou com um leve sorriso na face.

— Não sei do que está falando. — Encarou-o enquanto tentava passar seriedade.

— Eu acordei esta manhã e lhe vi ao meu lado.

— Foi? Ah, sim... Eu adormeci sem querer.

— Sem querer?

— Isso. Te coloquei na cama, mas você segurou minha mão e não quis soltar. Acabei deitando ao seu lado e adormeci. Sinto muito. — Sorriu. —

Tomara que ele acredite nessa mentira, pensou.

— Sabe.. Tem pessoas que quando bebem não se lembram de nada,

mas eu... sou diferente. — Sorriu de forma maléfica. — Sempre me lembro de tudo. Nos mínimos detalhes. — Aproximou-se dela, parando à sua frente. Abaixou a cabeça e fitou seus olhos. — Quando quiser me beijar, é melhor fazer isso quando eu estiver acordado. Será bem melhor, eu tenho certeza. E basta me pedir, não precisa ficar roubando beijos no escuro.

— Hã?

— O quê? Achou que eu nunca saberia? — Sorriu, afastando-se. — Lotte, sempre sei de tudo. — Virou de costas para ela, mas voltou-se em seguida. — Hoje à noite não vou beber. Então, se quiser passar no meu quarto para dormir e me beijar, tenha a certeza de que irá se divertir muito mais. — Sorriu diante da expressão incrédula dela e saiu do quarto.

— Ele adora me provocar — sussurrou ao olhar para o caderno aberto, mas as letras dançavam em sua mente. A única coisa em que conseguia pensar era no sorriso dele.

— Charlotte? — Albert a chamou tirando-a de seus devaneios.

— Oh, Albert, como está? — perguntou animada, olhando-o.

— Melhor e você?

— Bem. Vai fazer algo hoje à tarde?

— Não.

— Quer.. sair comigo?

— Claro — disse, sorrindo.

— O que perdi? — Marina perguntou ao se aproximar deles. — Duas pessoas sorrindo tanto pela manhã não deve ser bom — gracejou ao se apoiar em Albert.

— Nada demais, apenas convidei Albert para sair comigo — Charlotte respondeu, indiferente.

— Um encontro? — Marina perguntou, incerta.

— Não, apenas uma saída de amigos. — Sorriu. — O professor chegou, é melhor vocês dois se sentarem — Charlotte disse ao ver o homem de meia-idade entrar na sala.

Albert sorriu para Charlotte enquanto ajeitava suas coisas na cadeira logo atrás dela. Marina olhou para os dois insegura, por algum motivo ela sentia que Charlotte não estava falando toda a verdade. Durante a aula, Marina observou os movimentos de Charlotte. Percebeu que ela não estava prestando atenção ao vê-la com o lápis na mão enquanto olhava para o quadro, mas alheia ao que o professor falava e escrevia. Assim que o sinal tocou, uma hora e meia depois, Marina segurou a mão de Charlotte e a puxou para fora da sala, apesar de seus protestos.

Pelo barulhento corredor do colégio podia-se ver duas garotas andando apressadas à procura de uma sala vazia.

— Muito bem, me conte o que houve — Marina falou ao colocar Charlotte para dentro de uma sala, fechando a porta em seguida.

— Como assim? — indagou, confusa.

— Eu sei que houve algo. Você estava muito dispersa na aula e não costuma ser assim. Quero saber tudo — disse, animada.

— Não há muito o que contar.

— Há sim, eu te conheço.

— Tudo bem — disse, revirando os olhos —, mas não surte, está bem?

— Sem problemas.

— Albert me chamou para fugir com ele, assim que esse ano acabar. Eu estava em dúvida. Pensei seriamente em ir com ele, mas...

— Mas?

— Eu me decidi. — Olhou-a, séria. — Vou ficar e conquistar Carl. Percebi que gosto dele e não quero perdê-lo. Pelo menos, não quero perder a guerra sem nunca ter travado uma batalha.

— Isso é ótimo. — Sorriu. — Estarei com você para o que precisar.

— Obrigada.

— Mas... O que Albert tem na cabeça para te chamar para fugir com ele?

— Ele.. É um bom amigo.

— Amigo?

— Ele se porta como tudo, menos como um simples amigo. Ele gosta

de você e você sabe. Não dê falsas esperanças. Se não quer ficar com ele, deixe-o seguir a vida.

Charlotte olhou para a garota à sua frente e sorriu. Pela primeira vez em anos estava vendo uma Marina madura e sentia-se satisfeita. Assentiu para ela enquanto sorriam uma para a outra.

CAPÍTULO 25

Albert olhou para Charlotte sem evitar um aperto em seu coração. Por algum motivo sentia-se inquieto desde o momento em que ela avisara que gostaria de conversar com ele. Os dois se encontravam no mesmo ponto em que ele havia feito a proposta a ela, na ponte. Charlotte olhou para o horizonte e, ao sentir a presença de Albert ao seu lado, virou-se e o encarou, séria.

— Na verdade, não sei como começar — disse incerta — mas, eu serei sincera com você.

— O que houve?

— Eu... — desviou o olhar dele, voltando a atenção para o horizonte. — Não poderei aceitar a sua oferta. — No momento em que disse as últimas palavras, um vento frio soprou na direção do casal. Os cabelos dela esvoaçaram fazendo o aroma dele espalhar-se próximo a ela.

— Por quê? — perguntou, tentando aparentar indiferença.

— Eu pensei em aceitar. Na verdade, não via motivos para continuar aqui com ele, mas aos poucos comecei a perceber meus sentimentos. E não quero perder sem ao menos lutar. — Tentou sorrir. — Sei que você me ama, mas... Não consigo pensar em você como homem. — Virou-se e o encarou. — Para mim, você é um irmão, apenas isso. Sinto muito.

— Tem certeza de que está fazendo a coisa certa? — ele indagou minutos depois.

— Não. Sei que posso me arrepender, mas.. Quero tentar.

— Tudo bem. — Ele disse segundos depois. — Eu vou embora depois do Natal. Um dia depois. Se mudar de idéia, ainda terei a sua passagem comigo.

— Obrigada Albert, mas acho que não mudarei.

— Eu também acho — murmurou ao voltar a atenção para o horizonte.
— O céu está muito azul, não é?

— Está muito bonito.

Ficaram lado a lado na ponte, indiferente às pessoas. Para eles, existia apenas aquele momento, o qual gostariam de prolongar.

Carl sorria para os homens ao seu lado enquanto caminhava com eles pelo corredor da empresa. Eles haviam saído de uma reunião importante, em que tinha sido decidido o destino da W Sonic. Ao chegarem em frente à sala de Carl, todos os cinco homens olharam com curiosidade para a colegial sentada em uma das poltronas em frente à secretaria dele.

— Quem será? — um dos homens murmurou ao vê-la.

Sem dizer nada, Carl, caminhou até ela parando em sua frente e, ao ver o sorriso dela ao vê-lo, não conseguiu reclamar.

— O que faz aqui? — perguntou em voz baixa.

— Vim lhe chamar para almoçar — ela respondeu, dócil.

— Não me lembro desse seu lado — ele murmurou, olhando-a de cima a baixo. — Pode dizer o que quer, de verdade.

— É isso. Não estou mentindo. Vim lhe chamar para almoçar.

— E se eu já tiver almoçado? — indagou ao olhar para o relógio, o qual marcava uma e meia da tarde.

— Bem... Eu teria que almoçar sozinha — sorriu. — Já almoçou? — perguntou levantando-se e ficando próxima a ele.

— Não. — Ele suspirou profundamente ao olhar para os homens atrás de si. — Apenas sorria. Não diga nada — murmurou ao segurar seu braço e levá-la até onde os homens o estavam esperando. — Senhores, surgiu um imprevisto — falou sorrindo. — Não poderei almoçar com os senhores.

— Aconteceu algo com... Ela é sua irmã? — um homem de meia-idade perguntou, olhando para Charlotte.

— Na realidade, é minha esposa — disse tentando não rir diante das

expressões em seus rostos. — Imaginei que já tivessem escutado a notícia.

— Ouvimos alguns boatos, mas não imaginamos que fosse verdade.

— Eu imagino, mas não poderei almoçar com os senhores. Ela veio especialmente para almoçar comigo. — Sorriu. — Não poderia fazer essa desfeita, não é?

— Oh, não — um homem disse, sorrindo. — Fique com ela, ainda mais que é jovem e precisa de constante atenção. Mais tarde terminaremos de falar sobre os detalhes.

Carl apenas assentiu, enquanto olhava os homens se afastarem. Olhou para a mulher ao seu lado e, ainda segurando seu braço, puxou-a para a sala dele. Ao entrar, fechou a porta e a encarou sem expressão.

— Não venha sem me avisar — declarou, sério.

— Só queria fazer uma surpresa.

— Minha vida já está se tornando muito surpreendente. Apenas faça as coisas me avisando com antecedência.

— Tudo bem — murmurou ao se dirigir à porta.

— Aonde vai?

— Embora.

— Se veio aqui, pelo menos fique para o almoço — falou antes de pegar o telefone e discar um número, desligando alguns minutos depois. — Daqui a alguns minutos vão entregar comida chinesa. Só espere. — Dizendo isso, caminhou até o sofá, sentando-se após desabotoar o paletó.

Charlotte caminhou segurando um sorriso, sentou ao lado dele e suspirou ao olhar ao redor.

— Isso aqui é muito silencioso. — Tentou puxar assuntos segundos depois.

— E espero que continue assim.

— Ah sim — disse, dois minutos depois. — Ontem à noite... você estava acordado quando.... quando estava na sala? — perguntou ao se lembrar da conversa deles pela manhã.

— Sim — disse normalmente, sem encará-la.

— E quando eu te levei para o quarto também? — ela perguntou com

voz trêmula.

— Sim. — Ele sorriu. — Na verdade, escutei coisas bem interessantes.

— É?

— Hum... hum... — Olhou-a com um sorriso na face. — Me diga... Você queria tanto que eu dissesse o seu nome a ponto de desejar tão fortemente isso? Por quê?

— Não foi nada, apenas reflexo. — *Droga, esse homem poderia ao menos fingir que não escutou ou mentir pra mim. Isso está me deixando mais envergonhada. Logo hoje, que decidi me declarar para ele, pensou.*

— Reflexo?

— É claro. — Sorriu, nervosa. — Essa comida está demorando, não é? — disse ela, tentando mudar o rumo da conversa. Olhou para o lado oposto ao que Carl se encontrava enquanto repudiava suas ações da outra noite.

— Charlotte... Quando vai descobrir que é mais fácil admitir as coisas? — ele falou segurando seu rosto, virando-o em sua direção.

Charlotte olhou para o homem à sua frente, sentiu seu coração acelerar e, sem saber o motivo, respirou fundo enquanto tentava conseguir o restante de coragem para se confessar.

— Carl...

— Charlotte — sussurrou ao fechar os olhos e aproximar seus lábios dos dela.

— Eu... Eu... Eu te amo — ela disse, fechando os olhos fortemente. Suas mãos fecharam em torno da calça jeans. Ela não tinha coragem para abrir os olhos e encará-lo. A única coisa que conseguiu fazer foi esperar. Esperar que ele não falasse nada e a beijasse.

Carl parou o que ia fazer, retirou a mão do rosto dela e a encarou, perplexo. Ele não estava preparado para o que havia acabado de escutar.

CAPÍTULO 26

Carl não conseguia acreditar no que havia escutado. O semblante esperançoso

da jovem dissipou-se rapidamente ao ver sua reação. As recordações de seu antigo amor surgiram em sua mente e, sem perceber, se viu temeroso. Carl acreditava que a jovem à sua frente poderia traí-lo como Victoria fizera. *Mas ela pode estar apenas imaginando esses sentimentos. Como posso corresponder quando no futuro ela perceberá que não me ama?*

— O que disse? — Carl perguntou, incrédulo. — Devo ter escutado mal. — Afastou-se dela, observando-a atentamente.

Charlotte abriu os olhos e o encarou. Ela não havia esperado aquele tipo de reação.

— Não escutou mal — falou, reunindo a coragem que ainda sobrava em si. — Eu disse que...

— Charlotte, isso é loucura — ele disse, levantando-se do sofá. — Não tem como estar apaixonada por mim. Mal me conhece.

— Para amar alguém é preciso conhecê-lo ou apenas aceitá-lo como é?

— E como eu sou? — perguntou frio, encarando-a.

— Você é frio quando não quer demonstrar algo, mas no fundo é gentil e gosta de ajudar as pessoas. Se preocupa com as pessoas que estão ao seu redor, mas não gosta de admitir.

— Acha que sou assim?

— Acho — ela declarou firmemente.

— Você se apaixonou por alguém como acaba de descrever?

— Também — ela disse, insegura — você... não consegue aceitar o meu sentimento?

— É. Não consigo. — Ele a encarou, desviando o olhar em seguida. — Você não me conhece, Charlotte. Não sabe como fui em meu passado e só estamos juntos por causa da dívida. Você é jovem, sei que pode estar achando que está apaixonada por estar casada comigo e tudo o mais, mas não está. Não de verdade.

— E como você pode saber isso?

— Eu sei. Sei como é esse sentimento. É uma ilusão. Ele vai embora com o tempo — disse, firme. — O nosso casamento vai acabar na data estipulada, como eu havia falado anteriormente. Então, tente esquecer esse

tipo de sentimento.

— Se é uma ilusão, não precisarei esquecê-lo — falou séria. Levantando-se, parou em frente a ele e o encarou. — Sei que sente algo por mim. Pode ser piedade, carinho ou ódio, mas sente algo. Irei fazer com que se apaixone por mim tanto quanto eu estou apaixonada por você.

— O que sabe sobre sentimentos? Tem apenas 16 anos.

— Verdade, posso não saber muita coisa, mas sou mais sincera com meu coração do que você.

— Essa conversa é ridícula. Sabe disso, não é?

— Muito bem — ela sorriu — eu vou me esforçar, Carl. Vou me esforçar para você me aceitar, mas... se eu não conseguir, prometo esquecê-lo. — Olhou para o relógio de pulso enquanto tentava segurar as lágrimas. — Vou ter que ir agora. Sinto muito, mas lembrei de algo importante. — Virou de costas para ele e não demorou em sentir as lágrimas caírem em seu rosto.

Fez o possível para não soluçar até sair da sala dele e fechar a porta. Ao ver o olhar da secretaria dele sobre si, tentou sorrir, mas sem sucesso. As lágrimas aumentavam enquanto ela ia em direção ao elevador. Viu as pessoas olhando para ela, mas não se importou. *O que estou fazendo? Vale mesmo a pena? Devo deixar isso tudo para trás?* Pensava angustiada ao passar pelo saguão, mas, ao sair da empresa, viu um casal de mãos dadas sorrindo feliz. — Por que não posso ser como eles? — suspirou, limpando as lágrimas com o dorso da mão.

— Charlotte? — Uma voz masculina a chamou logo atrás de si. Ela virou-se e surpreendeu-se ao ver Klaus. — Está chorando? — ele perguntou segurando seu rosto.

— Klaus, o que faz aqui?

— Não se preocupe comigo — disse em tom de preocupação. — O que houve?

— Nada. — Ela esboçou um leve sorriso. — Estou bem. Ficarei bem.

— É melhor vir comigo. Vamos beber um pouco de chá. É bom para acalmar — disse, gentil. Sorriu ao vê-la assentir, colocou o braço sobre seus ombros e caminharam até um café próximo.

— O que aconteceu? — Klaus perguntou a Charlotte após o chá ser servido a eles. Eles estavam sentados de frente um para o outro no interior do café próximo à empresa de Carl. — Você está machucada ou algo assim?

Charlotte segurou com força a xícara entre as mãos enquanto olhava para o líquido dentro dela.

— Você desistiria de algo? Algo de que gosta, apenas por... Não ser correspondido? — indagou, insegura.

— Hum... — Ele a olhou pensativo e, após alguns segundos, sorriu. — Na verdade, não. Eu lutaria por essa pessoa. — Viu o semblante surpreso dela e continuou: — às vezes nada é fácil na vida, mas qual seria a graça se tudo viesse com facilidade? Não dizem que tudo que vem fácil, vai fácil? Então, eu lutaria por ela e só desistiria se percebesse que não houve jeito da pessoa sentir o mesmo que eu. Espero que tenha ajudado.

— Não imaginava que você fosse assim — ela declarou, surpresa.

— Não sou tão insensível quanto pareço. — Ele olhou para Charlotte e não conseguiu evitar admirá-la. *Ela fica bonita quando chora. Carl ficará como um louco ao perdê-la*, pensou.

Ficaram olhando um para o outro enquanto a chuva começava a cair do lado de fora. Charlotte olhou para a janela, observando os pingos d'água caírem sobre o vidro.

— Será que eu deveria fazer a mesma coisa? Vale a pena lutar por alguém que não acredita em seu amor? — perguntou ao olhar para o lado de fora.

— Não sei se vale a pena, mas duvido muito que seja feliz chorando aqui. Pense bem, quer tentar ou se arrepender mais à frente porque teve medo?

— Acha que tenho medo?

— Acho. Tem medo de ser rejeitada. O medo serve como um impulso para melhorar e não estagnar. — Sorriu.

— Obrigada, Klaus — ela falou, sinceramente agradecida. — Obrigada... De verdade.

Klaus sorriu enquanto olhava para a menina à sua frente, que daquela vez lhe pareceu uma mulher insegura precisando de afeto.

Uma criança carente, pensou ao sorrir.

Carl viu Charlotte sair de sua sala, percebeu que ela estava chorando, mas optou por não fazer nada e deixá-la ir.

— Vai ser melhor assim — disse ao sentar-se no sofá. *Eu também já fiz o mesmo que você. Me apaixonei por alguém e no final acabei magoado. Você vai conseguir superar esse sentimento e encontrar alguém que seja bom e adequado para ti. Alguém que não seja como eu,* pensou ao lembrar-se do passado. — Como ela pode gostar de mim se me conhece há poucos meses? Isso é impossível — murmurou ao olhar pela janela embaçada pela chuva. — Será que ela está na chuva? — Ficou tentado a ligar para ela, mas deu de ombros. — Desde o momento em que disse que não aceitava os sentimentos dela, não posso ficar me preocupando e demonstrando qualquer sentimento. Dessa forma ela irá me esquecer mais rápido — disse, olhando pela janela. Daquela vez ele queria ter o irmão ao seu lado, ele era o único que o compreendia e sabia lhe dar conselhos. — Por que teve que morrer, irmão? Tenho certeza de que vocês seriam mais compatíveis. Não sei por que aceitei esse casamento. Droga — murmurou.

CAPÍTULO 27

Três dias haviam se passado desde a confissão de Charlotte. Ela seguia sua vida normalmente, enquanto Carl estranhava o seu comportamento. Ele a evitava o máximo que podia. Se ela estava tomando café na sala, ele ia para a cozinha. Se ela estivesse indo para o quarto, ele seguia para o escritório. A última coisa que ele pretendia fazer era dar falsas esperanças a uma criança.

Charlotte sorriu ao sair do colégio segurando uma sacola preta. Ela estava levando-a consigo para qualquer lugar que fosse. Ao passar pelo

portão acenou para o motorista, indo ao encontro dele.

— Para a empresa de Carl — disse ao entrar no carro.

— T... Tem certeza, senhora? — ele perguntou, incerto.

— Toda a certeza do mundo. — Ela apertou a sacola contra si enquanto sorria.

Charlotte chegou em casa ainda com os olhos cheios de lágrimas. Mesmo após as doces palavras de Klaus, ela não conseguia parar de sentir uma tristeza em seu coração. Olhou para sua imagem no espelho ao chegar a seu quarto e não ficou feliz com o que viu em sua imagem refletida.

— O que eu pretendo chorando desse jeito? — perguntou a si mesma ao olhar para sua imagem no espelho. — Se eu quero conquistá-lo, não é chorando que vou conseguir. Serei mais forte e não vou me abalar com o que ele disse. — Enxugou as lágrimas com o dorso da mão. — Vou fazer tudo o que puder para ele ser meu.

O carro estacionou em frente à empresa de Carl e Charlotte não demorou em descer e se dirigir ao elevador. Apertou o botão do andar onde ele trabalhava, esperando ansiosa que as pesadas portas se abrissem.

Ela passou pelo corredor com uma única coisa em mente: ver Carl. Parou em frente à secretaria dele e esperou ser anunciada. Em poucos minutos Carl abriu a porta de sua sala, encarando-a de forma estranha.

— Venha — falou polidamente entrando de volta na sala. Charlotte respirou fundo, enquanto lembrava-se da promessa de conquistá-lo. Seguiu-o em silêncio e, ao entrar, fechou a porta. Caminhou até a mesa dele e olhou para suas costas. — O que quer? — Ele falou de costas para ela, olhando para a janela.

— Não quero nada — ela disse, séria. — Vim apenas lhe trazer algo. Apenas isso. É melhor eu ir. — Sorriu sem graça, virou de costas, mas logo escutou a voz dele.

— Eu nunca poderei lhe corresponder — falou rudemente. — Então, não canse a si mesma e apenas desista.

— Eu sei — falou baixo. — Sei que dificilmente sentirá o mesmo que eu, mas... Vou me esforçar para que se apaixone por mim. Se eu não conseguir, apenas lhe deixarei ir, mas não me peça para fazer algo assim. — Carl virou-se e a encarou sem expressão. — Deixe-me tentar pelo menos, não me peça para desistir de algo que eu desejo do fundo do meu coração. — Sorriu. — Vim apenas para lhe trazer isso. — Colocou a sacola em cima da mesa dele e o olhou. — Espero que goste. Eu que fiz. — Virou-se de costas, abriu a porta com as mãos trêmulas seguindo para o elevador.

Carl ficou observando-a se afastar dele e logo depois sua atenção voltou-se para a sacola que ela havia levado. Segurou-a com cuidado e, ao abri-la, sorriu. Havia uma vasilha com biscoitos de chocolate em forma de coração.

— Típico de uma criança — sussurrou ao pegar um levando-o à boca. — Até que não está nada mal. — Sorriu ao segurar outro biscoito. Ficou olhando-o durante longos segundos.

Charlotte saiu da sala de Carl sem ânimo. Ela não queria admitir, mas não estava tendo confiança em suas ações. Em seu íntimo, acreditava estar travando uma guerra perdida. Saiu dispersa da empresa de Carl. Entrou no carro sem vontade e, assim que o motorista deu a partida, ela fechou os olhos, enquanto sonhava com um mundo no qual Carl a amava mais do que ela a ele.

Albert sentou-se no chão da sala, pegou um copo, o encheu com o vinho que encontrara e bebeu todo o líquido de uma só vez.

— Por que ela o escolheu? — Colocou mais vinho em seu copo e olhou para a garrafa pela metade. — Eu sou o melhor para ela, não sou? Então, por

que ele? — perguntou-se mais uma vez antes de beber.

Victoria ajeitou a saia de pregas e o casaco ao sair de seu carro. Olhou para o prédio à sua frente e suspirou profundamente ao caminhar em sua direção a passos decididos. Passou pela recepcionista com altivez e não demorou para estar em frente à secretária de Carl.

— Ele está aí dentro? — Victoria perguntou de forma rude à mulher sentada atrás da mesa.

— Sim, mas não posso deixá-la entrar sem anunciá-la antes.

— Eu sei, quero apenas fazer uma surpresa.

— Sinto muito. Vai levar apenas alguns minutos. — Sorriu retirando o telefone do gancho. Victoria revirou os olhos ao ver a cena, fingiu ir sentar-se no sofá, mas foi até a porta da sala de Carl, abrindo-a de forma abrupta, atraindo a atenção da secretaria dele e de Carl, o qual a olhava com uma expressão de surpresa.

— O que está acontecendo? — Carl indagou ao ver Victoria parada em frente à sua porta, enquanto a secretaria encontrava-se logo atrás dela.

— Me perdoe, ela entrou sem que eu percebesse — desculpou-se sem graça. — Quer que eu chame os seguranças?

— Não precisa — ele disse polidamente. — Se ela teve tanta coragem para entrar aqui imagino que suas razões são louváveis. Sente-se — disse, indicando uma cadeira a ela.

— Desejam algo? — a secretaria perguntou, temerosa.

— Não — Carl tornou, sério. — Tenho certeza de que ela não vai demorar. — Ao ver a secretaria se retirar, olhou para a mulher à sua frente à espera que ela se pronunciasse. — Não vai falar nada? Tempo é dinheiro.

— Você deveria me tratar mais gentilmente — Victoria falou sentando-se na frente dele. — Bem... Queria saber como estava. Nada demais, não é?

— Victoria, nós nos conhecemos bem demais para eu saber que não é isso.

— Verdade. — Ela sorriu, encarando-o. — Serei direta. Estou arrependida pelo que fiz. Sei que fui uma idiota, mas... me desculpe. Me perdoe por anos atrás. Por ter lhe traído.

— Veio aqui pedir desculpas? Acho que perdeu o seu tempo. Há muito tempo não penso em você.

— Eu sei que isso é mentira — ela disse, séria.

— Não é. É a verdade. Você deixou de fazer parte da minha vida muito tempo atrás. — Viu-se sendo sincero ao encarar a mulher que um dia amara.

— Sêrio? Então, por que mandou seus homens descobrirem onde eu estava?

— Isso... foi há muito tempo — falou sem jeito, envergonhado de sua fraqueza.

— Hum... Interessante isso, porque eles estavam me seguindo até uma semana atrás — sorriu mentindo. — Agora vai ter coragem de dizer que não me ama?

— Se eu te amasse, teria ido atrás de você, não acha?

— Não. Você é muito orgulhoso para isso — acrescentou sorrindo.

— Você me conhece bem demais, mas não tanto quanto imagina. Não fui atrás de você porque não sinto mais nada por alguém que teve a audácia de me trair na própria cama em que transava comigo.

— Eu poderia ter feito no sofá, mas sabia que você não gostava de manchas. — Deu de ombros. — Vim lhe propor algo. — Sorriu ao se levantar da cadeira e caminhar em sua direção, parando ao seu lado. — Vim dar uma nova chance a nós dois. — Dizendo isso se abaixou ficando olho a olho, boca a boca. Ela fechou os olhos, enquanto passava as mãos pelo pescoço dele, aproximou os seus lábios dos dele e o beijou.

Carl ficou estático ao sentir os lábios dela sobre os seus, mas não pensou em nada, apenas agiu por impulso. Fechou os olhos no mesmo instante em que retribuía o beijo que ela lhe dava. Colocou as mãos em sua cintura, fazendo-a sentar-se em seu colo.

O que estou fazendo?, Carl se perguntava em pensamento ao beijá-la. Os beijos de Charlotte são mais quentes e mais inocentes. Por que estou pensando nela? Devo afastá-la e mandá-la embora ou continuar com isso e

voltar de onde paramos? Isso está ficando cada vez mais complicado, pensou antes de render-se completamente a ela.

CAPÍTULO 28

Carl apertou Victoria contra si antes de separar seus lábios. Olhou-a no fundo dos olhos e no mesmo instante a imagem de Charlotte veio à sua mente.

— É melhor pararmos — ele disse sério, tentando tirá-la de seu colo.
— É melhor você ir embora.

— Ficou com a consciência pesada? Não precisa. Nós nos amamos, não é errado — ela disse acariciando seu rosto. — Apenas aceite meus sentimentos mais uma vez.

— Sou casado agora. — Segurou seu pulso afastando a mão dela de seu rosto. — Você fez uma escolha no passado, agora me deixe escolher o meu futuro. E eu nem sequer a amo.

— O seu futuro é comigo — ela disse, decidida.

— Não consegue parar para pensar? Estou casado, sou o príncipe herdeiro agora e a última coisa que quero é estar envolvido em um escândalo.

— Então, o problema é o escândalo? Não se preocupe, serei paciente. Pode se divorciar dela, podemos aparecer em público um ano depois. Não vejo problemas.

— O problema é que não quero isso. Pelo menos, não agora — confessou, sem olhar em seus olhos. — Quero paz e tranquilidade para resolver a minha vida.

— Está dizendo que vai dar uma segunda chance a nós?

— Não. Estou dizendo que agora não consigo pensar em nós e nem nunca irei pensar.

— Já te deixei uma vez, mas desta vez eu irei te perseguir até que aceite meus sentimentos — ela disse com um meio sorriso. Levantou-se do colo dele, pegou a bolsa e caminhou até a porta. — Serei paciente e persistente — disse antes de sair.

Carl levou as mãos aos lábios fechando os olhos. Lembrou-se da

sensação de seus lábios sobre os delas e não conseguiu evitar o desejo crescer dentro de si. Ele não queria admitir, mas estava louco para levar Victoria para a cama. Respirou fundo a fim de controlar seus desejos mais primitivos foi até o pequeno bar que ficava no canto de sua sala, servindo-se de uma dose de uísque.

Ser celibatário é realmente difícil.

Klaus caminhou sem rumo pelas ruas tranquilas de Paris. Já estava ficando entediado quando avistou uma loja familiar. Sorriu ao imaginar o sabor de sua torta predileta, abriu a porta animado, entrou na loja e surpreendeu-se ao ver Charlotte sentada próxima à janela, olhando para dentro da xícara. Ficou parado durante alguns segundos contemplando-a. Por algum motivo ele a via como uma pintura, a qual não deveria ser tocada, apenas apreciada de longe. Mas, sem perceber, começou a caminhar em sua direção, suas pernas o estavam guiando até ela. Ao parar à sua frente, sorriu.

— Charlotte? — chamou-a, sorrindo.

— Klaus — ela o encarou, surpresa. — O que faz aqui?

— Vim comer. Adoro o bolo daqui — disse puxando uma cadeira, sentando-se perto dela. — Não sabia que você frequentava esse lugar — disse, surpreso.

— Não frequento. Estava vagando e acabei entrando. — Ela sorriu sem vontade. — Como você está?

— Melhor agora. E você?

— Não muito bem, mas vou melhorar. A vida está sempre nos batendo assim, não é? — falou, com um sorriso singelo no rosto.

— O que está bebendo? — ele perguntou pegando a xícara dela e no segundo seguinte torceu o nariz. — Como consegue beber isso? O cheiro desse chá é extremamente forte.

— Não sei. Meu pai me acostumou a beber esse chá, agora se tornou um hábito. — Ela sorriu. — Não gosta?

— Não. Já sei o que vai lhe alegrar. — Chamou a garçonete e, em poucos minutos, foram servidos a eles dois pedaços de torta de chocolate com chocolate quente. — Prove.

— Isso está me parecendo mais overdose de chocolate — ela disse antes de levar um pedaço da torta à boca. Assim que sentiu a maciez da torta imaginou estar no céu. — Isso é...

— Indescritível, não é? — disse sorrindo, levando um grande pedaço à boca. — Sabia que iria gostar.

— Realmente adorei, obrigada. — Ela o encarou.

— Chocolate sempre me anima.

— Hum... Dá para perceber o motivo. É maravilhoso esse bolo.

— Concordo. — Ele sorriu, vitorioso. — Fico surpreso que você nunca tenha vindo aqui com as suas amigas.

— Nunca tive muitas amigas e nem sou de sair.

— E por quê?

— Não sei ao certo. Nunca me dei bem com as minhas colegas do colégio. Elas sempre foram muito esnobes e como meu pai me obrigava a estudar lá... Não tive muita escolha e ele também não me deixava sair muito. Era um pouco desgastante — disse, dando de ombros. — Ele sempre foi muito duro comigo. Não me deixava fazer muitas coisas. Provavelmente por causa do casamento, já que dificilmente seria possível que eu me envolvesse com alguém.

— Por que não faz agora?

— Não sei... Acho que me falta coragem. — Sorriu.

— Entendi. — Ele segurou a mão dela sobre a mesa, sorrindo. — Saiba que tem um companheiro para sair a partir de hoje. Basta me ligar e iremos juntos. Mas... O que faz aqui sozinha exatamente e por que está com o semblante tão triste?

— Nada — falou, retirando a mão da dele. — Deve ser impressão sua. E estou acostumada a sair sozinha. Acabou se tornando um hábito. — Riu sem vontade, olhando para o chocolate quente.

— Será? Algo me diz que não está sendo sincera comigo.

— Com certeza — ela disse antes de levar a xícara aos lábios. — De qualquer forma, você está sozinho também. — Ao vê-lo assentir com um sorriso perguntou, sem medo, o que tinha vontade de fazer. — Você... conhece Carl há um tempo, não é? — Ao vê-lo assentir, prosseguiu: — O que sabe do noivado dele, o anterior?

— Não muito — disse, olhando-a cuidadosamente. — Sei que ele amava Victoria e que estavam animados com o casamento, mas algo aconteceu e eles terminaram. Não sei dos detalhes — mentiu.

— Entendo.

— Por quê? Está com ciúmes dele? — indagou, divertido.

— Não — disse, séria. — Mas talvez eu esteja — confessou um tempo depois apertando a xícara entre as mãos. — Você... me acha bonita?

— Se eu te acho bonita?

— Não, esqueça. — Falou rápido ao ver o semblante confuso dele. — Não era nada, apenas uma pergunta idiota e...

— Acho — falou sério, interrompendo-a. — E estou sendo sincero.

— Sério? — perguntou, encarando-o.

— Sério. Não mentiria para uma garota tão linda — sorriu encantadoramente.

— Então... O que faria se eu me declarasse para você? — perguntou, olhando-o de forma ansiosa.

— Bem... Não é todo dia que uma colegial se declara para mim. — Ele sorriu, bem-humorado. — Eu iria agradecer e te beijar.

— Não iria me recusar?

— Não — disse ele, tranquilo. — Carl fez isso, não é? Ele não costuma ser assim. Na verdade, eu imaginava qualquer reação, menos essa — disse, surpreso. — Acho que o casamento acabou com o lado mulherengo dele.

— N... não. Não tem nenhuma relação com ele — disse, nervosa.

— Se não tivesse não teria me perguntado se eu o conhecia. Presumo que tenha se declarado para ele e o idiota a recusou. Estou certo?

— Está — murmurou algum tempo depois. Desviou o olhar dele para o lado de fora. — Devo ser louca, não é? Estou tentando algo em que meu

esforço será inútil.

— Nada é inútil — ele disse ao apoiar a cabeça sobre a mão. — Se você gosta dele, deve lutar. Não fique pelos cantos se lamentando. Tenho certeza de que, no fundo, ele está gostando da atenção que você está dando.

— O problema é que... — O olhou-o e sorriu. — Me desculpe, estou falando dos meus problemas para alguém que nem conheço. Sinto muito.

— Você está apenas solitária. — Retirou um cartão de seu bolso e entregou a ela. — Pode me ligar quando quiser conversar, sair ou algo assim. Tenho que ir agora, mas lembre-se de me ligar. — Colocou dinheiro sobre a mesa, acenou para Charlotte e saiu apressado da loja.

— Por que ele é tão gentil comigo? — Charlotte se perguntou ao ler o nome dele no cartão de visita. — Seria bom se Carl agisse de vez em quando assim comigo, pelo menos não me sentiria tão só.

Albert colocou a última peça de roupa na mala e olhou para o lado de fora da janela. Ele havia decidido ir embora. Ele não conseguia se imaginar vivendo à sombra do amor de Charlotte por Carl.

— Tem certeza de que quer ir agora? — O pai indagou ao vê-lo com os olhos marejados.

— Sim.

— Não pode se arrepender quando estiver lá.

— Eu sei — falou de costas para o pai. — O melhor a fazer agora é ir embora. Voltarei daqui a alguns anos e tudo será diferente.

— E a mocinha, não vem?

— Não. Ela escolheu ficar com... o amor dela.

— É por isso que está indo embora?

— Em parte. — Virou-se e sorriu. — Não se preocupe, tudo que eu tinha planejado está saindo. Vou estudar fora e me tornarei um exímio administrador para continuar com seus investimentos.

— Albert, posso ser frio, insensível e mesquinho, mas sei quando o

meu filho está sofrendo. Se quiser, poderá ir no final do ano, como havíamos planejado.

— Se eu não for agora... não irei nunca mais — disse, sério.

O pai suspirou resignado ao virar de costas e ir embora. Ele desejava que seu filho estudasse no exterior, mas não pretendia vê-lo em estado tão lamentável. *Talvez seja melhor assim*, ele pensou ao fechar a porta do quarto de Albert.

Albert colocou a carta no envelope juntamente com um colar e sorriu ao endereçá-lo a Charlotte.

— Como ela deve reagir ao saber que no momento em que receber isso eu já não estarei mais aqui? — ele se perguntou ao olhar para o envelope fechado. — Espero que tudo corra bem para ela. A única coisa que desejo é sua felicidade acima de tudo. — Seus pensamentos foram interrompidos por uma batida na porta. Ele assentiu aos seguranças indicando as malas que deveriam ser levadas, segurou o envelope com força e, a cada passo que dava em direção a saída, sentia seu coração mais apertado por saber que não veria Charlotte, seu amor, por muito tempo.

CAPÍTULO 29

Charlotte deixou as lágrimas caírem pelo rosto ao ler a carta que se encontrava em suas mãos. A cada nova palavra que lia, uma nova lágrima caía. Ela ainda não conseguia acreditar que Albert havia ido embora. No momento em que havia entrado em seu quarto avistou um envelope em cima da cama. Ela o pegou animada, mas, ao ler as primeiras linhas, o sorriso sumiu de sua face.

Minha doce Charlotte, sinto me despedir dessa forma, mas não conseguiria se fosse pessoalmente.

A essa altura, o meu avião já decolou. Você sabe que eu te amei, não é? O meu amor é egoísta. Não consigo ficar ao seu lado sabendo que é feliz ao lado de outro. Torço por sua felicidade, mas não quero estar presente. A

cada beijo que trocar com ele é mais um pedaço do meu coração que irá partir. Sinto muito por não ter me despedido de forma adequada. Sempre iremos manter contato, mas espere seis meses ou até um ano para falar comigo. Esse é o tempo que preciso para deixar o meu coração tranquilo.

Esta não é a melhor forma de dizer isso, mas... Te amei desde o momento em que lhe vi naquele ônibus. Seu olhar perdido me cativou e creio que sempre irá cativar. Nunca vou te esquecer.

Te amarei para sempre, nunca se esqueça disso. Você é a única em meu coração e assim permanecerá.

Estarei de volta dentro de alguns anos. Então, se desistir de Carl, basta me esperar, pois eu estarei esperando por você.

Te amo Charlotte e me perdoe.

Albert.

P.S.: O colar tem a forma do infinito para mostrar que sempre estarei contigo. Use-o sempre que sentir a minha falta ou quando quiser se lembrar de mim.

— Idiota — ela disse entre lágrimas. — Como foi embora sem se despedir de mim? Como fez isso comigo? — Deixou o corpo deslizar sobre a porta de seu quarto e ficou sentada no chão, chorando. Ela não sabia o que fazer. Seu amigo havia ido embora por causa de seu amor não correspondido. *A única culpada por tudo sou eu. Por que não fui capaz de amá-lo?*, pensou no silêncio de seu quarto. A única coisa que se podia ouvir eram seus soluços.

Carl fechou os punhos, impotente. Ele havia escutado o choro dela, mas não tinha coragem de bater em sua porta ou de entrar no quarto. Ele só conseguiu ficar do outro lado da porta enquanto escutava o choro amenizar aos poucos.

Charlotte passou pelos portões de seu colégio sem expressão. Ela ainda não conseguia acreditar que Albert havia ido embora. Ao entrar na sala,

olhou para onde ele costumava se sentar e suspirou profundamente ao ir em direção à carteira dele. Sentou-se enquanto olhava para a frente, e não demorou a perceber o motivo dele sentar naquele local. Era o único lugar que dava a ele uma visão privilegiada dela.

— Você sempre me amou e eu não consegui corresponder, sinto muito — sussurrou ao fechar os olhos e abaixar a cabeça.

— Charlotte? — Marina a chamou. — Você está bem?

— Estou — falou, ainda com a cabeça baixa.

— O que aconteceu? — insistiu, olhando-a de forma preocupada.

— Albert... Ele foi embora — sussurrou.

— Albert? O que aconteceu?

— Ele foi embora — disse mais alto, levantando a cabeça enquanto a encarava. Seus olhos estavam marejados e seu semblante estava imerso em tristeza.

— Não acredito. Ele nem se despediu... Como ele pôde fazer isso?

— Foi minha culpa — disse, chorando. — Ele foi embora por minha causa.

Marina olhou para a amiga chorando e no mesmo instante seu coração se apertou. Aproximou-se dela e a abraçou, apoiando a cabeça dela próximo ao seu coração.

— Não chore, não foi sua culpa — a consolou.

— Foi, sim... Ele foi embora porque eu não o amava.

— Hum, entendo, mas duvido que ele tenha ido embora por isso, Charlotte — disse ao passar a mão sobre seus cabelos. — Ele foi porque era o seu destino. Não se preocupe, tenho certeza de que o amor dele por você vai dar força a ele. Não foi por isso que ele foi embora.

— Como pode saber?

— O amor não faz com que nos afastemos das pessoas. Ele as aproxima. Mesmo você não o amando, ele queria estar ao seu lado, não é? — Sorriu docemente. — Então, ele não teria motivos para ir embora. Não foi sua culpa, ele apenas teve que ir. As pessoas são assim, Charlotte. Elas chegam até nós por algum motivo e vão embora sem que nós percebêssemos,

pois o papel delas foi cumprido. Muitas vezes achamos que a distância é um mal, mas não é. Ela tem a tendência a aproximar as pessoas e de esclarecer seus sentimentos.

— Marina... — chamou-a, olhando para ela.

— O quê?

— Obrigada... por ser minha amiga — disse, abraçando-a.

— Por nada.

Elas ficaram abraçadas até o professor entrar na sala de aula. Afastaram-se apenas fisicamente, pois em seu íntimo estavam mais unidas. Algo na ida de Albert havia reunido o pequeno pedaço que sobrara da amizade delas.

Carl estacionou o carro em frente a um prédio e ficou olhando as pessoas andarem com suas sombrinhas. *A chuva apareceu de repente, ninguém esperava por ela, pois o sol estava brilhando no céu, assim como Victoria um dia brilhou*, pensou ao olhar para os alunos correndo de um lado para o outro. Pegou o guarda-chuva, saiu do carro e ficou à espera de Charlotte próximo ao carro. Depois de alguns minutos ela apareceu. Seus cabelos estavam molhados e seu uniforme estava grudado em seu corpo. Sua saia de pregas xadrez modelava todo seu corpo, enquanto a blusa branca tornava-se transparente. Ele engoliu em seco ao vê-la correr em direção à saída e, como em um filme, caminhou até ela, parando em sua frente e impedindo-a de passar.

Charlotte estava imersa em seus pensamentos ao sair da chuva e, ao ver um homem bloqueando seu caminho, não percebeu quem ele era. Levantou o olhar lentamente e estacou ao ver Carl à sua frente segurando um guarda-chuva, enquanto a olhava sem expressão.

— Carl, o que faz aqui? — perguntou, incrédula.

— Você está encharcada — disse puxando-a para si. Abraçou-a, enquanto os protegia da chuva. — Por que saiu embaixo de chuva?

— Eu... eu pensei que estariam me esperando aqui fora e, como estava

chovendo, não queria que eles ficassem esperando por muito tempo — murmurou.

— Boba — disse, levando-a em direção ao carro. — Eles não vêm hoje. — Abriu a porta do carro e a colocou para dentro. Deu a volta rapidamente e, ao entrar, sorriu para Charlotte. — Está com frio? Deveria pensar mais em você.

— N... Não.

— Me parece estar arrepiada e tremendo — disse ao olhar para ela. Pegou uma manta no banco de trás que havia colocado após ver o mau tempo e colocou-a sobre seu corpo. — Isso vai ajudar.

Não estou assim por causa do frio. Você nem faz ideia do efeito que tem sobre mim, não é mesmo?, ela pensou ao ver seu perfil.

— Por que você veio? — ela perguntou minutos depois ao olhar pela janela do carro, que se encontrava em movimento.

— Não tinha o que fazer em casa. Estava entediado. — Sorriu, mentindo. Carl não conseguia tirá-la de sua cabeça por mais que tentasse. — Por quê? Não gostou de me ver?

— O quê? — Ela o olhou assustada, sem conseguir dizer nada.

— Não precisa ficar tão alarmada — ele disse sorrindo, prestando atenção a estrada.

— Não estou assustada — ela falou baixo.

— Então, por que está na defensiva?

— Toda a vez que você está ao meu lado, algo de ruim acontece.

— Sério? Nunca percebi. — Ele sorriu. — Estava pensando... O que acha de ir esse final de semana para a Inglaterra? — perguntou, olhando de soslaio para ela.

— Inglaterra? — ela repetiu, sem acreditar.

— Sim. Algum dia iremos ter que ir lá de qualquer forma.

— Iríamos para...

— Para que os súditos a vissem e para que você conheça a minha família, oficialmente.

— Entendo — ela murmurou baixo. — Imaginei que... Esqueça. Esse

final de semana está bem.

— Certo. Irei preparar tudo.

Charlotte apenas assentiu enquanto olhava pela janela do carro. Observou os pingos da chuva na janela e suspirou ao pensar em Albert. Sem perceber, levou a mão ao colar em seu pescoço.

— Nunca tinha visto ele antes — Carl falou, referindo-se ao colar que ela usava.

— Ele?

— O colar — disse, olhando rapidamente para ela.

— Ah, foi um presente do Albert. De despedida.

— Entendo. — E, como por reflexo, uma careta surgiu em sua face.

O silêncio se abateu sobre os dois até Carl o quebrar minutos depois.

— Você... Ele te chamou para ir com ele?

— Chamou — falou, indiferente — mas... acabei recusando.

— Por quê?

— Não é óbvio? — ela indagou, olhando-o. — Não posso ir e deixar o meu coração aqui... com você. Quando eu for embora, tenha a certeza de que o meu coração também estará livre.

— Charlotte, você é jovem demais... Apenas isso.

— Eu sei que você nunca vai acreditar em meus sentimentos.

— Não é isso.

— Então, é o quê?

— Apenas... somos jovens e você é uma criança ainda. Não sabe nada da vida, não pode apenas afirmar que me ama por um simples capricho.

— Não é capricho — ela declarou, séria.

— Que seja. Pode não ser um capricho, mas acredito que esse sentimento irá sumir com o tempo. — *Assim como o sentimento da minha família sumiu pelo meu irmão.* Carl havia aprendido que sentimentos não eram necessários ou existentes em sua família.

— Carl... Nada do que eu disser vai provar o contrário. Vamos apenas esperar. Não há nada melhor que o tempo para revelar a verdade.

Carl não disse nada, apenas continuou dirigindo. Entretanto, de vez em quando olhava para a garota sentada ao seu lado e percebeu o quanto ela havia amadurecido no tempo em que estavam juntos.

Talvez ela não seja a criança que eu tanto imagino. A cada dia, sua forma de mulher acaba me surpreendendo, pensou com um sorriso singelo nos lábios.

CAPÍTULO 30

Charlotte saiu do jatinho de Carl com uma expressão azeda em seu semblante. A viagem havia sido feita sob turbulência e assim que pousaram uma chuva forte começou a cair na Inglaterra.

Isso só pode ser um sinal de que isso será um desastre, ela pensou ao entrar na limusine que os esperava na área de pouso. Ela se sentou ao lado de Carl e suspirou ao vê-lo abrir o notebook. *Ele nem sequer vai me dar atenção?*

— Carl... Você não deveria me dar dicas sobre a sua família? — perguntou, nervosa. — Essa é a primeira vez que vou me apresentar como esposa de alguém. Nunca fiz isso nem como namorada.

— Não há mistério — ele disse, frio, não suportando retornar para o local onde sofrera tanto em sua infância. — Apenas sorria e confirme tudo o que perguntarem. Se comentarem sobre um herdeiro, apenas fale que está muito nova ou que ainda não tivemos sorte.

— Eles podem perguntar isso?

— É capaz — disse, sorrindo. — Apenas fique calma. Se ficar nervosa, vão desconfiar.

— Certo...

Carl fechou o notebook e, ao olhar para Charlotte, sentiu um pouco de compaixão.

— Qualquer problema que tiver, basta falar comigo — falou após

pensar um pouco. — Você será a princesa, minha esposa, então fique calma. Eles têm a obrigação de lhe tratar bem, ainda mais que esse casamento foi forçado.

— Você está certo — ela murmurou ao olhar para o nada —, foi um casamento forçado...

— Só escutou essa parte? — indagou, surpreso. — Por que as mulheres tendem a escutar apenas a parte que lhes é conveniente? — murmurou ao olhar para ela.

Minutos depois a limusine parou em frente ao Palácio de Buckingham fazendo com que Charlotte sentisse um frio na espinha no mesmo momento em que a porta do carro foi aberta. Em frente ao palácio, os empregados encontravam-se em fila e próximo à entrada o rei Willians os esperava. Ela saiu, insegura, e ao ver o pai de Carl sentiu uma pequena vertigem.

—Você não está agindo como uma princesa — Carl murmurou ao seu lado, próximo ao seu ouvido. — Está agindo como uma menina medrosa. Cabeça erguida e ar triunfante.

— Falar é fácil — ela disse em tom de escárnio ao fazer o que ele havia dito.

O rei Willians se aproximou com um sorriso largo no rosto. Cumprimentou Carl rapidamente, mas sua atenção estava na mulher em pé ao lado dele, Charlotte. Parou diante dela e abriu os braços. Ficou parado esperando sua reação, mas, ao vê-la estática, deu de ombros, tomou a iniciativa e a abraçou da forma mais calorosa possível.

— É bom revê-la — O rei disse próximo ao seu ouvido. — Está mais bela a cada dia e a semelhança com a sua mãe é incrível.

— Obrigada — ela agradeceu friamente, afastando-se dele delicadamente.

Willians a olhou de forma estranha ao vê-la afastar-se.

— Onde vamos ficar? — Carl perguntou para amenizar o clima. — Estamos cansados. Pegamos uma turbulência. Aposto que Charlotte está se sentindo suja e cansada, assim como eu. Por que não nos encontramos mais tarde?

— Claro — Willians disse com um leve sorriso. — James — chamou seu mordomo —, leve-os até o quarto.

James assentiu, sorriu para Carl, cumprimentou Charlotte fazendo uma leve reverência e seguiu para dentro do palácio.

Charlotte estacou ao ver o quarto que havia sido reservado para eles. Toda a parede possuía decoração em tons brancos. No centro do quarto havia uma enorme cama com dossel e ao lado dela duas cabeceiras com arranjos de flores. Sobre a cama havia várias almofadas decorando-a. Ela ficou parada sem reação durante intermináveis minutos até James a encarar com o semblante preocupado.

— Algo errado? Não gostou dos vossos aposentos, majestade? — perguntou próximo a ela.

— Não... adorei. Na verdade, nunca tinha visto algo tão bonito — elogiou, sorrindo. — Estou encantada.

— Fico feliz. Logo atrás do closet fica o banheiro. Se precisarem de algo basta me chamar — falou fazendo uma pequena reverência, saindo em seguida e deixando Carl e Charlotte a sós.

— Uau! — ela exclamou ao caminhar até a varanda. Sorriu deslumbrada ao ver todo o jardim da ala norte do palácio e uma parte da cidade. — Onde você vai ficar? — perguntou do lado de fora, debruçada no parapeito da varanda.

— Onde vou ficar? — ele repetiu caminhando em sua direção, parando logo atrás dela. — Como assim?

— Bem... Eu gostei do quarto, então ficarei com ele — sorriu ficando de frente para ele. — Você vai ficar em seu antigo quarto, não?

— Este é o meu antigo quarto — disse, analisando-a

— Seu...antigo quarto? Então, onde ficarei?

— Onde mais? Comigo.

— Mas...

— Aos olhos das pessoas somos um casal comum. — Virou de costas para ela enquanto um pequeno sorriso brotava em seus lábios. — Basta não me atacar à noite e tudo ficará bem.

— Ei.

— Vou tomar um banho primeiro. É melhor se preparar, pois daqui a pouco encontraremos com algumas pessoas importantes — disse ao entrar no quarto.

Charlotte suspirou e na mesma hora sentiu as aces rubras. Começou a se abanar com as mãos, enquanto voltava a atenção para o jardim.

— Esse final de semana será o mais longo da minha vida — disse baixo. — Será realmente frustrante dormir ao lado dele e não senti-lo próximo a mim. — Parou um instante e, ao se dar conta de seus pensamentos, balançou a cabeça com o intuito de espantá-los. — O que estou pensando?

Carl ajustou a gravata enquanto olhava para sua imagem refletida no espelho e suspirou ao olhar para o relógio mais uma vez. Charlotte havia entrado no banheiro logo depois dele e isso havia sido quarenta e cinco minutos antes.

— Essa garota não sabe ser pontual? — falou sozinho, olhando para a porta do closet. Ele sentou-se na cama e ficou esperando-a. Já estava se levantando para bater na porta quando a viu e por alguns segundos ele podia jurar ter parado de respirar. — Você... está linda — disse, encantado.

Charlotte não disse nada, apenas sorriu de forma singela enquanto controlava as batidas ritmadas e frenéticas de seu coração. Sem jeito, ela alisou a manga do casaco de pele e, para desviar o olhar que ele lhe lançava com intensidade, abaixou os olhos, fitando os sapatos brancos.

— É.. melhor irmos — ele disse, olhando para o vestido longo dela, branco, acinturado e com um pequeno decote em V.

— Certo — ela assentiu caminhando em direção a porta, mas, ao passar por ele, sentiu seu braço ser puxado e em poucos instantes estava parada de frente para ele. — O que... foi?

— Você vai sair assim? — perguntou, olhando-a nos olhos.

— Assim?

— Sem nenhuma joia — disse em tom divertido. — Estava pensando em quê?

— Em... nada. — Puxou o braço, mas ele apenas apertou-o com mais força. — Pode me soltar?

— Não.

— Por quê?

— É bom que você se acostume com meus toques.

— Toques?

— Todos no salão esperam romance e vamos dar isso a eles.

— O que quer dizer com isso?

— Que me tornarei mais carinhoso, mas não pense bobagens. Serei assim por um motivo. Não pense que estou apaixonado por você ou algo assim.

— Não está sendo muito cruel? — ela perguntou ao desviar o olhar. — Acho que não é necessário enfatizar que não me ama.

— Me desculpe — falou, soltando-a em seguida —, mas não quero que tenha esperanças.

— Isso eu sempre vou ter — disse caminhando até a penteadeira. Abriu uma caixa de onde tirou um par de brincos de diamantes e uma pulseira que havia recebido de Carl mais cedo. Os colocou sem vontade, andou até a porta e saiu do quarto com o semblante triste.

— Droga — ele murmurou ao sair do quarto. Avistou-a próxima ao final do corredor e sem pensar muito correu até ela parando ao seu lado. — Temos que chegar juntos — disse ao segurar seu braço.

— Certo — ela assentiu ao virar o rosto.

— Charlotte... — ele sussurrou ao segurar-lhe o braço com força e trazê-la para perto de si. — Eu... sinto muito.

— Pelo quê? — perguntou, olhando em seus olhos.

— Por tudo isso. Sei que não está sendo fácil para você. Sei também

que gostaria de viver uma vida normal e...

— Não precisa continuar. Não é como se eu quisesse escutar suas desculpas a cada segundo por algo que não fez — disse, tentando se libertar dele. — Sei aonde quer chegar e é melhor não continuar. Estão nos esperando.

Carl não disse mais nada, apenas soltou o braço dela e a observou descer as escadas. Suspirou pesadamente antes de andar em sua direção. Ele caminhou pelo palácio até avistar as pesadas portas do salão aberto e uma garota do lado de fora olhando para ele.

— Não vai entrar? — Carl perguntou ao parar ao lado de Charlotte.

— Estava lhe esperando — ela disse, sem graça.

Ele apenas sorriu enquanto oferecia o braço a ela. Charlotte olhou para ele e não conseguiu evitar de sorrir. Ela aceitou o braço que ele estava lhe oferecendo com alegria. *Mesmo que seja uma atuação eu estou feliz por estarmos como apaixonados. Nesse final de semana você irá me amar, mesmo que seja mentira. É tão ridículo eu estar feliz por isso?*, pensou ao adentrar o enorme salão com ele.

Todos voltaram a atenção para o casal recém-chegado. O rei Willians sorriu ao ver seu filho ao lado de Charlotte. *Uma pena eu já ser casado e velho. Ficar com ela seria como resgatar o passado*, pensou ao caminhar até eles.

— Estão lindos — disse sorrindo. — Charlotte... Você está uma princesa.

— Obrigada — ela agradeceu, séria.

— Gostou do antigo quarto de Carl?

— A vista é linda — disse com sinceridade.

— Isso é bom. — Ele olhou ao redor e fez um sinal ao ver um casal conhecido. — Terei que ir agora conversar com os convidados, mas aproveitem a recepção. Carl, a apresente a todos, sim? E mais tarde sua mãe estará aqui.

— Não se preocupe. Minha esposa terá toda a atenção que merece — disse, sério.

O rei Willians apenas sorriu ao escutar o termo “esposa”. Caminhou em

direção a um velho casal conhecido, mas toda sua atenção estava em Charlotte.

— Não precisa ficar tão séria toda vez que falar com meu pai — Carl falou baixo.

— É difícil não ficar. Afinal, ele e meu pai são culpados por terem feito aquele acordo ridículo.

— Concordo, mas agora não adianta nada.

— Verdade e se não fosse por eles eu não teria te conhecido. Deveria ficar agradecida, não? — disse, com um leve sorriso na face.

— Essa foi a declaração do ano — um homem alto com disse sorrindo logo atrás de Carl. — É bom saber que o casamento está dando certo.

— Brandon, é ótimo vê-lo — Carl falou polidamente. — Como vai a sua família?

— Muito bem — ele respondeu olhando para Charlotte de forma curiosa. — Não imaginava que fosse tão jovem. Já havia escutado os rumores, mas não imaginava ser verdade.

— Esta é Charlotte Tissou Willians, minha esposa. — Olhou para o homem à sua frente. — Este é Brandon Grant, um amigo de longa data.

— É um prazer — Charlotte disse, séria.

— O prazer é meu. Mesmo jovem, é muito bela. Tenho certeza de que Carl deve sofrer. Aposto que tens muitos pretendentes — falou bem-humorado.

— Não tanto quanto gostaria — ela disse, sorrindo.

— A adorei, meu caro — Brandon falou bem-humorado. — Ela tem um ótimo humor. Algo raro hoje em dia.

Carl apenas desviou o olhar e no mesmo instante seus olhos captaram a imagem de uma pessoa, a qual correu em sua direção ao vê-lo. Carl soltou o braço de Charlotte e abriu os braços para a jovem. A mulher de cabelos pretos e com silhueta perfeita pulou em seus braços, ignorando os murmúrios de todos os presentes e o olhar indignado que a esposa de Carl lhe lançava.

— Como senti a sua falta! — ela falou nos braços dele.

— Fanny, como cresceu — Carl disse, apertando-a. — Vejo que

continua a mesma impetuosa de sempre.

— Apenas contigo — falou olhando em seus olhos.

— Que bom, senão eu ficaria com ciúmes — disse sorrindo e colocando-a no chão. — Quanto tempo!

— Verdade! Como está? E Paris? Trouxe algum presente?

— Infelizmente não deu tempo para comprar nada — disse com o semblante misterioso —, mas... acho que irá gostar disso — falou, retirando uma pequena caixa do bolso do terno.

Fanny abriu a caixa animada e, ao ver uma pequena corrente com a letra F em rubi, beijou-o na face.

— Adorei.

— Fico feliz que tenha gostado.

— Ela é uma amiga íntima da família e de Carl — Brandon sussurrou no ouvido de Charlotte. — Na verdade, alguns falavam que os dois poderiam se casar. Antes de você ter aparecido, claro — acrescentou, sombrio.

— Entendo — Charlotte murmurou sem desviar o olhar do casal, que ria e conversava de forma animada. *É difícil vê-lo tão feliz em Paris e ao meu lado. Será que ele gosta dela ou sou eu por quem ele não tem nenhuma afeição?* Ela ficou parada olhando para eles conversarem e deu-se conta de que ele havia esquecido de sua presença. — Um ótimo jeito de começar o dia — murmurou ao olhar em volta.

Fanny segurou a mão de Carl e com um leve sorriso o afastou, discretamente, da esposa. Levou-o até o lado oposto do salão enquanto fingia prestar atenção no que ele falava. Para ela, o que importava era a presença dele ao seu lado e nada mais.

— Idiota — Charlotte murmurou ao vê-lo com Fanny.

Ela caminhou pelo salão distribuindo sorrisos aos olhares piedosos que lhe eram lançados e quando já estava ficando farta da situação sentiu uma mão sobre o ombro. Virou-se rapidamente e arrependeu-se em seguida. O impacto havia sido maior do que ela esperava. O homem olhou desnorteado para ela e para o copo que havia ido ao chão.

— Me desculpe — sussurrou sem graça ao perceber que, por sua culpa, o copo dele havia caído. — Eu não...

— Não se preocupe. — Uma voz grossa e máscula proferiu ao olhar para ela com um leve sorriso na face. — Vim trazer esse drinque para você, mas parece que não deu muito certo.

— Oh! — Ela levou a mão aos lábios. — Eu não... sabia... Eu...

— Já disse que não precisa se preocupar. — Ele sorriu, encantador. — A propósito, meu nome é Gary. É um prazer conhecê-la.

— Gary — repetiu, olhando em seus olhos.

— Isso, sou um primo de Carl. Na verdade, sou o próximo na linha de sucessão.

— Oh, entendo.

— Está gostando da festa? — perguntou ao olhar ao redor.

— Na verdade... Está sendo muito...

— Chata — ele disse, interrompendo-a. Ao ver o semblante pasmo dela sorriu com vontade. — Eu sou assim. Dizem que sou o mais sincero.

— Estou percebendo — falou sorrindo. — Obrigada pelo quase drinque de qualquer forma.

— Foi um prazer e me diga: tem 16 anos mesmo?

— É mesmo sincero e direto, pelo que vejo. — Sorriu, assentindo. — Sim. Dezesseis. Faço 17 próximo ao Natal.

— É mesmo jovem, mas devo dizer que a juventude lhe cai muito bem. É muito bonita.

— Obrigada.

Charlotte olhou para o homem à sua frente e não conseguiu evitar um ar de admiração. Ela o tinha achado lindo e gentil. *Ele é como todos os príncipes deveriam ser*, pensou, deslumbrada pelo carisma dele.

— Não acha que está exagerando no elogio? — Carl perguntou atrás de Charlotte, assustando-a.

— Carl é ótimo vê-lo. — Olhou para a mulher ao seu lado sorrindo. — Fanny, vejo que não perdeu tempo. Já está agarrada a ele. Desse jeito, sua esposa pode ficar com ciúmes.

— Não há motivos para ciúmes, Fanny é como uma irmã. — Carl falou sério, ignorando Fanny ao seu lado. Olhou para o semblante corado de

Charlotte reprimindo um insulto. *É assim que me ama? Na primeira oportunidade fica toda animada com o primeiro homem que aparece em sua frente*, pensou ao olhar para ela.

CAPÍTULO 31

Charlotte levou o vinho branco aos lábios, sorrindo para o homem à sua frente. Ela e Gary haviam conversado durante toda a festa mesmo sob o olhar frio e penetrante de Carl. *Ele pode ficar de sorrisos para Fanny. Então, não vejo mal em fazer um amigo*, pensou ao olhar para Gary.

— Então, você ainda está no colégio. Uau! — exclamou, encarando-a.
— Deve ser difícil estar casada e ser tão nova.

— Nem tanto — ela falou, bebendo mais um gole do vinho.

— Sério? As obrigações de esposa e de estudante não se chocam?

— Quase não há obrigações de esposa — falou um pouco animada. — Não costumo ir a festas com Carl e nem ser apresentada como sua esposa.

— Como não? Imaginei que houvesse muitos convites — ele disse, pensativo. — E vocês dois não... não dormem ou saem juntos? — perguntou de forma cuidadosa.

— Nós? — Ela sorriu com vontade, já sentindo o efeito da bebida. — Não. Ele nem ao menos gosta de mim como gosto dele, mas é segredo — falou, colocando o dedo indicador sobre os próprios lábios. — Não pode contar a ninguém, certo?

— Sou um túmulo — garantiu, sorrindo. — Então, você o ama?

— Sim — ela garantiu, sorrindo — mas ele não acredita e ainda tem Victoria... Fanny.. Quantas mulheres um homem pode ter em sua vida?

— Muitas. Eu mesmo tenho no mínimo cinquenta — falou, sorrindo divertido.

— Os príncipes reais são bem diferentes dos contos de fadas.

— Concordo. Mas você agora é uma princesa. Não vai me dizer que gosta de ser como a Cinderela, amedrontada pela madrasta? Ou como a Bela adormecida, a que esperava pelo amor dormindo, sem fazer nenhum esforço?

— Verdade. Acho que não gostaria de ser assim, mas iria gostar se o meu príncipe aparecesse em um cavalo branco, me resgatando.

— Você é sonhadora e romântica — ele percebeu.

— Claro, afinal sou uma mulher. As mulheres deveriam ser sempre assim.

Gary assentiu enquanto colocava outra taça de vinho nas mãos de Charlotte. Ele estava adorando escutar a jovem com voz macia. Ele não tinha nenhuma intenção de comentar o que escutava, mas gostava de escutar o som da voz dela.

— Vai deixá-la a festa toda com ele? — Robert, primo de Carl, o indagou ao olhar para o casal sorrindo um para o outro. — Estão começando a falar. É melhor colocá-la ao seu lado.

— Se ela quer ficar com ele, que faça bom proveito — disse ao beber todo o champanhe de uma só vez. — Não servem nada mais forte?

— Está com ciúmes? — perguntou, com um leve sorriso.

— Não — falou sério. — Nunca sentiria ciúmes de uma criança.

— Sério? Não é isso que me parece.

— Pois está enganado. Ela não faz o meu tipo.

— Faz o meu — falou bem-humorado, mentindo, ao ver os ciúmes na face de Carl.

— O que essa pirralha tem que faz com que todos os homens caiam aos seus pés? — Olhou em direção a ela e suspirou. Seu olhar refletia apenas labaredas de chamas enquanto a encarava. — Ela nem tem um corpo formado ainda.

— É impressão minha ou está procurando defeitos nela?

— Estou sendo sincero.

— Claro que está — tornou, irônico —, mas eles fazem um belo par.

Quero dizer, ambos são alegres e sinceros. Alguns dizem que Gary está procurando uma esposa, será que vai roubar a sua?

— Duvido muito — murmurou sem confiança. Olhou incrédulo ao ver Gary inclinar-se sobre ela e sussurrar algo em seu ouvido, extraindo sorrisos descontraídos dela. — Já chega — falou firme ao caminhar em direção a eles.

Aproximou-se como um leão prestes a atacar sua presa, segurou o braço de Charlotte e a puxou sem ao menos olhar para Gary, levando-a para fora do salão. Todos os presentes sorriram, divertidos com a cena, mas o rei Willians apenas se manteve impassível.

Charlotte deixou-se ser levada por Carl. Percebeu estar se afastando do salão ao andar pelo corredor, o viu abrir uma porta e colocá-la para dentro, fechando a porta em seguida. Ele virou-se e a encarou sem expressão, mas seu olhar demonstrava pura fúria.

— O que pensa estar fazendo? — Carl gritou sem importar-se.

— Como? Por que está gritando comigo? — indagou confusa, encarando-o.

— Por quê? Ainda tem a cara de pau de perguntar? — falou, aproximando-se dela. A cada passo que ele dava em sua direção, Charlotte recuava sem olhar para onde estava indo até sentir um obstáculo atrás de si e cair sentada sobre um sofá.

— O que foi? — perguntou, olhando em seus olhos. — Não fiz nada...

— Não fez? — falou inclinando-se sobre ela, deitando-se por cima. — Da próxima vez que vê-lo fique longe dele — disse, ríspido.

— De quem está falando? — ela sussurrou ao sentir a respiração dele em seu rosto.

— Gary.

— Não estávamos fazendo nada demais — defendeu-se, acuada. — Isso é exagero.

— Exagero? Você está casada comigo e não com ele, sabia disso?

— Carl — ela murmurou ao ver o olhar dele —, você está com... ciúmes?

— Nunca. Apenas não gosto que interfiram nas minhas coisas — falou

sério enquanto fitava, inebriado, o olhar confuso dela.

Ele se apoiou no encosto do sofá ao mesmo tempo em que seu corpo inclinava-se sobre o dela até senti-los como um só. Com a outra mão acariciou seu rosto, aproximando os lábios de forma leve, fechou os olhos lentamente e pressionou seu lábio sobre o dela.

Charlotte não entendia o que havia acontecido com Carl, mas, ao senti-lo em cima de si e a maciez de seus lábios, rendeu-se. Ela não queria se importar pelos motivos que estavam fazendo-o agir daquela forma. Ela queria apenas aproveitar o momento e rogar aos céus para que fosse eterno.

Ela fechou os olhos timidamente, enquanto sentia o beijo possessivo de Carl. Correspondeu na mesma medida e não demorou a sentir as mãos dele percorrerem seu corpo de forma selvagem.

Carl não pensava, apenas agia com seus instintos. Suas mãos subiram o vestido dela de forma agressiva, revelando um par de coxas um tanto grossas. Ele parou de beijá-la e, ao olhar para as pernas dela, sorriu intimamente. Voltou sua atenção para o pescoço de Charlotte ao distribuir pequenos beijos sobre ele, retirando suspiros e gemidos dela. A mão de Carl subiu pelo corpo dela até chegar aos seios, apertando-os de forma gentil. E quando estava prestes a retirar o casaco dela, escutou batidas na porta.

— Ignora — Charlotte sussurrou entre gemidos.

Carl não ouviu nada. Nenhuma batida ou a voz dela. Ele estava concentrado em seu corpo. Ele queria conhecê-lo de forma ávida. Para os dois não existia nada, apenas o desejo querendo ser consumado. Carl apertou a coxa dela com mais força do que pretendia, mas Charlotte não disse nada, apenas suspirou. *Me faça sua mulher. Sua esposa*, ela pensou de olhos fechados ao senti-lo beijar seu pescoço.

— O que estão fazendo? — O rei Willians falou antes de abrir a porta e deparar-se com a cena inusitada. Seu filho Carl estava sobre Charlotte, a qual se encontrava em completo desalinho.

Ao escutar a voz de seu pai, Carl saiu de cima de Charlotte, retirou o paletó, colocando-o sobre ela. Controlou a respiração ao mesmo tempo em que seu semblante tornava-se frio.

— Imaginei que estivesse na festa — Carl falou, encarando-o, enquanto

Charlotte mantinha-se encolhida no sofá. — Algo aconteceu?

— O que pensam estar fazendo? — o rei Willians indagou, nervoso.

— Somos casados. Isso não é errado — disse, tranquilo.

O rei Willians ao parar para pensar deu-se conta de que não era o passado à sua frente e que Charlotte não era a sua amada. De cabeça baixa virou de costas para eles e suspirou ao falar.

— Se arrumem e voltem para a recepção — disse antes de sair, deixando-os a sós.

— Merda — Carl murmurou ao olhar para Charlotte. — Me...

— Não se desculpe, por favor — ela pediu, encarando-o. — Você fez isso por impulso. Não sei o motivo, mas não se desculpe. Isso só fará com que eu me sinta péssima. Eu estava me dando para você, por inteira, mesmo sabendo que a sua intenção, em seu íntimo, não era essa. — Retirou o paletó dele de cima do corpo e lhe entregou ao se erguer — Vou ao banheiro. Vai me esperar para voltar?

Ele apenas assentiu ao segurar o paletó. Olhou para Charlotte caminhar até o lavabo do escritório. Deixou-se cair no sofá, levou a mão ao rosto de forma desesperada e suspirou.

— O que eu estava prestes a fazer? — perguntou-se, já sabendo a resposta para a pergunta. — Mas por quê? Eu não devo valer nada. Prestes a tirar a pureza de uma jovem no sofá, dentro de um escritório. A que ponto cheguei na minha vida.

Charlotte olhou para seu reflexo no espelho sem acreditar no que estava vendo. Sua face encontrava-se avermelhada, seus lábios inchados e uma vermelhidão era vista em seu pescoço. Seus cabelos encontravam-se bagunçados e o vestido amassado.

— Meu Deus... Eu ia... Ia fazer amor com ele no sofá. Devo estar louca. Como posso ter pedido, mesmo em pensamento, para ele me fazer sua quando ele nem sequer sente algo por mim?

Talvez apenas o meu amor seja o bastante, percebeu ao olhar para Carl, que a esperava próximo à porta do escritório.

CAPÍTULO 32

Charlotte suspirou ao fechar a porta atrás de si, fechando os olhos em seguida. *Apenas por alguns segundos*, disse a si mesma ao respirar profundamente.

Assim que Carl e Charlotte retornaram ao salão os olhares de todos se voltaram para eles. Ele mantinha-se impassível ao segurá-la pela cintura, enquanto Charlotte sentia o rosto arder em chamas. Ela já imaginava o que todos falavam. Tentou sorrir ao passar pelas pessoas, mas seu olhar foi em direção a Gary. Ele apenas fez uma leve inclinação com a cabeça, enquanto tomava o seu drinque. Ele não queria admitir, mas estava divertindo-se ao ver a reação exagerada de Carl.

— Vamos ficar assim o dia todo? — Charlotte sussurrou em seu ouvido.

— Sim — falou polidamente — já estão falando muitas coisas. Já demos um show e tanto a eles — disse, ignorando o real motivo de seu ato: mantê-la longe de Gary.

— Nós não. Apenas você — falou, segurando-se para não sorrir. — O único que ficou com ciúmes e não soube se controlar foi vossa alteza.

— Não fiquei com ciúmes — disse, olhando ao redor.

— Não? Então, o que foi aquilo de antes? Por que me tirou de perto de Gary?

— Comentários, apenas isso — disse, seguro.

— Certo. Então, poderei falar com ele quando não tiver ninguém por perto, correto? — indagou, analisando sua reação.

— Não — falou, frio. — E vamos esquecer essa conversa. Sorria.

— Sou estudante e não atriz — murmurou ao sorrir para as pessoas.

Carl não disse nada, apenas segurou sua cintura com força ao ver Gary aproximar-se. Em questão de segundos seus olhos semicerraram e seu rosto ficou tenso.

— Carl, Charlotte — Gary disse, divertido —, é uma pena, mas terei

que me ausentar da recepção. — Sorriu para Charlotte ao segurar sua mão e levá-la aos lábios. — Se precisar de algo, basta me telefonar. — Retirou um cartão de visita de seu paletó e entregou a ela. — Foi ótimo revê-lo — falou, dirigindo-se a Carl. Fez uma pequena reverência e saiu com um sorriso nos lábios.

Carl olhou para Charlotte fazendo uma careta. *Como ela consegue ficar tão animada por tão pouco?*, pensou ao vê-la feliz olhando para o cartão de Gary.

— Ele é um mulherengo — disse, desviando o olhar. — Então, não se anime.

— Não estou animada — falou, olhando para ele — apenas feliz por poder conversar com alguém que me entende. Como ele já foi embora, posso andar sozinha pelo salão, não é? — disse, retirando a mão dele de sua cintura. Deu-lhe as costas enquanto caminhava pelo salão. *Tenho que começar a ser um pouco mais fria com ele. Já percebi que isso funciona*, pensou sorridente. Ela caminhou livremente entre as pessoas até sentir uma mão sobre seu ombro. Ao virar-se, ficou sem palavras. O rei Willians estava com a mão erguida, pedindo uma dança a ela. Charlotte engoliu em seco antes de aceitar, sem graça e sem vontade.

Ele segurou sua mão de forma delicada ao levá-la até onde alguns casais dançavam uma música lenta. Segurou em sua cintura e a puxou para perto de si, enquanto a rodopiava.

— Como está o seu pai?

— Não falo com ele tem um tempo.

— Não o perdoou pela aposta? — indagou impassível ao girá-la pelo salão. — Não deveria guardar rancor.

— Não guardo — mentiu, tentando esconder a verdade. Ela ainda não havia perdoado o pai pelo que fizera e, apesar das tentativas dele de falar com ela, ignorava todas. Desde que sua mãe os havia abandonado, confiara apenas nele durante a vida, mas, ao descobrir que ele a traira daquela forma, não conseguiu acreditar.

— Você e o Carl... Quando irão me dar um herdeiro? Pelo que vi, não vai demorar, não é mesmo? — disse com um leve sorriso na face após

perceber o silêncio dela.

— Herdeiro? — ela repetiu ao lembrar das palavras de seu marido. — Sou muito nova, ainda nem terminei o colégio. Pensaremos nisso depois — falou, com uma confiança que não sentia.

— Entendo. Não demorem para me dar um neto — falou sério —, não quero que o trono seja ocupado por outra parte da família.

— Como?

— Não deve saber, mas se Carl não existisse, com a morte de meu filho o trono seria ocupado por Gary. O homem com quem conversava antes.

— Entendo — murmurou ao lembrar-se dele. — Seu outro filho... Morreu como?

— É melhor mudarmos de assunto — disse, autoritário. — Pretende fazer faculdade de quê?

— Faculdade?

— Sim. Estive pensando em relações internacionais. Creio que será ótimo para Carl. Poderiam trabalhar juntos.

— Está dizendo que devo fazer faculdade de relações internacionais? — indagou, pasma.

— É um conselho, ou melhor, apenas uma sugestão.

— Se é uma sugestão, não preciso levar em consideração, não é mesmo? — falou ao estacar. Ele tentou fazê-la mover-se ao som da música, mas ela se recusou. — Me desculpe, mas estou cansada. Por que não deixamos para uma próxima vez?

— Claro, minha querida — falou sério, levando-a até Carl. — Sua esposa está um pouco cansada. É melhor se retirarem — o rei Willians falou, encarando-o.

Carl apenas assentiu ao olhar para a garota ao lado do pai. Em poucos minutos saiu do salão acompanhado por Charlotte. Subiram as escadas em silêncio e, ao passarem pelo corredor, ela lembrou-se dele segurando-a. *Como será dormir com ele?*, pensou ao segui-lo até o quarto. Ele abriu a porta e a esperou entrar para fechá-la.

— O que acontece com o meu pai? — perguntou ao olhar para ela.

— Nada.

— Pode enganar a ele, mas não a mim. O que ele disse?

— Não foi nada — falou virando de costas ao andar até a varanda, mas ele segurou seu braço e a virou, forçando-a a encará-lo. — Já disse que não foi nada.

— Se não foi nada, porque sinto que está me escondendo algo?

— Não estou. Não há motivos para isso.

— Certo. — Suspirou. — Vai ligar para ele?

— Ele?

— Gary.

— Talvez.

— Não ligue — falou, sério.

— Você me perguntou se eu iria ligar e agora está me dizendo para não fazer isso. Curioso. Isso soa como ciúmes.

— Não é ciúim... — Antes que ele pudesse terminar a frase, Charlotte o olhou séria, passou o braço sobre o pescoço dele, ergueu-se na ponta dos pés e o beijou, pegando-o desprevenido. Carl permaneceu com os olhos abertos, atônito pela surpresa, mas aos poucos deixou-se levar e correspondeu.

Aos poucos, ele permitia que a língua de Charlotte invadissem seus lábios transmitindo um leve sabor de álcool misturado a algo doce. *Sempre que a beijo sinto isso. Esse gosto adocicado e inebriante*, pensou ao passar os braços pela cintura dela. O beijo tornava-se mais avassalador à medida que as mãos de Carl percorriam-lhe o corpo até ele retirar seu casaco e deparar-se com o olhar questionador que ela lhe lançou ao se afastarem a fim de respirar.

Ficaram se olhando durante segundos, quem sabe por minutos. O casaco de Charlotte permanecia no chão e só se escutava no quarto o barulho do relógio.

— Eu...

— Eu...

Falaram ao mesmo tempo sem querer, trazendo o silêncio de volta ao quarto. Carl levou as mãos ao bolso da calça, resignado, enquanto Charlotte ficava sem jeito ao olhar para ele.

— Vou ao banheiro — ela disse e logo depois saiu apressada para fugir do olhar penetrante dele.

— E agora aqui estou eu — sussurrou ao olhar para a parede. — Tenho que me controlar. Isso tudo é... Não é o que sempre quis? Por que estou tão nervosa? — disse ao levar a mão ao coração. — Bata mais devagar... Tudo vai ficar bem e seremos marido e mulher. — Sorriu. Caminhou até o espelho, olhou para sua imagem, desamarrou o cabelo, deixando-o cair soltos sobre as costas. — Será que eu deveria tomar um banho? — perguntou-se ao ver sua camisola perfeitamente dobrada sobre a pequena cômoda. Após pensar um pouco, decidiu-se por tomar o banho. Retirou o vestido lentamente deixando-o cair no chão branco e frio, abriu o chuveiro e entrou.

— Droga — Carl murmurou ao andar de um lado para o outro no quarto. Ele ainda não havia entendido como havia se deixado levar por Charlotte e estava se odiando por desejá-la mais a cada minuto. Toda hora ele olhava para a porta do banheiro, esperando-a sair, mas frustrava-se ao perceber que ela não tinha retornado. — Será que ela se arrependeu ou está me odiando? Por que tinha que me descontrolar? — perguntou-se ao caminhar até a porta do quarto. *É melhor eu dormir em outro lugar*, pensou. Ao colocar a mão sobre a maçaneta, um barulho chamou a sua atenção, fazendo-o virar-se. Seu olhar percorreu o corpo de Charlotte lentamente, como se pudesse despi-lo apenas ao olhar para ela. — Você...

— Estava indo embora? — perguntou, encarando-o.

— N... Sim... Não... — gaguejou ao ver a camisola de seda preta, de alcinha, ajustar seu corpo ao caminhar em sua direção. — É melhor ficar parada.

— Por quê? — disse, sem se abalar, caminhando até ele. — Algum problema?

— Você. Você é o meu problema — disse desviando o olhar do corpo dela. — Apenas vista algo por cima disso.

— Está brincando comigo? — perguntou, parando diante dele. — Há

alguns minutos estávamos bem e...

— Sim, estávamos, mas...

— Vai dizer que não era certo? — interrompeu, olhando-o friamente.

— É, quase isso.

— Quem diz o que é ou não é certo não é a idade e muito menos a sociedade e sim o que sentimos. Sinto que serei feliz se continuarmos de onde paramos.

— Charlotte... Isso implicaria muita coisa — falou pausadamente. — Talvez, tenhamos que ficar juntos por um longo tempo. Não poderá se divorciar de mim daqui a cinco anos.

— E quem disse que quero isso? — falou, abraçando-o pela cintura e colocando a cabeça sobre o peito dele.

— Tenho a impressão de que ambos iremos nos arrepender disso — murmurou ao abraçá-la.

— Não importa. — Ela inclinou a cabeça e olhou em seus olhos. — O que importa é que agora é isso que queremos.

Tão doce e ingênua, mas ao mesmo tempo tão perspicaz e tentadora, pensou antes de levar a mão ao queixo dela, erguendo-o, e beijá-la sob a fraca da luz no imenso quarto que outrora havia sido dele.

CAPÍTULO 34

Os beijos entre Carl e Charlotte tornaram-se mais avassaladores no decorrer de segundos. Carl já se encontrava com as mãos, possessivas, sobre o corpo dela, acariciando-a e excitando-a até escutá-la gemer em seus braços.

No imenso quarto apenas se ouvia o barulho dos beijos, dos gemidos e das carícias. Nenhum deles falava nada, com medo de quebrar o encanto do momento.

Carl separou-se de Charlotte para poder respirar, olhou em seus olhos e fraquejou. Já estava afastando-se dela, retirando a mão de seu corpo, quando ela acariciou seu rosto de forma singela e sorriu. Nada mais precisou ser dito. Ele respirou fundo ao erguê-la, com facilidade, e a levar até a cama. Deitou-a

no centro, entre almofadas e travesseiros. Teve o ímpeto de fotografá-la, tamanha a perfeição que viu, mas sorriu ante o pensamento.

Charlotte não demonstrava, mas estava nervosa. Seu coração batia acelerado, trazendo à tona pensamentos confusos. Ela estava começando a se arrepender de ter tomado a iniciativa quando o viu ficar por cima dela na cama e beijá-la. *Pela primeira vez está me beijando sem precisar ser forçado ou para mostrar algo. Está fazendo isso porque quer e sente vontade*, ela pensou, contente, ao retribuir o beijo. Suas mãos passearam sobre as costas dele, subindo lentamente até seus cabelos fartos.

As mãos de Carl percorriam o corpo dela com calma. Ele queria controlar-se, mas por algum motivo sentia-se nervoso como estivera em sua primeira vez. Parou de beijá-la, ergueu a camisola dela até os quadris, olhou para o seu semblante e viu uma mistura de medo e excitação.

— Não precisamos continuar — ele falou, segurando a camisola dela e encarando-a.

— Não quero que pare. — *Não ainda*, acrescentou em pensamento. Fechou os olhos ao sentir sua roupa deslizar sobre seu tronco até chegar próximo ao pescoço. Ela sentou-se na cama para facilitar, continuando com os olhos fechados.

— Com vergonha? — ele perguntou com voz mansa.

— Um pouco — ela admitiu, nervosa.

— Não precisa ter — falou, segurando seu rosto. Acariciou os cabelos dela e beijou, levemente, seus lábios. — Sei que me deseja, mas não precisa continuar hoje. Você está com medo, não é?

— Por que acha isso? — ela indagou ao abrir os olhos deparando-se com o olhar dele, mas não era frio. *É impressão minha ou seus olhos estão exalando calor?*

— Vamos apenas dormir ele disse, acariciando seu rosto.

— Por quê? — sussurrou, confusa, ao encará-lo.

— Não quero que se arrependa depois. — *E nem eu quero me arrepender*, pensou ao sair de cima dela, deitando-se ao seu lado. — Sabe... — disse baixo fitando o teto. — Esqueça.

— Não. Continue — ela falou sem lembrar-se de sua quase nudez.

Olhou para ele com atenção desejando poder tocar seu rosto.

— Não quero que fique sozinha com meu pai — disse, sério.

— Por quê?

— Apenas faça isso.

— Você não quer que eu me aproxime de nenhum homem. Isso está ficando ridículo e possessivo — falou, deitando-se ao lado dele.

— Eu sei. — *Só não consigo evitar*, pensou sério.

Ficaram deitados lado a lado durante minutos sem dizer nada, apenas olhando para o teto branco.

— Carl... — Charlotte começou a falar, sem graça. — Fanny.. Vocês já... Tiveram algo ou...

— Não — disse, interrompendo-a. — Fomos criados juntos. A considero uma irmã. — Ao dizer isso, virou a cabeça e a fitou. — Está com ciúmes? Sentindo ciúmes pela pessoa mais improvável. Isso é tão lastimável. — Sorriu levemente.

— Ciúmes? — sorriu sem graça. — Não é isso... É apenas curiosidade. Vocês pareciam tão íntimos.

— E somos — disse, atraindo o olhar curioso e magoado dela. — Fomos criados juntos. Não há como não ser íntimo da pessoa. Não da forma pervertida. — *Por que estou me explicando para ela? Devo estar realmente me perdendo.*

— Entendo — falou aliviada. Carl levantou-se da cama retirando a gravata, o paletó, desafivelou o cinto e quando estava prestes a retirar a calça lembrou-se de Charlotte. Murmurou um impropério, levantou o lençol e deitou-se na cama. — Já vai dormir? — ela perguntou, tímida.

— Já — disse, simplesmente fechando os olhos.

Charlotte não disse nada. Levantou-se da cama, pegou sua camisola do chão, vestiu-a e se deitou ao lado dele. Fechou os olhos, enquanto inúmeros pensamentos inundavam sua mente e por longos minutos tentou dormir, sem sucesso. Olhou para o lado e suspirou ao perceber a respiração ritmada dele.

Virou-se, apoiando o corpo no cotovelo e o fitou, demoradamente.

— Será que sou tão pouco para você a ponto de não querer fazer amor

comigo? Sou tão sem graça assim? — disse baixo ao ver os cílios dele. Quando ia se deitar novamente a voz dele ecoou.

— Não é nada disso — falou, sem abrir os olhos. — Apenas, é melhor evitar um arrependimento mais à frente. Você bebeu hoje e eu também. Não acho que seja correto termos algo nessas circunstâncias. Além do mais — disse, após pensar um pouco — você é atraente de vez em quando, e eu lhe desejei hoje. De verdade.

Charlotte ficou sem reação ao escutar as palavras dele. Seu único ímpeto era beijá-lo e, sem pensar muito, foi o que fez. Inclinou o corpo sobre o dele, fechou os olhos colando seus lábios no dele. Ao se afastar viu o olhar assustado de Carl e não conseguiu evitar um sorriso.

— Foi apenas de boa noite — ela disse antes de deitar-se novamente, virando de costas para ele com um sorriso no rosto.

Essa garota realmente vai me deixar louco, pensou ao levar a mão aos lábios onde ela o havia beijado. Um leve sorriso formou em sua face, fechou os olhos e adormeceu regado ao doce aroma e sabor de morangos.

Carl abriu os olhos lentamente. A luz proveniente da varanda o havia acordado, mas ao perceber o que se passava ao redor, levou um pequeno susto. Charlotte estava abraçada a ele. Ela apoiava a cabeça sobre seu tórax e suas penas entrelaçavam a dele, enquanto a mão dele a segurava pela cintura.

Isso está ficando pior. A cada minuto sinto mais vontade de agarrá-la, pensou ao retirar a mão. Tentou move-la sem acordá-la, mas, assim que tirou a cabeça de cima de si, ela abriu os olhos, sorrindo ao vê-lo.

— Bom-dia — Charlotte sussurrou ao espreguiçar-se.

— Bom-dia — disse sério, levantando-se da cama.

— Haverá alguma reunião hoje ou algo assim?

— Como? — indagou ao encará-la. *Até que ela fica bonita quando acorda*, pensou ao ver seu cabelo ligeiramente desganhado e o rosto amassado. *O que estou pensando?*, repreendeu a si próprio.

— Precisarei me apresentar a alguém hoje? — ela perguntou olhando para a varanda. Ela estava sem graça de vê-lo sem camisa.

— Acho que não — ele balbuciou, pensativo —, mas checarei na agenda. Se quiser, pode dar uma volta pela cidade. Tenho algumas coisas a

fazer — disse entrando no banheiro, fechando a porta com um pouco de força.

— Sozinha? Quer que eu vá sozinha? — disse sozinha, entristecida ao se ver trazida de volta à realidade: Carl ainda não a amava. — Parece que ontem não mudou nada, apenas piorou um pouco — murmurou ao levantar-se e ir até a varanda. Debruçou-se sobre ela quando avistava o sol brilhar. — Nem parece que ontem choveu. A vida também é assim, quando pensamos que ela ficará sombria sempre aparece um sol para iluminar, o problema é quando o sol desaparece na escuridão — disse, suspirando.

O rei Willians caminhava pelo jardim, pensativo. Desde o momento em que havia cruzado com Charlotte deu-se conta da semelhança dela com a mãe e viu-se enganado inúmeras vezes pelo passado.

Você fugiu, mas deixou sua filha para mim. E agora ela está sendo a princesa que você seria. Tenho certeza de que era isso que desejava quando fugiu do seu marido, deixando-a com ele.

Olhou para a janela do quarto de Carl e a viu. No mesmo momento sentiu a respiração falhar e o coração bater mais forte.

— Minha querida... Sinto não termos ficado juntos, mas sua filha terá tudo o que você não pôde ter — murmurou ao olhar para ela. — Uma pena não ser eu a ficar ao seu lado.

CAPÍTULO 35

Carl andou de um lado para o outro dentro da biblioteca do palácio, impaciente. Ele não tinha nada para fazer, mas desejava controlar suas emoções. Não queria se deixar envolver por elas e posteriormente se arrepender, e para isso entendeu ser necessário ficar longe de Charlotte por algumas horas. Pegou um livro aleatório e começou a ler sem vontade, mas em questões de minutos o colocou de lado e caminhou até a janela.

Vislumbrou o jardim bem cuidado e vazio.

— Agora eu me lembro porque fui embora daqui — falou ao olhar as árvores balançarem com o vento. Desde pequeno, viva sozinho em meio ao jardim, enquanto seu irmão tinha aulas com tutores. Não tinha com quem conversar ou brincar. Seus pais sempre estavam ocupados, lhe restando a solidão. Escutou um barulho atrás de si e, ao virar-se, deparou com a única pessoa que não lhe saía do pensamento. — O que faz aqui? — perguntou, com a voz mais fria do que gostaria.

— Estava caminhando pelos corredores quando me falaram que você estava aqui — Charlotte disse olhando em volta. — É uma bela biblioteca. — Carl não disse nada, apenas concordou com ela, voltando a atenção para a janela. — Sabe... Imaginei que esse final de semana fosse mais leve e pudéssemos nos conhecer, mas parece que não será assim, não é?

— Charlotte... — ele murmurou ao virar-se, encarando-a. — Viemos apenas para você ser apresentada como minha esposa. Não estamos de férias.

— Entendo — ela disse com tristeza.

— Por que não sai para conhecer a cidade? Não posso ir porque já tenho um compromisso, mas tenho certeza de que irá se divertir — falou e segundos depois arrependeu-se em seguida.

— Não é como se eu quisesse ir sozinha, mas... — Ela se lembrou da conversa de Carl com Fanny, forçou um sorriso e mentiu com um sorriso nos lábios. — Acho que encontrei uma ótima companhia. Obrigada pela dica — falou ao sair da biblioteca, deixando-o curioso e ansioso.

Charlotte saiu um tanto decepcionada, mas ao mesmo tempo resignada. Para ela, o verdadeiro Carl continuava uma incógnita. A única coisa que ela sabia era que ele não gostava dela, pelo menos não como apreciava a companhia de Fanny. Após andar sem rumo pelo palácio durante algum tempo se lembrou de Gary. O cartão de visita dele voltou à sua memória e ela sorriu para si mesma ao perceber que estava levando o cartão dele para todos os lugares. *Pareço uma idiota, mas é inevitável quando se encontra alguém para conversar*, pensou ao olhar para o número dele.

— Só espero que ele possa ir comigo — falou para si mesma ao pegar o cartão de visita. Olhou para ele durante alguns minutos, ponderando se deveria ligar, mas no fim deu de ombros. Pegou o celular digitando o número

dele rapidamente e não demorou a escutar sua voz.

— Gary? Não sei se lembra de mim, mas...

— Charlotte? — ele perguntou do outro lado da linha com uma entonação descrente. — É você mesma?

— Sim, sou eu. Como está?

— Impressionado, na verdade. — Sorriu. — Imaginei que Carl fosse rasgar o meu número, mas fico contente que tenha me ligado.

— Bem.. Na verdade, queria saber se estaria disponível hoje à tarde — disse, sem jeito.

— Não estou fazendo nada agora. Quer sair?

— Gostaria de conhecer a cidade, mas, como Carl não pode... Está ocupado, imaginei que você... bem... — falou baixo. — Mas, se não for incômodo, gostaria de saber se...

— Não precisa continuar — ele a interrompeu com um tom de voz divertido. — Terei um imenso prazer em lhe acompanhar pela cidade. Passo para lhe pegar daqui a quarenta minutos, tudo bem?

— Claro — tornou, animada.

— Até lá — ele disse e deligou.

Charlotte desligou o celular ficando com um sorriso no rosto. Ela não havia imaginado o quão fácil seria. Colocou o celular no bolso e seguiu para o quarto com o intuito de se arrumar para o passeio. Assim que abriu a porta do quarto encontrou Carl parado, olhando para o lado de fora pela varanda. Ela ficou parada observando-o durante alguns segundos, suspirando ao vê-lo de costas. *Até assim ele é lindo*, pensou, mas logo lembrou-se de Gary, caminhou até o closet e não demorou a encontrar uma roupa que lhe agradasse. Foi para o banheiro, tomou um banho rápido, vestiu-se e, ao ver o resultado, sorriu. Penteou os cabelos, passou uma maquiagem leve e saiu, dando de cara com Carl esperando-a do lado de fora.

Carl a olhou de cima a baixo com a sobrancelha erguida e uma leve expressão de incredulidade em seu semblante.

— Aonde vai? — indagou friamente, sem tirar os olhos dela.

— Conhecer a cidade — ela respondeu sem sorrir. — Por quê?

— Vai assim? — disse, olhando para a calça justa preta e a blusa transparente, preta com mangas e o top por baixo. Não acha que está muito... — *Sensual?* acrescentou em pensamento. — Vulgar?

— Não — ela disse, encarando-o. — Tenho que ir — falou ao olhar o relógio. — Ele já deve estar me esperando. — Passou por Carl, pegou o casaco em cima da cama, mas, ao ir até a porta, sentiu que ele segurou seu braço e respirou fundo ao perceber que ele a puxava para si.

— Ele? Ele quem? — perguntou, sério.

— Gary. Ele vai me mostrar a cidade. Como meu marido não pode, pedi a um amigo.

— Não deveria dizer amante?

— Não. Pelo menos, não ainda — falou sem se controlar, mas, ao ver o olhar que ele lhe lançou, arrependeu-se em seguida. — Eu só estava... brincando.

— Toda brincadeira tem um fundo de verdade, sabia disso? — falou, apertando-lhe o braço.

— Carl.. Está me machucando — ela murmurou ao olhar em seus olhos. — Me solte.

— Para quê? Para ir com ele? — disse, puxando-a para mais perto. — Você não vai.

— Apenas me solte — disse, nervosa. — Já estou cheia disso — explodiu, deixando-o nervoso. — Estou cheia das suas psicoses. Faça como quiser. Eu vou sair agora e não me venha falar nada, pois eu vi o seu jeito com a Fanny, Victoria e nunca disse nada. Deixou de sair comigo para sair com ela, então faça bom proveito, pois irei fazer a mesma coisa. — Puxou o braço, soltando-se. — Apenas não gosto de hipocrisia. Da próxima vez, seja mais sincero comigo e consigo mesmo — disse, antes de dar as costas a ele e sair.

— O que aconteceu com ela? — Carl se perguntou ao ver sua esposa sair apressada do quarto.

Ao sair, Charlotte sentiu lágrimas nos olhos, mas respirou ao tentar se controlar. Ela não gostava de perder a calma, mas percebeu que com Carl aquilo seria inevitável.

— Ele também é um idiota — murmurou ao descer as escadas. — Nem me chama para sair e espera que eu fique aqui, quieta, enquanto ele sai com ela? Idiota.

Charlotte sorriu ao ver Carl caminhando em direção a uma das portas do palácio. Caminhou logo atrás dele e, sem que ele percebesse, o seguiu. Quando ele abriu a porta, Fanny segurou seu braço. Ela tinha acabado de sair de um dos quartos e sorriu ao vê-lo.

— Querido — falou ao soltá-lo —, queria falar com você.

— Diga — disse friamente, sem prestar atenção ao que falava.

— Faz tempo que não nos falamos, conversamos, sorrimos ou saímos juntos, não é? — ela perguntou, manhosa.

— Creio que sim.

— Então, quer ir comigo a um lugar hoje à tarde?

— Tudo bem — ele disse automaticamente, sem prestar atenção, abrindo a porta e fechando-a atrás de si.

Charlotte ficou parada, escondida no corredor, com o coração saindo pela boca, a frustração misturada com tristeza em seu íntimo.

— Comigo não quer sair, mas com ela nem sequer pensa em nada e apenas aceita? — falou sozinha ao colocar a mão sobre o coração. — Isso tudo me parece a cada segundo mais sem sentido e dolorido.

Ela abriu a porta do palácio e logo viu Gary encostado em um Porsche preto conversível. Tentou sorrir, mas algumas lágrimas caíram discretamente por seu rosto. Charlotte caminhou até ele e sorriu ao parar onde ele estava.

— Esperou muito? — indagou, olhando para ele.

— Não, acabei de chegar — disse ao abrir a porta para ela. — Entre. Fique tranquila porque eu dirijo muito bem. Por estar comigo será protegida pelos meus seguranças e, acredite, eles são discretos ao ponto de não perceberem que estão nos seguindo — gabou-se ao vê-la entrar no carro um tanto insegura. Fechou a porta, deu a volta e logo tomaram as ruas da cidade.

Carl fechou o punho com força ao ver Charlotte entrar no carro de Gary

pela varanda. A única vontade que sentia era de segui-la e tirá-la à força do carro, mas resignou-se ao lembrar das palavras dela.

— Ela está certa. Ela nunca disse nada sobre Victoria ou Fanny, então eu também não tenho o direito. Mas por que não consigo acreditar nisso? Por que acho que ela deve ser apenas minha? — perguntou-se ao ver o carro se afastar rapidamente. — Deve ser porque estou me apaixonando por ela. — Ao dar-se conta, praguejou em silêncio.

CAPÍTULO 36

Charlotte sorriu para Gary pela milésima vez naquele dia. O passeio estava se tornando extremamente agradável. Gary estava sendo um ótimo guia e amigo. Eles haviam caminhado por diversos locais turísticos e agora se encontravam em uma das sorveterias prediletas dele.

— Nunca tinha imaginado que tomar sorvete em um lugar tão frio seria bom — Charlotte disse ao levar à boca mais um pouco de sorvete, deliciando-se ao senti-lo derreter aos poucos.

— Imaginei que fosse gostar — ele sorriu, olhando-a de forma terna —, mas tem certeza de que Carl não irá procurar confusão? Digo... Ele sempre foi o mais esquentado da família, ainda mais agora com uma esposa tão bonita.

— Obrigada, mas ele não vai falar nada — ela disse, olhando para o sorvete. — Afinal, ele não tem esse direito — murmurou.

— E porque não tem? — Gary indagou, interessando-se pelo rumo da conversa. — Ele faz algo errado?

— Não exatamente — ela disse, olhando-o. — Na verdade, ele possui muitas amigas e não vejo problemas em ter amigos. Você vê?

— Se eu fosse, ele veria — disse sinceramente. — É difícil ver um homem como ele não ser obedecido. Eu teria a mesma reação, ou pior. Tenha paciência com ele.

— E ele tem comigo?

— Como?

— Aquele idiota nem me respeita. Me trocou para sair com a Fanny — falou sem perceber e no segundo seguinte arrependeu-se ao ver o sorriso divertido nos lábios de Gary. — Oh... Esqueça o que eu disse.

— Você está com ciúmes. Apenas isso — percebeu por fim. — E me chamou apenas para se vingar. Esperta — admitiu.

— Não te chamei por isso — ela negou veementemente —, mas você é o único que conheço aqui. Foi por isso.

— Certo, mas, sobre Fanny: não acho que ela seja uma ameaça para você — tornou, sério. — Todos sabem que ela é apaixonada por Carl, mas sabem também que ela é uma irmã para ele. Não se preocupe. Apenas seja você mesma e tenho certeza de que ele vai começar a te enxergar como deseja, se já não estiver.

— Como?

— Nada, não. — Sorriu. — Apenas termine o seu sorvete. Tenho certeza de que ele deve estar pronto para mandar a polícia atrás de mim — disse, olhando para ela de forma gentil. — *Desta vez Carl deu sorte. Ela é doce e o ama de verdade. Espero que sejam felizes juntos*, pensou ao pegar o sorvete dela e provar, fazendo com que ela reclamasse e sorrisse.

Carl respirou fundo ao olhar para Fanny, que estava sorridente ao entrar em mais uma loja de grife. *Ela está apenas me fazendo de carregador de sacolas e eu nem sei o que estou fazendo aqui*, pensou frustrado e entediado ao olhar em volta. Avistou um casal se beijando e reprimiu a imagem de Gary e Charlotte. Por um momento os imaginou daquela forma e não demorou a sentir seu coração acelerar. Olhou para dentro da loja e viu Fanny acenar para ele. A única coisa em que conseguiu pensar foi em Charlotte. Não pensou em mais nada ao largar as compras de Fanny ao chão e seguir para seu carro. Ele estava decidido a voltar para casa e a encontrar sua esposa.

Fanny olhou para Carl e saiu da loja ao vê-lo correr, largando as

sacolas dela no chão. Gritou por ele, mas nem por um segundo Carl olhou para trás. Seguiu adiante com toda a determinação que sentia.

Minutos depois um carro parou de forma abrupta em frente ao palácio. Todos já sabiam da impetuosidade do príncipe mais novo, mas ninguém o tinha visto agir daquela forma após se tornar o príncipe herdeiro. Ele saiu do carro apressado, entrou no palácio e, sem o olhar para os lados, seguiu até seu quarto, correndo pelas escadas. Abriu a porta encontrando tudo no mais completo silêncio. Ficou sem reação ao escutar o barulho da porta atrás de si e, ao se virar, a viu. No mesmo momento não pensou em mais nada, apenas caminhou até ela, ignorando o olhar interrogativo que ela lhe lançava, segurou seu rosto entre suas mãos e a beijou da forma mais desesperada que conseguiu.

— Obrigada pelo passeio — Charlotte falou, sorridente, ao sair do carro de Gary. — Você foi um ótimo guia.

— Poderá me recompensar quando eu for a Paris — ele disse, sorrindo. — Quando eu for, irei te ligar, certo?

— Pode ligar. — Acenou para ele. — Adeus — falou antes de dar as costas e entrar no palácio. Assim que passou pelos empregados ficou preocupada ao ver a expressão de seus rostos. Cumprimentou-os sem graça e, ao entrar no quarto, viu Carl parado de costas para ela. Assim que fechou a porta, ele caminhou até ela sem dizer nada e a beijou, surpreendendo-a.

— Carl — ela sussurrou ao afastá-lo um pouco —, o que é isso tudo? — indagou, olhando em seus olhos.

— Apenas quero... Quero que seja minha — ele disse antes de tomar seus lábios novamente. — *Será minha, nem que seja apenas por hoje... Apenas por uma noite, iremos ser um só. Sem arrependimentos*, pensou ao envolvê-la com seus braços. Seus lábios mostravam-se possessivos e hábeis, deixando Charlotte sem fôlego ao tentar acompanhá-lo. As mãos tímidas dela percorriam as costas dele com avidez e em poucos instantes Carl já estava perdendo todo o seu autocontrole. Ele afastou os lábios e, sem desviar o olhar

do dela, ergueu-a no colo e levou-a até a cama, colocando-a no centro dela.

— Desta vez, iremos até o final — disse, extremamente sensual ao deitar em cima dela. — Com medo? — perguntou ao percorrer seu corpo com as mãos.

— Um... pouco — ela disse sem graça e sem acreditar no que escutava. — Tem... certeza de que quer isso mesmo?

— Quem deveria perguntar isso era eu — ele disse, um pouco divertido. Acariciou o rosto dela de forma gentil, aproximou seu rosto de seu pescoço absorvendo seu aroma tão especial. — Você costuma cheirar a morangos silvestres — sussurrou em seu ouvido antes de morder-lhe o pescoço. — Nunca mude de xampu ou perfume. Adoro esse aroma que exala.

O rosto de Charlotte era uma mistura de perplexidade e timidez. Ela ainda não conseguia acreditar no que ele estava fazendo e, por mais que pensasse nos motivos que o haviam feito mudar de ideia, não conseguia entender. Optou por deixar-se envolver. Fechou os olhos e apenas sentiu as novas sensações em seu corpo.

As mãos de Carl subiram a blusa dela lentamente, enquanto seu olhar não desviava do semblante corado de Charlotte. Ele estava adorando vê-la daquela forma tão sensual e ingênua. Jogou a blusa dela no canto do quarto e sorriu ao olhar para o top de forma marota. Optou por desabotoar-lhe a calça, mas, ao começar escutou uma pequena e baixa reclamação dela. Não deu ouvidos, continuando o que estava fazendo. Solto uma pequena reclamação ao perceber o quanto a calça dela era justa.

— Você deveria usar apenas vestidos e shorts — ele disse ao puxar a calça dela, retirando-a deixando à vista uma pequena lingerie preta de renda com alguns detalhes em vermelho. — Para... Para quem usou isso? — ele perguntou, encarando-a, sério.

— Preciso de alguém para vestir algo assim? — ela disse, tentando aparentar a calma que não sentia. — Se não confia em mim, é melhor eu ir — disse, fazendo menção de se levantar, mas ele apenas se deitou por cima dela.

— Me desculpe... — sussurrou. — Você tem um péssimo efeito sobre mim.

— Efeito? Que efeito? — ela balbuciou.

— De me deixar nervoso. — *E com ciúmes*, acrescentou em pensamento.

— Sêrio?

— Muito sêrio — ele falou antes de tomar seus lábios novamente. *É impressão ou estou agindo de forma natural e infantil com ela? Que idiota eu sou, ele* pensou ao sentir a língua dela roçar seus lábios e suas pequenas mordidinhas em seu lábio superior. — Está ficando boa nisso — disse ao depositar pequenos beijos em todo seu rosto.

Eu o quero. Então, vou fazer isso ser de verdade e não me arrepender depois, Charlotte pensou ao colocar as mãos sobre o tórax dele, afastando-o dela. Sorriu diante do semblante dele, mas Carl não demorou a entender o que estava acontecendo. As mãos de Charlotte abriam os botões de sua camisa de forma natural e lenta. Ela não conseguia olhar em seus olhos e toda sua atenção estava voltada para a camisa e o corpo dele. Ao terminar de desabotoá-la, deslizou-a pelos braços dele e, nesse momento, seus olhos se encontraram. Ela percebeu o quão instável estava o olhar dele e sorriu ao perceber o desejo dele por ela. Logo a camisa dele foi jogada ao chão fazendo companhia às roupas dela. Como em sincronia programada as calças dele caíram no mesmo lugar. Charlotte voltou a se deitar ao terminar de despi-lo, acariciou o rosto dele e fechou os olhos.

— Não precisa ter medo. Prometo ser carinhoso — Carl falou ao retirar o top dela com cuidado, deixando-a seminua. Aos poucos, suas mãos desceram até a última peça de roupa, tirando-a de forma delicada. — Quer.. continuar? — perguntou ao vê-la nua sobre a cama. *Parece uma pintura. A mais bela e doce que já vi*, pensou ao admirá-la.

— S... Sim — Charlotte respondeu sem abrir os olhos. — Apenas... Vá devagar.

E foi exatamente o que Carl fez. Beijou-a e, aos poucos, seus lábios desceram pelo corpo dela, beijando-a em todas as partes fazendo-a arfar e gemer de prazer. E não demorou para ele tirar sua última peça de roupa e posicionar-se entre as pernas dela. Delicadamente e pacientemente, ele a fez sua parte. Para os dois, não havia nada lá fora. A chuva que caía pela janela apenas aumentava o ar de sedução dentro do quarto.

CAPÍTULO 37

Carl abriu os olhos lentamente e não demorou a sentir o corpo de Charlotte sobre o seu. Sorriu ao ver suas pernas entrelaçadas, a cabeça dela sobre seu tórax, mas o que lhe chamou a atenção foram suas mãos dadas sobre o seu corpo. Aquela era a primeira vez em que dormia com alguém daquela forma. Ele ficou observando-a durante alguns instantes, senão minutos, e não demorou a se dar conta do que os homens tanto gostavam nela. Sua beleza era de um tipo especial. Ao mesmo tempo em que mostrava ser criança era uma mulher madura e isso o atraiu aos poucos, percebeu ao vê-la respirar de forma ritmada. Deu-se conta de que seu peito subia e descia no mesmo ritmo em que ele estava.

Isso quer dizer que somos apenas um, não é mesmo?, perguntou-se em pensamento ao acariciar o rosto dela. *Vou dormir mais um pouco, apenas por hoje... sem me preocupar com o futuro ou com a minha família. Não pensarei em nada*, pensou ao fechar os olhos e levar a mão até a cintura dela. Dormiram abraçados durante o resto da madrugada.

Charlotte imaginou que a noite havia sido um sonho, mas, ao acordar, não conseguiu evitar que um sorrisse dançasse em seus lábios. Carl mantinha-se de olhos fechados com a mão em sua cintura, enquanto a outra permanecia com os dedos entrelaçados nos dela. O único resquício da noite era uma ligeira dor em seu corpo e em seus corpos nus. Ela desejou poder ficar com ele daquela forma para sempre.

— Se for um sonho... por favor, não me acorde — sussurrou ao olhar para o rosto dele.

Ela já havia decorado todos os seus traços, mas nunca se cansava de admirá-lo. Para ela, Carl era igual ao seu filme favorito. Ela poderia vê-los tantas vezes quantas fossem necessárias, mas nunca enjoava. Apenas percebia coisas diferentes a cada vez que o via. E, para ela, ele era exatamente assim. Sua mão apertou a dele apenas para ter certeza de que não estava sonhando e, no mesmo instante, ele a olhou, mas não da forma que ela estava acostumada. Ele a olhou da forma mais faminta e divertida possível.

— Acordou cedo — ele murmurou ao olhar para ela.

— Sim. Acabei me acostumando. E você? Vai trabalhar hoje? — perguntou, visivelmente corada. Ela tinha plena consciência de que se encontrava com o corpo amostra.

— Voltaremos para Paris hoje à noite.

— Entendi. Então, voltaremos a ser como antes, não é? — falou, decepcionada e desviando o olhar. Ela sabia que qualquer coisa que falasse demonstraria a tristeza que estava sentindo.

— Provavelmente — ele murmurou sem segurança, sem saber como agir.

Charlotte não disse mais nada, apenas soltou a mão dele, sentou-se na cama e preparou-se para levantar. Sua vergonha não era nada diante da decepção que sentia. Já estava de pé quando ele segurou seu braço e a puxou, fazendo-a cair na cama próximo a ele. Os braços de Carl a abraçaram o corpo, apertando-a contra si. Ele colocou sua cabeça próxima ao pescoço dela e suspirou profundamente.

— Ainda continua cheirando a morangos — sussurrou.

— É... Melhor eu ir — ela falou, tentando segurar as lágrimas.

— Apenas... Por que não ir devagar? — ele perguntou tranquilamente. — Não podemos esperar que tudo mude do dia para a noite.

— Você mudou... Cedeu ao seu desejo.

— Eu cedi à outra coisa. — *Cedi ao meu egoísmo e à minha possessividade*, pensou sem coragem de dizer.

— Como assim?

— Esqueça. — Liberou-a do abraço, acariciou seu rosto e, aos poucos, foi aproximando o rosto do dela. Tocou seus lábios e sorriu ao se afastar. — Não costumo ser assim. Sou egoísta, possessivo, tenho um péssimo temperamento. Não consigo me apaixonar ou demonstrar sentimentos com facilidade. — *Não depois de Victoria. Ela destruiu qualquer esperança que eu tinha de ser amado de verdade*, pensou. — Você sabe disso, não é? E mesmo assim espera continuar com tudo isso?

— Ninguém é perfeito — ela falou, sorridente.

Ele apenas assentiu, olhando-a. Ficaram fitando um ao outro durante longos minutos, até Carl virar de costas e sair da cama, sem dizer nada.

— Aonde vai? — Charlotte perguntou, confusa.

— Tomar um banho — falou, caminhando pelo quarto sem roupa. — Quer me acompanhar? — propôs com malícia.

— N... Não — ela respondeu com imensa vontade de dizer “sim”.

Ficou observando-o caminhar de costas para ela e suspirou profundamente ao vê-lo entrar no banheiro. — Devo estar ficando louca e pervertida — deu-se conta, ao perceber para onde seus pensamentos a estavam levando. — Por que tenho que imaginar a gente fazendo essas coisas no chuveiro? — Sorriu como uma boba. Sacudiu o corpo para cima e para baixo, como se estivesse pulando deitada. *Eu consegui. O conquistei*, pensou sorridente, mas logo a imagem de Victoria lhe veio à mente. — Como será quando voltarmos? Isso foi apenas diversão para ele ou algo mais? — perguntou-se, mas apenas obteve o silêncio como resposta. Ficou fitando o teto branco por um longo período e, aos poucos, suas pálpebras foram se fechando, não demorando a sentir a escuridão tomar conta de tudo.

Carl deixou a água quente cair sobre seu corpo. Aos poucos, as imagens da noite anterior invadiram sua mente e ele se surpreendeu ao perceber que não estava arrependido. Deixou a água cair lentamente e, ao olhar para o ombro, viu uma pequena marca de mordida nele.

— Talvez fique a marca — percebeu sorrindo ao se lembrar de Charlotte. — Eu deveria ter perguntado se ela estava bem? — perguntou-se enquanto se ensaboava lentamente. Após terminar o banho, vestiu o roupão, fez sua higiene pessoal e saiu do banheiro. Assim que avistou a cama a viu deitada, abraçando um travesseiro, ainda nua. — Ainda continua uma criança — murmurou ao se aproximar dela e cobri-la. Ficou olhando-a durante algum tempo, em pé ao lado da cama. E logo um sorriso singelo brotou em seus lábios. Ele se abaixou, acariciou seus cabelos e depositou um beijo em sua testa antes de virar-se de costas e caminhar até o closet.

Um cheiro agradável impregnou todo o quarto fazendo com que o estômago de Charlotte roncasse. Ela abriu os olhos, sentou-se na cama e sorriu ao ver a mesa próxima à varanda repleta de comida. Procurou por Carl, olhando-o em volta, mas não o encontrou.

— Pelo menos, ele está sendo carinhoso — falou para si mesma ao

vestir o robe, o qual estava do lado da cama, e caminhar até a mesa. Sentou-se e não demorou para começar a comer.

— Nem me esperou. — Uma voz ecoou atrás dela, assustando-a. Carl sorriu ao ver seu semblante assustado e sentou-se diante dela.

— Eu.. Pensei que tinha saído — ela disse sem graça ao vê-lo tomar café tranquilamente.

— É melhor arrumar as suas coisas. Partiremos no final da tarde — disse sério — e daqui a pouco conhecerá a minha mãe, falando nisso. Prepare-se para muitas perguntas.

Charlotte engoliu em seco ao escutá-lo. Ela estava se sentindo feliz, mesmo com a frieza dele. Para ela, o que valia eram os gestos e não as palavras. *Ele poderia ser um pouco mais gentil e amoroso, mas estou feliz apenas em vê-lo ao meu lado. Só espero que continue assim quando voltarmos*, pensou ao olhar para ele.

CAPÍTULO 38

Charlotte respirou profundamente pela milésima vez naquela manhã. A mãe de Carl era bem diferente do que ela havia imaginado. A mulher séria com cabelo preto curto e um olhar frio encontrava-se sentada de frente para ela, enquanto bebia seu chá de forma tranquila. Charlotte sabia que todos os seus movimentos estavam sendo observados atentamente e que a qualquer erro a mãe de Carl iria se pronunciar. Ela fechou as mãos com força por cima da saia de linho branca, ao mesmo tempo em que tentava transparecer calma.

— Então, você é o pagamento — a mãe de Carl disse com desdém ao colocar a xícara sobre a pequena mesa. Elas estavam sentadas no jardim de inverso rodeadas de flores exóticas, as quais exalavam um perfume adocicado.

— Como? — Charlotte disse ao encará-la seriamente. — Me chamou de pagamento?

— E não é? Pelo menos, foi isso para esta família — ela disse, sem conseguir evitar ver em Charlotte a mulher que havia arruinado a sua vida. Charlotte era a personificação da mãe, trazendo para a rainha recordações dolorosas, pois durante todo o seu casamento, o rei havia deixado claro que se casara apenas pela insistência de sua família e que jamais iria amá-la.

Quando Charlotte abriu a boca para responder à altura sentiu uma mão sobre o ombro e surpreendeu-se ao ver o rei Willians olhando friamente para a mulher à sua frente.

— Pensei que já tivesse superado o passado, Melanie — Willians falou, sério. — Ela não tem culpa de nada. Não precisa ser tão fria com ela.

— Não tem? É por causa dela que meu filho está preso a essa loucura — falou ao se erguer da cadeira. — Não sei por que estou aqui. Você nem ao menos procura saber como estou. Só me deixa trancada naquela ilha. É ridículo me chamar aqui apenas para ver a cópia exata da mulher que fez da minha vida um inferno.

— Charlotte... Você poderia nos dar licença? — Willians disse, olhando-a com um leve sorriso na face. Ela assentiu e, ao se levantar da cadeira, conseguiu ver dor no olhar da mãe de Carl, Melanie. Fez uma pequena reverência, virou de costas e saiu. Ao sair do jardim encostou-se próxima à porta, sem acreditar no que escutara.

— Por que não esquece o passado? Eu fiquei contigo no final e não com a mãe dela — Willians disse, tentando controlar a voz.

— É difícil quando você faz questão de trazer os mortos de volta à vida. Essa garota é a cópia viva dela. Acha que não sei quais são as suas intenções? — disse, sarcástica. — Não duvido que tente algo com ela. Vai mandar seu filho para algum lugar distante para assim poder consumir o seu sonho?

— Charlotte não é Susan! — ele gritou, enfurecido.

— Espero que tenha consciência disso — ela falou sem se abalar. — Sei que fui uma segunda opção, mas não acho justo o que estão fazendo com ela, ou melhor, o que você está fazendo. Aposto que armou tudo para que o pai dela caísse em sua armadilha. Sinto pena dela, de verdade. Eu espero que ela consiga fugir disso tudo.

— Não diga idiotices — Willians tornou, frio. — Não se atreva a repetir essas palavras. Quero que peça desculpas a ela e seja amável.

— Acha mesmo que eu farei isso? Deixei de lhe obedecer quando descobri o motivo real desse casamento.

— Acha que pode me enfrentar e sair impune? — ele disse, aproximando-se perigosamente dela.

— Não, mas ainda tenho forças para lutar contra você e, enquanto eu estiver viva, é isso o que farei.

— Vamos ver até quando vai achar isso — ele disse ao erguer a mão em direção ao rosto dela, mas um barulho o fez olhar para trás. — O que faz aqui? — indagou friamente ao ver Charlotte parada em frente à porta com a respiração suspensa. — Estava escutando atrás da porta?

—N... não — ela gaguejou. Olhou para o homem à sua frente e pela primeira vez desejou ser um homem para bater em alguém. — Eu vim... para...

— Ela veio comigo — Carl disse logo atrás dela, atraindo a atenção de todos. — Mãe, há quanto tempo! — falou, olhando para Melanie. Qualquer pessoa poderia dizer que ela estava calma e segura de si, mas Carl via a verdade. Ele viu medo no olhar dela. — Imaginei que estivesse tomando um chá com Charlotte, mas pelo visto tudo tornou-se mais animado. Sinto-me ofendido por não ter sido convidado para participar da festa — disse, sério.

— É melhor vocês irem embora — Willians falou ao olhar para Melanie. — Tenho algumas coisas a resolver com sua mãe.

— Eu também. — Ao dizer isso caminhou até ela, segurou seu braço e a puxou para a saída. Ao parar ao lado de Charlotte, olhou-a seriamente. — É melhor me seguir — ele disse, saindo apressado com a mãe ao seu lado.

Charlotte olhou mais uma vez para o rei Willians e vislumbrou um brilho de fúria em seu olhar. Ela se apressou e logo seguiu Carl pelo palácio até chegar aos aposentos deles. Carl largou o braço da mãe ao fechar a porta e a encarou de forma carinhosa.

— Deveria ter me avisado que iria enfrentá-lo, assim seriam dois contra um — disse ao abraçá-la. — Senti sua falta.

— Eu também, meu príncipe. Eu também... — ela sussurrou ao apertá-

lo contra o corpo.

Então, ele não é frio com todo mundo. Isso é bom, significa que tenho uma chance de fazê-lo ficar doce, amoroso e gentil comigo, pensou, contente. Ela ficou vendo os dois se abraçarem por intermináveis minutos. Era como se eles não se vissem há anos.

— Por que participou dessa loucura? — a mãe indagou ao se separarem. — Sabe que poderia contar comigo.

— Eu sei, mãe — ele disse, sério —, mas há certas coisas das quais não se pode fugir. E essa é uma delas. Meu pai não iria me dar paz até que eu aceitasse e não sabia o que ele iria fazer com Charlotte, caso eu não aceitasse participar disso.

— Como sempre, me surpreendi — ela murmurou ao acariciar-lhe o rosto. — Eu poderia ter tentado deter seu pai.

— Eu sei, mas é melhor assim.

— Entendo — ela disse virando o rosto. Olhou Charlotte de cima a baixo e na mesma hora seu semblante ficou inexpressivo. — Ela sabe de tudo?

— Em parte — Carl disse com frieza.

— Deveria contar a ela.

— Quando for necessário.

— Faça o que achar melhor. — Olhou para Charlotte e sorriu levemente. — Perdoe-me pelo meu comportamento anterior. Infelizmente, você é a cópia da sua mãe, e devo admitir que por causa dela a minha vida não foi muito feliz.

— O que houve? — Charlotte perguntou sem perceber, mas no segundo seguinte arrependeu-se. — Não precisa falar se não quiser....

— Eu não concordo com Carl, acho que você deveria saber de tudo, mas ele é quem decide se deve ou não te contar. — Olhou para Carl dando de ombros. — Apenas posso dizer que é melhor ficar longe do meu marido. Aquele homem tornou-se um louco quando perdeu o amor da sua mãe, a Susan. Carl — disse, voltando-se para ele —, cuide dela. Acho que ela é muito nova, inexperiente e um tanto volúvel, mas, se estão casados, você tem obrigação de zelar por ela. E espero que faça isso.

— Eu farei — ele disse, sério.

— Muito bem, é melhor eu ir agora. Eu o provoquei demais e temo que ele faça alguma loucura. Adeus, meu filho. — Abraçou-o fortemente. — Vá me visitar sempre que quiser. — Sorriu ao vê-lo assentir, separou-se dele e caminhou até Charlotte. Com timidez, a abraçou de forma carinhosa. — Cuide do meu filho, por favor. Sei que ele consegue ser um idiota na maioria das vezes, mas não faz por mal. Vá me visitar na ilha, fale com Carl e ele a levará. Sempre que precisar, pode contar comigo. Sejam felizes — sussurrou em seu ouvido antes de sorrir para ela, afastar-se e sair do quarto apressada, mas com toda a elegância que uma rainha poderia ter.

Após a saída de sua mãe, Carl olhou para Charlotte e aproximou-se lentamente.

— Arrume as suas coisas. Iremos embora daqui a alguns minutos — disse frio, encarando-a.

— Por que tanto medo de seu pai? — ela perguntou, corajosamente.

— Medo? — Ele riu com escárnio. — Não é medo, Charlotte. Você não o conhece como nós. Quando está fora de si, tende a fazer coisas um tanto... extravagantes e peculiares. Tenho certeza de que não vai querer ficar aqui para assistir ao espetáculo.

— É tão ruim?

— Apenas faça o que eu disse. Arrume as suas coisas pessoais e deixe as roupas, que as empregadas organizam e enviam depois.

Charlotte apenas assentiu ao vê-lo sentar-se de frente para a varanda. Ela se sentia de alguma forma triste por ele, pois naquele momento havia percebido como a infância dele havia sido. Com sentimento de proteção dentro de si, caminhou até onde ele estava sentado, parou atrás da poltrona e o abraçou, pegando-o de surpresa.

— O... que está fazendo? — ele perguntou, surpreendido pelo gesto dela.

— Nada, estou apenas lhe dando um pouco de carinho e calor humano — falou ao fechar os olhos e apertá-lo um pouco mais.

Carl fechou os olhos ficando daquela forma com ela por longos minutos. Havia anos ele não era abraçado de forma despretensiosa por

alguém que não fosse a sua mãe ou seu irmão. Com um movimento rápido, ele segurou seu braço e a puxou, fazendo com que ela caísse em seu colo. Ele a abraçou, apoiando a cabeça sobre o pescoço dela.

— Obrigado — murmurou, próximo ao seu ouvido.

Charlotte o enlaçou pelo pescoço e sentiu toda a dor dele. Por alguns instantes ficaram daquela forma, sem malícia, apenas sentindo o calor um do outro, como se aquilo pudesse curá-los das feridas do passado.

CAPÍTULO 39

Carl suspirou ao olhar pela janela de seu quarto. Eles haviam retornado a Paris fazia três dias e, por todo aquele tempo, Carl estava fugindo de Charlotte. Ele temia que, ao contar a ela sobre o passado, ela se sentisse influenciada por algo e acabasse tomando o partido da pessoa que ele odiava. Ele temia perdê-la. Olhou para os jardins bem cuidados de sua casa e lembrou-se de seu irmão. *É em horas assim que eu gostaria de ser como você*, pensou ao se lembrar da diplomacia dele. *É assustador perceber que alguém pode te abandonar*.

Klaus sorriu ao levar o café quente aos lábios. Paris estava fria e um tanto nostálgica, algo que ele adorava. Ele se encontrava sentado em um banco próximo ao colégio de Charlotte. Por algum motivo, sentia-se ansioso para vê-la, talvez por querer saber como as coisas caminhavam no palácio após sua saída.

— Tenho que me lembrar de ficar quieto sobre isso. Ela não sabe de nada — lembrou a si mesmo ao tomar mais um gole do café. Ficou alguns minutos observando as pessoas caminharem de um lado para o outro quando a viu. Ela vestia um pesado casaco preto cumprido e seu rosto encontrava-se

avermelhado, seus cabelos balançavam com o vento e um sorriso era visível em sua face.

— Demorei? — ela perguntou ao sentar-se ao seu lado.

— Apenas um pouco — admitiu ao entregar-lhe um copo com chocolate quente.

— Obrigada — ela disse, bebendo aos poucos. — Fiquei surpresa com a sua ligação. Queria falar algo em especial comigo?

— Na verdade, queria saber como estava. Fiquei sem ter notícias suas por dias — ele disse, sorrindo. — Fico triste ao imaginar que só posso lhe ver quando está triste ou por obra do destino.

— Sinto muito — ela disse, sorrindo levemente. — Estive viajando no final de semana e depois... Bem, as coisas não ocorreram como eu previa e acabei me desanimando — falou como para si mesma —, mas esqueça. Podemos ir para algum lugar quente?

— Claro, me perdoe. — Ele se levantou e ofereceu a mão a ela, que aceitou prontamente. Caminharam lado a lado em silêncio até chegarem a um café. Entraram, sentando-se em uma discreta mesa ao fundo. — Como foi a viagem?

— No começo foi bem, mas depois ficou um pouco confusa — disse ao olhar para ele demoradamente. — Você... conhece a família de Carl há muito tempo?

— Pode-se dizer que sim. Por quê?

— O que sabe sobre... O casamento do rei Willians e a rainha Melanie?

— Bem — ele disse, após parar um pouco para pensar —, dizem as más línguas que eles se casaram apenas porque o rei queria se vingar de uma mulher, um antigo amor que não o quis. Após o casamento, a rainha descobriu tudo e ameaçou fazer um escândalo caso ele voltasse a ver a mulher, mas ele se negou e o resultado foi ela ser exilada em uma ilha afastada.

— I... Isso é verdade? — ela perguntou, assustada.

— Não sei. Na verdade, ninguém sabe — ele disse dando de ombros. — Por que a curiosidade?

— Por nada... — ela murmurou ao se perder em pensamentos, mas logo

lembrou-se de algo. — E sabe o nome da mulher por quem o rei era apaixonado? — indagou, querendo confirmar o que já havia compreendido, ou seja, que a vida de todos havia sido destruída devido ao amor obsessivo do rei pela sua mãe.

— Eu não diria apaixonado, acho que obsessivo seria um termo melhor. Dizem que quando ela o trocou por outro, ele estava prestes a sequestrá-la, mas conseguiram impedi-lo. O nome dela era... — Após alguns segundos, sorriu. — ...Susan. O nome era Susan. Diziam que ela era muito bela, mas um pouco temperamental e cheia de vontades, entretanto uma boa mulher.

— Oh! — sussurrou ao assimilar o que havia escutado. — *Isso explica o comportamento da mãe dele, mas por que ele me envolveu nisso? Poderia ter procurado pela minha mãe quando ela fugiu do meu pai. Talvez, seja apenas vingança, ela pensou.*

— Aconteceu alguma coisa? — ele indagou, preocupado, ao ver a expressão dela.

— Na... Não, mas eu preciso ir, me desculpe — disse ao se levantar apressada e dirigir-se até a saída.

— Adolescente são tão previsíveis — ele falou consigo mesmo ao tomar tranquilamente mais um gole de seu café.

Ao abrir a porta do quarto, Charlotte entrou sem ânimo. Fechou-a em seguida e não demorou para se encostar atrás da porta. *Tudo começa a fazer sentido*, pensou. Ela retirou o pesado casaco do corpo, jogando-o no chão, e caminhou até a varanda. Ela não se importou com o frio que fazia, a única coisa que queria era sentir-se viva. O vento gelado batia em sua pele, fazendo-a arrepiar-se. Aos poucos, vencida, deixou algumas lágrimas caírem sobre a face.

— Tudo isso foi um plano...de vingança — murmurou tristemente ao se dar conta do sofrimento que seu pai devia ter passado. Tentou lembrar-se de sua mãe, mas não conseguiu. Por algum motivo, a sua única lembrança era de uma antiga cantiga de ninar.

Carl colocou o livro sobre a cama ao escutar um barulho. Olhou pela janela e a viu embaçada pela chuva. Suspirou profundamente ao se levantar da cama e caminhar até a porta. Ao andar pelo corredor escutou um ruído vindo do quarto de Charlotte. Sem pensar duas vezes, colocou a mão sobre a maçaneta, abrindo a porta.

— O que está fazendo? — Carl gritou ao vê-la tomando chuva na varanda. Ele correu até onde ela estava, tirando-a dali à força. — O que tem na cabeça? — falou, furioso, ao encará-la.

— Por quê? — ela sussurrou sem olhar para ele. — Por que aceitou se casar comigo?

— Isso não importa — ele murmurou ao andar até o armário dela, abrir uma das portas retirando uma toalha e jogando-a sobre a cabeça dela. — Se enxugue antes que pegue um resfriado.

— Minha mãe é a culpada por tudo, não é? — ela indagou segundos depois.

— Como?

— Me responda — ela exigiu ao erguer o olhar. — Eu tenho o direito de saber.

— Direito você tem, mas eu não tenho a obrigação de falar — disse ao dar as costas para ela e caminhar até a porta. — Tem certas coisas que é melhor deixar esquecidas no passado.

—É sobre a minha mãe! — gritou, surpreendendo-o. — Como uma pessoa pode destruir tantas vidas? — murmurou tristemente.

— Sim, e a minha família — falou de volta, olhando-a. — Há coisas que devem permanecer enterradas. Ao dizer isso, deu as costas a ela e saiu do quarto em silêncio. Charlotte ficou parada, olhando ele se afastar e, sem perceber, moveu-se de repente. Ela jogou a toalha no chão e andou até a porta do quarto. Abriu-a e se dirigiu ao quarto de Carl. Abriu a porta e o encontrou em pé, de costas para ela.

Os passos de Charlotte mantinham-se os mais silenciosos possíveis e em poucos segundos ela parou atrás dele, abraçando-o.

— O que foi? — ele indagou friamente.

— Apenas... me aqueça — ela pediu ao fechar os olhos, apertando-o

contra si.

— Por que agora? — ele perguntou, imóvel.

— Quero sentir que isso é real. — *Quero sentir que o que estamos tendo é real. Quero sentir que isso não faz parte do plano*, pensou.

Carl colocou a mão sobre as de Charlotte e, segundos depois, as afastou de seu corpo. Virou-se de frente para ela e, docemente, segurou seu rosto.

— Não precisa disso para saber — murmurou, olhando em seus olhos ao aproximar o rosto do dela.

Eles fecharam os olhos lentamente e, como em sincronia, entreabriram seus lábios dando passagem às suas línguas. As mãos dela agarraram a camisa dele com força, como se temesse que ele escapasse.

Carl afastou os lábios dos dela e, com um leve sorriso no rosto, a apertou contra o corpo.

—Você está fria — sussurrou em seu ouvido ao morder levemente sua orelha. — É melhor ir para a cama — falou maliciosamente ao se afastar dela, segurar sua mão e a levar até a cama.

Eles se olharam durante alguns segundos até Carl tomar a iniciativa. As mãos hábeis dele retiravam a roupa dela com maestria e não demorou para Charlotte se encontrar apenas de lingerie. Ele a olhou de cima a baixo antes de se despedir, lentamente, em sua frente.

Charlotte engoliu em seco ao ver Carl tirar suas próprias roupas sem nenhum pudor. Ela tinha consciência da vermelhidão em seu rosto, mas a única coisa em que conseguia pensar era em tê-lo mais uma vez. Carl a abraçou, beijando-a, e suavemente fez com que ela se deitasse na cama. Ele acariciou seu rosto ao olhar para os olhos dela.

—Você ainda está fria... — ele sorriu, malicioso.

— A sua função não seria me esquentar? Acho que deve colocar mais afinto nisso. — Ela retribuiu com as mãos sobre o pescoço dele, puxando-o em sua direção.

Beijando-o.

CAPÍTULO 40

Charlotte aconchegou-se ao corpo quente de Carl e não demorou para senti-lo apertá-la contra si ao segurar sua cintura. Suas mãos pousaram no tórax dele e um sorriso surgiu em seu lábio ao apoiar a cabeça nele. *Por que sempre me sinto tão bem quando nossos corpos ficam juntos, sem nada atrapalhando o contato? Nunca imaginaria que uma sensação tão boa iria tomar conta do meu corpo ao encontrar o dele. Sem roupas... Sem lençol... Sem nenhuma barreira*, pensou sorridente.

— Vai fazer algo amanhã? — ela perguntou sem encará-lo.

— Trabalhar — ele disse simplesmente, com os olhos fechados.

— Entendo — ela murmurou.

— Por quê?

— Bem... Nunca saímos e... Acho que seria bom termos um... encontro — ela falou, timidamente.

— Está me chamando para um encontro? — ele indagou friamente, quando sentia graça pela forma como ela ficava envergonhada.

— Bem... sim, mas não precisa aceitar se não quiser — disse, ansiosa. Por alguns segundos esperou pela resposta dele. — É melhor esquecer — falou, já arrependida.

— Eu vou. Já pensou em algo? — ele perguntou ao erguer o corpo até poder ver o rosto dela. — Ou eu devo cuidar disso?

— Sério? — ela sussurrou, pasma, encarando-o. Ao vê-lo assentir, não conseguiu se controlar. Afastou os braços do corpo dele e rapidamente depositou um beijo em sua face. — Estava pensando em um cinema. O que acha?

Carl não disse nada, apenas sorriu ao segurar o rosto dela com as mãos, depositando um beijo doce em seus lábios.

— Basta me dizer o dia e a hora — falou, ainda segurando seu rosto antes de beijá-la novamente.

— Amanhã, às sete da noite em frente ao Teatro Odeon — murmurou

ao ouvido dele.

Marina meneou a cabeça de um lado para o outro sem acreditar no que havia escutado. Charlotte estava sentada em sua cama com um largo sorriso ao contar tudo o que havia acontecido entre ela e Carl.

— Isso tudo é... estranho — Marina disse, séria. — Como você tomou a iniciativa em todas as vezes?

— Hã?

— Não sei se percebeu, mas você está sendo a única a lutar por isso. Quero dizer, ele nunca te chamou para sair, nunca foi atrás de você, nunca lhe consolou... A única que está fazendo isso é você, querida.

— Não é bem assim — defendeu-se. — Vamos sair hoje — disse, orgulhosa.

— Deixe-me adivinhar quem convidou quem — falou, com um sorriso de escárnio na face.

— Sim, fui eu. Mas se eu não lutar por algo que quero, quem irá fazer isso?

— Concorde, mas às vezes temos que recuar e esperar que a tropa inimiga avance. Isso é uma tática de batalha. Não podemos ir sempre à frente, temos que recuar também.

— Acha que estou errada? — ela murmurou, triste.

— Não exatamente. Acho que lhe falta experiência. — Sorriu. — Mas eu também não tenho. Então, vamos aprender juntas, está bem?

— Certo — Charlotte disse, animada.

— Veio aqui para escolher a sua roupa, certo? — falou, sorrindo em seguida ao vê-la assentir. — Deveria ter vindo antes. Vai ser estressante escolher a roupa perfeita para o encontro em cima da hora.

— Você vai conseguir, tenho certeza.

— Eu também tenho — falou vitoriosa ao caminhar para o seu armário. Ela olhou atentamente as roupas e não demorou em sorrir. — Acho que já sei

a roupa ideal para você. — Retirou um cabide, erguendo-o à sua frente . — O que acha?

— É... perfeito — murmurou, deslumbrada.

— O que não entendo é como uma princesa não possui roupas descentes. Isso é tão... patético — falou, pensativa.

— O que posso fazer se gosto das suas roupas? — ela disse com alegria ao caminhar até a amiga.

Marina riu descontraída ao ver Charlotte colocar o vestido diante do corpo, enquanto olhava com genuína alegria para o seu reflexo no espelho.

Carl olhou para o relógio mais uma vez. Ele não queria admitir, mas estava ansioso para sair com Charlotte. Guardou na pasta todos os documentos que iria precisar ler antes de dormir e se dirigiu até o pequeno lavabo de sua sala. Ajeitou a roupa, pegou o perfume que guardava passando-o no corpo e sorriu para si mesmo.

— Estou indo longe demais? — perguntou ao seu reflexo. — Deveria pôr um ponto final nisso? — questionou-se ao se recordar dos olhares ansiosos de sua esposa. Carl sabia que ela estava com ele devido à loucura de seu pai, e que assim que percebesse que não o amava realmente, iria abandoná-lo. Porém, antes que pudesse colocar seus pensamentos em ordem escutou o celular tocar. Levou as mãos ao bolso e, ao retirar o aparelho, surpreendeu-se ao ver quem estava ligando. — Diga — falou sério ao atender.

— Me perdoe por ligar, mas... quero me despedir de você — Victoria disse do outro lado da linha, com a voz triste.

— O que aconteceu? Está chorando? — ele perguntou, expressando a preocupação que sentia.

— Eu... Não aguento viver sem ter você ao meu lado — ela murmurou do outro lado da linha. — Sinto muito... Espero que na outra vida possamos ficar juntos — disse antes de desligar.

— Victoria! — Carl gritou, mas não obteve resposta. Ela já havia

desligado.

Antes que pudesse pensar em alguma coisa, ele saiu correndo do escritório. Passou por todos sem se preocupar com o que falavam. Para ele, naquele momento, o que importava era Victoria. Encontrá-la com vida. Ao entrar em seu carro, acelerou o máximo que podia e em poucos minutos estacionou o carro em frente ao apartamento dela. Conseguiu passar pela portaria sem problemas, pois alguém havia deixado o portão aberto. Apertou o botão do elevador e, ao perceber que estava demorando, praguejou ao ir em direção às escadas. Chegou ofegante ao oitavo andar e sem tomar fôlego andou até o apartamento 801. Tocou a campainha, enquanto batia na porta ao mesmo tempo, de forma desesperada. Não demorou para a porta ser aberta por uma mulher com o rosto confuso e apavorado.

— Que bom que está bem — ele murmurou ao abraçá-la.

— O que foi? — ela murmurou ao retribuir ao abraço dele.

— Eu... pensei que chegaria tarde.

— Tarde?

— Nunca mais pense nisso novamente — advertiu-a, sério. — Não pense em se matar apenas por isso.

— Me matar? — ela murmurou, confusa. *Como ele chegou a essa conclusão? Se bem que... Eu posso reverter a situação a meu favor*, pensou ao olhar para ele. *Ele não merece isso...* — Não se preocupe — falou tentando sorrir, afastando-o de si. — Não fiquei tão louca para chegar a esse ponto. Quer tomar alguma coisa? Você me parece cansado.

— Não ia se matar? — ele a olhou sem acreditar no que havia escutado. — Então, o que...

— Entre. — Ela o interrompeu com um sorriso na face. Segurou a mão dele e o puxou para dentro.

Paris encontrava-se em um clima frio aquela noite. Muitos casais passeavam de mãos dadas por todos os lados deixando a cidade com um ar romântico. No meio da cidade, uma moça olhava impaciente para o relógio

em seu pulso. Ela usava um casaco preto comprido com um vestido na cor vinho, que vinha até o meio de suas coxas, as quais estavam protegidas por um par de meias-calças pretas. Charlotte respirou fundo ao olhar para os ingressos do filme em sua mão. Ela estava esperando por Carl havia uma hora e meia. Já havia tentado ligar para o celular, mas encontrava-se desligado.

— Ele prometeu que viria — murmurou para si mesma como um mantra ao ver os segundos, minutos e horas passando. Charlotte começou a reparar nas pessoas que passavam por ela e não demorou para perceber que havia sido esquecida. Com um leve sorriso no rosto, olhou para o céu. — Eu queria tanto que isso desse certo... — sussurrou, olhando para uma estrela brilhante. — Mas parece que estou me enganando, não é? — E, sem receber uma resposta, foi embora. Afastou-se do teatro lentamente e de cabeça baixa. A última coisa que queria era que seu choro pudesse ser visto pelas outras pessoas.

Andou distraída e, sem prestar atenção aonde ia, esbarrou em várias pessoas até entrar em um táxi, ignorando o motorista que a esperava. Disse o endereço com um fio de voz e chorou durante todo o percurso. Chorou por estar amando, chorou por ter se entregado ao homem que amava, mas chorou ainda mais por não ser correspondida. Ela queria acreditar que ele faria um esforço para amá-la, mas percebeu ser tudo em vão. Assim que o carro estacionou, ela entregou o dinheiro ao motorista e saiu, desnorteada. Caminhou trêmula de frio e de tristeza. Ao passar pelo corredor ficou tentada a ir até o quarto dele. Abriu a porta cuidadosamente e não encontrou ninguém lá dentro.

—Eu queria acreditar que ele foi se encontrar comigo — falou ao fechar a porta e ir em direção ao seu quarto —, mas parece que eu estaria me iludindo. Mais uma vez.

Ao entrar no quarto, trancou a porta e deitou-se na cama sem retirar as roupas, que estavam levemente molhadas. Ela só queria dormir para esquecer Carl, seus sentimentos e a noite solitária que estava passando.

CAPÍTULO 41

Carl olhou para o copo em sua mão e suspirou pesadamente ao ver Victoria sentada ao seu lado no sofá. Ele ainda não conseguia entender o que estava fazendo no apartamento dela, mas simplesmente não conseguia coragem para se levantar e ir embora.

— Por que me ligou? — ele perguntou após alguns segundos em silêncio. — Por que disse aquelas coisas?

— Não gostou? — Victoria perguntou inocentemente, encarando-o. — Por que não está tomando o uísque?

— Isso é ridículo — ele murmurou ao colocar o copo cheio sobre a mesa de centro. Virou-se, olhando-a de frente. — Não sei por que queria me fazer acreditar nisso, mas não vai funcionar. Você fez a sua escolha anos atrás.

— Mas me arrependi. — Ela acariciou o rosto dele. — Todos temos direito a uma segunda chance, não é?

—Concordo — ele disse, colocando a mão sobre a dela —, mas há escolhas que determinam o destino de nossas vidas. — Retirou a mão dela de seu rosto e a encarou, sério. — Peço para que me deixe ir. Quando você fez a sua, escolha eu aceitei.

— Carl, foi apenas um caso. Pelo amor de Deus, não seja tão puritano! — ela exclamou sem paciência, levantando-se do sofá.

— Puritano? — Ele riu sem vontade. — Sim, me tornei puritano por te amar. Me perdoe por ser tão certo, mas parece que fui um tolo — falou levantando-se. Virou de costas para ela e caminhou até a porta.

— Eu te amo — ela murmurou ao abraçar suas costas. Apoiou a cabeça nele enquanto seus braços rodeavam seu corpo. — Não me deixe. Me arrependi por deixá-lo antes. Me perdoe.

Carl suspirou pesadamente ao sentir o corpo dela junto ao seu. Ele sempre havia imaginado como seria o seu encontro com ela anos depois do ocorrido, mas nunca passara pela sua cabeça a cena que via à sua frente. As

lembranças do passado vieram à sua mente e, em seguida, ele colocou a mão sobre a dela. Apertou-a durante alguns segundos e afastou-a do corpo. Virou-se de frente para Victoria, acariciou seu rosto e sorriu.

— Esperei que falasse muitas coisas, mas não disse metade delas. Acho que você está apenas se sentindo solitária. Se me amasse como diz, não teria me traído e muito menos me chamaria de puritano dessa forma. Obrigado pelo tempo que passamos juntos, mas não vai voltar a acontecer. Vou te perdoar, porque não acho que fez algo tão cruel assim, mas não poderei voltar com você. Estou casado e, por mais incrível que pareça, pretendo continuar assim. Ela é ingênua, doce e nunca me trairia. Não por me amar, mas por me respeita. — Afastou-se dela e foi até a porta. — Espero que não voltemos a nos encontrar. — Abriu a porta e saiu sem olhar para trás.

— Bem-vindo de volta — Victoria murmurou com um sorriso na face ao vê-lo ir embora. — Fazia tempo que não via o mesmo homem por quem me apaixonei. — Ela andou até o sofá e sentou-se onde ele estivera. Fechou os olhos, deixando as lágrimas caírem pelo rosto. Ela havia percebido que, por mais que tentasse, ele não se renderia a ela.

Carl saiu desnortado do elevador. Encostou-se na parede fria do térreo, fechando os olhos. Ele não conseguia controlar as batidas frenéticas de seu coração e, por um instante, ficou tentado a voltar e segurar Victoria em seus braços, afirmando seu amor por ela, mas sabia que não poderia voltar atrás. Com uma força de vontade que não sentia andou para o mais longe possível do prédio onde Victoria morava. Ao entrar em seu carro, lembrou-se de Charlotte.

— Droga — murmurou ao dar a volta do carro e seguir até o teatro. — Ela já deve ter ido embora — disse ao olhar para o relógio.

Ele dirigiu em alta velocidade e jurou ter passado por quatro sinais vermelhos. Estacionou de qualquer jeito, saiu do carro apressado e olhou ao redor do teatro. Ficou parado próximo à entrada, olhou para todos os lados durante minutos, mas não viu quem procurava. De cabeça baixa voltou para o carro sem perceber ao uma menina solitária caminhando entre os casais. Charlotte havia desistido de esperar por Carl no momento em que ele havia chegado ao local.

Carl suspirou profundamente ao fechar a porta de casa. A noite não havia sido como esperava. Após sair da casa de Victoria havia ligado para Charlotte, mas o celular dava como desligado, o motorista não a encontrara e, ao ligar para o segurança que a seguia, soube que ela estava em casa. Ao estacionar o carro viu a luz do quarto acesa.

— Será que ela me esperou muito? — perguntou-se ao olhar para a varanda do quarto dela. Entrou em casa silenciosamente. Ao passar pelo corredor ficou tentado a entrar no quarto, mas deu de ombros. — Amanhã eu falo com ela — se decidiu ao abrir a porta de seu próprio aposento.

Ao descer para o café da manhã, Carl estranhou não ver Charlotte.

— Minha esposa já saiu? — ele indagou a uma das empregadas e, ao receber a resposta negativa, olhou para o relógio. — Ela está atrasada — falou, levantando-se da mesa. *É melhor eu ir até lá, aproveito e esclareço a situação*, pensou decidido. Assim que colocou a mão na maçaneta da porta estranhou ao ver que estava trancada. Com a chave-mestra que guardava consigo, abriu a porta e encontrou Charlotte deitada na cama em posição fetal. Aproximou-se e não demorou a perceber que algo estava errado. Seu rosto estava vermelho e a respiração ofegante. Ele colocou a mão sobre a testa dela e surpreendeu-se ao senti-la quente. Sem pensar, começou a despi-la, deixando-a apenas de lingerie. Foi até o closet, retirou uma roupa qualquer e a vestiu. Colocou-a debaixo das cobertas e saiu do quarto apressado. Voltou minutos depois com uma caixa nas mãos, abriu-a e retirou o termômetro, colocando-o em sua boca.

Charlotte sentiu algo úmido sobre a testa. Ao colocar as mãos, percebeu ser um pano. Abriu os olhos com dificuldade e não acreditou no que estava vendo. Carl estava sentado em uma cadeira ao lado de sua cama com os olhos fechados.

— Por que ele está aqui? — perguntou-se, mas ao olhar pela janela

assustou-se. Tudo estava escuro. Pegou seu celular ao lado da cama e não acreditou no que viu. — Eu dormi durante um dia inteiro? — murmurou. Retirou a coberta do corpo e silenciosamente saiu da cama. Quando estava se aproximando da porta, ouviu uma voz ecoar.

— Aonde pensa que vai? — Carl indagou sem abalar-se, encarando-a. — Estava pensando em fugir, por acaso?

— Hã? N... Não — falou insegura, ficando de frente para ele. — Eu... O que aconteceu?

— Não se lembra?

— De quê?

— Estava ardendo em febre. — Levantou-se e parou diante dela. — Da próxima vez que ficar doente, se certifique de falar a alguém.

— Eu... estava bem — murmurou, confusa. — Cheguei ontem e... — Aos poucos, as lembranças da noite anterior povoaram sua mente. Ela olhou friamente para ele e sorriu sem vontade. — Me desculpe se causei algum incômodo, mas não precisava cuidar de mim. Você deixou tudo muito claro na noite passada.

— Como?

— Agradeceria se saísse do meu quarto — ela disse abrindo a porta. — Tenho que tomar um banho.

— Eu já vi tudo. Não há o que esconder de mim — ele disse sem humor, olhando-a de cima a baixo.

— Verdade. Mas isso não quer dizer que eu me sinta confortável em sua presença.

— Ainda está delirando? — ele perguntou ao tentar colocar a mão sobre a testa dela, mas ela desviou-se.

— Eu estou bem. Obrigada por tudo, mas gostaria que saísse.

— Está assim por causa de ontem? Posso explicar. Olhe, eu estava no escritório saindo quando Victoria me ligou....

— Claro — ela o interrompeu com um leve sorriso na face. — Pela primeira vez não quero saber os detalhes. Cansei disso tudo. Cansei de amar você e não receber nada em troca.

— Você... cansou? — ele disse, sem acreditar.

— Sim. — Ela o encarou com uma firmeza que não sentia. — Obrigada Carl, por ter me feito amar, mas não quero continuar tendo essa paixão unilateral. Realmente, queria lutar por você, mas não posso tentar se você não me der espaço. — Sentiu as lágrimas em seus olhos. — Por favor, saia.

Carl fitou Charlotte, incrédulo e pasmo. Ele não conseguia acreditar no que havia escutado. Sem conseguir pensar em nada para dizer, assentiu e logo saiu do quarto. Olhou para a porta fechada atrás de si e suspirou.

— Talvez seja melhor eu ir para a Inglaterra durante um tempo — falou sozinho ao entrar em seu quarto. Olhou para o céu claro e sem nuvens. — Minha vida poderia estar assim, não é?

Carl olhou preocupado para o corpo inerte de Charlotte sobre a cama e suspirou ao colocar o pano úmido, sobre a testa dela. Ele havia ficado ao seu lado a noite toda, cuidando dela, velando seu sono. Quando percebeu que a febre dela havia começado a baixar, respirou aliviado. Sentou ao lado da cama e depositou um beijo na testa dela.

— Você ficará bem — sussurrou, carinhoso —, mas por que teve que dormir com as roupas molhadas? Parece que não estava pensando em si mesma. — Ficou fitando-a durante alguns segundos até vê-la mover os lábios. — O que foi? — perguntou-se, ao aproximar o ouvido dos lábios dela.

— Albert... — disse com voz fraca. — Albert... — repetia, inconsciente.

— Eu que errei. Afinal, ela ainda é uma criança confusa. Apenas isso — ele falou ao pegar seu passaporte. Estava decidido a ir embora.

CAPÍTULO 42

Charlotte fechou os olhos com força ao sentir a água morna sobre o corpo. Ela não queria admitir, mas estava se sentindo arrependida pelas palavras que dissera a Carl. No fundo, ela queria escutar sua explicação. Sentir que ele não a deixara esperando por querer, mas porque houve alguma emergência.

— Por que gosto de me enganar tanto? — perguntou-se em meio às lágrimas. — Está tão visível que ele ainda a ama. Por que me torturar tanto?

Saiu do box enrolada em uma toalha felpuda. Olhou seu reflexo no espelho e suspirou ao ver sua face pálida. *Se ele cuidou de mim, isso não quer dizer que senti algo? Nem que seja uma atração ou até mesmo admiração, é um gostar, não importa o quão pequeno seja. Isso não poderia significar uma chance para nós?*, pensou.

Voltou para o quarto e, como uma máquina, vestiu-se de forma automática. Ao terminar, sentou-se na cama sem vontade de fazer nada. A única coisa que queria era dormir e, ao acordar, estar feliz ao lado de sua família.

Carl assinou os documentos que estavam diante de si e, sem demonstrar sentimentos, os entregou para o seu advogado.

— Espero que organize tudo — falou, sério.

— Não se preocupe. De acordo com a data, vamos entrar em contato com ela e pedir o divórcio. Não há como dar errado.

— Muito bem. Para a pensão, está tudo certo?

— Sim.

— E durante o tempo em que eu estiver fora, abra uma conta no nome dela, transfira dinheiro de quinze em quinze dias e a deixe a par de todos os procedimentos.

— Não se preocupe. Já anotei tudo. Em menos de três dias tudo estará pronto — ele disse, retirando-se em seguida.

— Só espero que eu não me arrependa — Carl murmurou ao olhar para a passagem aérea em cima de sua mesa. Olhou para o retrato de seu irmão e sorriu. — Ainda acho que vocês seriam perfeitos um para o outro — murmurou.

Ficou olhando para a fotografia durante alguns segundos, mas logo

voltou a atenção para o trabalho. Ele pretendia deixar tudo em ordem antes de viajar. Fazia dois dias que não conversava com Charlotte, pois ela vivia fugindo dele.

Ele chegou em casa no final da tarde e, ao vê-la sentada na sala de estar, caminhou até ela, parando em sua frente.

— Preciso falar com você — disse friamente, sentando-se ao seu lado.

— Estou ocupada — ela murmurou levantando-se, mas ele segurou seu braço.

— Estou indo para a Inglaterra depois de amanhã e não sei quando voltarei. Pode ser daqui a alguns dias, meses ou anos — ele disse, olhando em seus olhos. — Era isso — falou, soltando-a.

Charlotte ficou estática, assimilando o que havia escutado. Por alguns segundos desejou ter escutado de forma errada, mas ao vê-lo levantar-se e passar por ela friamente, percebeu que estava decidido a deixá-la.

— Então, é isso? — ela disse alto. — Vai me deixar assim?

— Deixar? — ele indagou, voltando a atenção para ela. — Não estou lhe deixando, apenas colocando as coisas em seus devidos lugares. O que aconteceu entre nós... foi um erro. É melhor esquecer. Vou para a Inglaterra durante algum tempo, nesse intervalo fique aqui, estude e... esqueça os seus sentimentos por mim. O que não acho que será difícil —disse, sério.

— O que quer dizer?

— O que escutou. Nada mais e nada menos.

— Está... desistindo? — ela murmurou incrédula, encarando-o. — De mim e do casamento?

— Quem desistiu de mim foi você, esqueceu? — ele disse com um tom irônico. — Não fique tão surpresa. Admito que gostei do tempo que passamos juntos. Foi divertido, mas não é o certo. Já deixei tudo com o meu advogado. Se eu não voltar, o divórcio será feito assim que você completar 18 anos. Não conseguirei esperar cinco anos.

— O que... aconteceu?

— Vejo que ainda está em choque. — Aproximou-se dela. — Apenas pensei e percebi que estamos cometendo um erro. Você é muito jovem. Não sabe o que sentir, não sabe o que é amar e eu... bem, ainda sinto algo por

outra pessoa. — Mentiu ao dar de ombros. Ele não pretendia contar a verdade. Carl estava fugindo por receio de ser abandonado por ela. — Não é certo ficarmos nos usando dessa forma.

— Eu.. não estou te usando... — ela murmurou.

— E eu? Será que não estou lhe usando? Nunca parou para pensar nisso?

— Você na... não...

— Se precisar de algo, basta me telefonar — falou virando de costas.

— Não vá — ela pediu ao sentir as lágrimas em sua face. — Por favor, não vá.

Carl não disse nada e não a olhou, apenas andou em direção às escadas e logo sumiu das vistas de Charlotte.

Em poucos dias Carl foi para a Inglaterra. Ele despediu-se friamente de Charlotte e foi embora sem olhar para trás uma única vez. Ele não pensou em nada, queria apenas se afastar dela.

No instante em que o jatinho pousou em uma pequena ilha próxima à Austrália, se viu sorrindo ao avistar sua mãe. Carl pretendia ir para a Inglaterra, mas, ao pensar nas pessoas que precisaria suportar, não conseguiu. Viu-se indo de encontro à sua mãe, pois sabia que poderia esquecer seus problemas e ser apenas um filho mimado.

— Não me diga que está fugindo — Melanie disse gentil ao abraçá-lo. Ao saber que seu filho estava indo lhe encontrar, soube que algo estava errado. — O que está acontecendo?

Carl fez uma careta ao ver a expressão séria de sua mãe. Melanie não ficaria satisfeita até que tudo fosse esclarecido.

— Eu acho que posso estar apaixonado pela minha esposa — confessou pela primeira vez em voz alta.

— Qual o problema, então?

— Ela não me ama, não como acredita amar.

— E você sabe quem ela ama mais do que ela mesma? — perguntou,

sorrindo. Carl sempre fora alguém que não acreditava em amor, e tudo só piorou após Victória. — Deveria dar uma chance a ela.

— Eu sei disso, mas não quero machucá-la. Não sou a melhor opção para ela.

— Por que diz isso?

— Mãe, o que eu tenho a oferecer a ela? Nossa família tem tantos problemas que é ridículo. Não quero trazê-la para isso.

— Deveria deixá-la escolher. — Tocou na face dele com delicadeza. — Fique aqui pelo tempo que precisar, meu querido.

Charlotte passava seus dias tristemente. Ela sabia que sua atitude não ajudara, mas ela estava nervosa e com o orgulho ferido quando disse que desistiria dele. Porém, ela percebera ao vê-lo indo embora que nunca conseguiria esquecê-lo de forma tão fácil.

Um mês havia se passado desde o dia em que Carl havia voltado para a Inglaterra. Charlotte continuava em Paris, sem notícias dele, vivendo sua vida normalmente, mas todas as noites ela se deitava no quarto de Carl. Era o único lugar em que conseguia dormir sem sentir vontade de chorar.

Marina olhou com carinho para Charlotte e suspirou. Ela estava presenciando sua amiga definhar a cada dia que passava. *Ela não pode continuar assim. Tenho que ajudá-la*, pensou decidida ao pegar uma vasilha em sua bolsa e colocar em frente a ela, em cima de sua carteira.

— É bom comer, senão... vai arcar com as conseqüências — ameaçou com um sorriso no rosto.

— Não estou com fome — Charlotte disse, fazendo uma careta. — Mas, obrigada.

—Você não está comendo nada. Estou preocupada. Desde que ele foi para a Inglaterra, você está assim.

— Eu sei — ela murmurou sem vontade —, mas... vou melhorar.

— Diz isso há um mês.

— Sinto muito.

—Não sinta. — Olhou-a, séria. — Ele deu alguma notícia?

— Não. Já tentei ligar várias vezes, mas nele não atende às minhas ligações.

— Nenhuma delas?

Charlotte apenas meneou a cabeça para os lados, levemente. Olhou distraída para a janela e sentiu algumas lágrimas se formarem.

— Vamos esquecer isso — Marina disse animada, abrindo a vasilha. — Quero que coma tudo. Eu fiz esse bolo especialmente para você. — Ergueu o garfo para ela, sorrindo.

— Até que está com uma ótima cara. — Olhou com vontade para ele, pegou o garfo da mão de Marina, mas, ao aproximá-lo do rosto, sentiu o cheiro e não demorou para correr em direção ao banheiro, atraindo a atenção de todos.

CAPÍTULO 43

Charlotte jogou um pouco de água sobre seu pálido rosto e suspirou ao olhar seu reflexo no espelho. Ela estava com olheiras e a cada dia mais abatida.

— O que estou fazendo da minha vida? — perguntou-se. Ao sair do banheiro, minutos depois, encontrou Marina esperando-a do lado de fora com uma expressão estranha no rosto. — O que foi?

— Eu é que deveria perguntar isso — disse, olhando-a de forma cuidadosa. — Desde quando está assim?

— Assim?

— Agora há pouco... Ficou enjoada, não foi?

— Foi.

— Desde quando está assim?

— Há poucos dias — disse, após pensar um pouco. — Deve ter sido algo que comi.

— Como, se você não está se alimentando? Você... Não acredito nisso — murmurou após pensar um pouco.

— Em quê? — perguntou, confusa.

Marina não disse nada, apenas segurou a mão de Charlotte e a puxou para fora do colégio. Uma desconfiança havia passado por sua mente e ela estava disposta a descobrir se era verdade.

— E então? — Marina perguntou, ansiosa, do lado de fora da cabine do banheiro. — Já está aí dentro há muito tempo — reclamou, ao olhar para o relógio. Elas haviam saído e ido até uma farmácia próxima ao colégio. Ao retornar, entraram rapidamente para o banheiro. Marina colocou o teste nas mãos de Charlotte mesmo sob os protestos dela, a encaminhou para uma das cabines e esperou pacientemente que ela saísse, algo que ainda não havia acontecido.

— Acha que é fácil fazer isso? — perguntou, nervosa, ao olhar para a embalagem do teste de gravidez no chão.

— Adiante. Ainda temos aula.

— Eu sei — disse ao respirar fundo. Fez o teste, saindo segundos depois da cabine. Olhou insegura para Marina. E se... eu estiver?

— Aí... teremos que lidar com isso — respondeu, segura. — Daqui a três minutos vamos descobrir.

Ambas fitaram o pequeno instrumento na mão de Charlotte. E os três minutos pareceram três horas para as duas.

— E então? — Marina perguntou ao olhar para o relógio. — Já deu o tempo. O que tem?

— Duas linhas cor-de-rosa — murmurou ao olhar para ela. — O que isso quer dizer?

— Bem... — falou ao pegar a caixa do chão. Olhou para Charlotte e não conseguiu evitar uma expressão de surpresa e alegria ao mesmo tempo. — Você vai ser mãe.

— O quê? — Charlotte disse, assustada. — Isso não pode estar certo... Sou muito nova e...

— Está escrito aqui. Duas linhas rosa: grávida. Uma linha rosa: Não está grávida.

— Meu Deus! — murmurou, desolada. — O que farei?

— Primeiro deve contar a Carl.

— Seria ótimo se ele atendesse às minhas ligações — disse nervosa, sentindo as lágrimas se formarem. — Ele nem sequer gosta de mim. Já disse que vai se divorciar daqui a menos de dois anos. Não posso ter o filho de alguém assim.

— Está pensando em...

— Não! — interrompeu-a. — Não vou abortar, se está pensando nisso, mas tenho medo que ele pense nisso — confessou.

Estarei aqui para o que precisar — Marina disse, abraçando-a.

Charlotte apenas aceitou o calor que sua amiga lhe transmitia. Ficaram dessa forma por longo minutos.

O avião pousou sem problemas, chegando no horário previsto. Em meio ao desembarque um homem destacava-se de forma inconsciente entre as pessoas. Ele trajava calça preta de linho, camisa branca e um paletó preto, mas o charme recaía sobre os óculos escuros, que lhe davam um ar misterioso. Carl andou pelo saguão do aeroporto e não demorou a encontrar o motorista segurando uma placa com seu nome escrito.

— Vamos — disse simplesmente ao parar em frente ao motorista. Em instantes, andava para fora do aeroporto e não demorou para estar dentro do carro a caminho de casa. — Parece que nada mudou — murmurou ao avistar

a casa de longe.

Durante todo o caminho manteve-se em silêncio. Ele percebeu o olhar curioso que seu motorista lhe lançava, mas preferiu ignorá-lo. Assim que entrou em casa, sorriu. Por mais que tentasse negar, sentia falta dali. Subiu as escadas, mas em vez de ir para seu quarto encaminhou-se para o de Charlotte. Ao abrir a porta sentiu o cheiro característico dela, entrou e sentou-se em sua cama, enquanto olhava em volta.

— Parece que nada mudou aqui também — disse ao, olhar para a cama vazia.

Charlotte passou o restante das aulas envolta em pensamentos desagradáveis. Ela se sentia feliz por ter uma vida crescendo dentro dela, mas sentia que estava cometendo um pecado, pois iria trazer ao mundo uma criança a qual o pai não amaria. *Por que tive que complicar tudo? Por que fui me apaixonar por você?*, perguntou-se em pensamento ao olhar distraída para a janela. Na saída, despediu-se de Marina com um forte abraço e entrou no carro.

— Como foi a aula? — o motorista perguntou, sorridente. Ele estava acostumado a fazer-lhe perguntas simplórias na saída.

— Como sempre — murmurou.

— Aconteceu algo? Está um pouco pálida — ele disse, olhando pelo retrovisor.

— Nada demais. Mas, obrigada.

Ele apenas assentiu ficando em silêncio. O caminho foi feito mais rápido que o normal e Charlotte sentiu uma pequena tontura ao sair do carro. Apoiou-se no carro fingindo estar vendo algo dentro dele. Sorriu sem jeito ao se recuperar e passar em frente ao motorista. Caminhou incerta pelo caminho até as escadas, onde se apoiou para subir. Ao abrir a porta do quarto sentiu o sangue sumir de sua face e logo tudo ficou envolto pela escuridão. Charlotte caiu no chão desacordada.

CAPÍTULO 44

Carl já estava ficando nervoso ao olhar para Charlotte deitada na cama. Ele não havia imaginado que ela ficaria tão impactada ao vê-lo depois de um mês. Andou de um lado para o outro a fim de se acalmar e, quando já estava ligando para o médico, ele a viu abrir os olhos.

— Você está bem? — perguntou, aproximando-se.

— Acho que... estou tendo alucinações — murmurou para si mesma ao ver Carl parado ao lado de sua cama. — Será que a notícia mexeu tanto comigo?

— Charlotte, está me escutando? — ele perguntou, olhando-a de forma inexpressiva. Suspirou sem paciência ao sentar-se ao seu lado. — Ei, eu não sou uma alucinação — disse ao tocar seu rosto. — Por que está sem comer?

— Carl...? — disse lentamente ao sentir seu toque. — É você mesmo?

— Quem mais seria?

— Por que demorou tanto? — perguntou, sentindo lágrimas em seu rosto. — Senti a sua falta — falou, abraçando-o e pegando-o de surpresa. — Precisei tanto de você...

Carl não teve forças para afastá-la de si, apenas fechou os olhos e a abraçou. *Só dessa vez irei me deixar levar por esses sentimentos...*, pensou ao colocar os braços em volta do corpo dela.

— Por que não atendeu às minhas ligações? — ela perguntou, ainda abraçada a ele.

— Charlotte... Por que está sem se alimentar direito? E o dinheiro, por que não está usando? — perguntou ao soltar seu corpo, afastando-a.

— Hã? Como sabe?

— Acha que eu lhe deixaria sem alguém a observando? Não seja tola.

— Então... Está preocupado comigo? — perguntou, animada.

— Não diria dessa forma, apenas tenho que ficar de olho no que é meu

— falou, desconcertado.

— Então, sou uma propriedade sua? — indagou, sem expressão. — Acho que sempre serei isso. — *Apenas isso*, pensou.

— Não quis dizer isso exatamente, mas por que não está se alimentando?

— Eu apenas não estava com fome — disse, séria.

— E por qual motivo?

— Não tinha vontade de comer.

— Não seja tão infantil. É uma necessidade do corpo comer e descansar. Não importa pelo que esteja passando. Tem a obrigação de comer, está me entendendo?

— Estou — ela disse sem evitar um sorriso. Olhou-o aliviada e o abraçou novamente. — Obrigada por voltar — sussurrou em seu ouvido. — *Mesmo que não seja pelos motivos certos*, pensou.

Carl não queria admitir, mas estava feliz por vê-la novamente e por poder abraçá-la. Ele tinha desejado, em seu íntimo, que aquela cena acontecesse e, por mais incrível que fosse, tinha se tornado realidade. Ficaram abraçados durante longos minutos até Charlotte se afastar e o beijar. Ela colou seus lábios nos dele. Sentiu seu hálito doce e sorriu, intimamente, por voltar a sentir as borboletas em seu estômago. Sempre que ela estava com ele, tinha a sensação de que mil borboletas voavam em seu estômago e ela não se cansava da sensação.

Se eu pudesse fazer um desejo, seria para que esse momento fosse eterno, pensou ao sentir os braços dele rodearem sua cintura. O beijo calmo fez com que ambos sentissem seus corações baterem mais depressa, de forma sincronizada. Eles se tornaram um, apenas selando seus lábios. Estavam tão absortos do mundo ao seu redor que demoraram a escutar as batidas na porta.

— Entre — Carl disse, após afastar seus lábios dos de Charlotte. Ao ver a empregada entrar com uma bandeja, levantou-se, pegou a bandeja da mão dela e colocou-a em frente à sua esposa. — Pode começar. — Ao ver o olhar confusa dela, suspirou. — A comer. Não vou sair até que termine — disse sério, sentando-se em uma poltrona próxima à cama.

— Saiba que isso pode não dar certo — ela disse, manhosa. — Posso

não querer que saia daqui, então não vai adiantar muita coisa.

— Verdade. — Ele se levantou da poltrona e foi até a porta. — Então, só voltaremos a conversar de forma civilizada quando parar de ser infantil e comer. — Dizendo isso, saiu deixando Charlotte confusa, mas feliz. Ela olhou para o prato à sua frente, pegou o garfo e começou a comer. Pela primeira vez depois de vários dias não ficava enjoada ao sentir o cheiro de algo. Ela sentia uma imensa fome. Fome de amar.

Carl entrou em seu quarto com o semblante inexpressivo. Ele não estava gostando de como as coisas estavam seguindo. Suspirou ao se deitar na cama, fechou os olhos e logo sentiu o cheiro tão familiar de morangos. Estranhou e, ao cheirar o travesseiro, sorriu.

— Então, ela vem dormir aqui mesmo — disse ao sorrir. — Não importa como eu a olhe, ainda me parece uma criança. Mas uma criança muito sensual — admitiu ao fechar os olhos.

Charlotte sorriu ao observar Carl dormindo. Ela havia acabado de comer e em seguida foi à sua procura. Para sua surpresa, o encontrou deitado. Ela sentou-se ao seu lado e velou seu sono. A única coisa que ela queria era sentir que o que estava acontecendo era real. Ela não se importava que ele a tivesse largado, mas sim que havia voltado. Ao olhar para o lado, viu o celular dele indicando uma nova mensagem.

Não será errado ver, não é?, perguntou-se ao pegar o aparelho. Clicou em uma das teclas e não demorou a ler o conteúdo.

Meu querido, sinto sua falta e sempre sentirei, mas parece que estaremos mais próximos que nunca. Precisamos nos ver mais, ainda não consigo acreditar que nos vimos tem pouquíssimo tempo.

Não fique surpreso se me encontrar em Paris.

Saudades de você.

Fanny.

Charlotte olhou para a mensagem sem acreditar. Ela nunca havia imaginado que ele tivesse passado o mês anterior com Fanny.

— Talvez, seja melhor desistir de uma vez — ela murmurou ao colocar o celular de volta no criado-mudo. Levantou-se da cama, mas, quando estava abrindo a porta, uma voz chamou sua atenção.

— O que estava fazendo aqui? — ele perguntou, sonolento, ao vê-la de costas. — Espero que tenha terminado de se alimentar.

— Sim. Já comi — falou fria, sem encará-lo. — Já estou indo embora.

— Por que está assim? — ele perguntou, confuso, ao se erguer da cama. — Aconteceu alguma coisa?

— Apenas me dei conta de algo — ela disse vagamente ao abrir a porta e sair sem olhar para trás.

Carl ficou olhando para a porta durante alguns segundos, confuso, até algo chamar sua atenção. Ao olhar para o criado-mudo onde estava seu celular percebeu que luz do visor estava acesa. Pegou-o e, surpreso, leu a mensagem de Fanny.

— O que ela quer dizer com isso? Não nos vimos desde que fui à Inglaterra com Charlotte. — Após alguns segundos, algo lhe veio à mente. — Charlotte está com ciúmes? — perguntou-se, sorrindo. — Ela poderia ter falado simplesmente sobre isso e não ter agido tão friamente. — Levantou-se da cama e caminhou para fora do quarto. Ao segurar a maçaneta da porta do quarto de Charlotte, escutou sua voz.

— Sim, preciso conversar um pouco. Poderíamos nos encontrar? Eu também sinto falta de estar com você. Sim. Daqui a quarenta minutos? No hotel L'ami? No restaurante? Estarei lá. Até, Klaus — Charlotte disse antes de desligar.

— Klaus — Carl repetiu e na mesma hora sentiu a fúria instalar-se em seu corpo. — A história está se repetindo? — perguntou-se de forma lamentosa.

Charlotte vestiu o casaco e saiu do quarto cuidadosamente. Caminhou pelo corredor o mais rápido que conseguiu e não demorou a estar do lado de fora de casa. Viu o táxi que havia chamado, entrou e logo se encontrava pelas ruas de Paris.

O hotel L'ami era famoso pelas suas receitas de doces franceses, tanto que o restaurante sempre encontrava-se movimentado, independentemente do

dia da semana ou do horário. Assim que entrou, Charlotte avistou Klaus sentado, segurando uma xícara enquanto olhava ao redor. Ela sorriu ao vê-lo acenar para ela e levantar-se.

— Obrigada por ter vindo — ela disse ao sentar-se. — Me perdoe por isso tudo... Quero dizer, você tem coisas mais importantes que escutar lamúrias de uma adolescente e ...

— Não diga mais nada — ele falou, sério. — Gosto de sua companhia e, além do mais, como eu havia dito anteriormente, sinto falta de conversar contigo. É uma ótima companhia, sabia disso?

— O... obrigada — ela agradeceu sem jeito ao olhar para ele.

— Então... O que aconteceu? — ele perguntou depois de alguns segundos em silêncio. — Disse que precisava conversar.

— Ahhh... Não sei bem como começar — ela admitiu ao olhar para a xícara cheia dele, fazendo-o sorrir.

— -Mas antes é melhor pedirmos um chocolate quente para você — falou bem-humorado ao fazer um discreto sinal para o garçom, que não demorou a atendê-los. Logo uma xícara foi depositada em frente à Charlotte. — Estava se sentindo solitária? Ouvi dizer que Carl tinha retornado.

— Ele voltou, mas... não sei o que pensar — disse confusa ao olhar para sua própria xícara. — Eu imaginei tantas coisas nesse mês em que ele esteve fora, mas agora acho que a maioria é verdade.

— Como assim?

— Eu acho que ele e Fanny tiveram algo — confessou, triste.

— Carl e Fanny? Isso é um tanto improvável — disse, surpreso. — Eu não escutei nada do gênero. De qualquer forma, Carl não esteve na Inglaterra neste último mês.

— O quê?

— Eu não soube de nenhuma visita dele ao palácio.

— Como sabe disso?

-Charlotte — sorriu —, sei de tudo que acontece naquele palácio e tenha a certeza: Carl não esteve neste último mês lá.

— Ele... mentiu para mim? — murmurou, incrédula.

— Não sei se menti, mas ele pode ter omitido algo — falou segurando sua mão por cima da mesa. — Não fique assim. Já está tão pálida...

— Você... tem algum médico de confiança? — ela perguntou minutos depois.

— Sim, por quê? Está se sentindo mal?

— Não é bem isso. Quero apenas confirmar algo.

— Está passando mal? Quer sair daqui?

— Estou bem — ela garantiu, com um sorriso triste.

— É melhor irmos logo. — Ele se levantou rapidamente e ainda segurando a mão de Charlotte a puxou, fazendo com que se levantasse. Caminharam em direção a saída ao mesmo tempo em que ele discava para um número em seu celular.

Carl sentou-se em uma mesa afastada, ajeitou o boné em seu rosto enquanto observava o casal à sua frente. Ele ainda não conseguia acreditar que Charlotte estava com Klaus de forma tão íntima.

— Então, eles estão juntos? — perguntou-se, confuso, e ao mesmo tempo decepcionado. Ele ficou olhando para o casal durante um tempo até vê-los levantando-se de forma abrupta. Sem perder tempo, Carl os seguiu. Ele queria saber até onde Charlotte o havia enganado.

CAPÍTULO 45

Charlotte despediu-se do médico mais pálida que o normal. Ela ainda tinha esperança de que o teste de farmácia estivesse errado e que ela estivesse apenas fraca por não se alimentar, mas enganara-se. Ela estava grávida de um mês e meio. Ela olhou para o homem sentado à sua espera e desejou que ele fosse Carl. O que ela mais queria naquele momento era abraçá-lo e escutar dele que tudo ficaria bem no final.

— Obrigada por ter me trazido — disse sincera a Klaus.

—Você está doente?

— Não exatamente — falou levando a mão, involuntariamente, à barriga com um sorriso singelo no rosto.

—Você.... — Klaus olhou para o rosto dela e onde sua mão repousava. No mesmo instante sentiu raiva. — Está grávida? — indagou, furioso, atraindo a atenção de algumas pessoas.

— E.. estou — ela falou, desconcertada.

— Aquele desgraçado! — Klaus gritou e logo tentou controlar-se. — Como ele engravida uma criança? O que ele tem na cabeça?

— Eu não sou uma criança.

— Não? Você nem terminou o colegial. O que espera que vai acontecer quando seu filho nascer? Acha que o rei deixará vocês três tranquilos, morando aqui? Não se iluda. A primeira coisa que ele vai querer fazer é levá-los para aquele palácio amaldiçoado pela dor e tristeza.

— O que quer dizer com isso? E, além do mais, não falta muito para eu terminar o colegial.

—Faltam dois anos. — Respirou fundo e a encarou. — Posso resolver esse problema. Conheço uma ótima clínica que poderá deixá-la livre.

— Livre?

— Sim.

—Está sugerindo que eu aborte?

— Estou. Será o melhor para você.

— Nã... não... Não vou fazer isso — sussurrou, com lágrimas nos olhos. — Pensei que fosse meu amigo, mas é igual a todos — disse, antes de afastar-se dele. — Obrigada pela ajuda, mas é melhor não nos vermos mais.

— Ele vai dizer a mesma coisa, Charlotte — Klaus falou para ela escutar. — Ele vai dar a mesma sugestão que eu. Não pense que ele é diferente.

Charlotte caminhou desorientada pela clínica. Ela não queria acreditar, mas algo em seu íntimo dizia que ele estava certo. Andou entre as pessoas esbarrando nelas, sem prestar atenção e, ao chegar a saída, sentiu alguém puxar seu braço. Ao se virar, ficou sem palavras ao vê-lo.

— Charlotte, o que fazia aqui? — Carl indagou com fúria no olhar.

— Carl? — ela murmurou.

— O que fazia com ele? — gritou, sem importar-se com as pessoas ao seu redor.

— Me largue, está me machucando — ela pediu em meio às lágrimas.

— Só vou te largar quando me falar o que está acontecendo.

— Não é nada — murmurou sem confiança.

— Charlotte... — ela a advertiu.

— Eu... — ela disse ao sentir uma forte vertigem. Aos poucos, tudo começou a rodar e logo tudo ficou escuro para ela.

Charlotte caiu lentamente e, se não fosse pela rapidez de Carl, ela teria caído no chão. Ele olhou para o corpo inerte de sua esposa e naquele momento soube que algo estava errado.

— Não se preocupe, sua esposa está bem — o médico disse sorrindo ao ver a preocupação de Carl. — Ela está um pouco fraca, mas a gravidez não está ajudando muito em sua recuperação — falou ao olhar no prontuário.

Carl estava sentado de frente para o médico em sua sala e, se não estivesse sentado, cairia naquele momento.

— Espere, você disse grávida? — perguntou, sem expressão.

— Não sabia? Ela está de um mês e meio. Meus parabéns! — falou, sorrindo.

— Isso... não pode estar certo — sussurrou.

— Algum problema?

— Não.. ainda não — murmurou, pasmo.

— A gravidez dela poderá ser de risco. Por isso, é bom ter certos cuidados. Ela não poderá ficar nervosa e nem ter fortes emoções. Espero que entenda o que quero dizer — tornou, sério. — Ela é muito jovem, sua menarca veio tardiamente e, juntando isso à sua forte anemia, é bom ter

cuidados redobrados. Traga-a aqui daqui a uma semana para executar alguns exames. Certo?

— Sim — Carl falou sem prestar atenção. — *Grávida? Ela não pode. Isso é... Não acredito que estraguei a vida dessa menina. Agora, estaremos presos um ao outro. Aos poucos, ela verá que não sou como imagina e esse amor que ela supostamente sente por mim será transformado em ódio. Como eu pude?*, pensou, desconfortável.

— Daqui a alguns minutos ela irá acordar. Pode ficar no quarto com ela — o médico disse.

— Obrigado — falou sério ao seguir para a saída. Andou pelo corredor silencioso e logo parou em frente a um quarto. Ao entrar, viu Charlotte deitada.

— Transformei um anjo ingênuo em um anjo pecador. — Sentou-se em uma cadeira próxima à cama e ficou observando-a enquanto dormia. Os minutos se arrastaram e logo Charlotte abriu os olhos, confusa. Olhou ao redor e, ao ver Carl encarando-a, sentiu o sangue sumir de sua face. — Acordou — ele disse, sério.

— Carl.. O que aconteceu?

— Você desmaiou.

— Entendo — sussurrou. — *Será que ele já sabe?*, perguntou-se ao encará-lo. Retirou a coberta e levantou-se. — É melhor irmos embora. Já estou melhor — disse, tentando sorrir.

— Por que não me contou?

— Hã?

— Eu já sei de tudo — disse sério, encarando-a. — Quero saber por que não me disse nada. Estava pretendendo fugir, por acaso?

— O quê? — Charlotte o encarou sem saber o que fazer. Ela ainda não havia pensado em como contar sobre a gravidez. — Não sei sobre o que está falando. — Saiu da cama, mas logo sentiu Carl segurar seu braço, fazendo-a virar-se e encará-lo. Ficaram se olhando durante segundos, senão minutos, até ele interromper o silêncio.

— Eu já sei que você está grávida — falou, sério. — Por que não me contou? E o que Klaus tem a ver com isso? — indagou, apertando seu braço.

— Carl...

— Eu exijo saber — falou, autoritário.

— Klaus? Ele é um tipo de homem que você dificilmente será. E sabe por quê? Porque ele me entende e me ajuda.

— Te entende? Até imagino em que situação — ironizou, soltando-a.
— Qual a relação dele com esse bebê e com você?

— Está insinuando que... — Ela meneou a cabeça, sem acreditar. — Está dizendo, ou melhor, insinuando que tive algo com ele? É tão ridículo a esse ponto?

— Ridículo? Sou sim e sabe o que é pior? Ver a minha esposa andando para cima e para baixo com outro homem. Um homem tão desprezível que é capaz de vender a própria mãe se isso o beneficiar.

— Ele não é assim — ela falou, ofendida. — Por que está agindo assim?

— Ainda pergunta o motivo? Isso é patético — murmurou ao andar até a janela, ficando de costas para ela.

— É sim... A cada minuto vejo o quão patética eu sou por continua gostando de alguém como você — disse, com lágrimas nos olhos.

De forma inconsciente virou-se e caminhou até a porta, abriu-a e saiu sem se importar. Ela só queria ficar o mais longe possível dele. Caminhou pelos corredores chorando e, ao olhar para a sala de visitas, encontrou a pessoa menos improvável.

— Klaus — ela sussurrou ao caminhar em sua direção. Parou na frente dele e ele não demorou a levantar-se e a abraçá-la.

— O que houve? — ele perguntou ao apertá-la em seus braços. — Por que está assim?

— Carl... — falou, chorando.

— É melhor sairmos daqui — ele disse ao olhar à volta. Afastou-a um pouco de seu corpo e, com o braço em volta de seu ombro, levou-a em direção à saída. Já estavam do lado de fora quando escutaram uma voz gritar.

— Largue a minha esposa! — Carl gritou logo atrás deles.

Klaus segurou Charlotte com mais força ao encarar Carl e, com um

sorriso zombeteiro, virou de costas para ele e continuou a levar Charlotte até sentir Carl segurar seu braço, forçando-o a parar.

— Já disse para soltá-la — falou sério, puxando o braço dele e segurando Charlotte. — Você vem comigo.

Charlotte ficou sem reação, deixando-se ser guiada por ele e não percebeu Klaus avançar sobre eles, puxá-la e proferir um soco em Carl.

Carl cambaleou e sorriu ao levar a mão onde havia levado o soco, próximo ao lábio inferior.

— Estava querendo fazer isso há muito tempo — Carl falou antes de avançar sobre Klaus.

Charlotte afastou-se, horrorizada. Carl esbanjava toda a fúria que havia guardado durante anos. Ele se encontrava por cima de Klaus dando socos no rosto dele, enquanto tentava imobilizá-lo com seu corpo. Sem que Carl percebesse, Klaus conseguiu travar o corpo de Carl com as pernas e não demorou para estar por cima dele. Os dois brigavam como se estivessem acertando contas do passado.

— Parem com isso! — Charlotte gritou ao vê-los rolando pelo chão. — Alguém ajude! — pediu, ao olhar ao redor e logo dois seguranças da clínica apareceram para separar os dois.

Klaus ficou ao lado de Charlotte e, no momento em que os seguranças largaram os dois, ela soube que se fosse falar com Klaus primeiro Carl não olharia em seu rosto. Ela suspirou ao olhar para Klaus.

— Sinto muito — sussurrou ao ver o machucado em seu rosto. Abaixou o rosto e andou até onde Carl estava, parando diante dele. Sem dizer nenhuma palavra ele segurou em sua mão e a levou para o carro dele.

— É triste e tedioso ao ver a história se repetir, não é mesmo? — Klaus disse ao olhar os dois se afastando. — Só espero que desta vez o final seja mais interessante.

Carl dirigiu todo o caminho sem pronunciar uma única palavra, enquanto Charlotte mantinha-se temerosa ao seu lado. Assim que estacionou

o carro em frente à casa, ele desligou o carro e manteve-se dentro dele.

— O que está acontecendo entre vocês? — Carl perguntou sem encará-la.

— Somos amigos — falou com cuidado. — Por que o odeia tanto?

— Por quê? Ele é um idiota que não sabe esquecer o passado e tenta me atingir de diversas formas.

— Klaus? Acho que está falando da pessoa errada — falou ao olhar para a janela. — Vou entrar.

— Ainda não. Precisamos falar sobre esse filho.

— Como assim?

— Eu... não estou certo sobre isso.

— Quer que eu aborte? É isso que está sugerindo? — perguntou, incrédula.

— Não... Por Deus, não é isso. — Respirou fundo e a olhou. — Apenas... Você é muito jovem. Assim que ele nascer, vamos entregá-lo para a minha mãe. Ela irá cuidar dele até que tudo fique certo entre nós.

— O que quer dizer?

— Olhe, eu... Acho que você ainda não está pronta para isso e muito menos eu. Vamos apenas deixá-lo com a minha mãe.

— Eu já entendi — ela o interrompeu, sem expressão. — Sei que não quer ligação nenhuma com esse filho. Eu vou tê-lo e logo depois vou sumir de sua vida. Não se preocupe — falou ao abrir a porta do carro e sair. Ela caminhou o mais rápido que conseguiu e, ao entrar em casa, sentiu as lágrimas caírem pelo seu rosto.

Carl praguejou um impropério ao ir atrás dela, alcançando-a próxima às escadas. Segurou seu braço e a puxou para si.

— Não foi isso que eu quis dizer — falou ao apertá-la contra o corpo, impedindo-a de soltar-se. Ele sentiu sua blusa sendo molhada pelas lágrimas, mas não se importou. — Só estou... assustado. Não esperava por isso.

Charlotte não queria ceder, mas, ao sentir o abraço quente dele, não conseguiu evitar.

— Tudo bem — sussurrou. Passou os braços em volta do corpo dele e

assim ficaram por alguns minutos. Charlotte sabia que naquele momento não havia tomado a decisão certa, mas para ela aquilo bastava. Ela o amava e, acima de tudo, desejava ficar ao seu lado, mesmo que para isso tivesse que suportar mentiras e segredos. *Estarei bem enquanto puder olhar seu rosto, falar com você, escutar a sua voz e sentir o seu corpo junto ao meu. Não me importo que não me ame como te amo, apenas... Desejo ficar ao seu lado,* pensou.

CAPÍTULO 46

O sol brilhava do lado de fora da janela do quarto. Pássaros cantavam de forma harmoniosa e nenhuma nuvem era vista no céu. Charlotte abriu os olhos, feliz. Feliz por estar vivendo de forma harmoniosa com Carl. Desde que ele havia descoberto sua gravidez a estava tratando melhor, mas certas coisas nunca haviam sido esclarecidas, como o local para onde ele havia viajado. Sempre que ela tocava no assunto, ele se fazia de desentendido e logo mudava o teor da conversa. Com o passar dos dias, Charlotte deixou de perguntar e optou por acreditar nele. Acreditar que ele não a estava enganando. Ela se levantou da cama e, como em um dia comum, foi se arrumar para ir ao colégio. Assim que colocou os pés fora da cama sentiu uma forte tontura — sintoma que estava se tornando muito comum, entretanto naquele dia havia vindo acompanhado de enjoo e perda de apetite. Ela ficou sentada na cama até o mal-estar passar, logo depois caminhou vagorosamente para o banheiro, onde tomou um banho demorado e vestiu seu uniforme escolar. Antes de sair do quarto, olhou para sua imagem no espelho e suspirou ao ver a palidez.

— Parece que você está me fazendo mais mal do que bem — ela murmurou ao levar a mão até a barriga. Meneou a cabeça como se mandasse os pensamentos embora, pegou a mochila, fechou a porta do quarto e saiu. Andou pelos corredores alheia ao que acontecia à volta. Nos últimos dias ela estava se indagando como seria a sua vida dali em diante. Ela sabia que Carl

não a amava e nem ela queria prendê-lo apenas por causa de um filho. Sentia-se frustrada, triste e sem ilusão ou sonhos. Para Charlotte, a vida havia perdido o brilho.

Caminhou sem ânimo para a sala de jantar, mas, ao chegar, surpreendeu-se ao avistar Carl sentado em uma das cadeiras lendo um jornal de forma descontraída.

— O que faz aqui? — ela perguntou, surpresa, ao caminhar até a cadeira ao lado da dele. — A esta hora você nunca está em casa.

— Bom-dia — ele disse sorrindo ao colocar o jornal de lado e olhar para ela de forma curiosa. — A cada dia que lhe vejo está mais magra. É bom se alimentar direito.

— Não estou com fome, mas não me disse por que está aqui.

— Resolvi mudar alguns horários. Nada demais — disse ele ao colocar um pão de queijo no prato em frente a ela. — Coma.

— Não estou com...

— Coma — falou autoritário, interrompendo-a. — Grávida tem que comer por dois. E, falando nisso, mais tarde vou passar no seu colégio.

— Como? — ela indagou ao olhar para o pão de queijo.

—Vamos a uma consulta. Precisa se cuidar.

— Entendi. — *Está preocupado apenas por causa da criança*, ela pensou, triste. Levantou-se da cadeira e, ao tentar sair da sala, sentiu ele segurar seu braço. — Esqueceu de falar algo? — perguntou, tentando aparentar frieza.

— O que está acontecendo? — ele perguntou, olhando em seus olhos. — Não sei o que está se passando pela sua mente, mas, desde que descobriu estar grávida, está estranha. Se estiver acontecendo algo, apenas fale comigo.

— Não há nada — falou, virando o rosto. — Apenas não estou com fome.

Carl não disse nada, apenas murmurou algo e, sem expressão, puxou Charlotte para fora de casa. Ela o seguiu atônita, mas, ao vê-lo pedir pelo seu carro a um dos seguranças, ficou confusa.

— O que... Por que... Para onde está me levando?

— Para o médico — disse ao ver sua Ferrari ser estacionada. Puxou-a em direção ao carro, abriu a porta e a colocou para dentro. Deu a volta, entrou e deu a partida.

— A consulta não era mais tarde?

— Estou com uma impressão e quero apenas confirmá-la o quanto antes — disse, prestando atenção na estrada à sua frente.

— Impressão? Do que está falando?

— Nada, apenas relaxe enquanto chegamos à clínica.

Está tão preocupado assim com essa criança?, Charlotte pensou ao olhar para o perfil de seu marido. O que ela mais desejava naquele momento era que ele estivesse preocupado com ela, apenas com ela.

A clínica estava vazia. Ela era uma das melhores, se não a melhor de Paris. Carl deixou Charlotte sentada em uma das confortáveis cadeiras na sala de espera, enquanto foi falar com a recepcionista. Em poucos minutos ele retornou e, com uma expressão séria, levou Charlotte consigo até uma das salas. Eles entraram e avistaram um jovem homem, de cabelos loiros e sorriso gentil sentado atrás da mesa. Ele olhou para eles e sorriu.

— Sentem-se — disse sorrindo. — Estava esperando por vocês apenas mais tarde, mas não podemos deixar o príncipe e a princesa esperando, não é mesmo? — Olhou para Charlotte de forma gentil e terna. — O que está acontecendo com a mamãe?

— Mamãe? — ela repetiu de forma inconsciente.

— Claro. Não deve ter se acostumado ainda com a ideia. É completamente normal. Vieram para algo específico ou apenas começar o pré-natal?

— Ambos — Carl disse, sério.

— Muito bem. — Levantou-se e olhou para Charlotte. — Por que não se troca naquele lavabo? Vista um dos roupões azuis. Logo depois vamos ver como está o seu filhinho, certo?

Charlotte assentiu sem vontade. Caminhou até o local indicado pelo médico e, ao entrar, encontrou vários roupões. Despiu-se, vestiu um qualquer e ao sair vislumbrou por alguns instantes uma expressão preocupada no rosto do médico.

— Deite-se — ele disse, indicando uma maca. Assim que ela se deitou, ele abriu um pouco o roupão, colocou um pouco de gel em sua barriga e passou um aparelho nela. — Isto é um ultrassom — ele explicou ao olhar para o monitor da tela. Está vendo aquele pontinho? É seu filho. — Sorriu. — Quer escutar o coração dele batendo?

— Posso? — ela indagou, tímida e ao mesmo tempo deslumbrada.

— Claro. — Ele ligou um o som e sorriu diante dos olhares expressivos e felizes dos pais. — Aparentemente, está tudo bem com a gravidez, mas teremos que fazer alguns exames — disse, sério. — Pelo que seu marido me contou, você parece pode estar sofrendo de depressão. Se estiver, está no início, mas não podemos deixá-la se agravar. Vou passar alguns exames para serem feitos hoje ainda, aqui na clínica, para ter certeza de que está tudo bem com o seu filho, e indicarei um psicólogo.

— É tão sério assim? — ela perguntou, ainda deitada.

— Não. Vamos apenas fazer os exames e, se der alguma coisa, tratar. — Sorriu segurando sua mão. — Fique tranquila.

Charlotte assentiu e olhou para Carl. Pela primeira vez em dias ela conseguiu vislumbrar carinho sincero em seu olhar.

No final da tarde, após todos os exames pedidos estarem prontos, o médico abriu os envelopes, olhando cuidadosamente os resultados. Ao final, sorriu para Charlotte e para Carl.

— Não há nada demais. Vamos ter que tratar a sua anemia, pois isso poderá ficar perigoso mais à frente. Vou receitar algumas vitaminas. Charlotte, poderia dar licença a mim e a seu marido? Precisamos conversar uma coisa. — Sorriu. — Não é nada sobre você, somos velhos amigos e gostaria de falar algumas coisas.

— Ah, entendo. — Levantou-se achando estranho, mas deu de ombros. Ao fechar a porta, escutou uma frase que a deixou angustiada. *Temos um problema.*

— Qual problema? — Carl indagou, sério.

— Sua suspeita pode estar correta. Ela pode estar com depressão. Precisamos tratar isso urgentemente, indicarei um amigo para tratá-la. A situação dela não está favorável para essa gravidez. Ela aparenta estar fraca, fisicamente e emocionalmente. Gravidez na adolescência já é um problema e a sua condição atual está piorando, e muito. Precisarás ter cuidado redobrado com ela. Não poderá passar por estresse, nervosismo ou qualquer sentimento negativo. Aconselho-o a levá-la para algum lugar calmo, longe de problemas. Tente sempre dar-lhe atenção. Na gravidez, as mulheres tendem a ficar mais sensíveis e com os hormônios à flor da pele, isso resulta em ter paciência redobrada e atenção constante. Eu não queria que ela escutasse para não alarmá-la. Essas vitaminas — prescreveu algo entregando em seguida a receita a Carl —, ela deve tomar antes das refeições. Incentive-a a comer e, sempre que possível, dê total atenção a ela.

— Entendi — Carl falou, sem expressão.

— Certo. É apenas isso, qualquer coisa basta me ligar. — Entregou seu cartão de visita. — Surgiu algum problema? Não pense, me ligue.

— Certo.

Carl saiu da sala desnorteado. Ele não conseguia acreditar na quantidade de problemas em que havia envolvido Charlotte. Ele parou ao vê-la sentada folheando uma revista e, naquele momento, sentiu um aperto no coração.

O que fiz a essa menina?, perguntou-se de forma angustiada.

CAPÍTULO 47

Carl olhou frustrado para a pilha de documentos à sua frente. Ele estava

trabalhando de forma incessante durante dias a fim de esquecer os problemas, mas percebeu que não estava adiantando. Ele estava apenas fugindo de forma vergonhosa. Levantou-se da cadeira e olhou para a enorme janela atrás de si. Viu a cidade iluminada, o céu escuro e, sem pensar muito, pegou seu paletó, o qual estava jogado em cima do sofá, e saiu apressado da sala.

O destino aparentava estar a seu favor, pois as ruas encontravam-se sem engarrafamento. Em poucos minutos ele chegou em sua casa. Assim que abriu a porta, ele a viu. Charlotte estava sentada no sofá assistindo a um programa qualquer de forma distraída e, ao escutar o barulho da porta, virou-se e se deparou com Carl olhando-a de forma incessante.

— Bem-vindo de volta — ela murmurou, inquieta com o olhar que ele lhe lançava.

— Não aguento mais — ele disse em tom sério aproximando-se. Parou em frente a ela e respirou fundo antes de prosseguir. — Não aguento mais. Estou cheio disso tudo.

— Como?

— Estou cheio de querer lhe beijar e sentir culpa por isso. Estou cheio de me culpar por algo do qual não tenho culpa.

— Você está...

— Vamos fazer isso dar certo. — Ele sorriu e estendeu a mão para ela. — Vamos tentar ser um casal de verdade, por nós e por essa criança.

— Isso... é verdade? — ela murmurou, sem acreditar no que havia escutado.

— Sim. — Charlotte segurou sua mão e sorriu para ele. Carl não disse mais nada, apenas a puxou para si e a abraçou de forma terna. — Me desculpe pela demora, mas decidi aceitar as coisas como são e, principalmente, você.

— Seremos felizes, eu prometo — ela disse em seu ouvido.

— Quem tem que falar isso sou eu, Lotte — disse sorrindo e beijando-a docemente na testa.

Carl deixou a água quente cair sobre o corpo e pela primeira vez em dias sentiu-se bem consigo mesmo. Desde o momento em que havia visto

Charlotte com Gary não conseguiu conter-se de fazer algo que sempre tivera vontade. Ao levá-la para a cama, ele queria mostrar que ela seria apenas dele e de mais ninguém, e no fim havia conseguido.

Já estou velho demais para me culpar por bobagens. Desde o momento em que a vi sorrindo para ele sabia que eu a queria apenas para mim. Posso fazer isso dar certo, preciso apenas de paciência e tempo. Sei que posso sentir algo mais forte por ela, mas o engraçado é que eu talvez já esteja sentindo. Estranho — sorriu —, nunca imaginei que iria gostar de alguém tão nova. Na verdade, não sei o que sinto, mas sei que a quero do meu lado e isso no momento me basta. Tê-la ao meu lado me deixa feliz e aliviado ao saber que está segura. Irei cuidar dela e desta criança, e vamos formar um lar feliz. Eu consigo, Carl pensou ao sair do box. Vestiu um roupão preto e, ao olhar para o espelho embaçado, sorriu. Ele sentia-se leve, como se tivesse retirado um fardo das costas. Ao voltar para o quarto viu Charlotte sentada na poltrona esperando por ele. Ela se levantou-se apressada ao vê-lo olhando-a.

— Aconteceu algo? — ele perguntou, olhando-a com curiosidade.

— Bem... Queria apenas... Não quero acordar amanhã e perceber que tudo foi um sonho. — Charlotte disse sem graça e com as faces avermelhadas. — Eu... posso ficar aqui esta noite?

Carl sorriu discretamente e andou até onde ela estava, parando em sua frente. Segurou seu rosto e tocou os lábios dela com os dele.

— Não precisa pedir. Eu prometi tornar este casamento verdadeiro, não foi? Então, acho que seria uma boa idéia você vir para cá.

— Sêrio?

— Não costumo mentir. Imaginei que já soubesse disso — tornou, bem-humorado e passando os braços ao redor do corpo dela. — Pode ficar aqui esta noite e nas próximas. Não precisa me pedir.

— Carl — ela falou incerta, minutos depois —, você... está fazendo tudo isso apenas... pela criança?

— Se eu dissesse que não seria estaria mentindo para você — disse, apertando-a contra o corpo —, mas não é apenas por ele, é por você também. É por você que me sinto atraído, culpado e arrependido. É você quem vive constantemente em meus pensamentos.

— Eu vivo? — ela indagou, esquecendo-se das palavras “culpado e arrependido” que ele dissera.

— Vive — ele falou, olhando-a nos olhos. — Neste momento, estou louco para te beijar, mas não sei se acabará bem — confessou. — Então, é melhor eu me trocar e ir dormir. — Quando ele a estava soltando, ela passou o braço pelo pescoço dele e sorriu diante de seu olhar. — Você... — Antes que ele pudesse terminar a frase, ela o beijou.

O beijo tímido e doce do começo tornou-se quente e apaixonado quando Carl segurou sua nuca. Seus corpos correspondiam com ardor e impulsividade. O beijo deles assemelhava-se à água em pleno deserto. Era assim que eles queriam se sentir: saciados de amor. Charlotte sentia-se leve e sem preocupações. Para ela, o que Carl havia falado era como uma declaração de amor. Ela não se importava com as palavras usadas por ele, pois, para ela, estava conquistando-o dia após dia.

Impetuosamente, Carl ergueu Charlotte em seus braços e a levou para a cama, colocando-a no centro dela. Sorriu diante do olhar apaixonado que ela demonstrava e acariciou seu rosto.

— De agora em diante seremos marido e mulher de verdade — ele disse antes de tomar seus lábios, beijando-a avidamente.

Uma mulher sorriu ao entrar no avião que ia para Paris. Ela estava feliz por estar conseguindo o que tanto queria. Ela tinha certeza de que conseguiria conquistar o coração de Carl.

Nem que para isso eu tenha que tirar aquela criança do meu caminho, Fanny pensou misteriosa. Se pensa que irá prendê-lo com essa criança, ela está muito enganada. Farei de tudo para que não venha ao mundo, pensou ao suspirar profundamente ao se recordar da mensagem anônima que recebera, enquanto contava os minutos para o avião pousar.

Victoria caminhou em direção a Klaus ainda confusa pelo convite que havia recebido dele. Ela ainda não entendia o assunto tão urgente que ele tinha para tratar com ela. Victoria sentou em frente a ele na confeitaria e esperou pacientemente que ele falasse.

— Fico feliz que tenha vindo. Faz tempo que não nos falamos, não é mesmo? — Klaus disse sorrindo ao tomar um gole de suco.

— Não precisa se fingir de educado comigo. Diga apenas o que deseja — ela disse fria, encarando-o.

— Você não mudou nada querida. Bem, serei direto. — Colocou a mão em seu bolso, retirando um pequeno envelope, o qual depositou em cima da mesa. — Pegue.

— O que é? — indagou ao abri-lo. — Uma passagem de avião? O que é isso, afinal?

— Quero que pegue e vá embora. Quero que fique longe do príncipe.

— E quem é você para mandar em mim? — Colocou o envelope de volta em cima da mesa. — Não vai me manipular como fez anos atrás.

— Não? Engraçado, porque eu fiz exatamente isso. — Ele sorriu, misterioso. — Quem acha que lhe trouxe de volta? Não achou que foi seu talento. Ou achou? Continua a mesma ingênua de antes.

— Está dizendo que...

— Sim. Consegui fazer com que trabalhasse na galeria, que por sinal é minha. Foi tão fácil! Eu precisava de você aqui, mas agora não é mais importante para os meus planos. Por isso, falei sobre o casamento de Carl. Por isso, você se encontrou com ele. Tudo foi planejado nos mínimos detalhes. É melhor ir embora agora.

Não. Isso é ridículo — ela esbravejou ao levantar-se da cadeira. — Não vai brincar comigo novamente.

— Se sair por aquela porta será o seu fim — ele falou, calmo. — Apenas pegue essa passagem e vá embora. É o meu último aviso.

— Esse tempo todo... Eu fui apenas um marionete em suas mãos? — ela indagou minutos depois, encarando-o.

— Sim, mas você não é a única e nem será a última. Não se sinta tão mal. São apenas negócios.

— Se eu não fizer o que está dizendo, o que vai acontecer comigo?

— Perderá tudo. Definitivamente tudo. Não costumo ser gentil com meus inimigos.

— E como posso saber se o que está falando é verdade?

— Já imaginei que iria querer alguma prova. — Ele retirou um papel de seu paletó e o entregou a ela ao levantar-se da mesa. — Leia isso e decida o que vai fazer. Meu conselho é que vá embora. Não quero sujar as minhas mãos com alguém como você. Alguém que não vai acrescentar em nada aos meus planos. — Virou de costas, mas escutou a voz dela.

— Por que está fazendo isso?

— Porque mais seria? — Ele se virou com um sorriso diabólico no rosto. — Por que as pessoas tendem a aguardar o momento correto? Por que se fazem de boas apenas para vigiar seu inimigo? Por que manipulam e usam as pessoas sem clemência? Apenas por uma coisa: vingança. — Ao dizer isso virou de costas e saiu, tomando as ruas de Paris como um cidadão normal.

Victoria sentou-se novamente e abriu o papel, sentindo o sangue sumir de seu rosto. Naquele papel estava o erro de seu passado, o único erro pelo qual nunca poderia ser perdoada.

16 de setembro de 2003.

Um acidente ocorreu na Route 37 da cidade de Lisbon, estado norte-americano de Nova York. Apenas a motorista saiu com vida. A mulher, desconhecida, encontrava-se bêbada e com resquícios de drogas em seu organismo. A criança, que vinha no banco traseiro, não resistiu aos ferimentos, morrendo no local juntamente com uma jovem, atropelada, que caminhava pelo local. Ela morreu imprensada pelo carro contra a árvore. Após o acidente, a motorista, desconhecida, sumiu do hospital no qual estava. As autoridades ainda estão à sua procura.

— Muito bem. Você conseguiu, mais uma vez. Como sempre utilizou o meu passado contra mim — ela murmurou ao pegar a passagem de avião. — Irei embora.

CAPÍTULO 48

No centro de Paris, em um dos restaurantes, um homem olhava para os lados à espera de seu conhecido amigo e cliente. Ele sorriu ao ver Klaus se aproximar de forma imponente e sorriso no rosto. Eles haviam se conhecido quase dez anos antes e, desde então, Mark ajudava no plano de vingança de Klaus.

— Pelo que vejo, tudo correu bem. — O homem de cabelos castanhos e olhos da mesma cor disse sorrindo, ao ver Klaus sentar à sua frente.

— Na verdade, tirá-la do caminho foi bem fácil.

— Isso é bom, mas por que me chamou?

— Para festejar, meu amigo — falou ao chamar o garçom, pedindo vinho em seguida. — Meus planos estão indo melhor do que eu esperava. Logo, logo vou me vingar de Carl e daquela família, a qual eu tanto desprezo — disse, cuspiendo as últimas palavras.

— Se deseja se vingar apenas do rei, por que atingir o príncipe? Por que insistir tanto nele?

— Você não sabe a história completa, então é compreensível que não entenda. Nem eu mesmo entendia essa vontade que eu tenho de vê-los acabados, mas o que estou fazendo é o correto. Eles devem pagar pelo que me fizeram, de forma direta ou indiretamente.

— Uau! — ele exclamou sorrindo ao ver o semblante pesado dele. — Imagino que deve estar tramando algo bem cruel desta vez.

— Mais ou menos — confessou. — Eu lhe chamei para comemorar e para pedir outra informação.

— Pode falar.

— Preciso que consiga as informações médicas de Charlotte Tissou Willians.

— A esposa do príncipe? O que pretende desta vez?

— Apenas facilitar o objetivo de uma pessoa — falou, misterioso. — Preciso disso para amanhã.

— É tão urgente assim?

— Sim. Ela está chegando ainda esta noite. Preciso de tudo preparado. Quero vê-los separados e dessa forma poder colocar a segunda parte do meu plano em ação.

— Quantas etapas têm esse seu plano?

— Ele irá acabar quando eles se ajoelharem diante de mim e pedirem clemência.

— Quero morrer seu amigo — falou após alguns segundos. — Mas... O que acontecerá com a esposa do príncipe? Se quer tanto separá-los, imagino que já tenha um destino para ela.

— Já tenho. — Sorriu, misterioso. *Ao meu lado*, complementou em pensamento. — Não há vingança melhor para o príncipe Carl do que deixá-lo longe das pessoas de quem gosta. Isso será o começo para ele.

Maicon olhou espantado para Klaus. Mesmo conhecendo-o há anos, ele mesmo não sabia até onde o homem sentado à sua frente poderia chegar para conseguir o que queria. Para Klaus, nada era impossível.

Charlotte olhou para o homem deitado ao seu lado e sorriu diante do corpo adormecido. Ela não conseguia conter a felicidade que sentia ao perceber que estava conquistando-o cada vez mais. Ajeitou a coberta sobre seu corpo nu e aconchegou-se a ele, apoiando a cabeça em seu peito.

— Não deveria acordar tão cedo — Carl murmurou ao passar o braço sobre o corpo dela.

— Eu te acordei?

— Não se preocupe. Mas por que levantou?

— Nada, apenas quis acreditar que isso era real.

— Deveria parar de achar que isso é um sonho — ele falou, sorrindo levemente ao fechar os olhos. — Descanse um pouco.

— Carl... Obrigada — murmurou, fechando os olhos lentamente. — Obrigada por resolver me aceitar. *Finalmente*, acrescentou antes de

adormecer.

Lotte continua tão doce como da primeira vez que nos vimos. Desde a primeira vez que a vi tenho que admitir que me senti tocado por sua beleza e ingenuidade. Desde aquele momento prometi a mim mesmo não violá-la para não magoá-la e adivinhe o que aconteceu? Você me violou da forma mais sutil que há. Violou o meu espírito. Não consegui tirá-la do meu pensamento, nem mesmo quando percebi o quão criança era. Isso só fez com que eu me odiasse mais por estar pensando em você como mulher e não como a criança que é. Espero que um dia me perdoe por transformá-la em mulher tão cedo, apenas porque não consegui controlar meu desejo por ti. Mas, mesmo que me odeie, sinto dizer, mas nunca irei me arrepender, mesmo que eu diga o contrário, pensou sorrindo ao sentir o corpo dela junto ao seu.

Fanny torceu o nariz ao desembarcar no aeroporto de Paris. Ela olhou para os lados como se estivesse perdida e odiou a ideia de fazer uma surpresa. Ela percebeu, tarde demais, que havia cometido um erro.

— Eu deveria ter ligado e pedido um motorista — lamentou-se ao puxar sua mala pelo saguão do aeroporto.

Andou sem prestar atenção ao seu redor, se o tivesse feito teria percebido um velho conhecido observando-a. Ela saiu do aeroporto e olhou frustrada para a fila de táxis. *Talvez eu demore um pouco para chegar lá,* percebeu ao entrar na fila. Trinta minutos depois entrou no táxi e respirou aliviada ao indicar o endereço da casa de Carl. O carro estacionou em frente ao endereço indicado minutos depois. Uma mulher loira trajando um vestido vermelho justo e um casaco de pele aproximou-se do portão. Em seguida, foi levada para dentro da residência pelos seguranças e não demorou para ver o homem que amava descendo as escadas com o olhar confuso, mas o que chamou sua atenção foi a mulher ao seu lado e as mãos deles entrelaçadas.

— Fanny, que surpresa! — Carl falou ao descer as escadas com Charlotte, a qual olhava intrigada para a mulher à sua frente. Nem por um segundo ela soltou a mão de Carl. Desde o momento em que haviam sido comunicados sobre a presença dela, Charlotte segurou a mão de Carl e

prometeu a si mesma não largá-lo mais.

— Quis fazer uma surpresa — disse, sorrindo. — Surpresa!

— E que surpresa... — Charlotte murmurou com desgosto.

— Chegou há muito tempo? — Carl perguntou ao olhar com curiosidade para Fanny. — Onde está hospedada?

— Assim fico ofendida — ela disse, fazendo uma careta. — Imaginei que seria bem-vinda em sua casa, querido.

— É claro que é — ele disse, sorrindo. — Apenas não lhe esperava, como disse. Pode demorar um pouco para arrumar um quarto para você.

— Não se preocupe, afinal posso usar esse tempo para colocar a conversa em dia contigo — falou aproximando-se dele. Segurou seu braço, do lado oposto ao que Charlotte se apoiava. — Que tal conversarmos no jardim, como fazíamos quando crianças?

Charlotte olhou para os dois e sentiu-se uma intrusa. Ela não sabia o motivo, mas se sentia como uma espectadora. *Não iria durar muito, afinal*, pensou ao soltar a mão de Carl. No mesmo instante ele virou-se para ela e, com a expressão confusa, falou em tom sério.

— Não poderei, Fanny. Tenho que cuidar da minha esposa hoje, mas depois podemos nos reunir. — Olhou para o mordomo e sorriu. — Arrume um quarto para a senhorita. Qualquer coisa, basta me avisar. Fanny, tenho que ir agora, mas mais tarde nos falamos, está bem? — Segurou a mão de Charlotte e a puxou para perto de si. — Não sei se sabe, mas Charlotte está grávida. Tenho que cuidar dela. Então, peço que, se tiver qualquer problema, fale com James, o mordomo. — Sorriu mais uma vez para Fanny antes de virar de costas e levar Charlotte consigo escadas acima.

— Parece que vou ter que agir mais rápido do que esperava — Fanny murmurou ao vê-los se afastarem.

CAPÍTULO 49

Klaus sorriu diante do documento à sua frente, olhou para Maicon e agradeceu, saindo rapidamente do café onde estavam. Ele ainda teria que entregar as informações a Fanny de forma que ninguém suspeitasse.

Ele segurou o envelope próximo ao corpo enquanto caminhava pela cidade. Para ele, nada era melhor do que espairer quando precisava pensar. Nem por um segundo parou para pensar se o que estava prestes a fazer era correto. A vingança o tinha cegado havia muito tempo.

— Então, a sua situação é grave — disse sorrindo ao abrir o envelope. — Parece que isso será mais divertido do que eu imaginava e já sei como posso organizar tudo e nem precisarei falar com a fútil da Fanny.

Guardou o exame dentro do envelope, tomando o caminho inverso. Entrou em seu carro preto esportivo, dirigindo pelas ruas de Paris sem se importar com a velocidade. Ele se sentia a cada minuto mais vivo ao perceber que a sua vingança iria atingir a todos. Pegou o celular, discou um número e sorriu vitorioso ao ser atendido.

— Sou eu, Klaus. Preciso de três homens seus. Sim, será para daqui a alguns dias. Eles terão que... violentar uma moça — disse, maléfico, ao prestar atenção na estrada à sua frente.

Fanny desviou o olhar do casal sentado à sua frente na sala de jantar. Ela já estava ficando enojada com a cena que presenciara. Carl e Charlotte estavam sentados próximos, e ele dando total atenção a ela. *Deveria ser eu ali.* pensou com raiva ao olhar para Charlotte.

Charlotte encontrava-se trajando o uniforme escolar, enquanto Carl vestia uma calça jeans e uma camisa social. Ele havia tirado uma semana de folga apenas para prestar atenção em Charlotte e fazê-la comer corretamente. Antes do café da manhã ser servido, ele retirou o frasco de vitaminas do bolso e colocou em frente a ela.

— Tome duas — disse ao pegar um copo com água.

Charlotte assentiu ao pegar os dois comprimidos brancos alongados. Ela os colocou na boca, engolindo-os em seguida e, com um sorriso fraco na

face, voltou a atenção para o desjejum à sua frente.

— É bom se alimentar direito — Carl disse, olhando-a cuidadosamente.

Ela toma vitaminas?, Fanny pensou contente.

— Há algum problema com você? — perguntou, olhando para Charlotte de forma sutil. — Está tomando vitaminas tão cedo.

— É apenas para a minha anemia — Charlotte disse sem olhar para ela.

— Anemia? — repetiu após pensar um pouco. — Se ficar muito séria, não seria bom para o bebê, não é?

— Acredito que não — respondeu sem vontade.

— Oh, é bom se alimentar direito — falou, animada demais. *Acabo de descobrir uma ótima maneira de acabar com isso*, pensou sorridente. *Meu único problema será pegar esse frasco.*

A semana passou lenta, de forma arrastada. Charlotte encontrava-se sentada no escritório de Carl, onde tentava se concentrar em seu estudo quando escutou um barulho que a fez erguer o olhar e deparar-se com Fanny sorrindo. Charlotte tentou de todas as formas evitá-la, mas como uma formiga atrás de um doce, ela a seguia.

— Algum problema? — Charlotte perguntou, tentando controlar a voz. A verdade era que ela não confiava em Fanny e sempre sentia algo ruim quando estava ao seu lado.

— Não, vim apenas ver como estava. Percebi nesses últimos dias o quanto Carl se preocupa com você, então resolvi ajudá-lo, pode-se dizer assim.

— Não entendi.

— Serei sua amiga de agora em diante — falou, sorrindo. — O que está fazendo? — indagou ao se aproximar da mesa. Ao olhar para os livros, sorriu irônica. — Esqueci que você é apenas uma criança, ou devo dizer adolescente? Estudando para o colégio... Já passei disso há um tempo. Estou tão aliviada, mas será difícil terminar esperando um filho, não é? As pessoas

devem falar pelas suas costas... — fingiu estar pensando. — Nem imagino como deve ser difícil. As pessoas lhe acusando, lhe apontando, lhe julgando. Parece ruim, não é?

— Sim, mas eu não me importo — falou séria, encarando-a. — Se Carl estiver ao meu lado, não me importo com nada disso.

— Claro. — Afastou-se um pouco, parando em frente a uma estante repleta de livros. — Espero que você e Carl se deem bem, de verdade. Há muito tempo escuto ele dizer o quanto ama Victoria. Espero que faça ele se esquecer dela, mas acho um pouco difícil. Afinal, ela foi o primeiro amor dele. Patético para um príncipe, não? Quase se casou com seu primeiro amor, só não o fez por causa o irmão que morreu. Triste. — Ela mentia, escondendo um sorriso de alegria ao vê-la acreditar em cada uma de suas palavras. — Ele era noivo — murmurou. — Ia se casar com ela, se o irmão estivesse vivo. Oh, você não sabia? Sinto muito. Não deveria ter dito. — Fingiu estar arrependida virando-se de frente para Charlotte. — Mas não fique se martirizando pelo que eu disse. Ele... Com certeza sente algo por você. Sempre que ele se apaixona, fica falando para a pessoa o quanto a ama e, pelo jeito de vocês, presumo que ele sempre diz e faz coisas românticas, não é? — Sorriu olhando para o relógio. — Sinto muito, mas esqueci que tenho um compromisso. Tenho que ir, mas fique tranquila e esqueça o que eu disse — falou antes de sair pela porta. — Isso é tão fácil — murmurou ao caminhar para longe. — Todo mundo sabe o quão fechado Carl é em relação aos seus sentimentos. Ele nunca iria dizer que ama uma mulher sem motivos. Só preciso colocar mais veneno em sua mente e lhe dar falsos comprimidos. Vida maravilhosa. É tão bom ser linda e inteligente! — falou sorrindo ao subir as escadas.

Ao andar pelo corredor encontrou-se com uma das empregadas e ao saber que Carl não estava em casa resolveu colocar seu plano em prática. Ela foi para seu quarto, abriu uma gaveta tirando um frasco com remédios semelhantes ao que Charlotte tomava, entretanto eram placebos, fechou-a e retornou para o corredor. Prestou atenção ao caminhar, com cuidado, para o quarto de Carl. Abriu a porta, entrou e a trancou. — Não deve ser difícil achar — falou ao vasculhar a cômoda ao lado da cama dele. Após alguns minutos de busca ela segurou o frasco de vitaminas com um sorriso no rosto. — Tão fácil que fica sem graça — disse após abrir o frasco, jogar todos os

comprimidos na cama e colocar o placebo dentro do frasco das vitaminas. Sorriu ao colocá-lo no lugar onde estava anteriormente, pegou as vitaminas guardando-as e saiu em seguida do quarto. *Isso pode demorar um pouco para fazer efeito, mas vou ajudar enchendo a sua inocente cabeça com intrigas*, pensou ao caminhar para seu quarto.

Charlotte ficou olhando sem reação para a porta que havia acabado de ser fechada. Ela não queria acreditar nas palavras de Fanny, mas sentia que ela dizia a verdade. Charlotte ainda não conseguia acreditar que Carl pudesse aceitá-la do dia para a noite.

— Ele está apenas comigo por sua causa — falou, levando a mão ao ventre. — Mas será que isso é o suficiente para mim? Eu quero ser amada, quero que ele olhe para mim... apenas isso — ela murmurou ao sentir as lágrimas virem aos seus olhos. — Sou tão estúpida para me contentar com tão pouco?

No dia seguinte à noite Fanny ficou feliz ao saber que Carl chegaria tarde em casa e, ao ver Charlotte sentada, solitária na mesa de jantar aproximou-se.

— Se soubesse que iria jantar sozinha teria vindo fazer-lhe companhia — disse ao se sentar. Olhou para o lado e sorriu ao ver o frasco com as pastilhas. — Toma sempre antes das refeições?

— Sim — murmurou.

— Não me diga que está mal pelo que disse antes. Não fique. Sei que ele gosta de você. O conheço desde sempre — disse sorrindo. — Quando eu era menor imaginei que iríamos nos casar, acredita? Mas ele sempre foi contra. Ele dizia que apenas iria se casar com a mulher que amasse e que se um dia fosse obrigado a se casar, nunca se apaixonaria pela mulher. Irônico, não? Afinal, ele está louco por você — tornou, sarcástica.

— É... — falou baixo, encarando-a. — Você... gosta dele, não é?

— Claro que não — mentiu. — Sou apenas uma... irmã para ele. Além do mais, ele já te ama. Falando nisso, já compraram as coisas para o bebê? O

berço, o enxoval?

— Ainda não... Ele anda sem tempo.

—Estranho — disse ao desviar o olhar. — Quando ele estava prestar a pedir Victoria em casamento já havia pensando em tudo para o filho deles. Não que ela estivesse grávida, pelo menos não que eu saiba — sorriu —, mas ele costuma ser organizado para essas coisas. O trabalho deve estar exigindo muito, mesmo que ele não precise ir para lá com frequência.

— Não precisa?

— Não. Ele é o dono. Ele tem alguém de confiança para cuidar dos negócios.

— Então ele apenas... não me quer ao seu lado — ela murmurou, desolada. Levantou-se da mesa sem tocar em nada e caminhou silenciosamente para o quarto.

— Isso é tão chato — Fanny disse sorridente ao ver Charlotte ir embora. — Ela é tão tonta que dá pena.

Carl olhou mais uma vez para os papéis à sua frente enquanto tentava controlar a raiva. Ele havia deixado a empresa nas mãos de um de seus empregados por uma semana e, ao voltar, havia encontrado tudo bagunçado. As empresas com as quais haviam fechado pedidos, não tinham recebido as encomendas. Havia falta de pessoal, muitas reclamações e, acima de tudo, muito problema para ele poder lidar. Ele olhou frustrado para o relógio em seu pulso desejando que Charlotte estivesse bem.

— Vou tentar terminar logo para ir para casa — falou e logo depois percebeu que pela primeira em anos estava empolgado para voltar para casa. — Talvez, ser pai e ser amado não seja tão mal quanto eu pensava — disse sorrindo. — *É melhor do que eu esperava*, pensou.

CAPÍTULO 50

Carl chegou tarde da noite em casa e, ao entrar em seu quarto, estranhou não

ver Charlotte. Deixou a pasta no chão e foi ao quarto dela procurá-la. Ao colocar a mão sobre a maçaneta escutou um soluço. Ele abriu a porta e encontrou sua esposa deitada, chorando. Ele suspirou ao se aproximar dela e sentou-se ao seu lado.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou, calmo, alisando o cabelo dela.

— Não — mentiu ao sentir a mão dele sobre o rosto, alisando-o lentamente. — Pode me deixar sozinha?

— Não — disse firme, deitando-se ao lado dela. — Por que não me fala o que houve?

— Por que está tão preocupado? — ela perguntou baixo, tentando ignorar o corpo dele junto ao seu.

— Você é minha esposa e a mãe do meu filho. Esses não são motivos suficientes para me preocupar? — Suspirou profundamente ao perceber que o choro dela havia cessado. — Sei que não está fácil ultimamente, mas... vamos dar um jeito, apenas se apoie em mim. Converse comigo, me bata quando estiver brava, mas não chore. Não gosto quando chora, me sinto inútil por não poder fazer nada — confessou.

— Verdade?

— Não costumo mentir para você — falou e sorriu em seguida ao perceber ser verdade. — Esta noite vou dormir aqui contigo, tudo bem? — indagou e, sem esperar pela resposta dela, levantou-se da cama, retirando a gravata, o paletó, os sapatos e a calça, voltando para a cama usando apenas a cueca. — Não precisa se preocupar — falou cansado ao ver o olhar abismado dela —, não pretendo ter nada com você hoje, estou cansado demais para isso.

Dizendo isso Carl deitou-se, aconchegando-se sobre o corpo de Charlotte. Segurando em sua cintura a puxou para si, fechando os olhos em seguida.

— Boa-noite — murmurou próximo ao seu ouvido, fazendo-a arrepiar-se.

— Como ele consegue me deixar tão... eufórica apenas ao escutar a sua voz? — ela murmurou ao tentar acalmar as batidas frenéticas de seu coração.

Talvez... Fanny esteja certa e ele goste de mim..., pensou ao fechar os olhos sentindo a respiração de Carl em seu pescoço. Para ela, não havia som ou sensação melhor do que aquela.

Charlotte levantou animada. Ao abrir os olhos viu Carl deitado ao seu lado, dormindo tranquilamente. Ela se levantou apressada da cama, tomou um banho rápido, vestiu-se e saiu em silêncio do quarto após pegar a mochila. Assim que fechou a porta do quarto deparou-se com o olhar questionador de Fanny.

— Vim falar com Carl. Sabe onde ele está? — Fanny perguntou ao olhar para Charlotte, medindo-a de cima a baixo.

— Está dormindo — falou tranquila. — Tenho que ir agora, senão me atraso. —

Acenou antes de caminhar apressada.

— Como queria ter coragem para derrubá-la escada abaixo — sussurrou ao vê-la afastar-se. — Esse plano está muito lento, preciso de algo mais efetivo. — Após pensar um pouco, sorriu. — Isso pode dar certo. A partir de agora... é bom aproveitar seus poucos momentos de felicidade, Charlotte.

Marina sorriu ao ver Charlotte entrar na sala de aula, mas estranhou sua palidez ao vê-la próxima.

— Você está bem? — Marina indagou ao vê-la sentar-se ao seu lado. — Está muito pálida.

— Estou, apenas não tive muito apetite.

— Tem que se alimentar, sabe disso, não é? Onde está aquele seu marido nessas horas?

— Dormindo — disse sorrindo. — Na minha cama.

— Como assim? — perguntou, curiosa. — Vocês... se acertaram?

— Praticamente — confessou —, mas estou insegura.

— Por quê?

— Fanny, uma amiga dele, está hospedada lá e ela não me traz muita confiança, sem contar que... desde que ela chegou estou me sentindo mais... incerta sobre isso tudo. Sobre ele e sobre mim.

— Bobagem — Marina disse bem-humorada. — Isso é apenas ciúmes. Passe por cima disso e seja feliz com seu marido. Ele é um gato, príncipe, rico e ainda está lhe tratando melhor. Aproveite.

Antes que Charlotte pudesse falar algo, o professor entrou na sala de aula. Em poucos minutos o silêncio se fez e todos voltaram a atenção para o homem que lecionava História.

Marina está certa. É melhor eu aproveitar este momento e esquecer essas inseguranças tolas, Charlotte pensou com um sorriso na face. No final da última aula, seu celular vibrou indicando uma mensagem. Charlotte a leu animada ao ver que havia sido enviada por Carl.

Oi, queria falar algo com você. Venha ao meu escritório às 14h, certo?

Beijos

Carl.

Assim que a aula acabou, Charlotte se despediu com um enorme sorriso para Marina e saiu apressada. Entrou no carro e, ao pedir ao motorista para ir ao escritório de Carl, não conseguiu evitar um grande sorriso.

— Feliz? — o motorista perguntou sorrindo ao olhar pelo retrovisor.

— Muito — ela disse, animada. Após alguns minutos de ansiedade o carro estacionou em frente ao prédio da W Sonic. Ela saiu animada, passou pela recepcionista cumprimentando-a rapidamente, seguiu para o elevador e não demorou para estar de frente para a porta da sala de Carl. Ela estranhou a secretária dele não estar em seu posto, mas deu de ombros. Ao se aproximar da porta, percebeu que ela se encontrava entreaberta e não demorou a escutar a voz de Fanny.

— Carl... Isso tudo é tão triste... Quero dizer, ficar com alguém que não se ama. Deve ser difícil — Fanny disse tristemente. — Mas... Sabe que sempre teremos um ao outro, não é?

— Eu sei — Carl disse, sério. — Só não entendo por que...

— Não precisa dizer nada — ela falou, colocando o dedo indicador sobre os lábios dele, fazendo-o se calar. — Apenas... confie em mim. Nunca vou lhe decepcionar, trair ou magoar.

— Não entendo por que tudo isso.

— Não precisa entender.. Apenas... me aceite e a esqueça de uma vez por todas — falou séria. — Sei que não queria esse filho e que não a ama.

Charlotte estremeceu ao escutar as palavras de Fanny, mas sentia-se pior ao imaginar a resposta dele. Teve vontade de sair, mas respirou fundo e controlou-se.

— Apenas acho que isso não é algo que deva ser discutido.

— Você não queria esse filho, não é mesmo? Eu te conheço.

— Eu não pensava em ter um filho...

— Não estou dizendo isso. Você nunca quis ter um filho com ela, não é?

— Sim, não agora — murmurou ao perceber que estava falando a verdade. — Mas...

— Não diga nada. — Fanny o interrompeu, percebendo que seu plano estava caminhando para o erro. — Sei o que quer dizer. — Dizendo isso, passou os braços ao redor do pescoço dele e sorriu. — Apenas me responda uma coisa... Você a ama? Ama Charlotte Tissou?

Carl ficou calado, analisou o rosto de Fanny cuidadosamente e suspirou antes de responder, escondendo seus reais sentimentos.

— O que é o amor, afinal? — tornou, sem expressão. — Eu me apaixonei anos atrás e o que tive em troca? Nada. Prometi a mim mesmo não me apaixonar ou amar alguém depois disso e continuo cumprindo a minha promessa.

— Entendo — ela disse com um leve sorriso. — Então, não vou me culpar pelo que vou fazer.

— O que vai... — Antes que terminasse a frase, Fanny fechou os olhos ao colar os lábios sobre os dele. Em poucos minutos a porta foi aberta e uma garota sentiu seu coração se despedaçar.

Charlotte ficou estática ao ver a cena à sua frente. O homem por quem acreditava ser apaixonada estava beijando outra mulher, logo depois de afirmar que não a amava.

— Eu... Eu... — Sem conseguir terminar de pronunciar as palavras que tanto oprimiam seu coração, ela deu as costas ao casal e correu para fora do prédio com lágrimas caindo pelo rosto de forma descontrolada.

CAPÍTULO 51

Carl não estava acreditando no que estava acontecendo. Fanny havia aparecido em sua sala e logo depois começara a falar de coisas desconexas, beijando-o em seguida. No segundo seguinte, ele escutou a voz de Charlotte e, ao afastar Fanny, viu sua esposa chorando enquanto olhava para a cena, a qual ele não entendia, de Fanny beijando-o. Ele tentou ir atrás dela, mas Fanny segurou seu braço, impedindo-o.

— O que está fazendo? — Ele gritou irritado ao se dar conta do que havia acontecido. — Foi você, não foi? Foi você que armou isso tudo.

— Do que está falando? — ela indagou, acanhada. — Vim apenas... ajudar você. Se deseja sair desse casamento sem sentido, a melhor hora é essa. Deixe-a sozinha, que ela irá lhe dar o divórcio.

— Tem certeza de que quer apenas me ajudar? — perguntou sarcástico, soltando-se dela. — Me parece que tem algum desejo sobre a minha separação. Fanny, já disse isso a você anos atrás e voltarei a falar: nunca teremos nada. Você é como uma irmã para mim. Nada mais.

— Nós íamos nos casar — ela falou, choramingando. — Todos diziam isso... Eu esperando esse tempo todo por você e...

— Isso é passado. Foram apenas comentários de velhos loucos e decrepitos. — Olhou-a olhou com desprezo. — Isso não é gostar. É uma obsessão. Já disse e repito: não terei nada contigo. Fique longe de nós. — Virou-se de costas, mas não demorou a escutar a voz dela.

— Não fui eu que disse aquilo tudo, Carl. Você foi o único a magoá-la. Afinal, todo esse tempo a iludiu, fazendo-a acreditar que a amava. Eu sou obsessiva? Posso ser, mas é melhor do que ser um mentiroso que a cada dia se parece mais com o próprio pai.

Carl ficou parado ao escutar as palavras dela e, sem dizer uma única palavra, saiu atrás de Charlotte. Ao chegar à rua não conseguiu encontrá-la. Ligou para seu celular diversas vezes, mas ele apenas dava como desligado.

Naquele momento, ele percebeu que a havia perdido.

Charlotte caminhou sem rumo pelas ruas. O caminho que percorria havia se tornado embaçado e difícil de enxergar devido às lágrimas que insistiam em cair. Ela olhou para o seu celular, ficando tentada a ligar para Marina, mas sabia que a primeira com quem Carl iria falar seria com ela. *Se ele me procurar...*, pensou decepcionada.

— Sempre soube que isso não terminaria bem, mas por que fui me enganar? — falou consigo mesma ao se sentar em um dos bancos de uma praça. — Por que tive que me apaixonar por alguém como ele? Não conseguirei olhar em seus olhos desta vez. Estou... machucada demais para isso. Fui enganada durante todo esse tempo. Ele nem ao menos te deseja — disse ao levar a mão ao ventre. — O que farei? — perguntou-se tristemente ao olhar em volta. Percebeu que muitos casais andavam sorrindo um para o outro e naquele momento deu-se conta de que Carl não a amava, pois para ela o amor era regado a cumplicidade e eles nunca haviam compartilhado nada um com o outro.

Como se o tempo estivesse de acordo com suas emoções, o céu começou a ficar encoberto de nuvens negras e em poucos minutos não se via mais o sol. Uma chuva fina começou a cair aos poucos, fazendo os casais correrem para um lugar coberto, enquanto todos fugiam da água que caía do céu. Charlotte mantinha-se sentada em um dos bancos. Para ela, nada mais importava. Seu último resquício de felicidade havia ido embora ao escutar as palavras de Carl. Ela sentia a chuva fria cair sobre seu corpo, mas não se importou. Permaneceu parada, apenas sentindo o frio aumentar a cada minuto mais. Aquele era o único modo dela se sentir viva por dentro.

Suas lágrimas fundiam-se à chuva que molhava seu rosto. Seu uniforme já grudava em seu corpo.

— Sou tão patética, não é? — perguntou a si mesma. Olhou para o celular e discou para um número. Ao escutar a voz dele, chorou ainda mais. — Por favor, me ajude — implorou em meio às lágrimas. — Estou no parque próximo ao W Sonic. Sim, esperarei... — murmurou antes de desligar. Ela

olhou em volta, levantou-se sem vontade enquanto caminhava para o local indicado por Klaus.

Klaus desligou o telefone sorrindo. Tudo estava indo melhor do que ele esperava. Rapidamente, discou para outro número e falou sorrindo. — Será hoje — disse, após indicar o local onde Charlotte estava. Ele trocou de roupa, vestiu uma calça jeans, uma camisa preta e um pesado casaco da mesma cor. Pegou a chave de seu carro e saiu cantarolando uma antiga melodia.

Charlotte parou no local pouco movimentado e estranhou ao perceber que Klaus estava demorando. O frio havia se tornando pior e ela logo começou a tremer. Aos poucos, ela se deu conta de que três homens estavam andando em sua direção. Ela virou o rosto, fingindo não ter percebido quando escutou uma voz forte e marcante.

— O que temos aqui? Uma linda colegial encharcada. — Um homem alto com expressões forte e uma cicatriz no rosto disse, aproximando-se: — Ela me parece bem arisca, não acham? — Após ver seus dois companheiros sorrirem, ele segurou o braço dela. — Procurando por companhia?

— Apenas me deixem em paz — ela disse tentando se soltar dele, em vão.

— Por quê? Vamos nos divertir um pouco. — Seu olhar direcionou-se para a saia dela e sorriu. — Seu corpo é mesmo lindo. Vamos aproveitar um pouco, querida.

— Me deixe, senão vou gritar! — Ameaçou, encarando-o.

— Uma pena — ele disse ao soltá-la, fazendo com que ela respirasse aliviada. — Pensei que conseguiria sem precisar fazer nada disso, mas é melhor esquecer.

Ele virou de costas, mas não demorou a fazer um sinal para os outros

dois homens. Logo eles estavam na frente dela com um sorriso macabro nos rostos. Charlotte olhava para eles sem entender o que pretendiam, mas logo deu-se conta ao sentir sua boca ser pressionada por uma mão, enquanto o braço do mesmo homem envolvia sua cintura, levando-a para um beco próximo do local. Ela se debatia, mas sem sucesso. Enquanto ele a arrastava, ajudado pela chuva que diminuía o número de pessoas que circulavam pelo local, os outros lhe davam cobertura. A única coisa em que Charlotte conseguia pensar era no ser em seu ventre.

Tenho que lutar por ele, pensou desesperada. Ela sabia o que viria a seguir, quando o homem a jogou no chão do beco. O medo transparecia em sua face.

— Por favor, me deixe ir — ela implorou com lágrimas nos olhos, enquanto a chuva fazia-se ouvir ao cair no chão. — Prometo não contar a ninguém. Apenas... deixe-nos ir.

— Nós?

— Estou grávida. Me deixe ir, por favor.

— Grávida... — ele repetiu.

Ninguém havia me informado disso, mas fui pago para fazer isso. Sinto muito, pensou ao se aproximar dela. Ele segurou sua blusa branca, agora transparente, e a rasgou ao meio. Olhou de forma maliciosa para os seus seios.

— Isso pode se tornar interessante — disse, antes de levar as mãos para baixo da saia dela. Neste momento, Charlotte começou a se debater. Por reflexo, ela estapeou o homem à sua frente e no segundo seguinte arrependeu-se ao ver o olhar de fúria dele. — Vadia, agora sim vou fazer o que bem entender com você — disse, furioso.

Ela o empurrou com a perna, tentando fugir engatinhando pelo chão sujo e escorregadio, mas ele logo segurou sua perna, puxando-a para si. Uma briga desleal começou a ser travada no pequeno beco. Quando ela já estava ficando cansada de lutar viu os dois homens andando na direção de onde estava. Ela se encontrava encurralada entre uma parede e à sua frente havia o homem que ela havia estapeado.

— Meu Deus, me ajude... — murmurou antes de ser puxada pelo

homem com a cicatriz no rosto. Ele sorriu ao empurrá-la para os outros dois homens, que não demonstravam clemência. Com brutalidade, eles rasgaram sua saia deixando-a apenas de lingerie. Empurraram-na para o chão e já estavam abrindo o zíper de suas calças quando o grito dela ecoou. Charlotte gritou como o único meio de se defender antes de fechar os olhos e esperar pelo pior.

Klaus estava do lado de fora do beco sorrindo diante de sua iminente vitória, mas por algum motivo não se sentia contente com o que estava prestes a acontecer. Ele escutou toda a briga que ela havia travado com o homem, seus pedidos e por fim seu grito de desespero. *Não posso interferir. Ela tem que pagar também*, pensou. Ele fechou os olhos enquanto lutava consigo mesmo, mas em um impulso entrou no beco e avistou uma cena nada agradável. *Irei me arrepender disso*, pensou ao ver a mulher à sua frente. Charlotte estava deitada no chão, com o rosto banhado em lágrimas, completamente nua, contorcendo-se de dor enquanto os homens estavam prestes a violentá-la. Sem pensar, ele avançou para cima de cada um, derrubando-os. Ele foi em cima do homem mais próximo a Charlotte e, com um pontapé, o surpreendeu, nocauteou o que vinha para cima dele e em seguida voltou-se para o outro, que permanecia parado. Ele fechou o punho com toda a força que sentia e bateu no diafragma dele, fazendo-o cair no chão. Voltou a atenção para o primeiro homem que havia “enfrentado”, andou em sua direção, levantou-o pela camisa e o olhou nos olhos.

— Cretino! — disse antes de bater em seu nariz, fazendo-o sangrar.

— Eu.. Só estava cumprindo o... — tentou se explicar, sentindo dor no nariz.

— Saia daqui! — gritou, interrompendo-o. Ao vê-lo correr, olhou para Charlotte que permanecia deitada no chão de olhos fechados. Ele aproximou-se e, ao ver uma poça de sangue no chão, sentiu-se feliz. *Conseguí o que tanto queria*, pensou ao olhar o sangue misturar-se à sujeira. Demorou alguns minutos até retirar o casaco, colocar sobre o corpo inerte dela e a erguer.

CAPÍTULO 52

Carl deixou o celular cair de sua mão em estado atônito. Ele ainda não conseguia acreditar no que havia escutado ao telefone. Pegou as chaves de seu carro e saiu em disparada. Ele tinha que ter certeza de que era Charlotte a moça que fora encaminhada ao hospital. Em seu íntimo, rezava para que estivessem enganados. Ele dirigiu a toda velocidade em seu Porsche, sem se importar com as multas que receberia. Ao entrar no hospital perguntou sobre Charlotte e seu coração acelerou ao ser indicado a um médico.

— O que aconteceu a Charlotte? — perguntou, afobado, ao médico que havia sido indicado.

— O senhor é o que dela?

— Marido.

— Teria como comprovar?

— Pelo amor de deus, seja razoável. Se eu, príncipe Carl Phillip Willians III estou dizendo que sou o marido, eu sou.

— Desculpe-me, é que o outro homem falou a mesma coisa, mas verificamos e ele estava mentindo.

— Outro homem?

— Sim, mas precisamos da sua autorização.

— Para quê?

— Devido à sua forte anemia, não estamos conseguindo estancar o sangue, e devido a outras complicações será necessário realizar um aborto.

— Espere um momento. Sangue? O que aconteceu?

— Ela sofreu um trauma devido ao estresse. Quase sofreu um estupro, segundo a informação do homem que a trouxe. Precisamos que nos diga agora: temos autorização para abortar?

— Abortar? Não tem como salvar ambos? — ele indagou desorientado ao imaginar o sofrimento dela quando acordasse. Ele não queria perdê-la.

— Sinto muito. Nós estamos fazendo o possível para mantê-la estabilizada, mas precisamos saber se poderemos operá-la.

— Onde está o homem que a trouxe?

— Senhor, não é hora para isso. Precisamos saber se temos a sua autorização — disse, mostrando um papel a ele. — Decida, por favor.

Carl olhou incrédulo para o homem à sua frente.

— Como pode pedir que eu escolha se meu filho vive ou morre? Isso é algo normal de se dizer?

— Perdoe-me, mas não temos tempo.

— Não há mesmo como salvar ambos? — indagou com o olhar desesperado. Ao ver o médico negar suspirou e, com lágrimas nos olhos, assinou o documento. Não demorou para o médico sair em disparada para uma das salas de emergência, deixando para trás um homem desesperado, triste e confuso.

Klaus encontrava-se sentado em uma das cadeiras da sala de espera. Ele não conseguia entender o motivo de não ter deixado o plano seguir adiante, já estava ficando frustrado consigo mesmo quando viu Carl olhando-o friamente da porta. Ele se levantou e, ao passar por Carl, escutou sua voz fria.

— Não sei até onde pretende levar isso, mas deixe-a fora. Se insistir, não hesitarei em acabar com a sua vida.

— Deixá-la fora? Todos os envolvidos com a sua família devem pagar. Sabe bem disso — Klaus falou, sem encará-lo.

— Você está louco.

— Posso ser, mas, se estiver, pretendo acabar com todos vocês antes de qualquer coisa — disse, antes de sair.

— Por que a ajudou? — Carl perguntou, virando-se para encará-lo. — Aparentemente, ela não foi violentada, pois você interferiu e a trouxe para cá.

Se o seu plano é destruí-la por que a poupou?

— Existe dor maior do que saber que a pessoa que se ama não queria o próprio filho? — falou de costas. — Eu sei como é ser rejeitado, ela saberá a dor que é perder um filho. E o medo, você saberá como é ter tudo que preza destruído aos poucos. Na verdade, tenho pena de você. Afinal, ela vai se recuperar enquanto para você, caro príncipe... — tornou irônico — A minha vingança está apenas começando. — Ao dizer isso afastou-se lentamente.

Carl não disse nada, apenas observou Klaus ir embora e sentiu que a vingança dele estava apenas começando. Seus pensamentos estavam na mulher que amava.

Charlotte, me perdoe por não ter percebido isso antes, eu a farei feliz mesmo que eu tenha que abdicar de tudo para mantê-la segura.

Charlotte abriu os olhos com dificuldade e não demorou para sentir dores por todo seu corpo. Sentiu-se incomodada e não demorou a descobrir o motivo: ela estava deitada com agulhas no braço. *O que aconteceu?*, perguntou-se em pensamento ao olhar em volta e não demorou a avistar uma pessoa sentada no sofá, próximo à janela do quarto do hospital. Ele se encontrava com a cabeça apoiada nas mãos e seus olhos encontravam-se fechados, juntamente com sua respiração constante. Ela ficou observando-o durante alguns segundos, até que imagens vieram à sua mente fazendo-a lembrar-se de tudo que havia acontecido. Suas mãos começaram a ficar trêmulas, enquanto lágrimas desciam pelo seu rosto. Ela levou a mão ao ventre sentindo que algo estava errado. Seus soluços começaram a se tornar constantes e altos.

— Charlotte? — Carl disse próximo à cama. Ele havia acordado com o choro. — Está sentindo dor? — perguntou, preocupado.

— Eu.... Eu fui... Meu filho? O que houve? — ela perguntou, trêmula.

— Precisa se acalmar — ele disse, sério. — Vou chamar o médico. Enquanto isso, fique calma.

— Não! — ela gritou, nervosa. — Me conte agora o que houve.

— Charlotte...

— Por favor — ela pediu, chorosa.

— Eu... Não aconteceu nada com você lá. Antes que pudessem fazer algo, lhe salvaram, mas...

— Mas?

— O... bebê, o nosso filho... Ele não resistiu. Sinto muito — murmurou, fechando os olhos em seguida ao ver o desespero dela. Ele sabia que não deveria ter contado a ela, mas não conseguiu resistir às lágrimas. Sem que ele percebesse, a abraçou. Enquanto ela chorava em seus braços, ele amaldiçoava Klaus, pois sabia que o causador daquilo tudo era ele.

Uma semana havia se passado desde o episódio trágico com Charlotte. Ela ainda estava no hospital para se recuperar enquanto tratava a anemia. Ela estava distraída, lendo um livro que Carl havia levado para ela, quando escutou o barulho da porta sendo aberta. Ela deixou o livro de lado e sorriu ao imaginar ser Carl. Ele a visitava todos os dias e algumas vezes dormia no sofá, como se se sentisse culpado pelo que havia acontecido com ela, mas ela não se importava. Para Charlotte, o mais importante era o apoio que Carl lhe dava. Assim que ela levantou o rosto, o sorriso sumiu de sua face.

— O que faz aqui? — Charlotte indagou ao olhar para Fanny sem expressão.

— Vim lhe visitar — ela falou, colocando uma cesta com frutas em cima do sofá e ajeitando um envelope em seu interior. Soube do que aconteceu. É uma pena. — Fingiu tristeza. — Como você está?

— Melhor.

— Uma pena ter perdido o seu filho. Ou melhor, Carl ter escolhido abortá-lo. Eu acho que ele relevou seu desejo de se livrar da criança muito acima do dever de pai, não é? Mas pelo menos você está viva. Isso que conta — sorriu otimista.

— O que disse? — perguntou, caindo na armadilha de Fanny. — Carl... Ele poderia ter escolhido salvar meu filho?

— Não sabia? Que pena, mas sim. Ele poderia — mentiu.

— Ele...Você está mentindo. Isso não é possível, eu estava com menos de três meses — murmurou, confusa.

— Procure se informar, querida. Parece que ele já está formalizando o divórcio — disse cínica dirigindo-se para a saída. — Sinto muito, mas ele nunca quis esse filho. — Abriu a porta e sorriu pela última vez. — Deveria usar essa chance para ir embora. Ele não gosta de você, entenda isso. E deixe-o livre para ficar com alguém que ama. Aproveite as frutas. — Ao dizer isso saiu com um sorriso vitorioso na face.

— Será que ele não queria o nosso filho tanto assim? — ela se perguntou após a saída de Fanny. — Ou ele apenas deseja tanto que eu o deixe em paz?

Em meio a dúvidas, Carl a visitava todos os dias, enquanto ela se mantinha indiferente. Faltando apenas um dia para ter alta, Klaus foi visitá-la. Ele levou um buquê de flores campestres e sorriu diante de seu olhar.

— Está melhor? — indagou solícito, aproximando-se da cama.

— Estou — mentiu ao encará-lo. — Obrigada por ter me salvado.

— Carl contou?

— Ele disse por alto.

— Não se preocupe. Vou para a Suíça amanhã. Se precisar falar comigo, basta me ligar, tudo bem?

— Voltará logo?

—Talvez. — Sorriu. — É muito incerto. Tenho que resolver algumas coisas.

— Entendo — ela murmurou, triste.

— Não fique assim — disse ao ver o olhar dela. — Prometo lhe telefonar sempre que possível. — Sorriu.

— Promete?

— Prometo — disse, sincero.

— Klaus... Você acha que Carl... não queria esse filho? — perguntou minutos depois, sem conseguir encará-lo.

— Acho — disse, firme. — Ele não era maduro o suficiente para ser pai e sabia disso.

— Então... acha que... Ele ficou feliz por eu ter perdido o nosso filho?

— Charlotte, não sei dizer isso, mas presumo que sim — falou frio, encarando-a. — Não pense nisso. Apenas siga a sua vida.

— Hum... — ela murmurou com lágrimas nos olhos. — Você acha que... erramos ao nos casar?

— Não sei dizer, mas imagino que foram precipitados em consumir o casamento. Você é apenas uma criança, e ele, uma segunda opção — disse, amargo. Ao ver a expressão confusa em seu semblante, sorriu. — Quero dizer que ambos são inexperientes.

— Então, a resposta é sim — murmurou.

— Não exatamente.

— Acha que ele gosta da Fanny?

— Já lhe disse que não. Ela que o persegue, mas eu não deveria dizer isso a você — fingiu pensar.

— Diga, por favor.

— Se quiser vir comigo, esta é a sua chance de deixar o passado para trás e ser feliz. — Levou a mão ao bolso retirando uma passagem aérea. — Estarei nesse voo. Se quiser venha, eu vou ajudá-la no que precisar. Poderá contar sempre comigo. — Estendeu a passagem a ela e sorriu ao vê-la segurando-a, insegura. — Pense com cuidado.

Ela assentiu, incerta sobre o que deveria fazer e, quando estava prestes a perguntar algo a ele, o viu sair em silêncio do quarto.

— Se eu for embora... você ficará feliz, não é Carl, mas e eu? — perguntou-se ao olhar para o papel em sua mão. — Serei feliz ao deixá-lo? — Olhou para o sofá e franziu a testa ao ver um envelope no chão. Levantou-se da cama e caminhou com cuidado até o local, abaixou-se e, ao abrir o

envelope, sentiu uma tontura. — Isso... Isso é um pedido de divórcio — murmurou, pasma. Ela segurou trêmula os papéis em sua mão sem conseguir acreditar que eram os documentos do divórcio de seu casamento. Olhou inúmeras vezes para os nomes escritos e com lágrimas caindo sobre seu rosto, decidiu-se. — Vou lhe deixar Carl. Mesmo você nunca tendo me amado, eu te amei... De verdade. — Levantou-se, caminhou até o telefone e discou para um número conhecido. — Sim, já me decidi. Eu vou com você.

Carl entrou no hospital contente. Ele estava indo buscar Charlotte para levá-la para casa. Quando abriu a porta do quarto dela encontrou tudo vazio, estranhou e, ao perguntar à enfermeira que passava, ficou sem ação.

— Ela já foi embora. Faz algumas horas que saiu do hospital. — Olhou para ele e sorriu. — Deve ser Carl, não é mesmo? — pegou um envelope e lhe entregou. — Ela me pediu para que lhe entregasse isso. Na verdade, quis que eu deixasse na recepção, mas não tive tempo. Foi muita sorte encontrá-lo.

Carl segurou o pequeno envelope sem expressão. Abriu-o com cuidado e, ao começar a ler, não soube o que sentir: raiva, frustração ou ódio, ódio de si mesmo por tê-la deixado ir embora.

Carl

Sinto muito por ter atrapalhado a sua vida. De verdade. Nosso casamento nunca deveria ter acontecido. Sei o quão idiota eu fui ao tentar fazer você se apaixonar por mim, me perdoe por não ter escutado. Se eu tivesse feito como queria, hoje não estaria tão machucada, nem você.

Eu compreendo o pedido de divórcio, mas não sei se terei forças para fazer isso agora. Peço que espere um pouco, peço um tempo para a dor diminuir e dessa forma conseguirei deixar uma parte do meu filho ir junto com ele, com as lembranças e a dor.

Quero que saiba que eu lhe amei de verdade, talvez desde o primeiro momento em que lhe vi. Engraçado dizer isso, mas sempre sonhei que viveríamos juntos para sempre. Um sonho de criança, não é?

Espero que seja feliz com a Fanny, sei que ela o ama e imagino que sinta alguma coisa por ela. Se não sentir, não se case, não cometa o mesmo erro duas vezes. Sei que nunca me amou e que nunca virá a amar. Estou indo embora para não me machucar mais do que já estou. Espero que entenda e que me deixe ir de forma amigável. Não se preocupe não esquecerei do

divórcio, é uma promessa.

Com amor,

Charlotte

Carl amassou a carta, colocou-a em seu bolso e correu para a recepção.

— Com quem Charlotte Willians saiu do hospital? — indagou a uma das recepcionistas. — Sou o marido dela.

— Um momento senhor. Qual o seu nome?

— Carl Phillip Willians III.

— Ela saiu com Klaus Vincent Reid — disse encarando-o. — Mais alguma... — Antes que pudesse terminar Carl saiu apressado do hospital temendo perder sua esposa.

Idiota, porque não me esperou?, Carl pensou ao dirigir pelas ruas sem rumo. *Como poderei dizer a você que gosto de você, que a amo, se está indo embora?*

Charlotte segurou a passagem com força ao olhar atrás de si em meio ao saguão do aeroporto. Ela sabia que Carl não iria atrás dela, mas desejava isso. Ela olhou para o homem ao seu lado e sorriu. Klaus estava falando ao telefone enquanto ela analisava o perfil de seu rosto. *Estranho como se parecem,* pensou distraída, mas logo sua atenção voltou com o seu voo sendo anunciado. Klaus desligou o celular e sorriu.

— Está pronta para a nova vida? — perguntou, sério.

— E.. Estou — disse, encarando-o.

Ele seguiu em sua frente, enquanto ela o seguiu, incerta e insegurança. Seu destino estava sendo colocado nas mãos de uma pessoa que ela mal conhecia, mas Charlotte não se importava. Ela queria fugir naquele momento. Fugir de seus sentimentos, fugir da rejeição e fugir da dor.

Klaus sorriu vitorioso ao entrar no avião com Charlotte ao seu lado.

Agora, tudo está caminhando de forma perfeita e harmônica, mas por que não consigo destruí-la como havia imaginado? Por que não deixei

aqueles homens a violentarem? Como uma simples garota consegue exercer esse poder sobre mim?, pensou ao vê-la sentar-se ao seu lado na primeira classe. Não importa como, mas a terei para mim. Isso é o que farei assim que chegar à Suíça. Charlotte será minha, pensou decidido.

Conheça os outros livros da

Editora Ases da Literatura

Editoraases.com